UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TALITA DIAS MIRANDA E SILVA

**De pajens a professoras de educação infantil:
representações acerca da carreira e das condições de trabalho
no município de São Paulo (1980-2015)**

SÃO PAULO

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TALITA DIAS MIRANDA E SILVA

**De pajens a professoras de educação infantil:
representações acerca da carreira e das condições de trabalho
no município de São Paulo (1980-2015)**

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas
Escolares

Orientadora: Profa. Dra. Paula Perin Vicentini

SÃO PAULO

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

372

Silva, Talita Dias Miranda e.

S586d

De pajens a professoras de educação infantil: representações acerca da carreira e das condições de trabalho no município de São Paulo (1980-2015) / Talita Dias Miranda e Silva; orientação Paula Perin Vicentini. São Paulo: s.n., 2017.

328p.; graf.; tabs.; anexos; apêndice.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Educação infantil 2. História oral 3. Formação de professores 4. Carreira profissional 5. Condições de trabalho I. Vicentini, Paula Perin, orient.

SILVA, Talita Dias Miranda e. **De pajens a professoras de educação infantil: representações acerca da carreira e das condições de trabalho no município de São Paulo (1980-2015)**. Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares

Orientadora: Profa. Dra. Paula Perin Vicentini

Aprovado em:

Banca Examidora

Prof. (a) Dr. (a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. (a) Dr. (a): _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

A todas as professoras de Educação Infantil, aos meus pais, aos professores que tive ao longo da minha trajetória acadêmica, especialmente ao professor Juvenal por despertar meu interesse e incentivar o percurso acadêmico quando tinha 12 anos.

AGRADECIMENTOS

Por mais que ainda que pareça “*clichê*”, os agradecimentos deste trabalho mobilizam em mim muitos sentimentos e, sobretudo, gratidão às pessoas envolvidas para que ele fosse realizado e finalizado.

Agradeço à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) pela oportunidade de realização dos cursos de minha trajetória acadêmica: o curso de graduação em Pedagogia, mestrado, e agora o doutorado em Educação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento oferecido durante a realização da pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca e da Secretaria de Pós-Graduação da FE- USP.

Às professoras de Educação Infantil, fundamentais para a realização deste estudo.

Aos coordenadores pedagógicos que me auxiliaram a encontrar as profissionais de Educação Infantil que participaram da pesquisa e que também organizaram a rotina das unidades de modo que elas tivessem tempo disponível para as entrevistas.

À professora Paula Perin Vicentini, orientadora, muito obrigada pela acolhida, apoio e orientação durante todo meu percurso acadêmico, mas em especial ao processo de finalização desse trabalho.

Ao professor Elizeu Clementino de Souza, que desde o mestrado tem acompanhado e contribuído para meu processo de formação e trajetória acadêmica. Obrigada pela leitura atenta do relatório de qualificação e orientações para a realização deste trabalho.

Às professoras Rita de Cassia Gallego e Vivian Batista da Silva obrigada também pelas orientações e formação nas disciplinas que frequentei como aluna do doutorado.

À professora Rosário Silvana Genta Lugli pela leitura e contribuições no Exame de Qualificação.

Às professoras Zeila de Brito Fabri Demartini, obrigada por aceitar o convite e as contribuições da participação da banca de defesa.

Marina Célia Moraes Dias, profissional que admiro e que muito honrou com sua presença na banca de defesa, pela leitura atenta, cuidadosa e com contribuições tão importantes para pensarmos a Educação Infantil.

À Luciana e Mary pelo auxílio na leitura e transcrição de algumas entrevistas.

À Livia pela leitura e sugestões dadas ao trabalho.

Aos meus amigos, dos grupos: “rootz” e “cabalas in love” e em especial: Marla, Giselle, Karina, Cássia e Livia. Obrigada pela amizade, por compartilharem de momentos de confraternização e alegrias e pelo apoio e suporte, sobretudo, nos momentos de lamúrias, desafios e dificuldades.

À Patrícia, Pat, “mó”, aquela amiga irmã, pela amizade acima de tudo, mas também ao apoio e suporte, desde as leituras às sugestões deste trabalho, mas, sobretudo por me ouvir e pelo “se precisar de ajuda, estou aqui!”.

Aos meus pais pela paciência, pelo amor e apoio.

A todos que de uma forma ou de outra me auxiliaram e àqueles que estiveram na ‘torcida’ para que esse trabalho pudesse ser realizado com os desejos de “força” e “vai dar tudo certo!”.

RESUMO

SILVA, Talita Dias Miranda e. **De pajens a professoras de educação infantil: representações acerca da carreira e das condições de trabalho no município de São Paulo (1980-2015).**

Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2017.

Essa pesquisa investiga as representações da carreira e das condições docente de profissionais da Educação Infantil no município de São Paulo entre 1980 e 2015. Em 2015 o município de São Paulo completou oitenta anos de atendimento da Educação Infantil, passou por diferentes concepções acerca do que significa a criança pequena na sociedade e o que vem a ser educá-la. Por consequência, diferentes concepções do papel e função do profissional e plano de carreira (vínculo empregatício, formação exigida, atividades desenvolvidas e remuneração). As políticas públicas voltadas para os profissionais de Educação Infantil em São Paulo, sobretudo nas questões de contratação e plano de carreira, podem ser organizadas em três grandes períodos: 1- o primeiro com a expansão em ampliação do atendimento no início de 1980; 2- a migração da Secretaria de Assistência Social (SAS) para a Secretaria Municipal de Educação (SME) e mudança de cargos e carreiras (2001-2004); 3- após a integração, se deu o primeiro concurso e plano de carreira como professores (2005). O último concurso realizado para contratação foi em 2015, sendo o marco temporal para identificar as mudanças no plano de carreira dos profissionais. Com o objetivo de compreender de que maneira se deram as mudanças e quais as representações de carreira e trabalho dos profissionais da Educação Infantil, o trabalho por meio da história oral e da abordagem biográfica recolheu e analisou questionários e entrevistas de história oral de vida, formação e profissão de treze profissionais sendo quatro profissionais que ingressaram no primeiro período como pajens no primeiros anos de 1980 (três recém aposentadas), quatro que ingressaram no segundo período como Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) entre 1992 e 2004, quatro que ingressaram no terceiro e último período de mudança de carreira como professoras de Educação Infantil, entre 2005 e 2015, e uma profissional que ingressou como ADI e percorreu todo o percurso de carreira, foi coordenadora pedagógica e hoje é diretora de um Centro de Educação Infantil. A pesquisa também utilizou como fontes os documentos e orientações para os profissionais de Educação Infantil durante os períodos estudados presentes no Centro de documentação e memória técnica documental (CEDOC) da Secretaria de Educação do município. O trabalho adotou a perspectiva sócio-histórica com intuito de compreender de que maneira as diferenças existentes nas trajetórias de origem, formação e instituições de trabalho geram distinções e afetam o modo como elas se relacionam com a profissão e a carreira docente. Assim, o estudo teve como referencial teórico autores como Bourdieu, Nóvoa, Huberman, Fanfani e Tardif para identificar de que modo as origens sociais, as trajetórias de vida, formação e ingresso na carreira em períodos distintos produzem especificidades e diferenças em relação as representações de carreira e condições de trabalho para as profissionais que atuam/atuaram (três aposentadas) na Educação Infantil. Percebeu-se que os percursos de vida, formação e profissão das profissionais que ingressaram como pajens apesar de apresentar questões específicas da carreira, apresentam ao mesmo tempo, questões similares das profissionais que ingressaram como ADI no que tange a escolha e ingresso na carreira, apresentando diferenças das que ingressaram como professoras. De um modo geral percebeu-se que com as exigências das políticas para mudança de cargo, os processos de formação e profissionalização as origens sociais e familiares das profissionais ocupam um papel importante em suas trajetórias que revelam uma valorização da escolarização e o ingresso no trabalho como estratégia de ascensão social. No que tange as políticas públicas e o plano de carreira das profissionais, percebeu-se mudanças, mas também a necessidade de continuidade quanto aos processos de formação, profissionalização, a construção e reconhecimento da identidade como docência.

Palavras- chave: Educação Infantil. História Oral. Formação de Professores. Carreira e Condições de trabalho.

ABSTRACT

SILVA, Talita Dias Miranda e. **From *pajens* to childhood educators: representations about career and working conditions in the city of São Paulo (1980-2015)**. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2017.

This research investigates the representations of the career and the teaching conditions of professionals of Early Childhood Education in the city of São Paulo between 1980 and 2015. In 2015 the municipality of São Paulo completed eighty years of attendance of Early Childhood Education, went through different conceptions about what it means the small child in society and what comes to be educating it. Consequently, different conceptions of the role and function of the professional and career plan (employment relationship, required training, activities developed and remuneration). Public policies aimed at the professionals of Early Childhood Education in São Paulo, especially in hiring and career planning, can be organized in three great periods: 1- the first with the expansion in expansion of the service in the beginning of 1980; 2- the migration of the Secretariat of Social Assistance (SAS) to the Municipal Department of Education (SME) and change of positions and careers (2001-2004); 3- After the integration, the first contest and career plan as teachers (2005) was given. The last public tender for recruitment was in 2015, being the time frame to identify the changes in the professional career plan. In order to understand how the changes were made and which representations of career and work of the Early Childhood Education professionals, the work through oral history and the biographical approach collected and analyzed questionnaires and interviews of oral history of life, formation and profession of four professionals who entered the first period as *pajens* in the early 1980s (three newly retired), four who entered the second period as Auxiliary of Child Development (ADI) between 1992 and 2004, four who entered the third period and last period of career change as teachers of Early Childhood Education, between 2005 and 2015, and a professional who joined as an ADI and traveled throughout her career, was a pedagogical coordinator and is now director of a Center for Early Childhood Education. The research also used as sources the documents and guidelines for the professionals of Early Childhood Education during the studied periods present in the Documentation Center and Documentary Technical Memory (CEDOC) of the Education Department of the municipality. The work has adopted the socio-historical perspective in order to understand how the differences in the trajectories of origin, formation and work institutions generate distinctions and affect the way they relate to the profession and the teaching career. Thus, the study was based on Bourdieu, Nóvoa, Huberman, Fanfani and Tardif, in order to identify how social origins, life trajectories, formation and career entry in distinct periods produce specificities and differences in relation to the representations of career and working conditions for professionals who act / act (three retired) in Early Childhood Education. It was noticed that the life, training and profession paths of the professionals who entered like *pajens* despite presenting specific career questions, present at the same time, similar questions of the professionals who entered as ADI in the choice and career entry, presenting differences of those who entered as teachers. In general, it was perceived that with the demands of the policies for change of position, the processes of training and professionalization the social and family origins of the professionals play an important role in their trajectories that reveal a valuation of schooling and the entry into work as strategy of social ascension. Regarding the public policies and career plan of the professionals, changes were noticed, but also the need for continuity in the processes of formation, professionalization, construction and recognition of identity as teaching.

Keywords: Early Childhood Education. Oral History. Teacher Training. Career and Working Conditions.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados do levantamento de referência bibliográfica	43
Tabela 2: As profissionais que ingressaram como pajens.....	79
Tabela 3: As profissionais que ingressaram como ADIs	88
Tabela 4: As profissionais que ingressaram como professoras	94
Tabela 5: dados pessoais das profissionais- I	118-119
Tabela 6 : Total de Professores da Educação Básica por raça/cor, segundo região geográfica no Brasil 2007.....	123
Tabela 7: dados pessoais das profissionais- II.....	124-125
Tabela 8: A escolarização e profissão da mãe das profissionais.....	125
Tabela 9: A escolarização e profissão do pai das profissionais.....	129
Tabela 10: Remuneração das profissionais.....	141

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de funções docentes da Educação Infantil com formação superior (1997-2015).....	49-50
Gráfico 2: Professores das etapas da Educação Básica segundo o sexo no Brasil 2007.....	118

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Trecho do documento sobre a organização curricular- 1980.....	53
FIGURA 2: Trecho do documento sobre a organização curricular- 1980.....	54
FIGURA 3: Trecho do documento que descreve a rotina e atividades para EI- 1980.....	55
FIGURA 4: Trecho do documento sobre orientações da proposta curricular- 1985.....	56
FIGURA 5: Trecho de uma publicação específica para os programas e projetos de formação dos profissionais- (vinculada na Secretaria de Assistência Social- SAAS)- 1991.....	58
FIGURA 6: Trecho de uma publicação específica para os programas e projetos de formação dos profissionais- (vinculada na Secretaria de Assistência Social- SAAS)- 1991.....	59
FIGURA 7: Trecho de orientação de funcionamento e estrutura da EI- 1992.....	60
FIGURA 8: Trecho de orientação de funcionamento e estrutura da EI- 1992.....	60
FIGURA 9: Trecho de orientação de funcionamento e estrutura da EI- 1992.....	61
FIGURA 10: Trecho de documento de orientação para EI (vinculado a Secretaria de Educação)- 2003.....	62
FIGURA 11: Trecho de documento de orientação para EI (vinculado a Secretaria de Educação)- 2003.....	63

LISTA DE SIGLAS

ADI- Auxiliar de Desenvolvimento Infantil

ADI Magistério- curso de formação para as ADIs

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDOC- Centro Diretoria de Orientação, Memória e Técnica Documental

CEI- Centro de Educação Infantil

CERU- Centro de Estudos Rurais e Urbanos

CF- Constituição Federal

DEDALUS- Catálogo Coletivo das Bibliotecas da USP

EF- Ensino Fundamental

EI- Educação Infantil

EM- Ensino Médio

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

NEHO- Núcleo de Estudo em História Oral

MEC- Ministério da Educação

OMEP - Organização Mundial para Educação Pré-escolar

PEC- Programa de Educação Continuada

SCIELO- Scientific Electronic Library Online- Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção de periódicos e livros científicos brasileiros

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

USP- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
O campo conceitual	30
1. TRAJETÓRIA DE PESQUISA: MODOS DE PRODUÇÃO	37
1.1. O que revelam os dados do levantamento bibliográfico?	42
1.2. O que revelam os documentos do CEDOC?	50
2.A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS PROFISSIONAIS	66
2.1. A Educação Infantil e seus profissionais no município de São Paulo: os perfis e as trajetórias (vida, formação e profissão) e as representações de trabalho e carreira.	78
2.2. As profissionais que ingressaram como pajens.	79
2.2.1. ANTÔNIA: o amor e a profissão.	80
2.2.2. MARISA: “pra trabalhar na EI não precisa ter curso superior”	81
2.2.3. LAURA: Ascensão social- “Hoje quem entrou está no paraíso [...] na minha trajetória eu fui reconhecida pela prefeitura, pelo salário, pelos pais...então é gratificante para você que o seu trabalho está sendo sucesso”	83
2.2.4. INÊS: “era só cuidar, e como eu sabia cuidar de criança [...] teve bastante evolução pra gente que entrou como pajem [...] um crescimento e uma avanço, muito bom!”	85
2.3. AS PROFISSIONAIS QUE INGRESSARAM COMO ADIs.	88
2.3.1. MARIA: “não me vejo em fim de carreira”	88
2.3.2. LARISSA: “não foi fácil esses 20 anos”	90
2.3.3. DAMARIS: “é do meu trabalho que ela falou...então pra mim foi muito...tem aprendizados que a gente leva não só para o trabalho, mas para a vida da gente também.	91
2.3.4. SOCORRO: “a EMEI e a creche são os primos pobres da educação- você é um pouquinho excluído perante os outros profissionais”	93
2.4. AS PROFISSIONAIS QUE INGRESSARAM COMO PROFESSORAS.	94
2.4.1. MARIANA: “ não é porque a gente está na EI que a gente não ensina, que a gente só brinca [...] a gente ensina por meio do brincar, que é uma coisa que a sociedade tem que aprender: que o professor de EI, ele é professor.	94
2.4.2. SÔNIA: “Ah sei lá [...] é tanta coisa que a gente precisa para ser professor, mas eu não me arrependo em momento nenhum da minha escolha”	99
2.4.3. MARTA: “Ah , teve muitas mudanças sim, trabalho com projetos, mas a [...] a palavra amor para mim sempre vai estar em primeiro lugar, amar o que faz”	103

2.4.4. LETÍCIA: “eu adoro trabalhar com criança e isso para mim foi um complemento, como pessoa, como a mãe que eu não pude ser [...] então eu gosto muito de trabalhar com a EI”	105
2.5. A PROFISSIONAL QUE REALIZOU O PERCURSO DE CARREIRA DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATÉ A GESTÃO DE UMA CEL.....	108
ISADORA: “eu sou grata à prefeitura. Existem dificuldades, mas a formação, a minha vida profissional, o que eu tenho assim relativo a bens, bens de consumo, eu devo à prefeitura [...] Eu entrei como ADI, hoje eu sou diretora de escola. Eu estou satisfeita porque eu cresci bastante dentro desses vinte anos na rede pública de ensino que eu trabalho”.....	108
3.DAS ORIGENS SOCIAIS, TRAJETÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO E PROFISSÃO ÀS REPRESENTAÇÕES DE CARREIRA E DAS CONDIÇÕES DE TRABALHOS.....	117
3.1.Qual o perfil de uma profissional na Educação Infantil? O que revelam dos dados?.....	118
3.2. As origens sociais e as trajetórias de vida, formação.....	127
3.3.Trajетórias de carreira e condições de trabalho: a ascensão social.....	133
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149
ANEXO.....	160
APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	173-174
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO.....	175
APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO.....	176-179
APÊNDICE D- ENTREVISTAS: ANTÔNIA.....	180-186
ENTREVISTAS: MARISA.....	187-198
ENTREVISTAS: LAURA.....	199-203
ENTREVISTAS: INÊS.....	204-218
ENTREVISTAS: MARIA.....	219-228
ENTREVISTAS: SOCORRO.....	229-235
ENTREVISTAS: DAMARIS.....	236-246
ENTREVISTAS: LARISSA.....	247-260
ENTREVISTAS: MARIANA.....	261-269
ENTREVISTAS: SÔNIA.....	270-276
ENTREVISTAS: MARTA.....	277-282
ENTREVISTAS: LETÍCIA.....	283-290
ENTREVISTAS: ISADORA.....	291-328

[...] E não se teria dado uma representação justa de um mundo que, como o cosmos social, tem a peculiaridade de produzir inúmeras representações de si mesmo, se não se tivesse feito seus lugares no espaço dos pontos de vista para essas categorias particularmente expostas à pequena miséria que são todas as profissões que têm por missão tratar a grande miséria ou falar dela, como todas as distorções ligadas à particularidade de seu ponto de vista (p. 13)

Esta contratação, apesar das aparências, não tem nada de desesperador. O que o mundo social fez, o mundo social pode, armado deste saber, desfazer [...]" (BOURDIEU, 2007, p. 735)

INTRODUÇÃO

[...] As análises dos ritos de passagem e das representações sociais proporcionam evidências de grande densidade cognitiva que lhe permitem tematizar as condições em que sucede a gênese do simbólico, a produção da ilusão, do fetiche, ou melhor, da legitimidade de que se revestem a arte e o artista.

[...] Dito de outra maneira, o poder simbólico permite exprimir o sofrimento, a decepção, a alegria, todos os sentimentos associados aos tempos fortes do ciclo de vida de um grupo social e num, outro registro, veicular os anseios, as expectativas, as identidades e demais sinalizações pertinentes com que os grupos sociais afirmam sua diferença por meio dos encantamentos instilados em sua definição dos mistérios da vida e do mundo (MICELI, 2008, p. 14) .

Investigar e escrever as representações de trajetórias de carreira e trabalho de profissionais de Educação Infantil do município de São Paulo é também investigar e escrever acerca das trajetórias de vida e formação, ingresso na profissão, percursos ao longo da carreira e modos de perceber e dar sentido ao trabalho. Do mesmo modo, é também desvelar desde a origem social, as estratégias e decisões, os percursos e escolhas de cada uma das profissionais em sua particularidade que são distintos (períodos diferentes), mas que são trajetórias que trazem representações de um grupo social, ou seja, o que são as expectativas e sentidos do que é ser ou tornar-se professora de Educação Infantil.

A realização deste trabalho também me fez refletir acerca da minha trajetória acadêmica e profissional e ao mesmo tempo perceber como as origens sociais, os dispositivos que os familiares acionam para as relações com a cultura escola com desejos de mudanças de melhores condições e perspectiva de vida.

Nasci em São Paulo e sou filha única de pais muito religiosos (protestantes). Minha mãe é professora, oriunda de uma família muito simples do interior de Minas Gerais, na qual as sete mulheres (todas as filhas são mulheres) dos treze filhos são professoras ou começaram a carreira na educação como professoras. Meu pai, único filho da família a ter entrado em um curso superior (que não finalizou), decidiu mudar-se de São Paulo para ter mais qualidade de vida em outra cidade. Desse modo, largou sua faculdade e carreira como gerente do banco para ser taxista.

As práticas que foram construídas em minha família para que desde cedo eu me tornasse uma boa aluna. Tanto a educação escolar, os “estudos”, como a leitura em minha casa sempre foram muito valorizadas. Antes mesmo de eu nascer meus pais haviam comprado diversas e variadas coleções de livros infantis (desde livros para bebês cheios de ilustrações com texturas e dobraduras, livros para crianças pequenas, até livros para crianças em período de alfabetização) com o intuito de que eu me interessasse pela leitura. Alguns desses livros que eu tinha eram religiosos e neles havia histórias, ensinamentos e crenças que meus pais gostariam que eu aprendesse. Na minha casa também prevaleciam algumas rotinas e horários para as atividades que eu fazia durante o dia, e uma parte da rotina era em torno do universo da leitura e escrita.

Diariamente, pela manhã eu brincava com os livrinhos infantis com minha mãe e de noite era tarefa do meu pai ler e me contar uma nova história. Eu esperava ansiosa todos os dias esse momento em que meu pai lia uma nova história e muitas vezes eu gostava tanto dela que dava trabalho para “pegar” no sono!

Estudei o Ensino Fundamental (EF) inteiro no colégio particular religioso onde minha mãe lecionava (eu era bolsista). Embora minha mãe não quisesse que eu fosse alfabetizada precocemente, ingressei no 1º ano do EF totalmente alfabetizada. Eu amava ler os livrinhos e principalmente os gibis, que retirava por empréstimo toda semana no SESC, pois uma ou duas vezes por semana eu frequentava a biblioteca para fazer empréstimo de livros. E lembro-me que até eu me alfabetizar meu maior sonho era poder escolher e ler os livros que eu quisesse numa estante que havia em minha casa.

Desde o meu ingresso na escola e com minha alfabetização concretizada, meus pais, principalmente minha mãe, organizavam minha rotina e minhas atividades incluindo momentos de lazer que envolviam andar de bicicleta na rua, brincar sozinha e, claro, momentos de leitura (era livro meu ou empréstimo realizado na biblioteca da escola ou do SESC), lições de casa e estudo diário, pois, segundo meus pais, o estudo jamais poderia ser realizado por “decorebas” um dia antes da prova, deveria ser realizado diariamente ao longo do tempo.

Sendo assim, embora minha família não tivesse grandes recursos financeiros, eles se empenharam para que eu tivesse hábitos e condutas que facilitassem a minha vida escolar. E de fato nunca tive problemas com notas baixas, eu era sempre premiada

na escola por minhas notas e “atitudes e comportamentos” de uma boa aluna¹. Assim, eu muito requisitada por minhas amigas para ajudá-las em suas dificuldades com as atividades escolares, porém, apenas nos períodos próximos às provas. Apesar de sentir satisfeita com os resultados das avaliações, eu sentia um desconforto com minhas amigas e colegas, pois sempre eu que ganhava e ainda tinha que ouvir os comentários e julgamentos “ah, também é filha de professora!”, “não faz mais do que sua obrigação”, ou ainda “a mãe dela deve contar para ela as provas”. Só depois que consegui perceber a importância que a educação familiar me ofereceu para que eu tivesse mais aproximação com as atividades realizadas e posturas na cultura escolar.

Um fato também que marcou minha vida e o desejo de realizar a carreira acadêmica e ingresso profissional foi à postura do professor Juvenal da 7ª série². Na época todos ficávamos ansiosos e com certo receio das novas disciplinas que tínhamos que cursar nos últimos anos do EF II. O professor Juvenal, professor da disciplina de Química, conseguiu fazer perder o receio quanto aos conteúdos de sua disciplina e tê-lo como um professor de referência quanto à sua postura em ensinar. Ao final da 7ª série, quando eu tinha acabado de completar treze anos, me chamou para uma conversa que instigou ao universo acadêmico: “Talita, você leva bastante jeito com os estudos e você sabia que existe uma formação depois da faculdade?”. Explicou-me sobre a carreira acadêmica e fazer pesquisa. Juvenal era formado em Química, e na época fazia mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Após essa conversa eu fiquei com o desejo de conseguir ir além da faculdade, de me aprofundar em alguma área de estudo.

Cursei o Ensino Médio (EM) numa escola estadual, porque nessa época as escolas estaduais tinham “fama” de serem melhores em qualidade e as que mais aprovavam nos vestibulares das faculdades públicas. Logo, com o meu desejo de entrar

¹ A escola era religiosa e nos moldes de uma educação tradicional na qual tinha como concepção premiar os alunos que tinham boas notas e bons comportamentos. Embora eu fosse premiada, ainda criança já percebia o quanto as tomadas de decisões e premiações não davam conta dos processos de aprendizagens e particularidades de cada criança.

² O currículo de Minas Gerais no ciclo II do Ensino Fundamental II (7ª e 8ª séries) havia uma divisão da disciplina de Ciências em: Física, Química e Biologia, assim como também o ingresso das disciplinas de Filosofia e Sociologia que eram obrigatórias.

numa faculdade pública, meus pais me transferiram do colégio particular para a escola pública.

Bourdieu, em seu texto *A Escola Conservadora* (BOURDIEU, 2003), leva a refletir sobre as desigualdades inerentes à escola e à cultura. Para o autor, há um descompasso entre o capital cultural das diferentes classes, o destino tomado pelos estudantes, bem como as oportunidades oferecidas pela escola. As famílias são responsáveis por transmitir a seus filhos o que Bourdieu nomeia “capital cultural” e *ethos*, como valores fundamentais que vão definir a relação estabelecida com a escola. A seletividade no acesso ao ensino superior, por exemplo, se dará de forma desigual dependendo da classe social da qual provém o sujeito, fazendo emergir, segundo Bourdieu, “a ação do privilégio cultural”. Dessa maneira, Bourdieu aponta os familiares como um todo, não apenas os pais, como colaboradores para a construção do capital cultural, de forma que o nível de escolaridade dos familiares e a sua renda definirão as vivências as quais os sujeitos terão acesso. A visita a espaços culturais como museus, teatros, as idas a concertos, as viagens, entre outros, proporcionarão experiências singulares aos sujeitos das classes favorecidas que os distinguirão. O autor ainda destaca as diferenças linguísticas observadas entre os membros de classes distintas, encontrando-se os mais pobres, mais distantes da norma culta tão valorizada na escola.

Dessa maneira, é que a vontade dos pais sobre o futuro dos filhos vai variar de acordo com os objetivos das famílias. No caso dos meus pais, principalmente a minha mãe, eles fizeram grandes esforços no intento de que eu adquirisse as práticas próximas ao da escola, para que pudesse depois ter o capital cultural e simbólico de uma instituição de ensino superior pública. Por meio do estudo/academia é que eu conseguiria a ascensão social, para os meus pais. Ao ler o caso da Françoise no livro *Miséria do Mundo* (2007, p. 53-62), identifiquei relações e atitudes parecidas com as da minha mãe, para que os filhos pudessem inclusive, se possível, criar *habitus* e disposições de outras classes. Minha mãe, para além do incentivo à cultura da leitura e escrita, também me estimulava desde criança a criar práticas, como aprender música clássica no conservatório municipal (que cursei durante toda a minha infância e parte da adolescência), frequentar apresentações musicais, fazer visitas a algumas exposições culturais e literárias.

Ao mesmo tempo em que o *habitus* constitui-se um sistema de esquemas de produção de práticas, constitui-se também um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas, e, em ambos os casos, essas operações exprimem a posição social em que foram construídas. Desse modo, pode-se dizer que existe uma relação estreita entre as posições sociais, as disposições (ou o *habitus*) e as tomadas de posição, as escolhas que os agentes sociais operam nos mais diferentes domínios e as estratégias utilizadas para buscar a apropriação de determinado objeto material ou simbólico.

Cursei o EM na escola estadual e me considerava apta para ingressar na faculdade. Porém, quando fui prestar o vestibular, a data da prova era num sábado e não pude ir, pois na época ainda seguia os preceitos da religião de guardar esse dia. Fiquei muito chateada com isso, pois tinha estudado e me dedicado tantos anos para poder realizar meu sonho de entrar numa faculdade pública e não poderia.

Meus pais me incentivavam a escolher uma carreira que não fosse ligada à licenciatura ou ao campo educacional. Eles me diziam que eu até poderia seguir a carreira acadêmica como eu queria, mas numa área que também tivesse outras oportunidades de trabalho que não só a docência em si.

Acabei prestando um concurso público da prefeitura de Uberlândia e passei para trabalhar como oficial administrativo. Ingressei no curso de Biologia numa faculdade particular, pois a prefeitura pagaria metade do curso. Achava tedioso trabalhar com as burocracias municipais e logo descobri que poderia pedir transferência para uma escola e assim fiz. Fui trabalhar na administração de uma escola pública e foi lá que comecei a me deter e pensar sobre algumas questões do campo educacional, especialmente as ligadas ao gênero e educação feminina. Ficava olhando o histórico da escola e pensava: por que uma escola grande como aquela e com várias professoras competentes de Educação Infantil e Ensino Fundamental não teve nenhuma diretora? Por que a Pedagogia, que é a ciência que investiga a educação, permite que outros profissionais de outras áreas ocupem cargos tão importantes? Por que os profissionais da Pedagogia não ocupam os espaços de liderança? Os diretores que passaram pela escola eram professores em sua maioria do EF II e EM e não tinham o curso de Pedagogia — especialmente o diretor para quem eu trabalhava, que parecia não entender várias questões do campo educacional. Perguntava-me também por que as professoras que estudaram os mesmos quatro anos, em sua maioria na faculdade pública, por lecionarem

na Educação Infantil ou séries iniciais, ganhavam cerca de 30% a 40% a menos da hora de trabalho de outros professores? Por que quanto menores os alunos ou crianças, menores eram os salários dos profissionais que trabalhavam nessa área? Enfim, eram muitas perguntas que começaram a me instigar.

Passados dois anos, eu me casei e fui morar novamente aqui em São Paulo. Tive que largar o trabalho e a faculdade, pois uma moça largar tudo por conta do seu casamento era muito honroso na cultura em que eu vivia. Chegando a São Paulo, teria que prestar o vestibular novamente e resolvi tentar Meteorologia e Geofísica na Universidade de São Paulo (USP), pois eram cursos menos concorridos e eu conseguiria estudar sozinha, sem a necessidade de fazer um cursinho pré-vestibular. Prestei o processo seletivo e passei. Fiquei muito feliz de poder ingressar num curso superior de uma faculdade pública, especialmente a USP!

Enquanto estava cursando o primeiro semestre eu me inscrevi num curso de inglês oferecido na Faculdade de Educação (FEUSP) e passei a frequentar a faculdade duas vezes por semana. Sempre que ia às aulas na FEUSP, tinha o costume de ler os cartazes a respeito das palestras e o mural dos grupos de pesquisas — e em um momento ou outro aqueles questionamentos que eu tinha quando trabalhava na escola vinham à minha cabeça. Um dia, resolvi perguntar na secretaria se havia possibilidade de ingresso por transferência e, para minha alegria, informaram-me que estava aberta a inscrição para transferência interna e que eu poderia me transferir, desde que passasse nas provas do processo. Inscrevi-me naquele mesmo dia para o processo de transferência, estudei e passei na prova. Eu estava muito feliz com a mudança do curso, mas em compensação ouvi de meus pais: “nós fizemos muito esforço para que você não fosse professora!” e “estudou tanto para entrar e se formar em Pedagogia?”.

Logo no primeiro semestre cursando Pedagogia entrei no grupo de Pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil, coordenado pela professora Tizuko Kishimoto, e comecei a fazer iniciação científica³ sobre a formação de professoras de

³ A iniciação científica, orientada pela professora Tizuko Morchida Kishimoto, intitulada “Análise do impacto da formação em contexto nas propostas pedagógicas de Educação Infantil: formação de professoras e práticas pedagógicas”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de 2005 a 2008.

Educação Infantil; um dos temas que me chamavam atenção era a desvalorização social dessas profissionais. Na graduação, nas disciplinas de Sociologia da Educação, embora tive a oportunidade de ler alguns capítulos do Bourdieu, não consegui aprofundar os estudos e conceitos do autor. Assim, terminei a graduação sem ter me envolvido com as leituras do autor para me auxiliar a pensar acerca do meu trabalho, na época acerca das propostas pedagógicas de escolas municipais de Educação Infantil e as práticas das professoras.

Ao realizar a referida pesquisa, tive que entrevistar muitas professoras de Educação Infantil e observar suas práticas de trabalho. E, ao realizar esse estudo de campo, comecei a perceber o quanto as histórias de vida, as trajetórias pessoais e profissionais das professoras iam delimitando a maneira como elas se tornaram professoras. Nesse mesmo período, cursei a disciplina de história oral no curso de História, o que me fez pensar mais acerca dessa perspectiva. Assim, defini que meu projeto de mestrado seria acerca das histórias de vida e formação das profissionais e identificar em suas trajetórias o modo como se tornaram professoras. Para tal, tive que retomar as leituras que havia feito sobre Bourdieu na graduação e que ao longo do percurso fui aprofundando na tentativa de pensar como o autor, pelas histórias de vida, os modos como às professoras foram se constituindo enquanto docentes no campo da Educação Infantil. Sem dúvida, creio que a leitura da obra *A Miséria do Mundo*, publicada em 1993, foi a que mais me aproximou do desenvolvimento do meu estudo. Principalmente, porque nesse trabalho ele adota um modelo que rompe os modos de produção dos trabalhos desenvolvidos como pesquisa, da sociologia tradicional, e se concentra na possibilidade de elaborar uma “biografia coletiva” que valorizasse de maneira politizada certas trajetórias individuais, buscando conseguir “politizar a individualidade”. Anteriormente, crítico dessa ilusão biográfica, fazia usos das autografias como o segundo plano, enquanto material sociológico.

Com *A Miséria do Mundo*, Bourdieu (2007) faz uso de uma nova possibilidade, trazendo à tona, entretanto, um novo método de investigação dos sujeitos, uma técnica de observação, recolhimento, codificação, análise e interpretação que nada tem de arbitrária ou somente subjetiva e pessoal. Bourdieu refere-se não somente à miséria objetiva, de condição, mas também, e principalmente, à miséria de posição, sobretudo

as trajetórias individuais e os deslocamentos que os sujeitos enfrentam ao longo da vida. Por meio das trajetórias individuais o autor tinha o objetivo de compreender:

[...] o domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (a dos estudantes, dos operários, dos magistrados etc.) e o domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados a sua posição e a sua trajetória particulares no espaço social. (BOURDIEU, 2007, p. 700).

Desse modo, o autor dá a entender que visava tornar pública a questão das desigualdades sociais na França, trazendo à tona as pequenas misérias da vida cotidiana. Assim, para ele, o pesquisador vai construindo “a verdadeira submissão ao dado que supõe um ato de construção baseado no domínio prático da lógica social segundo o qual esse dado é construído”. Ou seja, tentar compreender nas trajetórias as estruturas das relações objetivas, presentes e passadas, a estrutura dos estabelecimentos escolares e as histórias do sistema de ensino que nelas se exprimem:

contrariamente ao que poderia fazer crer uma visão ingenuamente personalista da singularidade das pessoas sociais, é a revelação das estruturas imanentes às conversas conjunturais tidas numa interação pontual que, sozinha, permite resgatar o essencial do que faz a idiossincrasia de cada uma das jovens e toda a complexidade singular de suas ações e de suas reações. (BOURDIEU, 2007, p. 705).

Assim, na tentativa de pensar com o autor, procurei identificar nas trajetórias pessoais e profissionais das professoras de Educação Infantil os modos e as estruturas das relações que estabeleceram ao longo de suas vidas, sobretudo a de compreender as formações e os *habitus* no que tange à constituição de como se tornaram professoras.

O trabalho do mestrado⁴, eu investiguei sete profissionais de uma mesma instituição e que estavam próximas de se aposentarem. Elas haviam ingressado como “pajens” no final da década de 1970 no município de São Paulo e realizaram todo o percurso de carreira para se aposentarem como professoras.

Contratadas pelo poder público de São Paulo na década de 1970, como “pajens”, apenas porque tinham experiência em cuidar de crianças, ou seja, eram mães.

⁴ Pesquisa de mestrado, “História Oral de Vida: Trajetórias de formação de professoras de Educação Infantil”, orientada pela professora Mônica Appezzato Pinazza, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de 2009-2012.

A idealização da mulher como “naturalmente” educadora, amorosa, cuidadora, com menores salários e menor prestígio em relação a outros docentes, constitui o perfil do profissional de Educação Infantil, corroborado, inclusive, no próprio discurso dessas mulheres. Assim, a pesquisa evidenciou que as relações desenvolvidas no âmbito familiar e posteriormente na escola, principalmente nos cursos de formação continuada, trazem significados nas trajetórias de formação dessas profissionais, e revelam os itinerários, as experiências de aprendizagens, os dispositivos, os rituais e os *habitus* formadores de como se constituíram como professoras.

Identificou-se também que as professoras em sua maioria, não escolheram ser professora, mas que diante da oportunidade de se inserirem numa carreira e numa posição que lhes oferecessem melhores condições de vida, investiram na busca de formação. Assim, as docentes evidenciaram considerar de suma importância a formação que obtiveram nos cursos de magistério e Ensino Superior, como também na educação contínua em serviço, reconhecendo que, além das dimensões pessoais e profissionais, o CEI (Centro de Educação Infantil) vem a ser lócus da ação e formação profissional.

Óbvio que observar questões desse tipo não implica em melhorar a condição dessas professoras no campo educacional, muito menos sua condição como mulheres, mas, como escreveu Bourdieu em sua obra *A Miséria do Mundo*:

Por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas. (2007, p. 735).

Deste modo, penso que descobrir essa “possibilidade de atribuir os sofrimentos a causas sociais” é uma intenção que tive ao longo da minha trajetória profissional e acadêmica, e é o que eu me propus a continuar fazendo no doutorado, investigando mais acerca da profissionalização e representações das profissionais da Educação Infantil. Embora meu desejo, mesmo que utópico, seja corroborar não só para a discussão, desvendando as trajetórias e estratégias de cada uma das profissionais, meu intento foi também para que eu possa colaborar com as melhorias das condições de carreira e formação das professoras.

A partir das pesquisas realizadas, sobretudo do mestrado é que surgiu a primeira inquietação a respeito da problemática de pesquisa deste trabalho, que a princípio era aprofundar mais nas questões dos processos formativos (pessoais, acadêmicos e profissão) constitutivos das profissionais que atuam na Educação Infantil no que se refere à questão da construção da identidade docente.

A pesquisa de mestrado (SILVA, 2012) constatou que as abordagens biográficas constituem componente essencial para revelar os itinerários das aprendizagens de experiências, dispositivos, rituais, e *habitus* formadores do desenvolvimento pessoal e profissional. Também, observou-se que as sete profissionais investigadas que trabalhavam no mesmo Centro de Educação Infantil (CEI) da prefeitura de São Paulo, diante da oportunidade de se inserirem numa carreira e numa posição que lhes oferecessem melhores condições de vida, investiram na busca de formação, sobretudo a formação obtida nos cursos de magistério e de formação contínua em serviço.

As práticas de atendimento educacional enquanto política pública voltada para as crianças pequenas em relação às outras faixas etárias como crianças maiores, adolescentes, e adultos é a mais recente no Brasil⁵.

No município de São Paulo quando se trata de educação voltada para as crianças pequenas enquanto política pública o marco de 1935 quando Mário de Andrade assume a direção do departamento de Cultura da cidade e cria os Parques Infantis, espaços para o atendimento específico das crianças pequenas. Assim, em 2015 a Educação Infantil de São Paulo completou oitenta anos de política pública de atendimento, sendo hoje considerada a maior rede de atendimento de educação para bebês e crianças pequenas (quantidade de matrículas) da América Latina⁶.

A Educação Infantil (EI) enquanto política pública, no primeiro momento se estabeleceu com o critério de atendimento. Depois disto, com as mudanças sociais e legislações a EI enquanto política pública, além do acesso reivindica a qualidade do

⁵ O termo infância refere-se a fase e faixa etária do desenvolvimento humano que vai até doze anos de idade. Assim, as primeiras práticas de escolarização pública no Brasil ocorreram para o atendimento de crianças com faixa de idade maior que sete anos de idade. Quando nos referimos ao termo crianças pequenas consideramos crianças com até seis anos de idade.

⁶ A comemoração dos oitenta anos de Educação Infantil contou com exposições, oficinas, exibição de filmes, eventos e um congresso de grande porte realizado no Parque do Ibirapuera. FONTE: SÃO PAULO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO-SME. Acesso em outubro de 2015 em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/Congresso-Comemorativo-aos-80-anos-da-Educacao-Infantil-Paulistana>>.

atendimento oferecido. Deste modo, ao longo dos oitenta anos, houve mudanças e transformações nos modos de concepção do que vem a ser educar crianças pequenas, como também modificações na organização, no currículo e nas práticas de atendimentos das instituições da rede municipal.

Assim, o papel e função do profissional que atua diretamente com as crianças pequenas é um dos elementos principais para a realização das mudanças. Ao observamos o município de São Paulo no que se refere às mudanças de ampliação da demanda de atendimento, a migração da responsabilidade da Coordenadoria da Cultura, da Coordenadoria da Família e Bem-Estar Social Bem-Estar Social da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social até a Secretaria de Educação, as alterações nas propostas, currículos e orientações de práticas educativas voltadas para as condições de trabalho e carreira dos profissionais se deu a partir do final da década de 1970.

Ao pensar acerca do papel e função do profissional de EI com a perspectiva de qualidade no atendimento e da educação como um direito, começam as exigências de formação e profissionalização e mudanças do trabalho.

A regulamentação e plano de carreira dos profissionais de São Paulo que atuam na EI se deu em três grandes períodos que são: 1- o primeiro momento é com a contratação como concurso público das profissionais com o cargo de pajens no período de 1980 a 1988; 2- o segundo momento a contratação do cargo como Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) entre 1990 a 2004 como concurso público; e a partir de 2005 os concursos com o cargo professor de desenvolvimento infantil.

Cabe ressaltar que além dos ingressos dos profissionais via concursos públicos, os profissionais que ingressaram como pajens e ADIs, por exigências das políticas públicas para terem as transformações de cargos e planos de carreira realizaram as formações e profissionalizações conforme as necessidades de cada período⁷.

Posto isto, a delimitação do problema de pesquisa foi dada. O recorte temporal da investigação se deu com base nos períodos de regulamentação da carreira dos profissionais de EI e os objetivos de pesquisa estabelecidos a fim de compreender de que maneira as diferenças existentes nas trajetórias de origem, formação e instituições

⁷ As profissionais que ingressaram como pajens e como Auxiliar de Desenvolvimento Infantil- (ADI), construíram também representações e sentidos do que é “tornar-se” professora de Educação Infantil.

de trabalho geram diferenças nas representações e afetam o modo como estes profissionais se relacionam com a profissão e carreira docente.

O campo conceitual

Em termos metodológicos rigorosos, a construção da lógica peculiar a cada um dos sistemas imbricados de relações relativamente autônomas (o campo do poder e o campo intelectual) constitui a condição prévia de construção da trajetória social como um sistema dos traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias (BOURDIEU, 2011, p. 191).

Vicentini e Lugli (2009, p. 11), no livro *“História da profissão docente no Brasil: representações em disputa”*, com base nos estudos de Nóvoa salientam que compreender a profissionalização é “aprender a dinâmica do processo que os professores passam a se constituir e se desenvolver enquanto uma categoria profissional”. Ou seja, compreender a profissionalização docente envolve também querer compreender como a docência torna-se uma profissão. No campo educacional, é necessário reconhecer que existem divisões na categoria profissional como: professores de Educação Infantil, professores de Ensino Fundamental I, professores de Ensino Fundamental II, professores de Ensino Médio e professores de Ensino Superior. Assim, compreender o processo de profissionalização requer “não somente se trata de professores com formações diferenciadas, como as suas práticas de trabalho também se constroem diferentemente, na relação cotidiana com os alunos e na relação com órgãos administrativos, no caso do ensino público” (VICENTINI, LUGLI, 2009, p. 19).

Quando se refere ao processo de profissionalização de professores de Educação Infantil, a autora salienta que é “[...] evidentemente o papel dos professores das crianças pequenas é, em muitos aspectos, similar ao papel dos outros professores, mas é diferente em muitos outros” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002, p. 80). Esses aspectos diferenciadores configuram uma profissionalização específica do trabalho de profissionais e professoras de Educação Infantil.

Para além das especificidades que compõem o trabalho dos profissionais de Educação Infantil, é necessário também considerar os aspectos que compõem as condições de trabalho que foram sendo modificados na carreira, como por exemplo, a exigência de formação, tipos de atividades desenvolvidas, cargo/função e remuneração.

Com o objetivo de compreender as representações de profissionalização e carreira de profissionais da Educação Infantil, faz-se necessário compreender o papel do profissional/professor, a formação, e a carreira sob os pontos de vistas econômicos, sociais e culturais atrelados no: pessoal, profissional e a instituição de trabalho. Tendo em vista as transformações pelas quais passou a Educação Infantil no tocante aos profissionais que nela atuam, a pesquisa volta-se para sujeitos com características distintas tanto em relação à formação quanto à inserção na atividade (períodos, formação e atuação diferentes).

O conceito principal do trabalho é o de representações acerca das condições de trabalho e carreira das profissionais. Assim, com base no conceito de representação de Bourdieu (2004, 2011) é necessário também considerar os espaços e pontos de vistas, ou seja, investigar as representações das profissionais tem a ver como o modo como as profissionais em diferentes períodos atribuem as imagens da carreira e trabalho.

A profissionalização docente requer considerar, portanto, as origens, as formações, *habitus* e representações acerca da profissão. Para Bourdieu (2004, 2011), a origem dos agentes está relacionada diretamente à posição ocupada no espaço social. O *habitus* é entendido como “[...] estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto de interiorização das estruturas do mundo social [...]” e ao mesmo tempo um “[...] sistema de esquemas de produção de práticas de um sistema de percepção e apreciação das práticas [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Desse modo, consideramos que as origens sociais das trajetórias de vida das profissionais e professoras revelam os diferentes tipos de capital, especialmente o econômico e o cultural, que compõem as aprendizagens incorporadas no *habitus* familiar. Essas disposições duráveis, principalmente do *habitus* primário familiar, vão marcar e compor o sentido da trajetória social.

O conceito de *habitus* nos ajudará a realizar as análises acerca das representações acerca das trajetórias de carreira e das condições de trabalho, pois o *habitus* tem relação direta com o *ethos* de classe, segundo as quais os sujeitos agem e estabelecem representações e disposições que caracterizam o seu modo de ser e têm relação com o grupo social ao qual pertencem (BOURDIEU, 2004, 2011).

No exercício de suas funções e práticas, os professores, ao longo da carreira, vão construindo saberes que provêm das experiências do cotidiano profissional. Alguns saberes vão sendo validados e acabam consolidando o que chamamos de *habitus*. Dessa

maneira, pode-se considerar que, com o tempo, o professor com sua cultura, suas ideias, suas funções cria um *ethos*, um sentido de pertencimento à classe: “[...] a socialização, segundo Bourdieu, ao assegurar a incorporação dos *habitus* de classe, produz a pertença de classe dos indivíduos, ao mesmo tempo em que reproduz a classe enquanto grupo que partilha do mesmo *habitus*” (DUBAR, 1991, p.71).

A história de vida é a apresentação do discurso “oficial de si”, na relação entre um *habitus* e as leis que regem a sua produção. O *habitus* é o princípio ativo, “irredutível às percepções passivas” de unificação das práticas e das representações. Nota-se aqui a necessidade de compreender os fatos, os acontecimentos e as histórias de vidas inscritas no mundo social: “[...] Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 1996, p. 82).

No que tange ao conceito de representação, tem-se a definição de Bourdieu (2008, p. 107 e 108) como:

[...] atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos- e de representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores.

Para além de considerar as relações de *habitus* e representações, Bourdieu (2008) ressalva que é preciso considerar também o campo, o qual é entendido como um espaço social carregado de disputas, regras e jogos de interesses. Assim, “[...] se o campo muda, o mesmo *habitus* produz efeitos diferentes”:

A relação entre o *habitus* e o campo, concebidos como dois modos de existência da história, permite fundar uma teoria da temporalidade que rompe simultaneamente com duas filosofias opostas: de um lado a visão metafísica que trata o tempo como uma realidade em si, independente do agente [...] e de outro, uma filosofia da consciência (BOURDIEU, 1992 *apud* CATANI, 2008, p. 324 e 325).

No campo educacional, pensar o processo de profissionalização e formação é também se propor a pensar que a formação se ocupa principalmente das “práticas” e que o seu processo se dá no percurso de toda a vida. A formação, também deve ser

entendida como empregadora de “sentido” (‘a ativação significativa’⁸) tanto na dimensão individual ou coletiva (HONORÉ, 1977, p. 141). Diante disso, é importante reconhecer no processo de formação as situações, funções, estados, práticas geradores de sentido. Com isso ressalta que a formação se dá atrelada a três planos: o espaço relacional, o tempo e energia das experiências nas atividades educativas (HONORÉ, 1977, p. 57-58). Assim, a formação é concebida como um processo “que vai de uma experiência à elucidação em comum, de uma originalidade à aprofundamento para uma confrontação, de uma diferença à instauração de um reconhecimento recíproco” (HONORÉ, 1977, p. 43).

Segundo Tardif (2000), é fundamental que, durante o processo de formação do professor, haja um conjunto de saberes acadêmicos e profissionais para proporcionar um pensamento prático e reflexivo. No que tange à construção da prática profissional, o autor aponta que esta não pode ser só construída durante a formação universitária, pois os cursos priorizam os saberes acadêmicos, teóricos e científicos e não valorizam os saberes que são construídos no cotidiano profissional. Assim, descreve saber como: “[...] sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser” (TARDIF, 2000, p. 10 e 11). A formação não se dá por acúmulo ou somatórias de conhecimentos e técnicas, mas por reflexões sobre as práticas e os saberes das experiências adquiridas ao longo do processo do desenvolvimento profissional que também inclui a identidade pessoal (NÓVOA, 1999). Considera-se que a formação centrada na pessoa do professor contribui para explicitar os modos na qual, cada um, singularmente, apropria dos conhecimentos e das experiências, e, os transformam por meio da reflexão, o desenvolvimento profissional: “[...] tem uma dimensão teórica, mas não é só teórico; tem uma dimensão prática, mas não é apenas prático; tem uma dimensão experiencial, mas não é unicamente produto da experiência” (NÓVOA, 2002, p. 27).

No que tange aos estudos acerca da carreira docente, os primeiros trabalhos se iniciam na década de 1980. Huberman (2007) foi um dos primeiros a considerar a relevância das investigações sobre o “modo como se desenvolvem os professores

⁸ O autor utiliza o termo ‘ativação significativa’, para designar ações durante o processo de formação que dão sentidos, significantes ao sujeito. Para aprofundar ver: “Le processus de formation”. In: Honoré, B. *Pour une théorie de la formation*; Dynamique de la formativité. Paris: Payot, 1977.

enquanto profissionais”. O autor identifica alguns elementos para o trabalho com carreira docente, que posteriormente vão ser utilizados por Cavaco (1999) e Loreiro (1997) que retratam o desenvolvimento profissional de professores e têm se constituído em marcos de referência sobre o tema. Huberman (2007) elege alguns elementos que são essenciais para o estudo sobre o ciclo de vida dos professores, que vão “comportar” uma sequência de fases no tempo de carreira.

No primeiro momento, o professor passa por uma fase inicial de *sobrevivência e descoberta*, com a entrada na carreira, que traz o sentimento de *choque da realidade*, mas implica em explorações e experimentações; em seguida, vem a fase de *comprometimento definitivo* ou *estabilização*, que ocorre entre 4 e 6 anos de carreira e favorece sentimentos ao mesmo tempo de independência e de pertença a um corpo profissional (HUBERMAN, 2007). E há ainda aqueles também que são caracterizados pela “indiferença, serenidade ou frustração” conforme as diversas situações de entrada de carreira (LOREIRO, 1997). A fase de *diversificação*, que se passa entre 7 e 25 anos, revela percursos individuais que vão desde a rotina até a crise existencial; a fase que vai de 25 a 35 anos caracteriza-se pelo aparecimento da *serenidade e distanciamento afetivo* ou do *conservantismo*; e a fase do *desinvestimento* (*sereno ou amargo*) refere-se à época da aposentadoria, entre 35 e 40 anos de carreira. O autor ainda ressalta que a sequência de fases na carreira docente pode ser sistemática ou aleatória, e, “tomar diferentes” percursos classificados em duas vertentes: os “harmoniosos”, ou “problemáticos”. Huberman (2007).

Cavaco (1992) ressalta que, para investigar o ofício de ser professor durante um percurso de carreira, há grandes expectativas e esperanças que emergem do coletivo e que ao mesmo tempo evidenciam apatia, desinteresse que revelam como os professores conduzem os desafios. Assim, para Cavaco (1999, p. 157) há relações entre o percurso de carreira dos professores e a escola e sociedade “[...] apercebemo-nos de que subjacente a todo este campo de forças, que dá forma ao nosso viver, profundos afetam a sociedade e, de uma maneira ou de outra, atingem as escolas e provocam efeitos vários[...]”.

Os autores Huberman (2007) e Cavaco (1999) não apoiam a ideia de universalidade de uma sequência de etapas, cujo transcurso seja independente de condições sociais e do período histórico. Esses autores acreditam que cada etapa prepara a seguinte, mas sem chegar a determinar a sequência seguida. Assim, constata-se que a

abordagem biográfica constitui, portanto, fértil para compreender os percursos pessoais e profissionais.

Desse modo, tem-se como pressuposto que as trajetórias das professoras são fruto das experiências de aprendizagens, dispositivos, e *habitus* construídos tanto por meio do desenvolvimento pessoal como profissional (Nóvoa, 1988, 1999, 2007; Josso 1988, 2010; Tardif, 2000; Catani, 2006; Bourdieu, 1983, 2003, 2007, 2011). Do mesmo modo, consideram-se também os estudos acerca do ciclo de vida profissional, da carreira e profissionalização docente (Huberman, 1999; Cavaco, 1999; e Nóvoa, 1988, 1999, 2007). Ao postular a tríade indissociável (pessoa, profissão e instituição), Nóvoa (2007) que, para compreender o professor, é necessário considerar o desenvolvimento pessoal (produzir a vida do professor), o desenvolvimento profissional (produzir a profissão docente) e o desenvolvimento organizacional (produzir a escola), interligados. No exercício de suas funções e práticas, os professores ao longo de carreira vão construindo saberes que provém das experiências da rotina e cotidiano profissional.

O autor Fanfani (1999, 2005) define o termo “condição docente” como o processo de construção na qual contém dimensões subjetivas de percepções, opiniões, valores, representações de cada docente ou no coletivo, conjunto de docentes. Esse processo de construção da condição docente tem a ver com as condições de trabalho “[...] o conjunto de recursos que possibilitam a realização do trabalho, envolvendo as instalações físicas, os materiais e insumos disponíveis, os equipamentos e meios de realização das atividades e outros tipos de apoio necessários, dependendo da natureza da produção” (OLIVEIRA, ASSUNÇÃO, 2015). Desse modo, as condições de trabalho:

em termos analíticos, incluem dois polos: a) condições de emprego, que se referem à natureza da relação entre o empregador (ou a empresa) e o empregado; b) as condições objetivas em que o processo de trabalho é realizado, designando, portanto, as pressões e os constrangimentos presentes no ambiente físico e organizacional em que as tarefas são desenvolvidas (OLIVEIRA, ASSUNÇÃO, 2015).

As condições de trabalho referem-se a um conjunto que inclui relações relativas ao processo de trabalho e às condições de emprego (formas de contratação, remuneração, carreira e estabilidade). Essa pesquisa utilizou como campo conceitual as noções de *habitus*, representação, condição de trabalho, carreira, e profissionalização docente, de autores como Bourdieu (1988, 2003, 2007, 2011; Nóvoa, 1988, 1999, 2008; Huberman, 1999; Fanfani, 1999, 2005; e Tardif, 2000) com intuito de identificar

habitus dos perfis distintos de origens, formações produzem especificidades e diferenças em relação a representações de carreira e condições de trabalho.

Representação é o nosso conceito central seguido dos conceitos secundários como carreira, ciclo, formação e profissionalização. O *habitus* é o conceito que envolve os modos como as profissionais por meio de suas origens, trajetórias pessoais e de profissão constroem as representações do que é ser ou tornar-se professora de EI.

Tendo apresentado os conceitos chaves para a análise a ser apresentada aqui, no próximo item descrevo as ações realizadas para o desenvolvimento do trabalho.

1. TRAJETÓRIA DE PESQUISA: MODOS DE PRODUÇÃO

O primeiro investimento realizado nesse trabalho foi o mapeamento para identificar os estudos já realizados sobre a temática. Para tal, como mencionado anteriormente, foi realizado um levantamento de referenciais utilizando o termo “*Educação Infantil*” atrelado/articulado com os seguintes termos/palavras-chave: “*formação*”, “*formação de professores*”, “*pajens*”, “*ADI-Auxiliar de desenvolvimento infantil*”, “*professores/professoras*”, “*representação docente*”, “*construção docente*”, “*perfil docente*”, no qual constatou que até o momento não havia nenhum trabalho acerca das representações das condições de trabalho nos três momentos da carreira na Educação Infantil do município de São Paulo.

Outro levantamento realizado foi uma pesquisa no Centro de documentação e memória da Secretaria Municipal de Educação da prefeitura de São Paulo (CEDOC). Foi elaborada e entregue uma carta de apresentação e solicitação de consulta ao acervo de documentos no período de 1980 a 2010⁹ e em novembro de 2015 a pesquisa ao acervo foi autorizada. A partir do catálogo de documentos do CEDOC, foi realizada uma tabela com o mapeando inicial dos documentos produzidos no referido período e que tratam de aspectos das trajetórias de profissionalização e carreira do município.

Os documentos que foram levantados retratam o percurso de formação e função dos profissionais da rede municipal como relatórios, dossiês, orientações, diretrizes, programação de cursos, como também relatórios de estatísticas e propostas curriculares no período de 1980 a 2010. A quantidade dos documentos recolhidos foi numerosa e a realização de uma análise adequada comprometeria o tratamento e análise das entrevistas de história oral de vida e profissão das profissionais, fundamentais para a elaboração da pesquisa e construção das representações da carreira e condição docente. Sendo assim, foi efetuada uma seleção dos documentos recolhidos e elegeram-se alguns documentos representativos dos três marcos de mudanças de carreira (pajens, ADIs e

⁹ O período de 1980 a 2010 foi escolhido porque compreende o processos de ampliação da educação infantil no município. O ingresso das profissionais pesquisadas se deu da seguinte forma: 1) as que ingressaram como pajens foi entre 1980- 1982; 2) as que ingressaram como ADIs foi entre 1991 a 1992; e 3) as que ingressaram como professoras entre 2004- 2011e, após este período, houve adequações das demandas de carreira e formação.

professoras). Estes documentos serão apresentados no capítulo 3, que versa sobre a história da Educação Infantil do município de São Paulo.

A partir da história oral¹⁰ foi elaborado um projeto que considera que:

[...] é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no “tempo presente” e deve responder a um sentido de utilidade prática, social, e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 19).

Atualmente, a área da história oral já compõe os debates e tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente (MEIHY, 2005). No Brasil, a história oral começou a ser utilizada pelo sociólogo francês, Roger Bastide, que veio lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1950, e fazia uso dos procedimentos da história oral e utilizava em suas pesquisas. Mais adiante, em 1964, foi fundado, por professores de Sociologia, da Universidade de São Paulo, o Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU. Nos anos 1970, os pesquisadores do CERU, dando continuidade aos estudos qualitativos, com utilização de histórias de vidas, biografias e autobiografias e, mais adiante, com história oral, sobretudo com as autoras: Lang, Campos e Dermatini (2010). Dando sequência aos estudos com história oral, o CERU participa então da 7ª. Conferência Internacional de História Oral, em 1990. E, em 1994, é criada a Associação Brasileira de História Oral – ABHO (SILVA, 2012, p. 59).

Assim, o campo de atuação na história oral tem diferentes perspectivas e modos de coleta, tratamento e análise das fontes orais, assim como a temática empregada para a abordagem biográfica. Na pesquisa foi adotada a perspectiva denominada de projeto de

¹⁰ A história oral foi criada por Allan Nevins e Louis Starr, em 1948, na organização de entrevistas com americanos vivos que tiveram destaques na vida política, econômica e cultural da época, e começou a se destacar a partir da década de 60 com os movimentos de contestação. No contexto da história oral britânica, ideologicamente preocupada com as camadas populares, houve duas correntes diversas. A primeira corrente, “não-acadêmica” em sua maior parte, com o estudo do dialetólogo George Ewans sobre a história de aldeias e a coleta de dialetos na Irlanda, no período das duas guerras mundiais. E a segunda, “mais acadêmica”, com os estudos de John Saville e, sobretudo, de Paul Thompson com os estudos da história operária e da vida cotidiana dos trabalhadores. Para o autor, a história oral britânica teve desde o seu nascimento uma dimensão militante e politicamente engajada [...] Em 1968, com a pretensão de constituir “outra história”, na França, Daniel Bertaux retoma os trabalhos desenvolvidos pela Escola de Chicago e elabora pesquisas na sociologia qualitativa, buscando compreender a mobilidade social pelo método biográfico. Mais adiante, em 1980 a história oral é legitimada no Congresso Internacional das Ciências Históricas, em Bucareste e, mais tarde, com a fundação do International Journal of Oral History (SILVA, 2012, p. 58).

história oral, desenvolvido no Núcleo de Estudo em História Oral (NEHO) da USP, coordenado pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy.

O projeto de história oral da pesquisa empreendida foi proposto à coleta das seguintes fontes: 1. Questionário (questões: sociais, econômicas, formação e profissão e culturais); 2. Entrevista livre/espontânea (eixos: vida, formação e profissão) 3. Entrevista com roteiro (eixos: vida, formação e profissão) com três profissionais de cada período da carreira (3 profissionais que ingressaram como pajens, 3 profissionais que ingressaram como ADIs, e 3 profissionais que ingressaram como professoras). No cronograma inicial estabeleceu-se que as fontes seriam coletadas no período de 2014 até agosto de 2015.

No trabalho de campo houve muita dificuldade de localização e de autorização para a realização da pesquisa das profissionais que ingressaram como pajens na prefeitura de São Paulo. Alguns questionários foram realizados, mas na hora da realização das entrevistas as profissionais ou não compareciam ou se sentiam acuadas para a realização das mesmas. Assim, o que facilitou e possibilitou a realização dos questionários e entrevistas foi a aproximação com os coordenadores de três instituições. Para o contato inicial com as profissionais, foi elaborada uma carta de apresentação (APÊNDICE 1) com as informações e dados da pesquisa e pesquisadora. Após o aceite de participação, as profissionais assinaram o termo de consentimento (APÊNDICE 2). Ao todo, os profissionais que participaram da pesquisa são de seis instituições do município de São Paulo e estão localizadas nas zonas Oeste, Norte e Leste.

Alguns coordenadores organizaram junto à formação continuada, que é realizada no período de trabalho dos profissionais, uma conversa e apresentação do trabalho e objetivo de pesquisa, o que contribui para menor resistência de participação das profissionais, que ampliou de três para quatro de cada tipo de profissional (4 pajens, 4 ADIs e 4 PDIs). Até agosto de 2015 foram coletadas as fontes referentes às pajens e ADIs. Após este período, até junho de 2016 foram realizadas as coletas referentes às quatro PDIs.

Em setembro de 2016, uma coordenadora que havia auxiliado na busca das profissionais de sua unidade, estava ocupando a função de diretora e se prontificou a participar da pesquisa, caso fosse necessário. Ao realizar a conversa inicial esta profissional havia ingressado na rede como pajem e percorrido todas as funções de

carreira para tornar-se PDI, como também o cargo/função de coordenação e direção na Educação Infantil. Deste modo, optou-se pela inclusão dela na pesquisa. Então, ao todo, treze profissionais da rede municipal de São Paulo participaram da pesquisa.

Todo este processo foi conduzido pessoalmente (pesquisadora- profissional) e com a gravação de áudio. Os questionários foram preenchidos à mão pela pesquisadora. Também se utilizou neste processo de campo, anotações no caderno ou folha de registros.

No primeiro momento, foram realizados os questionários e entrevistas livres (com base nos eixos: vida, formação e profissão- ter liberdade de relatar o que considera importante como construção e percurso) com as profissionais. Como nosso objetivo principal foi investigar quais as representações que as profissionais têm acerca de sua carreira e trabalho, neste momento em ter uma escuta atenta e registros, os quais respeitaram a liberdade das escolhas e modos que cada profissional considerou como marcante em nos processos de vida, formação e percurso.

Depois, no segundo momento, foram realizadas as entrevistas tendo como base um roteiro (tópicos que abordam os eixos de vida, formação e profissão) e aqui mesmo com os tópicos dos eixos foram respeitadas as escolhas e modos de narrar as trajetórias de vida, formação e percurso. Então, somente no terceiro momento é que são realizadas perguntas e orientações de um melhor detalhamento acerca de algum trecho ou momento das trajetórias.

As transcrições das entrevistas com base nos pressupostos da história oral, seguiram as etapas seguintes: 1- **transcrição** literal das entrevistas gravadas; ou seja, na materialização da fonte oral para o código escrito. Nesse momento, depois de várias escutas, a transcrição de toda entrevista com ruídos, repetições, pausas, perguntas e silêncios. Tenta-se o máximo de compreensão dos conteúdos das falas e também eventuais trechos e nomes inaudíveis¹¹. Após esse momento, tem-se a primeira versão do texto. 2- **textualização**, na qual as perguntas são retiradas do texto e incorporadas às respostas. Nesse momento, foram eliminadas as repetições e feitas correções de erros e vícios de linguagem, como também a organização dos textos por temática de blocos de fala. Nessa fase, procurou-se eleger alguns tópicos norteadores das entrevistas, possíveis “tons vitais”. 3- **transcrição**, com objetivo de dar ao texto elementos “não-verbais” e

¹¹ Nessa etapa também recorre, como apoio, ao caderno de campo da pesquisadora.

verbais que não podem ser necessariamente representados na transcrição literal. Foi realizada a junção dos três textos iniciais e a organização de um único texto, revelando as temáticas, os assuntos percorridos, e o vaivém cronológico, como também o tônus da entrevista. Nesse momento, também foi necessário criar algumas pontuações e substituição de algumas palavras, pautando-se pela intenção de manter a interpretação e a impressão de “estar ouvindo o narrador”. E, por último, a eleição do “tom vital” da entrevista, a frase que sintetiza a mensagem do texto (SILVA, 2012, p. 65-67).

Terminadas todas as etapas e estabelecido o texto de cada profissional, a pesquisadora encontrou-se com as profissionais (uma a uma), para a autorização e validação dos textos das entrevistas com encontram-se na íntegra no APÊNDICE 5.

Durante este processo de validação, a pesquisadora reforçou que a elaboração dos textos não levou em conta a ordem cronológica dos fatos e que procurou agrupar as temáticas e conforme o “tônus” do relato no vaivém das recordações e que posteriormente para a escrita da tese ou de trabalho acadêmicos realizados com base na pesquisa empreendida, poderá modificar o formato da escrita (não podendo mudar o conteúdo e teor apresentado na validação), bem como a elaboração de perfis e quadros descritivos.

As treze profissionais autorizaram a utilização de seus nomes verdadeiros e os textos na íntegra, porém, para não expô-las e as unidades de trabalho, optou-se por usar nomes fictícios.

O último intento significativo de tratamento das fontes foi a elaboração dos perfis e quadros de análises das profissionais que serão apresentados nos próximos capítulos.

Para a realização dos perfis das profissionais, houve o apoio teórico dos trabalhos desenvolvidos por Meihy (2005) coordenador do Núcleo de Estudo em História Oral (NEHO), das autoras Lang; Demartini e Campos (2001) pesquisadoras e da diretoria executiva do CERU, e, sobretudo dos trabalhos de Boas (2003, 2008), jornalista e professor de jornalismo literário.

Cabe ressaltar que os perfis apresentados, com base nos pressupostos do projeto de história oral, é um modo não só da apresentação de um produto de recolha, tratamento de fonte oral, mas também de uma análise do modo como cada profissional e os períodos de carreira são representados.

1.1. O QUE REVELAM OS DADOS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO?

Na tentativa de circunscrever o trabalho nas produções e no campo educacional, a primeira etapa foi retomar o levantamento bibliográfico realizado no mestrado com os termos: “*Educação Infantil*”, “*Formação de Professores*”, “*Memória, história de vida*”, “*História Oral*” e “*Identidade docente*”¹². Assim, deu-se a continuidade ao levantamento realizado no mestrado com inclusão de outros termos, e também a revisão de literatura tendo em vista a fundamentação teórica e de conhecimento sobre o tema.

Para tanto, consultou-se o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que reúne o maior banco de dados de dissertações e teses do Brasil, além de trabalhos e artigos em periódicos, no Catálogo Coletivo das Bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP)- (DEDALUS) e na Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção de periódicos e livros científicos brasileiros, o acervo mais representativo na área educacional de periódicos (SCIELO). Essa busca utilizou os seguintes termos: “*Educação Infantil*” atrelado/articulado com os seguintes termos/palavras-chave: “*formação*”, “*formação de professores*”, “*pajens*”, “*ADI-Auxiliar de desenvolvimento infantil*”, “*professores/professoras*”, “*representação docente*”, “*construção docente*”, “*perfil docente*”. Ao realizar o levantamento com o termo formação, foi possível notar a necessidade de incorporar outros termos como: formação continuada e formação em serviço, devido à existência de diferentes tipos de formação conforme as circunstâncias históricas e políticas.

Num primeiro momento, a busca de dados foi dada pelo cruzamento dos termos: “*Educação Infantil*” X “*formação*” que são as áreas de maior concentração de trabalhos. Neste cruzamento, aparecem quase 1400 trabalhos no banco da CAPES e 600 trabalhos no banco do DEDALUS. O resultado está disposto na tabela a seguir:

¹² Esse levantamento está organizado em uma tabela com as seguintes informações: autor (a), título do trabalho, localização, breve descrição (do que trata) que foi apresentado no APÊNDICE A (SILVA, 2012).

Tabela 1: Dados do levantamento de referência bibliográfica

Termo/palavra-chave	Registros encontrados	Registros selecionados
“Educação Infantil” X		
Formação (formação continuada e formação em serviço)	567	61
Pajens	3	3
ADIs	78	15
Professores e professoras	780	24
Representação docente	28	5
Construção docente	12	2
Perfil docente	8	3

FONTE: elaborada pela autora

Neste levantamento, identificou-se que os trabalhos que tratam da formação ou carreira dos profissionais somente durante um tipo de segmento ou ingresso à carreira, como por exemplo, da carreira só das pajens ou só das ADIs, ou das mudanças ocorridas na exigência da formação em decorrência da LDB/96 (BRASIL, 1996), das profissionais que realizaram os cursos de magistérios como ADI magistério ou Programa de Educação Continuada (PEC)¹³. Não foi identificado até o momento de realização do levantamento, estudos e trabalhos que tratam de todos os segmentos ou ingressos de carreira na Educação Infantil no município de São Paulo, ou seja, não há pesquisas que investigam o percurso de toda a carreira dos profissionais, de pajens até professoras. Observou-se, portanto, que há uma grande quantidade de trabalhos que investigam os processos de formação de professores, mas são poucos os que dão conta

¹³ PEC- Programa foi uma parceria da Secretaria do Estado da Educação de São Paulo e com instituições de ensino superior como Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para dar formação de nível superior aos professores que trabalhavam na rede na educação básica e não tinham concluído a formação mínima.

de acompanhar e aprofundar os impactos destas mudanças na condição de trabalho docente, sobretudo relativas à carreira e profissionalização, e que comporte todos os segmentos (pajens, ADIs, professoras).

A partir deste levantamento, foi realizada a leitura dos resumos de todos os trabalhos, após fez-se uma seleção e leitura integral do material considerando a pertinência do tema para a pesquisa, visando às discussões das representações, formação e profissionalização docente, sendo privilegiados os trabalhos e pesquisas desenvolvidos no município de São Paulo.

Os estudos revelam que cada vez mais, nossa sociedade atribui um valor social importante à infância e à educação destinada a ela. Até a Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil não havia sido mencionada como direito, o acesso e atendimento nas instituições. Aqui cabe ressaltar que a Educação Infantil passa a ser direito da criança e opção da família [não obrigatoriedade] devendo o Estado promover melhorias para políticas e programas de atendimento específico.

É a partir desse momento, que se dá o aumento progressivo dos estudos e investigações acadêmicas acerca da Educação Infantil. Um dos primeiros trabalhos acadêmicos que retratam este período, pós CF/1988 é um levantamento da produção do conhecimento sobre a Educação Infantil no Brasil no período de 1983 a 1996, organizado por Rocha (2001). Este trabalho resultou na construção de um banco de dados com informações bibliográficas do conhecimento da Educação Infantil no Brasil. Foram selecionados na base de dados: dissertações, teses apresentadas nos programas de pós-graduação entre 1983 a 1996 e artigos publicados em oito periódicos nacionais da área da educação, no mesmo período.

Segundo Rocha (2001), até o período de 1988, com a CF/1988, a distinção entre creche e pré-escola se dava, principalmente, pelo regime de atendimento (integral ou parcial) e pelo caráter de seus objetivos (preparatória ou vinculada à assistência). Rocha (2001) ao realizar o balanço das produções dos trabalhos e pesquisas publicados entre 1983 a 1996, afirma que os autores, do material analisado, optavam por denominar genericamente a instituição que atende a crianças na faixa etária de 0 a 6 anos apenas como pré-escola. Somente na década de 1990, passou a haver um uso mais recorrente do termo Educação Infantil, quando os autores se referem à educação de 0 a 6 anos. Já o termo creche, é usado com mais frequência para denominar a instituição que funciona em período integral. Deste modo, após esta identificação, a descrição dos assuntos dos

artigos tomou como padrão a nomenclatura definida pela LDB/1996: Educação Infantil: Creche— 0 a 3 anos; e Pré-escola – 4 a 6 anos, independentemente do turno de funcionamento ou caráter educativo.

O estudo ainda revela que desde o início da década de 1980, período pré-Constituinte, os acadêmicos já apontavam a necessidade de identificação da produção científica relativa à criança de 0 a 6 anos, com a exigência de orientar novas investigações e ampliar o acesso à informação em todos os âmbitos de atuação na Educação Infantil.

Mapeamentos anteriores desta produção têm revelado uma acumulação de conhecimento nesta área, especialmente a partir da década de 80, indicando a necessidade de ampliação destas informações e a identificação dos principais temas tratados e percursos traçados pela pesquisam neste período recente (ROCHA, 2001, p. 8).

Em seguida, houve um acúmulo de publicações, especialmente na passagem para a década de 1990, mesmo que restrito às pesquisas científicas. Neste período, a produção nacional coloca-se em consonância com a produção internacional relacionada com a criança de 0 a 6 anos. Em 1992, o debate e as pesquisas crescem bastante em torno da Educação Infantil, momento que antecede os parâmetros legais e o projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases- LDB/1996. O estudo constatou, após esse momento, uma maior regularidade e frequência de estudos e investigações, como também a variação dos temas:

Somente à medida que o desenvolvimento das pesquisas extrapola o nível dos levantamentos e diagnósticos, acompanhando a intensificação da produção de pesquisas no âmbito acadêmico, é que começam a surgir estudos que buscam contemplar os mais diversos aspectos (históricos, sociais, psicológicos, pedagógicos, etc.) envolvidos na educação da criança na creche e na pré-escola, que tomam como objeto as relações que nela se dão, tais como: criança/criança, criança/adulto, creche/ família, entre as profissionais na creche, etc. Neste conjunto, porém, ainda é grande o número de pesquisas que acabam apenas limitando-se à denúncia da insuficiência das práticas, chegando mesmo a apontar o que “não se quer”, em vez de, concretamente, abrir possibilidades de práticas mais satisfatórias (ROCHA, 2001, p. 10).

A partir de 1990, os estudos a respeito da caracterização e formação dos profissionais da creche e pré-escola intensificaram-se, especialmente para atender às demandas voltadas para a qualidade da educação, de seus profissionais e da sua

formação. Porém, os estudos sobre a formação dos profissionais “[...] têm antecedido aqueles sobre a própria definição das particularidades dos profissionais de Educação Infantil, tais como as características de sua função e de sua atuação prática e, mesmo, de sua identidade e configuração profissional” (ROCHA, 2001, p. 11, grifo da autora).

A autora ainda ressalta que, nos conjuntos de trabalhos voltados para a formação, o professor não tem sido considerado como sujeito do seu próprio processo de formação:

[...] A pesquisa não tem posto em cena este sujeito “objeto” de formação, de cursos, “capacitações”, etc., para buscar tomá-lo como ponto de partida de uma transformação pretendida. Por vezes são analisadas as concepções do(a) professor(a) sobre o brincar, a emoção, a infância, as expectativas sobre a criança, como meio de avaliação de sua competência ou de sua prática. Já as orientações pedagógicas ou curriculares não têm sido suficientemente estudadas. (ROCHA, 2001, p. 12, grifo nosso).

Como um dos primeiros trabalhos a questionar a profissão dos sujeitos que atuavam na creche e a origem das pajens, tem-se o estudo de CAMPOS; ROSEMBERG, *et al.* (1992). O artigo apresenta uma retrospectiva da história do atendimento da Educação Infantil e as modificações e consolidações que aconteceram nas instituições no Brasil. No que tange ao trabalho com as pajens, assinala a questão da divisão de atividades no interior da creche, apontando as condições de trabalho e a necessidade da discussão quanto à profissionalização. Já o texto de Rosemberg (1984) faz um relato sobre a experiência do encontro para profissionais de creche do Estado de São Paulo, organizado pela equipe de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas e equipe técnica da prefeitura municipal de Piracicaba. A pesquisa reuniu treze pajens e oito técnicas em três dias de encontro, onde foram trabalhados relatos de experiências, e o tema central foi a pajem, vista como mulher e profissional.

Temos também o artigo da Cerisara (1992) acerca do papel desse profissional de Educação Infantil e do debate em torno do discurso de escolarizar as crianças de 0 a 3 anos. Buscando os conceitos de socialização a partir de referenciais teórico da sociologia, a autora questiona o debate e a caracterização que se faz do perfil desse profissional. Já Cruz (1996) propõe a discussão do profissional da Educação Infantil, apontando as contradições e os desafios enfrentados para a melhora da qualidade do trabalho, especialmente no que se refere à formação desse profissional.

Quanto à temática de políticas de atendimento e o histórico da Educação Infantil temos os trabalhos de Campos (1992), que discute os financiamentos de programas, e o documento que trata da Política de Educação Infantil formulada pelo Ministério de Educação e do Desporto (BRASIL, 2005), incorporando as orientações constitucionais. Além disso, o autor faz um levantamento e descrição da época nos aspectos das informações, proposta pedagógica, qualidade do atendimento, formação profissional, financiamento e integração das políticas.

O estudo de Kishimoto (1988, 2000), que apresenta um histórico do atendimento da Educação Infantil no Brasil e especialmente em São Paulo, corrobora com a necessidade de democratização da Educação Infantil na época, sem a diferenciação de atendimentos entre as intuições para crianças ricas e crianças pobres. A autora (KISHIMOTO, 1999, 2000) também destaca a pertinência da política educacional pós CF de 1988, que passou a repensar as práticas e a formação dos profissionais, assim como a aplicação de recursos financeiros destinados para a Educação Infantil, e realiza a coordenação de uma pesquisa e diagnóstico acerca da formação dos profissionais de creche do estado de São Paulo no período de 1997 a 1998, na qual verificou-se a baixa qualificação dos profissionais.

Kramer (1986, 2001), por sua vez, discute o papel social da EI, fazendo um breve retrospecto histórico das leis que colocam o dever do Estado em relação à educação de 1º grau e também em relação à Educação Infantil. A pesquisa desenvolvida acerca da formação dos profissionais desse segmento no estado do Rio de Janeiro em 1999 verificou uma quantidade significativa de profissionais não habilitados trabalhando com crianças de 0 a 6 anos. Além disso, a maior parte dos municípios exigia nível médio para os professores e nível fundamental para os auxiliares ou monitores para atuação na Educação Infantil.

Temos também a dissertação de mestrado de Brejo (2007) que desenvolve um estado do conhecimento da produção acadêmica sobre a formação dos profissionais da Educação Infantil no Brasil no período de 1996 a 2005. Para a autora, a preocupação com a formação dos profissionais de Educação Infantil decorre da busca pela melhoria as condições de atendimento e qualidade de educação oferecida às crianças. Contudo, ressalta que:

[...] somente a implantação de políticas de formação, não garantem sua eficiência e eficácia junto aos profissionais que atuam com a pequena infância. Para isso, serão necessários projetos de avaliação,

que sejam capazes de analisar o impacto de tais políticas na prática profissional” (BREJO, 2007, p. 55, grifo nosso).

Deste modo, para a autora (BREJO, 2007), a formação desses profissionais deveria observar a necessidades das práticas cotidianas e principalmente repensar a identidade e a história coletiva que estão sendo construídas. O balanço de Brejo (2007) acerca das pesquisas aponta que houve sim muitos avanços em prol da investigação da formação desses profissionais, tanto na questão legal e prática como no conhecimento que se tem disso. Contudo, ainda se faz necessário investigar o modo como os impactos das formações e concepções sobre o profissional que atua na Educação Infantil, ou seja, identificar o modo como foi construído, ao longo das exigências e modificação para a atuação como profissional, as questões da identidade e representações da carreira e condição docente.

Com vistas a identificar os problemas presentes na formação dos profissionais que atuavam na Educação Infantil, assim como propor soluções, começam a ampliar os dados e sinopses estatísticas dos profissionais. Foi realizado um levantamento dos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) nas Sinopses Estatísticas dos Censos Escolares entre os anos de 1997 (um ano após a implementação da atual LDB) e 2016 (últimos dados divulgados). Cabe ressaltar que, como o Censo Escolar de 1997 não apresentava os dados referentes à formação, remuneração e tempo de serviço do professor, naquele ano, o INEP realizou um estudo separado, intitulado Censo do Professor 1997 (INEP, 1999a), que, apesar de não ter atingido o objetivo de analisar o número total de docentes (90% da categoria respondeu ao questionário), foi a primeira publicação com informações específicas dos profissionais do magistério. Em 2003, a fim de se conhecer as mudanças no perfil destes profissionais, foi realizado outro levantamento, porém, a taxa de retorno foi menor (apenas 61,8% do total de funções docentes) (INEP, 2006a).

Frente à dificuldade de se estabelecer comparativos entre estas duas pesquisas, optou-se por considerar neste estudo os dados do Censo do Professor 1997 (primeira fonte de informação sobre os professores) e as Sinopses Estatísticas da Educação Básica de 1998 a 2015. Destes levantamentos, foram coletados o número de funções docentes da Educação Básica e da Educação Infantil e o grau de formação dos profissionais do magistério.

A história da formação da Educação Infantil no Brasil revela as políticas públicas, os investimentos e incentivos quanto à melhoria da escolarização e formação dos profissionais. Os dados das profissionais que trabalhavam na EI não eram contabilizados, entendendo que a prioridade ao Ensino Fundamental e outras etapas.

Um dos primeiros documentos que tratam numericamente da formação dos profissionais da EI é o Referencial Curricular Nacional de EI (BRASIL, 1998, p.40), que trazem os dados de formação de 1996, demonstram que no Brasil, de 219.593 professores de pré-escola, 66% tinham a formação do 2º grau completo e apenas 18% com formação superior.

Mas o estado de São Paulo se destaca, pois 56% das professoras tinham o 2º grau completo e 65% tinham formação superior. Aqui a LDB (1996) estava recém-instaurada com a mudança da exigência da formação mínima de 2º grau, magistério. Assim, percebe-se que no decorrer das políticas públicas as metas para melhorias da formação desses profissionais.

Gráfico 1: Número de funções docentes da Educação Infantil com formação superior (1997-2015)

	Número de Funções Docentes da Ed. Básica	Número de Funções Docentes da Ed. Infantil*				Professores com formação superior completa (com ou sem licenciatura)**			
		Creche	%	Pré Escola	%	Creche	%	Pré-escola	%
1997	1.617.611			204.644	12,7			52.364	25,6
1998	2.067.248			219.593	10,6			43.930	20,0
1999	2.145.196	48.284	2,3	214.123	10,0	4.633	9,6	47.419	22,1
2000	2.250.035	50.224	2,2	228.335	10,1	5.741	11,4	52.686	23,1
2001	2.341.951	63.029	2,7	248.632	10,6	8.015	12,7	61.395	24,7
2002	2.419.585	68.890	2,8	259.203	10,7	10.161	14,7	71.033	27,4
2003	2.497.918	74.765	3,0	270.576	10,8	13.213	17,7	84.682	31,3
2004	2.543.576	75.275	3,0	293.699	11,5	17.916	23,8	102.924	35,0
2005	2.589.688	86.332	3,3	309.344	11,9	25.078	29,0	123.760	40,0
2006	2.647.414	94.038	3,6	309.881	11,7	31.987	34,0	141.414	45,6
2007	1.882.961	95.643	5,1	240.543	12,8	40.255	42,1	123.032	51,1
2008	1.988.161	112.688	5,7	254.787	12,8	47.998	42,6	124.696	48,9
2009	1.977.978	127.657	6,5	258.225	13,1	58.954	46,2	128.939	49,9
2010	2.005.734	141.546	7,1	257.790	12,9	68.624	48,5	133.565	51,8
2011	2.045.350	163.148	8,0	265.000	13,0	90.760	55,6	155.457	58,7
2012	2.095.013	191.090	9,1	280.960	13,4	107.139	56,1	165.486	58,9
2013	2.141.676	213.314	10,0	292.699	13,7	126.830	59,5	181.143	61,9

2014	2.184.267	231.188	10,6	301.005	13,8	142.192	61,5	193.912	64,4
2015	2.187.154	246.571	11,3	303.827	13,9	152.144	61,7	198.396	65,3

FONTE: Sinopses Estatísticas da Educação Básica (INEP, 1997-2015).

Notas:

* Porcentagem com relação ao número total de funções docentes da Educação Básica

** Porcentagem com relação ao número total de funções docentes em Creches e Pré-escolas

1- A definição de função docente admite que um mesmo professor possa ser contado mais de uma vez no exercício de suas atribuições como regente de classe (INEP, 2009, p.5).

2 - O Censo do Professor de 1997 não considera o total de funções docentes registrados no Censo do mesmo ano.

3 - No ano de 1997, o número de funções docentes de Pré-escola considera as Classes de Alfabetização e 848 docentes não informaram o grau de formação.

4 - No ano de 1998, o número de funções docentes da Pré-escola passa a não considerar as Classes de Alfabetização.

5 - Em 2007, o INEP passa a realizar o Censo da Educação Básica por meio de outro sistema de coleta de dados (Educacenso). Esta mudança pode explicar a queda do número total de funções docentes de 2006 para 2007.

Os números mostram que, embora o percentual de professores de Creche com esta formação tenha crescido de 9,6% (em 1999) para 61,7% (em 2015) e o de professores de Pré-escola de 25,6% (em 1997) para 65,3% (em 2015), a quantidade de professores com a formação superior ainda é pequena com relação ao total de docentes em atividade em cada uma dessas etapas da Educação Infantil.

Mais ainda, é relevante observar que, de 1997 a 2006, as sinopses estatísticas informam apenas que os professores concluíram o ensino superior. A partir de 2007, passam a registrar que, entre os profissionais com esta formação, existem aqueles que não têm cursos de licenciatura, sendo formados em outras áreas que não a Educação. Além disso, a formação de professores para a Educação Infantil, de início realizada pelos Cursos Normais Superiores (KISHIMOTO, 1999), passa ser feita, principalmente, pela Pedagogia (BRASIL, 2005). A formação ainda é um desafio para os cursos, pois, mesmo que um profissional seja licenciado em Pedagogia, não há a garantia de que ele tenha, ao longo desta formação, estudado conteúdos específicos da Educação Infantil.

Assim, tendo definido o perfil de formação dos profissionais de Educação Infantil, o próximo item trata dos dados e documentos levantados no CEDOC.

1.2. o que revelam os documentos do cedoc?

Foram recolhidos os documentos que tratam do percurso de formação e função dos profissionais da rede municipal como relatórios, dossiês, orientações, diretrizes, programação de cursos, como também relatórios de estatísticas e propostas curriculares no período de 1980 a 2010, do CEDOC, mas devido à quantidade numerosa de

documentos, optou-se na seleção de documentos representativos dos três marcos de mudanças de carreira (pajens, ADIs e professoras), conforme mencionado anteriormente.

Os documentos do primeiro período (1980- 1991), referente à carreira das profissionais que ingressaram como pajens, apesar de tratarem da Educação Infantil no município como um todo, dão ênfase às orientações de currículo e atividades destinadas às crianças de 3 a 6 anos. Isto se deve a dois motivos, em meu entender: 1) pelo número de instituições e de matrículas de atendimento ser maior do que das creches; e 2) pela concepção de que a função da pré-escola era compensatória e de preparação da população menos favorecida ao Ensino Fundamental.

Cabe ressaltar que, em 1974, O Conselho Federal de Educação (CFE) emite um parecer (nº 2.018/74, p. 36, grifo nosso) o qual prevê a ampliação de atendimento da educação pré-escolar em todo o Brasil e determina a função e concepção como compensatória:

Trata-se de implementar uma verdadeira política de educação compensatória, que vise a equalizar as oportunidades educacionais, não apenas em termos quantitativos de ofertas de vagas, mas, principalmente, em termos qualitativos, de preparo global da população para o início do processo regular de escolaridade, ou seja, colocar a grande massa de crianças culturalmente marginalizadas num nível de relativa igualdade de desenvolvimento de que desfrutam, pela riqueza do currículo escondido, as crianças das classes média e alta.

As Secretarias do Estado e do Município de São Paulo foram uma das primeiras a implementar as políticas e programações compensatórias:

o apelo foi, de pronto, ouvido pelos novos dirigentes da administração pública paulista, que erigiram as programações com a criança de menos de 7 anos, em uma das metas prioritárias do setor educacional e se empenham, no momento, em equacionar esquemas viáveis para a sua concretização. Em recentes acordos firmados em São Paulo entre a Secretaria de Educação do Estado e a Prefeitura da Capital, como ensaio de outros que a eles se seguirão, atingindo os principais municípios do interior, estabeleceu-se o critério, segundo o qual os esforços estaduais se inclinarão, de preferência, para o ensino de 1º e 2º graus, enquanto que os municipais, se voltariam, primordialmente, para aquelas modalidades de programação (BRASIL, 1979, grifo nosso).

As orientações da política da Educação Infantil brasileira reforçava a ideia que a pré-escola era compensatória com a função de sanar as “carências culturais” das crianças oriundas de classe menos favorecidas.

Aos 7 anos, a criança que entra na escola pela primeira vez, sem experiência anterior, leva uma grande desvantagem — principalmente agravada se as condições sócio-econômicos-culturais são baixas. Seus anos mais preciosos, praticamente, se perdem. Quem o afirma não são apenas professores. São médicos, psicólogos, sociólogos, etnólogos — numa visão global que alcança os aspectos físico, social, emocional e intelectual do pré-escolar (BRASIL, 1979, 44, grifo nosso).

Assim, as orientações assinalam o modo como o atendimento da Educação Infantil deveria ser configurado com o respaldo teórico não só dos professores, ditos acadêmicos, mas também de outros profissionais como médicos, psicólogos, sociólogos e etnólogos.

É na faixa de 0 a 6 anos que o comportamento social do meio influencia, de forma irreversível, o futuro comportamento social da criança. É aí — entre 4 e 6 anos — que se formam ou se começam a formar, de maneira definitiva, atitudes, hábitos e valores. Padrões de aptidões mentais começam a se estruturar nos primeiros anos de vida. O desenvolvimento da linguagem, se não lhe forem oferecidas condições adequadas, terminará truncado, para sempre. Ainda mais, é nesta fase que podem ser detectados distúrbios cerebrais mínimos ou desajustamentos emocionais em formação que, acompanhando a criança, se tornarão fator dominante no insucesso escolar, pois é indiscutível a atuação negativa de fatores neurológicos e emocionais na aprendizagem (BRASIL, 1979, p. 44).

O papel do profissional é delimitado com o intuito de prevenção, “[...] de detecção, de encaminhamento, de correção — a tempo. Sua formação deve estar voltada para este aspecto e mais, dos meios de que dispor para atingir os objetivos deste tipo de ensino” (BRASIL, 1979, p. 45). Desse modo, a formação dos profissionais também é redimensionada:

Em contrapartida, embora nos faltem dados, pelo próprio panorama do professorado brasileiro de 1º grau, se pode afirmar, com grande dose de verdade, que pouquíssimos professores em exercício junto a pré-escolares possuem formação adequada, uma vez que os currículos dos antigos cursos normais (e mesmo superiores de modo geral), não enfatizam necessariamente a importância e a didática para atender crianças abaixo dos 7 anos. Isso é mais grave quando sabemos que, convenientemente assistidas, muito se pouparia, em tempo futuro, com reeducação psicomotora, de apoio ou supletiva (BRASIL, 1979, p. 45-46, grifo nosso).

Assim, um dos primeiros documentos recolhidos no CEDOC corrobora com as orientações previstas da política para Educação Infantil e organização curricular:

FIGURA 1: Trecho do documento sobre a organização curricular- 1980

Todos nós sabemos que os fatores biológicos (má nutrição, doença, condições higiênicas), os fatores sócio-econômicos (baixa renda familiar) e os fatores culturais (cultura de pobreza, por exemplo, que é a "falta de participação efetiva e de integração do setor pobre da população nas instituições que controlam o funcionamento dessa sociedade")¹, são os responsáveis pelas dificuldades cognitivas, psicomotoras e de ajustamento que afetam tão profundamente o processo ensino-aprendizagem.

FONTE: (CEDOC, D1.1/5, p.4).

As orientações definem o currículo da Educação Infantil e o papel do profissional com intuito de assegurar às crianças e suas famílias mudança de qualidade de vida:

FIGURA 2: Trecho do documento sobre a organização curricular- 1980

- "O currículo-escolar, que deveria ser capaz de se adaptar e desenvolver o que essa criança aprendeu até agora, em seu próprio ambiente, cultivando nela habilidades que facilitassem sua sobrevivência na sociedade e sobretudo que a estimulassem para lutar por uma mudança nas precárias condições de vida em que vive sua família?"³

- O adulto, que deveria compreender a importância de suas atitudes, das práticas educacionais e do nível de expectativa que tem com relação à criança?

- O ambiente, em suas condições políticas, sociais e econômicas que deveria possibilitar aos indivíduos o controle sobre o que ocorre à sua volta e sobre seu futuro, garantindo uma atuação mais ativa na comunidade e a consequente melhoria dos padrões de vida familiar?

FONTE: (CEDOC, D1.1/5, p. 7).

Percebe-se que as orientações curriculares, no início desse período, revelam a preocupação de que as atividades e rotinas da Educação Infantil fossem desenvolvidas com objetivos dar conta de conteúdos e matérias (área disciplinar):

FIGURA 3: Trecho do documento que descreve a rotina e atividades para EI- 1980

- todas as experiências curriculares devem ser realizadas sob a forma de ATIVIDADES, buscando oferecer à criança oportunidade de participação ativa, sugeridas com a finalidade de permitir a INTEGRAÇÃO dos aspectos biológico, psicológico e sócio-cultural do desenvolvimento, pois, este se processa num todo organizado e coerente.
- os CONTEÚDOS estruturados e significativos é que garantem a sequência, servindo de instrumentos ou indicadores que serão utilizados para a consecução dos objetivos;
- as MATÉRIAS são os campos do conhecimento humano que, ao nível de Educação Infantil, não estarão separados nem trabalhados isoladamente, mas integrados a partir das atividades programadas.

FONTE: (CEDOC/N.1/110, 1980, p. 33).

Nota-se, ainda, que as orientações curriculares vão se modificando quanto às propostas dos conteúdos. Embora as orientações para as atividades e rotina sejam voltadas para o desenvolvimento dos conteúdos, esses são propostos a partir das áreas e linguagens do conhecimento e não apenas de forma disciplinar:

FIGURA 4: Trecho do documento sobre orientações da proposta curricular- 1985

De acordo com esses princípios, as Escolas Municipais de Educação Infantil vêm desenvolvendo uma proposta curricular em que os aspectos sócio-emocional e perceptivo-motor são considerados básicos, tendo em vista possibilitar o desenvolvimento da linguagem nas suas mais variadas formas do raciocínio lógico matemático e o conhecimento do meio físico e social.

O gráfico abaixo apresenta os aspectos que compõem a proposta curricular.

FONTE: (CEDOC, C4.2-5, 1985, p. 11).

À medida que vão se modificando as orientações curriculares, nota-se que cresce o número de programas, cursos, oficinas para os profissionais da rede. Dos três períodos compreendidos em relação ao ingresso e carreira das profissionais de Educação Infantil, a década de 1980 é o que mais tem cursos e programas de formação. Esses cursos e programas tratam de temáticas que envolvem os conteúdos, áreas e linguagens e de que subsidiaria as práticas dos profissionais. Observa-se, também, que nas orientações aos profissionais era incentivada a avaliação das práticas desenvolvidas com as crianças por meio da observação e registros. Em vários documentos de formação, constam fichas e pautas de observação e registro.

Os documentos do período que abrange as profissionais, que ingressaram como ADIs (década de 1990), revelam as mudanças ocorridas no que tange à concepção de Educação Infantil, sobretudo voltada para uma rotina que valorizasse a dimensão lúdica das crianças. Assim, há vários programas e projetos de formação voltados para a formação dessas profissionais:

FIGURA 5: Trecho de uma publicação específica para os programas e projetos de formação dos profissionais- (vinculada na Secretaria de Assistência Social- SAAS)- 1991

Saindo da Rotina

Sair da rotina inventando um jeito diferente de trabalhar, dentro ou fora do espaço da creche, para repensar e refazer a convivência com as crianças e suas famílias. Esse é o tema desta edição especial do boletim Sebes.

A experiência realizada por algumas Supervisões Regionais do Bem-Estar Social (Surbes) demonstra ser possível uma nova creche, uma nova prática, um novo profissional trabalhando com a criança pequena na rede administrada pela Secretaria.

A nova creche surge como um espaço gostoso, onde a criança não precisa "passar de ano", mas deve contar com relações afetivas estáveis e um ambiente estimulador para a construção do conhecimento. Lidar com a criança pequena significa muito mais que prepará-la para entender o "bê-á-bá". Guardá-la, protegê-la, educá-la, alimentá-la e com ela brincar não exige necessariamente dos profissionais a passagem pelos bancos escolares que vêm hierarquizando o saber.

As Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs) da Prefeitura Municipal de São Paulo vêm provando há 26 anos que trabalhar com crianças pequenas requer responsabilidade, gosto pela brincadeira, afeto, capacidade de oferecer o colo e o sorriso, atenção às descobertas infantis e o engajamento no processo individual e coletivo do conhecimento.

É na formação desse novo profissional que a Secretaria Municipal do Bem-Estar Social investe. Os primeiros resultados obtidos quanto à melhoria da qualidade na prestação dos serviços estão relatados nesta edição.

FONTE: (CEDOC, ast. N. 1.1-224D, 1991, p. 2).

Os documentos mencionam a necessidade e o movimento de valorização do trabalho das ADIs com intuito de uma “postura educativa que estimule o desenvolvimento infantil” (CEDOC, ast. N. 1.1-224D, 1991, p. 3). Assim, as primeiras formações com as ADIs revelam algumas mudanças ocorridas na rotina de trabalho: “a mudança demora, vai devagar, mas já me sinto melhor. Canso menos, não vejo a hora passar. Melhorou muito o entrosamento entre as tias. Estamos mais unidas [...]” (Lídia-ADI, CEDOC, ast. N. 1.1-224D, 1991, p. 3).

FIGURA 6: Trecho de uma publicação específica para os programas e projetos de formação dos profissionais- (vinculada na Secretaria de Assistência Social- SAAS)- 1991

FONTE: (CEDOC, ast. N. 1.1-224D, 1991, p. 7).

As profissionais que ingressaram como ADIs e participaram dos cursos e oficinas de formação promovidos pela Secretaria Municipal do Bem-Estar Social (SEBES) modificam o olhar acerca das concepções de práticas: “Participar de oficinas como esta ajuda a descobrir outro jeito de trabalhar. Sinto que desempenho meu trabalho com mais segurança” (Rosa Maria- ADI, CEDOC, ast. N. 1.1-224D, 1991, p. 8).

Os documentos reforçam que, embora no período, ocorreram mudanças e discussões acerca da ampliação de atendimento da Educação Infantil enquanto universalização de direitos estabeleceu-se no município manter a prioridade à “classe trabalhadora, entendida como aquela que vive de sua força de trabalho” (CEDOC, n.1.1/224p, 1992, p. 11), assim:

FIGURA 7: Trecho de orientação de funcionamento e estrutura da EI- 1992

Estabelecemos, assim, uma orientação clara para este momento:

SEBES DEFINE A ABERTURA DAS CRECHES MUNICIPAIS PARA A POPULAÇÃO DE 0 A 4 SALÁRIOS MÍNIMOS DE RENDA FAMILIAR, COM DECODIFICAÇÃO DE CRITÉRIOS A NÍVEL DE CADA SURBES E DE CADA EQUIPAMENTO, A PARTIR DO CONHECIMENTO EFETIVO DE SEU ENTORNO, NÃO SÓ NO QUE SE REFERE À POPULAÇÃO QUE SE INSCREVE, MAS TAMBÉM A DEMANDATÁRIA QUE AINDA NÃO CONSEGUIU CHEGAR ... BUSCANDO DESQUALIFICAR QUALQUER CONOTAÇÃO MORALISTA QUE DIVIDA AS MÃES EM BOAS OU MÁIS, TRABALHADORAS OU VAGABUNDAS, PROSTITUTAS OU BEM CASADAS, E NÃO AS EXPULSANDO QUANDO O AUMENTO SALARIAL OU A SORTE AS ELEVAM AO PATAMAR DE 5 OU 6 SALÁRIOS MÍNIMOS.

FONTE: (CEDOC, n.1.1/224p, 1992, p.14).

A função da Educação Infantil é vista como um serviço da sociedade para que os pais tivessem oportunidades de deixar seus filhos durante a jornada de trabalho ou atividades sociais e de aprendizagens para as crianças acerca das relações do mundo social e valores como a cidadania:

FIGURA 8: Trecho de orientação de funcionamento e estrutura da EI- 1992

"A CRECHE PÚBLICA É UM EQUIPAMENTO SOCIAL QUE, NESTE CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E ECONÔMICO, CUMPRE O DUPLO PAPEL DE PROPORCIONAR EDUCAÇÃO, GUARDA E ALIMENTAÇÃO À CRIANÇA E DE LIBERAR A MÃE (OU O PAI) PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO, E PARA UM CONJUNTO DE PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS, POLÍTICAS E DE LAZER (E DE PREGUIÇA), DE MODO A ESTABELECEER UMA RELAÇÃO MAIS RICA ENTRE O MUNDO DOMÉSTICO E O MUNDO SOCIAL E PÚBLICO, SOB A PERSPECTIVA DO ALARGAMENTO DA CIDADANIA."²

FONTE: (CEDOC, n.1.1/224p, 1992, p. 13).

Além disso, os documentos definem que, embora a Educação Infantil pertencesse a SEBES, tinha como papel a educação, guarda e assistência:

FIGURA 9: Trecho de orientação de funcionamento e estrutura da EI- 1992

E qual é a creche que esta SEBES quer gerenciar? Reconhecer para as creches um papel educacional é um passo insuficiente na direção de uma nova qualidade de nosso trabalho, uma vez que admitimos todos que a convivência de 12 horas diárias com a criança, no equipamento, está sempre permeada por uma ação educativa, colocando-se a necessidade de imprimir uma nova intencionalidade.

Nossa tarefa fundamental hoje é buscar compreender a dimensão do educacional que, aliado ao assistencial, definirá o norte para a atuação nas creches.

FONTE: (CEDOC, n.1.1/224p, 1992, p. 15).

Já os documentos referentes ao período em que as profissionais ingressaram como professoras de educação de infantil (de 2003 adiante) estão em quantidade menor, mas por outro lado revelam as modificações ocorridas na concepção de atendimento e função da Educação Infantil, assim como a formação e preparação das professoras. Observa-se que há formações específicas para as professoras organizadas pela SME, mantém uma regularidade e continuidade dos encontros de formação. Esses documentos apresentam-se da seguinte maneira: 1) primeiro vem a pauta com a descrição das atividades a serem realizadas no encontro de formação:

FIGURA 10: Trecho de documento de orientação para EI (vinculado a Secretaria de Educação)- 2003

PAUTA DA REUNIÃO
03/09/2003

horário: das 9:00 às 13:00

Local: Auditório do Ministério das Minas e Energia – Rua Loefgreen, 2225 – Vila Clementino.

ASSUNTOS

- Informes Gerais;
- Trabalho com as Coordenadorias de Educação sobre as questões para reflexão que foram distribuídas no último encontro:
 - 1- Pensando a ação da educação infantil na SME/DOT, refletir sobre o que estamos realizando entre nós, nas coordenadorias de Educação, nas Unidades Educacionais que de fato está chegando até as nossas crianças nos CEIs e EMEIs?
 - 2- Dentro dessas ações que serão levantadas, analisar quais são ações de permanência, quais são raiz e história e quais são raiz e história e quais são conservadorismo (comodismo ou resistência)?
- Trabalho com o texto entregue na última reunião: As culturas da Infância nas encruzilhadas da segunda modernidade – Manuel J. Sarmiento;

FONTE: (CEDOC, P.3./91B, 2003, p. 2).

2) a partir do registro síntese, retomada do último encontro

FIGURA 11: Trecho de documento de orientação para EI (vinculado a Secretaria de Educação)- 2003

Síntese do II Encontro realizado em 13/08/03

“ E carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia. “ Carlos Drummond de Andrade

Penso que seria deselegante iniciar a segunda parte deste encontro sem sequer mencionar que houve uma primeira parte... Primeira parte esta em que pela primeira vez, pudemos numa mesa ouvir sobre um assunto (no caso Letramento) dentro das três modalidades envolvidas.

Lembro-me então de uma tia minha, professora, que como eu também tinha suas teses sobre a Educação que dizia “ *ser um grande problema: Escola para meninos e Escola para meninas, pois quando esses eram todos colocados juntos, faltavam se matar...*”

Parece que conosco acontecia algo similar: sempre separados em nossas discussões sobre a infância, ensino fundamental, jovens e adultos, círculo do livro, mão na massa etc... Quando juntos “ faltava se matar” em “nossos” princípios e defesas.

É tempo de termos mais pessoas tornando-se militantes em favor da causa da criança pequena e isso só poderá acontecer quando estivermos juntos ouvindo as mesmas coisas. (Perdoem-me mas não sei fazer síntese sem expressar algumas opiniões próprias, afinal de contas não estou fazendo ata de reunião de condomínio!)

A segunda parte de nosso encontro teve início com Patrícia Corsino fazendo uma breve síntese do capítulo “ Direitos da Criança e projeto político pedagógico de educação infantil de Sônia Kramer, partindo da premissa que todos os integrantes do grupo

FONTE: (CEDOC, P.3./91B, 2003, p. 8).

3) a formação e discussão da formação com registros dos materiais de apoio como textos base (filme, música, poesias), slides do professor responsável pela formação e por último 4) os materiais como texto-base e outros para serem lidos até a realização de outro encontro.

Os documentos também incluem, a partir de 2004, os materiais de formação realizados nas Diretorias de Ensino.

A partir dos documentos analisados nos três períodos relativos ao ingresso das profissionais na carreira, pode-se reconhecer os percursos e mudanças ocorridos na Educação Infantil de São Paulo, sobretudo no que tange à formação dos profissionais.

Também é possível perceber que o processo de profissionalização necessita ser compreendido no contexto com as políticas que subsidiam o currículo e a concepção que se tem de educação.

Em 1994, o MEC lança o documento “Educação Infantil no Brasil: situação atual” que, ao tratar dos profissionais da pré-escola [instituições atendimento de crianças de 3- 6 anos], apontava, de acordo com os dados levantados, para uma baixa escolarização dos profissionais e a necessidade de se pensar estratégias para implementar uma habilitação adequada para o exercício da profissão. Assim, reforça a importância das diretrizes e políticas públicas para a formação dos profissionais de Educação Infantil:

[...] Educação Infantil devem ser assegurados e, que a formação inicial, em nível médio e superior, desses profissionais deverá contemplar em seu currículo, conteúdos específicos relativos a esta etapa educacional. Consistente com o projeto de LDB em tramitação no Senado e já aprovado na Câmara Federal, a Política estabelece que "condições deverão ser criadas para que os profissionais de Educação Infantil que não possuem a qualificação mínima exigida, de nível médio, obtenham-na no prazo máximo de 8 (oito) anos" (BRASIL, 1994, p. 15)

Conforme mencionamos anteriormente, a Educação Infantil passa a ser considerada a primeira etapa da educação básica com a LDB/1996 que também marca a inclusão dos profissionais da Educação Infantil na legislação com a exigência de formação mínima. Assim, foi possível identificar os investimentos realizados pelo município de São Paulo para o atendimento da Educação Infantil, como também para as modificações da carreira e condições de trabalho, sobretudo ao que tange as formações e programas de capacitação para as profissionais.

Desse modo, descreveu-se aqui quais os percursos para a confecção desse trabalho, tratando das fontes (projeto de história oral: histórias de vida, formação e profissão das profissionais e dos documentos do CEDOC) e dos conceitos chave presentes nos referenciais teóricos utilizados.

Quanto à estrutura do trabalho, apresentamos a “Introdução” que contempla a área de estudos da temática, o referencial teórico e a trajetória da pesquisa desenvolvida.

O primeiro capítulo, apresentado aqui, tratou acerca do histórico da Educação Infantil e o que revelam os documentos do CEDOC acerca dos processos de formação e profissionalização.

O segundo capítulo, tratará do perfil, a origem, as trajetórias de formação e profissionalização das profissionais investigadas.

No terceiro capítulo, são expostas as representações de carreira e trabalho das profissionais.

As considerações finais descrevem o que revelam as representações de carreira e condições de trabalho das profissionais pesquisadas.

2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS PROFISSIONAIS

Para autora Oliveira-Formosinho (2002, p. 43), ser profissional de Educação Infantil “diz respeito à ação profissional integrada que a pessoa da educadora desenvolve junto às crianças e famílias com base nos seus conhecimentos, competências e sentimentos, assumindo a dimensão moral da profissão”. Assim, o significado que se tem do papel dos profissionais de Educação Infantil decorre das representações e conceitos que atribuímos que abrange as especificidades: a primeira especificidade é derivada das características da criança pequena, como a globalidade, vulnerabilidade e dependência da família; a dependência da criança em relação ao adulto, principalmente nos cuidados físicos (saúde e higiene) e psicológicos, representa a vulnerabilidade; a segunda é derivada dos contextos de trabalhos, que podem ser “custodiais”, centrados na guarda e nos cuidados da criança ligado às atividades sociais, ou “pedagógicos”, com a intencionalidade educativa; a terceira é a abrangência do papel de educadora de infância, devido à diversidade de tarefas de “educação e cuidados”.

A Educação Infantil no Brasil se constituiu com o processo de feminilização do magistério, ou seja, a história da educação revela que com as mudanças advindas da urbanização, processo industrial, as visões acerca do papel e atividades atribuídas ao feminino na sociedade foram ao mesmo tempo contribuindo para que as mulheres pudessem ter mais escolarização, ingressar no magistério e no mercado de trabalho e a visão de que o trabalho doméstico e a maternidade estão relacionados ao papel desenvolvido de educar bebês e crianças pequenas.

Após as conquistas como o voto feminino e o maior espaço de atuação tanto das instituições de educação como no mercado de trabalho foram construindo um significado que possibilitou um status ou prestígio social de “ser ou tornar-se” professora, mas ao mesmo tempo ambíguo ao atribuir um sentido de vocação, missão, de pouca qualificação e características relacionadas ao papel da mulher como mãe, paciente, amorosa.

Em estudo de Luiz Pereira (1969), que investigou, na década de 1950, o ingresso da mulher no trabalho e a feminização do magistério, verificou-se que 93,1% das pessoas que atuavam no magistério brasileiro eram mulheres. Uma das características

que favorecia as mulheres no exercício das funções de professoras era a possibilidade de conciliar a profissão e os afazeres domésticos: “[...] porquanto essa atividade propicia a um numeroso contingente de mulheres acomodar, ao que tudo indica, o padrão ‘doméstico’ com o padrão ‘profissional’” (p. 27).

As características psíquicas mais frequentemente assinaladas são “instinto maternal” e maior dose, nas mulheres, de certas aptidões, habilidades ou capacidades tidas como apropriadas às relações interpessoais do mestre com as crianças: “carinho”, “amor”, “docilidade”, “compreensão”, “paciência”, “abnegação”, “comunicabilidade”, “meiguice”, “dedicação”.

Desse modo, ressalta-se na história da Educação Infantil que desde os primórdios e depois com a expansão como proposta educacional brasileira foi fortemente marcada pela imagem e representação das educadoras como uma figura maternal considerada “naturalmente”: amorosa, doce, meiga, carinhosa, passiva e muito paciente.

Para Almeida (1998), a formação das professoras foi cada vez mais sendo vista como uma possibilidade das mulheres atuarem como a “segunda mãe” e “[...] foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão” (ALMEIDA, 1998, p. 28, grifo nosso). Assim, para Almeida (1998), o aumento das mulheres na profissão do magistério além dos discursos ideológicos trouxe também um processo de precarização do trabalho docente e remunerações mais baixas, “[...] construiu uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às ideias de domesticidade e maternidade” (ALMEIDA, p. 68).

A Educação Infantil traz marcas muito presentes da representação do papel feminino como uma figura doméstica, “dona do lar”, maternal, as concepções ligadas aos cuidados, assistência, e características do perfil de menor qualificação e consequente remuneração.

É evidente o processo de feminização do magistério no Brasil e as questões relativas ao gênero e seus profissionais e, quando se trata da Educação Infantil, torna-se mais expressivo. Os dados acerca do perfil do professor da Educação Básica no Brasil revelam que é majoritariamente feminino, 82% (totalidade), e vai se modificando conforme as etapas (BRASIL, 2009, p. 21).

Só a partir de 1930 que no Brasil o atendimento pré-escolar passou a contar com a participação direta do setor público. Em 1940, surgia o Departamento Nacional da Criança vinculado ao Ministério da Saúde, destinado a coordenar as atividades de proteção à criança, da maternidade e da adolescência. Na década de 1950, houve vários programas e campanhas de tendências médico- higienistas realizadas pelo departamento Nacional da Criança como o combate à desnutrição, vacinações e diversos estudos e pesquisas de cunho médico. Também podem ser incluídos, nessa perspectiva, os programas de fortalecimento da família e de educação sanitária, visando o “bem-estar” da criança nas instituições públicas e privadas. Para Kramer (2001), em 1960, o objetivo de criar os Centros de Recreação era o atendimento das crianças com vistas apenas da área da saúde e a recomendação que essas instituições deveriam prioritariamente valorizar os serviços executado pelos setores médicos. (KRAMER, 2001).

Historicamente desde o surgimento, as creches e pré-escolas carregam essa dicotomia entre o assistencialismo e a educação:

[...] mais que um problema administrativo, essa pulverização revela que a criança é encarada de modo fragmentado. Saúde, assistência e educação não se articulam ao longo da história; ao contrário, o atendimento se fragmentou, e cada área é apontada como causa quando na verdade é consequência das condições em que vivem as crianças. Herdada pelas prefeituras, tal fragmentação se manifesta nas suas ações (NUNES, CORSINO, KRAMER, 2005, p. 17).

Após esse período as políticas educacionais eram baseadas, sobretudo na abordagem da privação cultural, e se propunham a compensar carências culturais, deficiências linguísticas ou defasagens afetivas.

A Organização Mundial para Educação Pré-escolar (OMEP) foi fundada em 1948, e tem contratos de trabalho com a UNESCO e UNIFEC. É uma organização educativa internacional e não governamental tendo como finalidade atender crianças na faixa etária de 0 a 7 anos que realizou diversos estudos e intervenções no âmbito brasileiro com parceria da OMEP (KRAMER, 2001).

Em 1974, a pré-escola foi vista com devida atenção pelo governo federal, na criação da Coordenação de Educação Pré-Escolar (COEPRE) do Ministério da Educação e Cultura – MEC. A partir dessa criação, foram realizados alguns seminários como o objetivo de estabelecer princípios gerais que nortegassem um programa de educação pré-escolar para o país. (KRAMER, 2001). Em 1975, “havia 3,51% de

crianças de 0 a 6 anos atendidas (população de cerca de 21 milhões); em 2001, o índice era de 31,2% , muito distante de 100%” (NUNES, CORSINO, KRAMER, 2005, p. 18).

A partir da Constituição Federal de 1988 que a educação de crianças de 0 a 6 anos passa a ser reconhecida como direito e dever do Estado oferecer creches e pré-escolas. “A prefeitura paulistana havia cedido e iniciava a expansão da rede. Creche passou a ser sinônimo de conquista” (KUHLMANN JR., 1998, p. 198). Nesse mesmo momento, os acadêmicos e os educadores criticavam as origens das creches e pré-escolas: o assistencialismo das propostas da educação compensatória, o lugar de tutela e cuidados médico- higienistas. “A partir desse período, a educação começou a ser vista como oposto de assistência” (KUHLMANN JR., 1998, p. 198). Passou-se, então, a defender que as creches e pré-escolas precisavam de um projeto educacional. Assim, caracterizava-se a creche (0 a 3 anos) como um espaço assistencialista, de guarda e tutela, e a pré-escola (4 a 6 anos) como um espaço educativo, de alfabetização, do conhecimento e antecipação da escolaridade. Porém, como salienta Kuhlmann Jr., as creches e pré-escolas assistencialistas foram concebidas e difundidas como instituições educacionais. Sempre houve essa ambivalência e contradições:

[...] pela trajetória histórica da Educação Infantil em nosso país, na busca da construção de sua identidade. Nesse processo, o trabalho com a criança pequena, que na sua origem volta-se apenas para a assistência, vai num movimento dialético, entremeado por conflitos, idas e vindas, buscando sua função educativa. Assim, tentando construir um espaço próprio, encontra no modelo escolar a forma privilegiada de sua legitimação, o que acaba por constituir um paradoxo. Entretanto, como não há linearidade nessa caminhada, a busca de identidade própria é constantemente retomada (MEC/ SEF/COEDI, 1996, p. 43 *apud* KUHLMANN JR., 1998, p. 201).

É na CF de 1988 (BRASIL, 1988, art. 208) que a educação da criança passa a integrar o sistema educacional, embora não em caráter obrigatório. Este fato representou um avanço extremamente significativo no atendimento das crianças:

[...] enquanto as constituições anteriores limitavam-se a expressões como “assistir” ou “amparar a maternidade e a infância”, a nova Carta nomeia formas concretas de garantir, não só esse amparo, mas principalmente, a educação dessa criança (CAMPOS, ROSEMBERG, FERREIRA, 1995, p. 18).

Apesar de ser um avanço a CF/1988 considerar a educação de crianças como um direito [não obrigatório], a legislação referida (BRASIL, 1988) define a Educação Infantil como etapa da educação básica e como meta a ampliação do atendimento.

Porém, somente com a Emenda Constitucional nº 59 em 2009 da LDB/1996 é que a matrícula de crianças passa a ser obrigatória e se expande os programas e políticas públicas para pensar esse atendimento.

Em seu início, a Educação Infantil gerou uma divisão de tipos de instituições e visões de atendimento à criança, sendo as creches denominadas com atendimento assistencialista e a pré-escola como a concepção de antecipação da escolarização e conteúdos da escola primária para as crianças de família com poucos recursos financeiros, com a visão da carência cultural. Até a CF/1988 havia essa distinção de concepção e atendimento das instituições de Educação Infantil, sendo a creche [0 a 6 anos e período integral] atendimento assistencialista e a pré-escola [3 a 6 anos e período parcial em sua maioria] como instituição de antecipação de conteúdos e “preparação” para escola primária.

Assim, a CF/1988 atribuiu a responsabilidade de oferecimento da Educação Infantil aos municípios e integração das creches que eram vinculadas às áreas de assistência social fossem incorporadas as pré-escolas [em sua maioria, eram ligadas as secretarias de educação]. No caso das creches, eram vinculadas às áreas de assistência social. A partir disso, a Educação Infantil passa a ser responsabilidade dos municípios, e os termos creche e pré-escola passam ser apenas para diferenciar o atendimento de idade e período, e não mais por concepções de tipos de atendimentos [cuidar x educar].

Determinado o atendimento e responsabilidade da Educação Infantil, as preocupações com as concepções de educação oferecidas às crianças e a formação dos profissionais responsáveis passam-se ser uma questão da sociedade e de políticas públicas. A LDB/1971 não mencionava os profissionais de Educação Infantil, ao passou que exigia, para os profissionais das séries iniciais, a habilitação específica de 2º grau, e para os professores de 1º e 2º graus [equivalente hoje ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio] a formação em curso superior. Estabeleceu-se, ainda, a elevação progressiva dos níveis de formação docente como também cursos de atualização e aperfeiçoamento.

Infelizmente historicamente e até os dias de hoje, vemos a cristalização de uma hierarquização entre os segmentos da categoria docente. O início dela deve-se a diferenciação que foi feita para a formação desses professores: considerando para os professores das séries iniciais a exigência do curso de Magistério em Ensino Médio, para os professores do Fundamental II e Ensino Médio a exigência do curso superior e

para os que irão atuar na Educação Infantil, sobretudo nas creches, os profissionais sem formação ou leigos, carregados das expressões: ser mulher, gostar de crianças, é cuidar, entre outros. Assim, somada a esta diferenciação de formação, temos também a das condições de carreira e salário. Até hoje, seja no ensino público ou privado os professores (considerando a mesma titulação de formação e jornada de trabalho) que trabalham na Educação Infantil são menos remunerados e ganham os rótulos sociais da professorinha, a que cuida de bebês, a que só brinca junto às crianças.

No município de São Paulo, o atendimento após o movimento de luta por creches deu-se pela Programação Básica da Creche, criada em 1981, pela Coordenadoria do Bem-Estar Social, com o objetivo de definir um padrão mínimo de atendimento. Desse modo, a creche atendia crianças de 0 a 6 anos e 11 meses, em período integral e para a função de pajem, era obrigatório ter idade mínima de 18 anos, primeiro grau incompleto (acima da 4ª série) e experiência com crianças (ROSEMBERG *et al.*, 1992). Só após a CF 1988 que a portaria altera a nomenclatura dos profissionais de pajens para ADI - Auxiliar de desenvolvimento infantil¹⁴.

Após a discussão da temática da formação e qualificação dos professores ganhar destaque a partir de 1990, o Ministério da Educação organiza o “Encontro Técnico sobre Política de Formação do Profissional de Educação Infantil” que depois dá origem à coletânea de textos dedicada exclusivamente à formação de profissionais da Educação Infantil (BRASIL, 1994). Além disso, a iniciativa retoma a necessidade da formação dos profissionais para a melhoria e qualidade do atendimento oferecido: “No caso da educação da criança menor, vários estudos internacionais têm apontado que a capacitação específica do profissional é uma das variáveis que maior impacto causam sobre a qualidade do atendimento” (p. 11) e prevê como meta: “assim, o adulto que atua, seja na creche seja na pré-escola, deve ser reconhecido como profissional e a ele devem ser garantidas condições de trabalho, plano de carreira, salário e formação continuada condizentes como o papel que exerce” (p. 12).

A história da formação da Educação Infantil no Brasil revela as políticas públicas, os investimentos e incentivos quanto à melhoria da escolarização e formação dos profissionais. Os dados das profissionais que trabalhavam na Educação Infantil não

¹⁴ Lei nº 10.430, de 29/2/1988: afixava a alteração de Pajem para Auxiliar de Desenvolvimento Infantil –ADI – a partir de 01/3/1988.

eram contabilizados, entendendo que a prioridade ao Ensino Fundamental e outras etapas.

Em 1994, o MEC lança o documento “Educação Infantil no Brasil: situação atual” que, ao tratar dos profissionais da pré-escola [instituições atendimento de crianças de 3- 6 anos], apontava, de acordo com os dados levantados, para uma baixa escolarização dos profissionais e a necessidade de se pensar estratégias para implementar uma habilitação adequada para o exercício da profissão. Assim, reforça a importância das diretrizes e políticas públicas para a formação dos profissionais de Educação Infantil:

[...] Educação Infantil devem ser assegurados e, que a formação inicial, em nível médio e superior, desses profissionais deverá contemplar em seu currículo, conteúdos específicos relativos a esta etapa educacional. Consistente com o projeto de LDB em tramitação no Senado e já aprovado na Câmara Federal, a Política estabelece que "condições deverão ser criadas para que os profissionais de Educação Infantil que não possuem a qualificação mínima exigida, de nível médio, obtenham-na no prazo máximo de 8 (oito) anos" (BRASIL, 1994, p. 15).

Ainda no que se refere à formação, a Política explicita as seguintes diretrizes (BRASIL, 1994, p. 12):

- Formas regulares de formação e especialização, bem como mecanismos de atualização dos profissionais de Educação Infantil deverão ser assegurados.
- A formação inicial, em nível médio e superior, dos profissionais de Educação Infantil deverá contemplar em seu currículo conteúdos específicos relativos a esta etapa educacional.
- A formação do profissional de Educação Infantil, bem como a de seus formadores, deve ser orientada pelas diretrizes expressas neste documento.
- Condições deverão ser criadas para que os profissionais de Educação Infantil que não possuem a qualificação mínima, de nível médio, obtenham-na no prazo máximo de 8 (oito) anos como previsto MEC/SEF/COEDI, 1993, p. 19.

Assim, no município de São Paulo a partir de 1994, começou-se a exigir o 2º grau completo para os profissionais da Educação Infantil, na época os ADIs. Kishimoto (2000) verifica que no município de São Paulo, entre 1997 e 1998, a maior parte dos profissionais possuía apenas o Ensino Fundamental e menos de 5% tinham o ensino superior. Uma das críticas da autora é que, nos cursos de nível médio (Magistério) ou superior oferecidos na época, o currículo sequer contemplava o trabalho com crianças

de 0 a 3 anos, pois predominavam as disciplinas voltadas para o educação no Ensino Fundamental.

Para a autora Kramer (1986, 2001), por sua vez, discute o papel social da Educação Infantil, fazendo um breve retrospecto histórico das leis que colocam o dever do Estado em relação à educação de 1º grau e também em relação à Educação Infantil. A pesquisa desenvolvida acerca da formação dos profissionais desse segmento no estado do Rio de Janeiro em 1999 verificou uma quantidade significativa de profissionais não habilitados trabalhando com crianças de 0 a 6 anos¹⁵. Além disso, a maior parte dos municípios exigia nível médio para os professores e nível fundamental para os auxiliares ou monitores para atuação na Educação Infantil.

Na LDB/1996, os profissionais da Educação Infantil passam a ser incluídos na legislação e aparecer a exigência de uma formação mínima para atuação. Com essa exigência, os municípios teriam o prazo de 10 anos para promoverem em parceria com a União, as universidades e institutos de educação, políticas de investimento na formação de seus profissionais e, após este prazo, seriam admitidos apenas professores em nível médio na modalidade Normal ou Ensino Superior.

Conforme mencionamos anteriormente, a Educação Infantil passa a ser considerada a primeira etapa da educação básica com a LDB/1996 que também marca a inclusão dos profissionais da Educação Infantil na legislação com a exigência de formação mínima. Assim, foi possível identificar os investimentos realizados pelo município de São Paulo para o atendimento da Educação Infantil, como também para as modificações da carreira e condições de trabalho, sobretudo ao que tange as formações e programas de capacitação para as profissionais.

A formação de professores constitui uma questão contemporânea no âmbito das políticas públicas brasileiras de educação. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e, mais tarde, com os Referenciais para a Formação de Professores (BRASIL, 1999b), a preocupação com a formação de professores foi tão expressiva que acabou entrando na pauta mundial com diversas políticas públicas, ações e documentos internacionais, como do Banco Mundial, da

¹⁵ Lembrando que até 2009 o atendimento da Educação Infantil era destinado para zero até seis anos de idade. Após a implementação do Ensino Fundamental de Nove Anos, tem-se o atendimento de zero até cinco anos e 11 meses.

UNESCO e do Fórum Mundial de Educação, que enfatizam a prioridade na formação contínua.

O Plano Nacional da Educação (BRASIL, 2001), no que tange a formação dos professores, teve como meta três objetivos centrais: 1. a formação profissional inicial; 2. as condições de trabalho, salário e carreira e 3. a formação continuada: “(...) repensar a própria formação, em vista dos desafios presentes e das novas exigências no campo da educação, que exige profissionais cada vez mais qualificados e permanentemente atualizados, desde a Educação Infantil até a educação superior (...)” (BRASIL, 2001, p. 144). No caso da formação dos professores da Educação Infantil, previa-se que, em metade do período estabelecido para o plano (5 anos - até 2006), todos os profissionais que trabalhavam na Educação Infantil tivessem a habilitação específica no nível do Ensino Médio, e que até final do plano (décênio- 2010/2011) 70% desses profissionais tivessem a formação específica em nível superior. Esse plano de colaboração da União, estados e municípios incluía as universidades e institutos de educação.

Porém, o censo escolar de 2006 (BRASIL/MEC/INEP, 2006) apontou que muitos professores que atuavam na Educação Infantil possuíam apenas o Ensino Fundamental. Embora tivesse havido um crescimento de professores que concluíram o Ensino Fundamental, a meta inicial não foi atingida. O governo federal, então, criou o Programa de Formação Inicial para os Professores em Exercício na Educação Infantil (Proinfantil), um curso em nível médio para proporcionar aos profissionais a exigência da habilitação mínima. O programa Proinfantil, que foi criado para atender as demandas do ano de 2006, continua sendo oferecido até hoje, 2017. O Proinfantil é uma parceria do Ministério da Educação com os estados e municípios interessados em oferecer a formação específica em curso de nível médio, na modalidade Normal, realizado a distância para qualificar os profissionais que atuam na Educação Infantil¹⁶. Isto significa que não atingimos a meta da formação mínima exigida aos profissionais de educação e

¹⁶ Proinfantil é um curso a distância, em nível médio e na modalidade Normal, para formação de professores de Educação Infantil que atuam em creches e pré-escolas e que não possuem a formação exigida pela legislação, sendo realizado pelo MEC em parceria com os estados e os municípios interessados. Podem participar tanto professores da rede pública quanto aqueles que atuam na rede privada sem fins lucrativos (como instituições filantrópicas, comunitárias ou confessionais, conveniadas ou não). FONTE: Proinfantil. Acesso em maio de 2017:

<<http://proinfantil.mec.gov.br/apresentacao.htm>>.

que muitos municípios ainda continuam contratando profissionais com apenas o Ensino Fundamental.

Até 2001 o sistema público municipal das creches de São Paulo pertencia a Secretaria de Assistência Social – SAS. Após o decreto nº 40.268/01 (SÃO PAULO, 2001) as creches passaram a integrar a Secretaria Municipal de Educação – SME – sendo denominadas, então, Centros de Educação Infantil – CEIs¹⁷. Buscando, desse modo, regularizar a formação dos profissionais que atuavam na Educação Infantil, o município de São Paulo, a Secretaria Municipal de Educação com colaboração com a Fundação Vanzolini, ofereceu formação a aproximadamente 3.900 profissionais no Programa ADI Magistério, no período de 2002 a 2005. Assim, os profissionais que ingressaram como pajens, após a formação do programa de nível médio, passaram a ser denominados de auxiliares de desenvolvimento infantil.

A LDB (BRASIL, 1996, art.62), ao tratar acerca do atendimento e das melhorias de qualidade da educação, estabeleceu que os sistemas municipais de ensino deveriam se *responsabilizar* pela implementação e gestão da Educação Infantil e também a formação dos profissionais:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996).

Na LDB/1996, os profissionais da Educação Infantil passam a ser incluídos na legislação e aparecer a exigência de uma formação mínima para atuação. Com essa exigência, os municípios teriam o prazo de 10 anos para promoverem em parceria com a União, as universidades e institutos de educação, políticas de investimento na formação de seus profissionais e, após este prazo, seriam admitidos apenas professores em nível médio na modalidade Normal ou Ensino Superior.

Em 2003, a prefeitura de São Paulo decide, em decorrência da LDB, migra as ADIs que cursaram a modalidade exigida para PDI - Professor de Desenvolvimento Infantil, transformando os cargos. Nos concursos realizados nos anos seguintes, foi exigida a formação em ensino superior para os cargos de PDIs. Em 2005, o Ministério

¹⁷ Por Decreto Municipal nº 40.268/01, passou a pertencer à Secretaria de Educação do Município de São Paulo, recebendo a denominação de CEI a partir de 31/1/2001.

da Educação reforça a necessidade de investimento e melhoria da formação dos profissionais, prevendo como meta na Política Nacional de Educação Infantil: “[...] extinguir progressivamente os cargos de monitor, atendente, auxiliar, entre outros, mesmo que ocupados por profissionais concursados em outras secretarias ou na Secretaria de Educação e que exercem funções docentes” (BRASIL, 2005, p. 22). Daí a necessidade de investigações a respeito da formação e construção da carreira do professor de Educação Infantil.

Assim, o segundo PNE (BRASIL, 2014) prevê a garantia da formação dos profissionais de educação básica, em regime de colaboração entre a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior [desde a LDB/1996], obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam, ou seja, a formação voltada para a área de atuação.

Com base nos dados dessas pesquisas e levantamentos (GATTI e BARRETO, 2009), percebe-se que a importância da formação inicial nos cursos de Ensino Superior para fornecer aos professores subsídios para atuação docente. No caso da Educação Infantil, os profissionais tiveram formações em diferentes tempos e estruturas de cursos [Magistério, PEC, ADI Magistério, Normal Superior, Pedagogia] e o ingresso como a função do profissional de concepções diferentes [pajem- assistencialista, ADI- transição para a educação, PDI- integração de cuidar e educar de bebês e crianças pequenas]. Acerca disso, Kishimoto (2000) afirma que, para pensar o papel das profissionais, é necessário investigar as formações:

[...] Entretanto, para um país com muitas necessidades, a pluralidade de cursos, de cursos [...] para profissionalizar o educador é fundamental a oferta progressiva de escolarização que permita a ascensão nos níveis de escolaridade: Fundamental, Médio, Graduação e Pós-Graduação. Somente dessa forma se garantirá a identidade do profissional e a ausência de discriminação. (KISHIMOTO, 2000, p.55).

Para além da pluralidade de formação, Kishimoto (2000, p. 58) considera que os cursos existentes são “distantes das práticas, tradicionais de oferecer cursos teóricos, fragmentados, de curta duração, sem relação com as necessidades dos profissionais e da região, que não respeitam práticas sociais e culturais locais [...]”. Assim, ela propõe que as formações dos profissionais partam da “experiência cotidiana do profissional quando

serve de referência para analisar sua prática, permite o estabelecimento de uma nova relação entre a teoria e a prática [...]” (KISHIMOTO, 2000, p. 60).

O pesquisador Nóvoa (1999, p. 18) também reforça essa ideia de que os cursos de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução “[...] corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente [...]” e que posterior a formação inicial [qualificação] as formações advindas do local de trabalho dá suporte para que os professores possam utilizar os saberes em prol das necessidades e repensar a própria profissão: “formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na ‘produção’, e não no ‘consumo’, do saber” (NÓVOA, 2010, p. 187).

Desse modo, fica evidente o destaque que as profissionais dão às formações ao longo do desenvolvimento da carreira como um suporte ao trabalho, possibilitando, por meio das experiências, repensar acerca das práticas desenvolvidas no trabalho e ter novas aprendizagens. É evidente o processo de feminização do magistério no Brasil e as questões relativas ao gênero e seus profissionais e, quando se trata da Educação Infantil, torna-se mais expressivo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013) tem um tópico específico para tratar o profissional reforça os princípios da educação nacional de valorização do desse profissional na LDB/1996 a qual, “[...] estabelece um amálgama entre o educador e a educação e os adjetiva, depositando foco na educação”. Reafirma a ideia de que não há educação escolar sem escola e nem esta sem aquele. O significado de escola aqui traduz a noção de que valorizar o profissional da educação é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética, ambiental.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram revistas e estão atualizadas pela Resolução CNE/CEB nº 5/2009, e entende-se que a Educação Infantil e o papel do profissional deve ser:

[...] portanto, que, para as crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, mentais, linguísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, religiosas, entre outras, no espaço escolar, as relações sociais e intersubjetivas requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo e o momento de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares: este é o tempo em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação (BRASIL, 2013, grifo nosso).

Para o autor Arroyo (ARROYO *apud* BRASIL, 2013) o professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental é, ou deveria ser, um especialista em infância, “[...] isto é, condutores e educadores responsáveis, em sentido mais amplo, por esses sujeitos e pela qualidade de sua relação com o mundo”. Desse modo as formações desses profissionais necessitam ser repensadas e assumir um compromisso integrante do projeto social, político e ético, local e nacional, prevendo o papel do profissional.

Com intuito de mostrar o modo como se deu no município de São Paulo as políticas públicas de atendimento à Educação Infantil e de formação dos profissionais nela atuantes, bem como as transformações na carreira e condições de trabalho a seguir apresentaremos os perfis e trajetórias de vida, formação e profissão das profissionais investigadas.

2.1. A Educação Infantil e seus profissionais no município de São Paulo: os perfis e as trajetórias (vida, formação e profissão) e as representações de trabalho e carreira

Para a realização da pesquisa, foram selecionadas ao todo treze profissionais de Educação Infantil do município de São Paulo sendo: 1) quatro profissionais que ingressaram como pajens em 1980; 2) quatro profissionais que ingressaram como ADI em 1990 até 2001; 3) quatro profissionais que ingressaram com professoras nos concursos de 2005 a 2015; 4) uma profissional que percorreu toda a carreira (pajem, ADI, professora), foi coordenadora e hoje é diretora de uma CEI.

Como já mencionado anteriormente, com base no Projeto¹⁸ em História Oral, na primeira etapa, foram realizados os questionários¹⁹ e entrevistas livres²⁰ e num segundo encontro, entrevistas com suporte do roteiro²¹. Embora todas as profissionais tenham concedido e autorizado o uso de seus nomes para a publicação da pesquisa e em trabalhos decorrentes dela, optou-se por usar nomes fictícios para preservar as imagens dos trabalhos desenvolvidos e funcionários das unidades de Educação Infantil - CEIs,

¹⁸ Projeto em História Oral- MEIHY, 2005; MEIHY & HOLANDA, 2007; MEIHY & RIBEIRO, 2011.

¹⁹ APÊNDICE- questionário com informações pessoais, formação, econômicas, socioculturais.

²⁰ Com base nos eixos vida, formação e profissão cada entrevista poderia mencionar livremente os aspectos que achasse relevante em sua trajetória.

²¹ APÊNDICE- roteiro com os eixos (vida, formação e profissão).

pois, embora a maior parte das pesquisadas tenham se aposentado, algumas ainda trabalham.

A partir dos questionários, entrevistas, anotações da pesquisadora, foram elaborados os perfis²² e quadros de análises das profissionais, considerando as trajetórias em três eixos: vida, formação e profissão/carreira. Com intuito de compreender as representações da carreira e das condições de trabalho, os dados são apresentados de acordo com a ordem cronológica, isto é, as análises das profissionais estão de acordo com as mudanças ocorridas na carreira entre 1980 a 2015.

2.2. AS PROFISSIONAIS QUE INGRESSARAM COMO PAJENS

Nesse item será exposto o perfil das profissionais que ingressaram na carreira como pajens. Em 1981 foi criada a Programação Básica da Creche da Coordenadoria do Bem-Estar Social para atender crianças de 0 a 6 anos completos, em período integral, no município de São Paulo. Também foi aberto um processo de contratação de profissionais com a função de pajem, com os seguintes requisitos: idade mínima de 18 anos, primeiro grau incompleto [mínimo 4ª série] e experiência com crianças. Assim, as quatro profissionais que ingressaram como pajem deram início na sua carreira em 1981 e 1982.

Tabela 2: As profissionais que ingressaram como pajens

<i>Nome</i>	<i>idade</i>	<i>tempo de rede</i>
<i>Antônia</i>	<i>59</i>	<i>32</i>
<i>Marisa</i>	<i>54</i>	<i>27</i>
<i>Laura</i>	<i>64</i>	<i>30</i>
<i>Inês</i>	<i>60</i>	<i>30</i>

FONTE: elaborada pela autora

²² Elaboração de perfis- inspiração em BOAS, 2003.

2.2.1. *Antônia: O AMOR E A PROFISSÃO*

Chego à unidade para a reunião pedagógica da semana, pois o coordenador convidou para participar da reunião e poder apresentar mais acerca da minha pesquisa²³ com intuito das professoras me conhecerem pessoalmente e sentirem-se à vontade para a participação da pesquisa. Antônia, de 59 anos de idade, muito simpática, foi a primeira professora a vir conversar comigo e me dizer que está nas últimas semanas de trabalho, prestes a se aposentar e completa com a frase: “se na data que a gente marcar eu já tiver me aposentado, você pode marcar aqui ou vai na minha casa fazer entrevista? Eu faço um café e a gente conversa bastante, pois são 32 anos de prefeitura!”. Combinamos o dia da entrevista para ser no penúltimo dia de trabalho, antes da aposentadoria, e quando chego para realizar a entrevista, lá está Antônia me esperando na sala da coordenação com todos os seus materiais/apostilas do curso de formação de ADI magistério para me doar e diz: “eu trouxe para você porque vocês está pesquisando isso [...]e como agora vou me aposentar, não vou mais precisar”. Antônia veio de uma família grande do interior de São Paulo e quando pequena ainda, seus pais mudaram para São Paulo para conquistarem melhores condições de vida e de trabalho. O pai veio trabalhar numa usina e a mãe, que ela considera como uma guerreira (teve onze filhos naturais e adotou um filho que criou junto com os demais), dona de casa, foi uma das fundadoras e líder da comunidade que ela mora na zona Leste. Antônia é uma das irmãs mais novas de doze filhos e reclama que na adolescência começou a trabalhar e não tinha muitas opções para estudar. Assim, trabalhou em várias fábricas e estudava à noite. Ela conheceu seu marido que é seu primo “*na família*”, antes mesmo de finalizar o “colegial” com quem tem dois filhos. Depois que já havia ingressado como pajem é que ela retoma os estudos fazendo o supletivo na escola ao lado do CEI quando ouvia de algumas profissionais que era para não perder o pique e finalizar o segundo grau e fazer o curso do ADI magistério para a mudança de pajem para ADI. Sua fala demonstra que o intuito, ao ingressar na profissão, era um pouco diferente depois de sua formação, sobretudo nas questões relacionadas à integração do cuidar X educar. Depois do curso ADI Magistério ela realiza o curso normal superior para a mudança para PDI. Antônia, em muitos momentos de sua fala, assinala a importância do amor na profissão,

²³ Enviei a carta de apresentação e descrição dos objetivos da pesquisa à direção da unidade escolar no início da pesquisa. O coordenador pedagógico já havia avisado para a equipe escolar e teve a ideia de me chamar para ir pessoalmente explicar os objetivos da minha pesquisa na reunião pedagógica.

[...] e se você não amar....é amor, depois a prática”, “ser professora de EI é uma coisa maravilhosa. É você pode ensinar, amar, educar, passar valores que elas vão levar pro resto da vida delas” e “pra ser professor a pessoa tem ser paciente, tem que amar a profissão, tem que amar a criança, tem que respeitar o momento da criança.

Para ela, a partir, deste amor à profissão é que vem a valorização da carreira. Assim, Antônia identifica as modificações acerca de sua formação e condições de trabalho, mas ainda tem a representação de que, para exercer a profissão na Educação Infantil, é preciso ter características como amor e paciência são prioridades.

2.2.2. *Marisa: “PRA TRABALHAR NA EI NÃO PRECISA TER CURSO SUPERIOR”*

O meu primeiro contato com a Marisa foi na reunião organizada pelo coordenador na CEI. Logo depois que apresentei os propósitos da pesquisa, conversamos e expliquei como seriam as etapas para a realização do questionário e das entrevistas. Marisa fez questão de anotar no verso do papel²⁴ os dados novamente (e-mail e telefones) e nome dos eixos (trajetórias: vida, formação e profissão/carreira). Combinamos que eu iria telefonar para confirmar a data do primeiro encontro. O primeiro encontro, combinamos no período da tarde, pois ela trabalhava no período anterior. Neste dia, eu realizei primeiro, após o horário da saída, o questionário e entrevista com a Antônia. Assim que finalizei deixei avisado na secretaria que já estava disponível para Marisa, quando me informaram que ela havia solicitado abono de falta e que tinham ligado para avisar que viria no horário combinado. Dado o horário que combinamos, Marisa entra na sala, de cabelos escovados, maquiada, vestida com roupa social, deixando evidente como se sentiu importante na contribuição para a pesquisa. Ela trouxe, também anotado no mesmo papel (tinha os dados), as datas de quando ingressou e finalizou os estudos ao longo de sua trajetória. Iniciamos pelo questionário e Marisa fez questão de ela mesma preencher o seu²⁵, e inclusive solicitou para preencher duas vezes porque o primeiro estava com a “letra feia”. Marisa, 55 anos, nascida em São Paulo, narra com tristeza o percurso difícil de sua infância e adolescência:

²⁴ Carta de apresentação - com dados da pesquisa e contatos da pesquisadora foram entregues para cada participante.

²⁵ Foi à única profissional que fez questão de preencher o seu questionário, pois os outros questionários foram respondidos oralmente pelas profissionais e a pesquisadora fazendo o registro escrito. Após fez-se a leitura das respostas e ciência dos questionários.

É, tão triste a minha infância. Não tive infância [...] desde cedo a gente trabalhava, a gente engraxava sapato na padaria. Eu ia com meus irmãos para ganhar um dinheirinho, para ajudar a comprar o pão, o leite. Refrigerante...nem sonhava. A ‘tubaína’²⁶ era só dia de domingo.

Marisa relata que participava do grupo da ‘caixa escolar’²⁷ e que recebia o material e kit na escola

[...] ganhava o material lá da escola, um material bem fraquinho. Era para quem não tinha condições de comprar...os pais que não tinham condições, as famílias bem pobrezinhas que não tinham condições de comprar” e menciona também que uma professora que vivia dizendo para ela “Sua burra! Você não sabe escrever, olha que letra feia de garrancho!

E chamou sua mãe para dizer que precisaria comprar urgente um caderno de caligrafia, “Neste dia minha mãe saiu de lá chorando porque não tinha condições de comprar um caderno” e completa que a professora levou no outro dia o caderno de caligrafia: “porque a minha letra era uma garrancho mesmo. Aí ela foi me ensinar a fazer a caligrafia, ela pegava na minha mão ó, apertava a minha mão...até que aprendi. Eu sofri na época, mas agradeço porque minha letra é bonita e recebo bastante elogios”. Marisa trabalhou como cuidadora de crianças na pré-adolescência e aos 14 anos já trabalhava de carteira assinada numa fábrica de açúcar. Teve dificuldades na escola e chegou a repetir algumas séries. Aos 20 anos ela começou a namorar e ficou grávida e teve que interromper o técnico de enfermagem que cursava na época. O pai as criança não quis assumir e ela teve que sair de casa dos pais por ser ‘uma mãe solteira’: “o pai não quis assumir meu filho, ele não assumiu e eu também não quis ficar atrás procurando. Eu me revoltei, eu me tranquei pro mundo” e, embora revele as dificuldades que enfrentou para criar seu filho, reforça no tom de voz forte:

eu não quis entrar na justiça, eu não quis pensão porque eu me revoltei com ele. Eu namorei com ele 3 anos e pouco, sabe? Hoje a mulherada põe na justiça, tem 4 ou 5 filhos.... eu não nasci pra isso. Nasci pra trabalhar, pra batalhar. Ficar dependendo de homem, de pensão alimentícia, eu heim?! Não é a minha cara!!

Marisa estava trabalhando na fábrica quando se inscreveu no concurso para pajem. Ela ingressa como pajem e termina o técnico de enfermagem, passando a trabalhar de dia na prefeitura e à noite no hospital. Só depois quase 20 anos é que ela vai

²⁶ Tubaína- é um tipo de refrigerante regional do interior de São Paulo, feito tradicionalmente à base de guaraná.

²⁷ Caixa escolar- Programa para captação, organização e gestão do financiamento da educação para as populações menos favorecidas.

fazer o curso de curso de ADI Magistério e a faculdade de Pedagogia. Marisa descreve com detalhes as mudanças ocorridas na profissão, sobretudo como eram organizadas as atividades, e ressalva que para a mudança de cargo bastava ter apenas o curso ADI Magistério que foi oferecido pela prefeitura, porém ela e as colegas como não sabiam acabaram fazendo a graduação também. Para ela, ser professora não necessita ter uma formação, mas ter paciência e gostar de criança:

para trabalhar na EI não precisa nem ter curso superior... você tem é que ter sabedoria de como cuidar da criança. A gente cuida da criança, mas também ensina...você educa a criança...então para trabalhar na EI não precisa ter curso superior. Você tem que ter amor pela criança”. E completa: “Porque quando a gente entrou na prefeitura eles não pediram o curso superior...pediram assim para ser mãe ou saber cuidar de uma criança. Eles pediram isto pra quê? Para pessoa evoluir funcionalmente, para ter uma evolução funcional: o salário aumentar. Pra trabalhar não precisa ter curso superior porque eles vêm aqui mais para se socializar e não para fazer aquelas atividades difíceis. Tem que ter amor pela criança. Eu acho.

Embora Marisa tenha realizado os percursos de exigência de formação e mudanças em sua carreira até se tornar professora de Educação Infantil, para ela, não há necessidade de ter a formação acadêmica em curso superior, pois compreende a representação da função ligadas ao amor.

2.2.3. Laura: Ascensão social- “HOJE QUEM ENTROU ESTÁ NO PARAÍSO [...] NA MINHA TRAJETÓRIA EU FUI RECONHECIDA PELA PREFEITURA, PELO SALÁRIO, PELOS PAIS [...] ENTÃO É GRATIFICANTE PARA VOCÊ QUE O SEU TRABALHO ESTÁ TENDO SUCESSO”

Laura é profissional de uma CEI localizada ao extremo da zona Norte de São Paulo. Eu cheguei até esta unidade por meio de uma profissional que sabendo que eu estava procurando pessoas para participarem da pesquisa me passou o contato da coordenadora pedagógica. Eu liguei e conversei com a coordenadora e combinei de ir até a escola para poder me apresentar pessoalmente. Chegando à unidade, um ex-aluno é funcionário da secretaria, o que facilitou um pouco para marcar os horários mais adequados para apresentar-me pessoalmente e explicar os objetivos da pesquisa. Laura conversou comigo no primeiro dia que fui à escola, concedeu sua participação e se propôs a deixar o questionário preenchido. Passado isto, marcamos o horário para antes

do seu ingresso ao trabalho (vespertino). Laura tem 64 anos, nasceu em Itaberuna/RJ e veio pequena para São Paulo com seus pais. Primeiro veio seu pai arrumar emprego e depois trouxe a família (mãe, ela e o irmão). Sua mãe faleceu quando ela era adolescente e seu pai casou novamente, tendo mais 3 filhos. Laura narra que não teve muita infância por ter que ajudar a cuidar dos irmãos e relata as dificuldades enfrentadas na escola devido às condições financeiras,

[...] era uma situação difícil, eu levava pão com banana e as outras meninas levavam pão com manteiga” e “os nossos lápis eram pequeninhos e tinha os grandes, de 12 cores! Mas meu pai só comprava o de 6 e pequenininho!.

Ela começou a trabalhar com carteira assinada como auxiliar de contabilidade aos 16 anos. Trabalhou também num supermercado, depósito de construção e uma companhia telefônica em Santo André onde conheceu seu primeiro marido e teve dois filhos. Depois ela conta que se inscreveu no concurso da prefeitura:

A inscrição foi uma benção! Eu agradeço até hoje a minha prima. Eu estava dormindo, foi um dia como hoje, chuvoso, e ela bateu na janela e disse: ‘ah, tá tendo inscrição pra creche’ porque logo depois ela se separa, “Então Deus me abençoou que nesse período e eu entrei na prefeitura. Em 1983 eu entrei na prefeitura em 1985 separamos.

Laura relata que foi um momento difícil e que seu pai que deu auxílio financeiro para poder deixá-los na creche enquanto trabalhava. Laura tinha o 1º ano do EM quando ingressou na prefeitura: “quando entrei, era pajem, eu fiz um treinamento antes. Mas naquele tempo era assistencialismo, era mais assim do cuidar. Era o cuidar e as atividades mimeografadas” e complementa, “Porque era tanta criança, meu Deus do céu! A gente brincava, tirava piolho. Eram umas crianças bem precárias....você mais cuidava, dava banho....vinha uma professora e dava umas folhas mimeografadas para a gente dar desenho, pontilhados e pronto!”. Para Laura, umas das maiores mudanças da creche e da carreira foi acerca da concepção de assistencialismo e cuidado, “[...] no fim você ia lá e tirava todas aquelas fezes, sabe? Um terror! A gente que trocava as fraldas, que tirava todo o excesso de cocô... e tudo ia para lavanderia. Hoje quem entrou agora está no paraíso, e quem passou aquele tempo que....”.

Laura em 2003 ingressou no curso do ADI Magistério oferecido pela prefeitura e depois para a mudança para ADI. Em 2007 iniciou o curso de Pedagogia. Depois Laura conhece seu atual marido, que era motorista de perua escolar da CEI que ela trabalhava.

Nesta relação atual teve mais um filho. Para Laura as mudanças advindas das formações e das condições de trabalho foram muito relevantes:

o ponto mais positivo foi a EI ter migrado para educação [...] sobretudo para as crianças. Uma mudança boa foi o trabalho pedagógico que não existia. Hoje existe e as crianças têm uma total autonomia” e acrescenta que sente feliz com seu reconhecimento, “um professor tem que gostar de criança principalmente. Gostar de criança, do que vai fazer e não só pelo salário. Acho que na minha trajetória eu fui reconhecida financeiramente. Pela prefeitura, pelo salário, eu fui. Na reunião mesmo os pais vinham comentar.... então é gratificante para você que o seu trabalho está tendo sucesso.

Laura considera importante a mudança ocorrida na Educação Infantil quanto ao atendimento e trabalho desenvolvido para crianças. Assim, para ela a representação acerca de sua trajetória de carreira e condições de trabalho é ligada ao reconhecimento que se faz de seu trabalho.

2.2.4. Inês- “ERA SÓ O CUIDAR, E COMO EU SABIA CUIDAR DE CRIANÇA [...] TEVE BASTANTE EVOLUÇÃO PRA GENTE QUE ENTROU COMO PAJEM [...] UM CRESCIMENTO E UM AVANÇO, MUITO BOM!”

Inês tem 60 anos de idade e ingressou na prefeitura como pajem. Devido à sua idade, ela está há oito meses como “professora readaptada²⁸”. Inês ficará como professora readaptada até se aposentar. Assim, como não pode assumir uma sala, ela dá suporte aos professores colegas nas atividades da biblioteca e projetos específicos da sala (como por exemplo: contação de histórias, brincadeiras no parque). Inês nasceu Nagé – BA, e tem oito irmãos e veio para São Paulo ainda pequena com sua mãe porque seu pai começou enfrentar problemas com a bebida. Ela relata: “[...] pode contar... minha mãe veio de lá para cá porque teve confusão com meu pai” e “ele nunca ouviu minha voz, eu tinha medo dele [...] às vezes ele ia na casa da minha madrinha levar as coisas que ele achava que eu gostava, [...] quando eu vi que era ele, corria e escondia debaixo da cama”. Ela explica o porquê sua mãe veio para a capital: “minha mãe era muito nova e meu pai era pescador, mas aí com a bebida eu batia muito nela. Ela cheia de filhos começou questionar a sua vida... não foi o casamento que ela quis. Ela encontrou um rapaz de 18 anos que se apaixonou e diz: ‘você quer sair dessa vida? Eu

²⁸ Professor readaptado- É uma restrição da atribuição de atividades compatíveis com a capacidade física ou psíquica do funcionário, que é autorizada pelo Departamento de Saúde do Servidor da SME- SP.

tenho parente em São Paulo e vou te levar para lá'. Ele trouxe minha mãe com minha irmã mais nova (nove meses) [...] e ela deixou ou outros filhos, cada um na casa de um parente, eu fiquei com uma madrinha". Inês conta que como era uma das irmãs mais velhas sempre ajudou na criação dos irmãos, sobretudo neste tempo que a mãe veio para São Paulo. Depois, sua mãe, a trouxe e ela já veio com uma vaga para um grupo escolar na região da zona Norte, "lá no 1º ano já velhinha, vamos dizer assim, eu não conseguia acompanhar porque eu tinha preocupação na cabeça com os meus irmãos e não prestava atenção, eu estava sempre no mundo da lua porque a professora toda hora me chamava". Inês relata as dificuldades que enfrentou neste percurso da trajetória escolar que marcou sua vida, pois quando ficou adolescente interrompeu seus estudos, tendo que trabalhar. Começou a namorar e em período posterior casou, "depois eu só consegui fazer até o 3º ano primário, precisava ter no mínimo até o quarto ano primário para pajens" e continua, "[...] na época tinha um político e ele falava assim 'você trabalha para a gente, oh abriu uma creche aqui...a gente precisa de muitas pajens'".

Inês ingressa na prefeitura como pajem e "foi nessa época que eu entrei. Só o cuidar, não era educar [...] era só o cuidar, eu e como eu sabia cuidar de criança [...] eu entrei direto aqui, bem aí nesse 'corredorzão' eu fiquei uns 5 anos ainda sem estudar". Com a necessidade de formação para mudança de cargo é que Inês dá continuidade aos estudos. Cursa o Mobral e termina o EF e na sequência ingressa no ADI magistério oferecido pela prefeitura. Na época era Mobral, aí eu fui para o Mobral, fiz até a 8º série, parei na 8º série e depois é que nós tivemos o curso, o ADI magistério: "[...] aí fizemos até a 8º série, era só isso que estava exigindo. Depois veio o ADI Magistério, eu fiz lá em Santana, em 2004, e transformei o cargo em 2007". Mais adiante, faz o curso Normal Superior e muda para professora de EI: "Trinta anos! Nesse ano eu me aposento!", acredita que as mudanças das exigências da formação modificou seu olhar como profissional, "hoje eu tenho um olhar diferenciado, hoje eu entendo as coisas que lá atrás eu não entendia... positivo é que teve bastante evolução, tanto para a gente que entrou como pajem, um crescimento e um avanço muito bom".

Inês revela que não teve dificuldades no ingresso da carreira porque já tinha cuidado de crianças pequenas: "Não, não tive dificuldade porque eu já sabia lidar com a situação desde pequena" e também descreve como eram as atividades:

[...] a gente trabalhava com atividade dirigida para uma criança, com pouca orientação, mas nós fazíamos, só que a gente não registrava

nada, com o ADI Magistério que você vai conseguindo mais experiência [...]
[...] em outras palavras, na época era o bem estar social, então a gente conseguiu levar, não foi muito fácil não, a dificuldade que eu tive é muito pouco, foi na hora de botar a prática no papel, mas da vivência não tive problema nenhum.

Inês afirma que considera importante as contribuições da formação realizada na unidade infantil com a mudança para PDI, mas afirma que não realizou nenhum curso oferecido pela prefeitura porque embora tenha evoluído na carreira, não é funcionária efetiva: “[...] porque para mim, eu poderia até ir, mas para mim não é contado como ponto porque eu sou admitida, então para mim não tem muita evolução, não sou efetiva, então todos os direitos eu tenho, mas eu não tenho o local de trabalho”.

Para ela, o trabalho na EI precisa de amor e ressalva o quanto a EI é acolhedora e um ambiente agradável de trabalho:

Eu falaria assim, que tem que amar o que você está querendo fazer na sua vida, amar a Educação Infantil porque o olhar é muito gratificante de você ver o retorno de tudo isso, é muito bom. O trabalho do CEI é muito bom, foi muito bom eu ter voltado para cá porque eu tinha saído e voltei, e fui recebida de braços abertos por todos. Se eu tivesse que passar por outras situações dessas eu passaria de novo porque eu me identifico muito nesse local, as pessoas, ambiente, equipe, quem nunca trabalhou aqui e quem vem trabalhar aqui é outra coisa, todos são receptivos, recebem bem.

Assim, para Inês a representação da carreira e do trabalho na EI é ter amor, é desenvolver um trabalho num ambiente acolhedor e receptivo. Também considera importante as modificações ocorridas no atendimento da Educação Infantil.

As trajetórias das profissionais que ingressaram como pajens têm características semelhantes quanto à forma de ingresso como a escolarização exigida e trabalhos desenvolvidos como cuidar de crianças [babá, cuidar de irmãos ou filhos] anteriores ao trabalho na creche. As histórias de vida revelam as estratégias dos pais e da família para que pudessem obter melhores condições de vida optando por morar e trabalhar na grande São Paulo assim como esforços para continuidade dos estudos e uma formação com vistas a melhores condições de emprego. Para as profissionais, a entrada e o percurso de carreira representam ascensão social e evidenciam a importância das formações que tiveram ao longo da trajetória de trabalho. Embora as profissionais acreditem nas mudanças ocorridas nas condições de trabalho e concepções acerca do atendimento e função da Educação Infantil [papel das formações], exercer a profissão

representa ainda uma função com ênfase nas características relacionadas a uma boa cuidadora, paciente e, sobretudo, amorosa.

2.3. AS PROFISSIONAIS QUE INGRESSARAM COMO *adiS*

Aqui neste item o serão apresentados os perfis das profissionais que ingressaram na carreira como ADIs. Em 1988, a lei nº 10.430 previa, a partir de 01 de março de 1988, a alteração do cargo pagem para ADI e, posteriormente, em 1994, passou a exigir a formação de 2º grau completo para as profissionais que ingressassem na Educação Infantil no município de São Paulo. As quatro profissionais que ingressaram como ADIs entraram na carreira entre 1992 e 1998 e com formações distintas.

Tabela 3: As profissionais que ingressaram como ADIs

<i>Nome</i>	<i>idade</i>	<i>tempo de rede</i>
<i>Maria</i>	<i>50</i>	<i>25</i>
<i>Socorro</i>	<i>43</i>	<i>17</i>
<i>Damaris</i>	<i>39</i>	<i>17</i>
<i>Larissa</i>	<i>39</i>	<i>20</i>

FONTE: elaborada pela autora

2.3.1. *Maria: “NÃO ME VEJO EM FIM DE CARREIRA”*

Maria foi a primeira entrevistada de sua unidade escolar²⁹. O contato com a Maria foi realizado no primeiro momento por intermédio da coordenadora pedagógica que agendou o primeiro encontro num horário após o trabalho na unidade. Cheguei para a realização do questionário e primeira entrevista um pouco antes do combinado, e Maria foi me encontrar na secretaria para avisar que nossa entrevista poderia ser realizada na sala da coordenação. No segundo dia, da entrevista, Maria ao saber que eu já estava na unidade solicitou uma colega que fosse me convidar para conhecer as crianças e a sala que trabalhava. Neste dia, mais solta, Maria apresentou-me as crianças e as atividades que vêm realizando. Maria tem 50 anos, nascida no bairro da Mooca em São Paulo, conta que seu pai comprou uma casa num bairro da Zona Leste, onde reside até hoje. Maria narra as brincadeiras que teve na infância com bastante detalhes e olhar

²⁹ Outra unidade infantil- localizada na zona Leste. A coordenadora pedagógica que havia apresentado os objetivos da pesquisa e como seria a participação. Desde o primeiro contato que foi realizado pela coordenadora da unidade, Maria se prontificou a participar da pesquisa.

de alegria e das amizades que foram feitas naquele época e que mantêm o convívio. Maria também relata todo o seu percurso de formação, sobretudo do magistério com bastante riqueza e está também no período de aposentar, até brincou dizendo “[...] tanto que cheguei nesse final de carreira e já não peço...vou sair daqui por compulsória”. E complementa, “porque eu não tenho vontade de pedir ainda, não sei, eu acho que eu não estou preparada ainda para me desligar, porque eu acho as atividades gostosas. Tanto que você faz a sua carreira e se você gosta, você não sente o passar dos anos. Eu não senti que passaram esses anos”. Maria conta o percurso de sua formação com muito orgulho, relata também alguns desafios que enfrentou por ter que conciliar com os trabalhos e por ser mãe. Maria tem cinco filhos. Quando ela estava grávida, sua cunhada que estava grávida também [irmã do marido] faleceu no parto deixando quatro filhos, então ela e o marido assumiram todos. Maria relata que conheceu seu marido quando estava cursando o magistério, ficando 33 anos casados. Apesar de acabar de se separar, Maria avalia seu casamento como um marco positivo: “porque eu quis me realizar, eu queria casar. Eu achava lindo o pessoal chegar na igreja, aquelas coisas, aquele sonho que toda mulher tem”. Ela conta com alegria e firmeza na voz que foi a decisão mais acertada, a separação, pois seu marido começou a beber. Maria também relata que mantém a amizade e o convívio com o ex-marido e que não quer ter mais um relacionamento sério, quer continuar com sua liberdade de realizar suas atividades e viagens: “agora com a aposentadoria eu vou rodar o mundo mesmo”. Maria depois que terminou o magistério começou a cursar a graduação em Educação Física, mas não se identificou com o curso e quando estava no meio do curso mudou para o curso de Pedagogia. Maria descreve com bastante entusiasmo a sua trajetória como profissional na Educação Infantil [25 anos de rede] “Na EI, desde que eu cheguei eu fui atrás, eu busquei, eu me envolvi [...] Eu não sei o que fazer, porque eu não sei fazer nada a ser EI”, “O pessoal fala assim: ah, vai se aposentar, por que você não vai fazer o curso, vai dar aula? Não! Eu não conseguiria” e reforça novamente ao fim da última entrevista que “[...] e não me vejo ainda em fim de carreira”.

Maria tem a representação acerca das mudanças ocorridas para Educação Infantil quanto ao atendimento, concepção e ao papel do profissional. Assim, para ela, é gratificante perceber sua trajetória de carreira e ainda não se vê preparada para se aposentar na profissão.

2.3.2. Larissa: “NÃO FOI FÁCIL ESSES VINTE ANOS”

Larissa eu conheci pessoalmente no dia em que fui realizar as primeiras entrevistas com as profissionais que ingressaram como pajens. No primeiro contato me pareceu uma pessoa bastante introvertida, mas apesar disto me passou os seus contatos e aceitou a participar da pesquisa. Nossa primeira entrevista foi realizada num dia de parada pedagógica da unidade, após sua jornada de trabalho. Larissa, apesar de sua timidez, com tom de voz bem tranquilo realizou o questionário e as entrevistas com bastante empenho, dando os relatos de sua trajetória de vida, formação e profissão. Larissa tem 39 anos e ingressou na prefeitura como ADI, completando 20 anos de rede durante a primeira entrevista. Larissa nasceu num sítio no interior de São Paulo e veio ainda bebê para São Paulo com seus pais e irmãos. A mudança para a capital se deu porque seu pai veio trabalhar numa fábrica de carros localizada no ABC e o bairro onde reside até hoje na Zona Leste é de fácil acesso. Larissa descreve a sua infância e adolescência de uma forma tranquila e de fácil convívio com a família, vizinhos e comunidade. Larissa conta que teve oportunidade de estudar na Educação Infantil numa EMEI da prefeitura e relata que apesar de não ter muitas opções de escolhas “na escola quando eu entrei a gente podia escolher magistério, secretariado ou contabilidade. O primeiro ano era básico, e entrei no secretariado, mas depois mudei para o magistério”, acredita que sua decisão de escolha pelo magistério por ter tido muitos professores bons. Em sua narrativa de formação, Larissa relembra com facilidade os nomes de seus professores desde a Educação Infantil até magistério, descrevendo suas características e atividades que desenvolviam. Larissa após finalizar o magistério trabalhou em escolas particulares e em duas CEIs conveniadas, até se inscrever no concurso para ADI em 1996. Ela ingressou em 1998 na unidade que trabalha até hoje. Depois que sua filha já estava com 4 anos de idade, ela cursou a Pedagogia oferecida pelo programa PEC, que descrever que apesar de bem “puxado” deu subsídios para transformarem as práticas. Larissa descreve sua trajetória de formação e carreira como positiva e de bastante conquista, porém, fez questão de comentar os desafios que se faz presente na profissão: “Não foi fácil esses 20 anos. Então... difícil não é trabalhar com criança, difícil é trabalhar com os pais, mais difícil é às vezes trabalhar com colegas que pensam

diferente da gente. O ser humano é complicado! A partir do momento que você se coloca no lugar do outro tudo fica mais fácil e muitas vezes em qualquer profissão a gente não vê isso né!?” e

“[...] Então você tem que amar o que você faz primeiramente, quando você gosta, você ensina, então eu acho que é isso. Eu acho que tranquilidade, porque meu Deus, não é fácil! Ontem eu fiz exame de labirintite, são tantos anos com tanto barulho que se encadeou por causa de um grito de uma criança... eu fiquei ruim, ruim, ruim [...] a prefeitura também faz um massacre com a gente. Tem que trabalhar morrendo, doente....não importa”.

Para Larissa, as mudanças ocorridas no atendimento e práticas da Educação Infantil foram importantes, assim como a trajetória de formação e percurso de carreira. Larissa pondera também modificações das condições de trabalho e, para ela, há um mal estar pois tem fatores que precisam ser melhorados. Larissa avalia que as condições de trabalho têm sido bastante difíceis de administrar, sobretudo, ao que tange as condições de saúde das profissionais e professoras.

2.3.3. Damaris- “É DO MEU TRABALHO QUE ELA FALOU [...] ENTÃO PRA MIM FOI MUITO [...] TEM APRENDIZADOS QUE A GENTE LEVA NÃO SÓ PARA O TRABALHO, MAS PARA A VIDA DA GENTE TAMBÉM”

Damaris trabalha numa CEI da Zona Leste, cujo coordenador me levou para a apresentação na formação da unidade. Eu realizei o contato no dia que fui, mas o questionário e as entrevistas foram realizados depois que havia finalizado com todas as pagens. Os encontros aconteceram na unidade escolar, no período após a jornada de trabalho. Damaris, uma das profissionais que ingressaram como ADIs, aparenta uma idade mais jovem. Ela tem 39 anos, nasceu na cidade de Pirapora/MG e conta sua trajetória de pessoal e escolar com detalhes das atividades desenvolvidas. Damaris destaca que por ser uma cidade de interior e os subsídios econômicos são da agricultura e agropecuária, a maioria das pessoas cursam no máximo até o EM. Ressalta também em vários momentos que ter estudado magistério não foi sua escolha:

Eu nem decidi fazer o magistério. Lá era assim, eu fiz [...] se eu não me engano foi uma das últimas turmas de magistério da minha escola onde eu me formei. Porque eles diziam muito: ah, você faz o primeiro ano básico do Ensino Médio, depois você já consegue fazer de entrar no segundo ano de qualquer outro curso e continua “Se eu quisesse estudar sem ser o magistério seria escola particular, que era do outro

lado do rio. Mas não que eu optei, "tem vários cursos, mas eu escolho fazer esse", não [...] Só tinha o magistério".

Damaris chegou a trabalhar em algumas escolas particulares, mas logo veio para São Paulo quando começou a namorar seu marido. Eles eram vizinhos e ele veio trabalhar na capital. Logo que chegou ela conseguiu a vaga como ADI contratada,

quando eu entrei o ADI cuidava até certo período e o professor vinha, o ADI vai só fazer o cuidar enquanto o professor vai vir e ficar as quatro horas e educar a criança. Era mais ou menos isso. Aí foram assumindo, eu prestei o concurso também. Porque eles abriram o concurso pra poder cumprir, preencher as vagas dos professores, das pessoas que eram contratadas. E aí abriu pra todo mundo, eu prestei o concurso e quando eu fui fazer atribuição, lá não tinha a vaga definitiva, só tinham vagas precárias.

Damaris conseguiu depois de duas vagas precárias assumir na CEI onde está hoje. Depois de assumir o cargo efetivo como ADI, Damaris ingressou na primeira turma de Pedagogia do PEC³⁰. Damaris considera que a formação do PEC e da formação da unidade foram fundamentais para o seu desenvolvimento profissional,

porque às vezes a gente questiona mais através da leitura. Eu vou falar pra você por mim mesma. Até na hora de registrar, na hora de ofertar uma atividade para as crianças a leitura ela faz toda a diferença, porque você faz a leitura dessas diretrizes, aquela coisa toda, então você sabe como direcionar aquela atividade", "como professora de EI eu tenho esse entendimento que assim [...] eu posso fazer a diferença na experiência que essa criança vai ter na unidade.

Para ela, as mudanças ocorridas favorecem as crianças que são atendidas e o seu reconhecimento enquanto profissional,

o reconhecimento de que eu estou cuidando de um bebê ali, mas eu não estou só cuidando dele, também estou educando ele" e conta que na última reunião dos pais, "eu senti meu ego massageado quando a mãe disse diante de todos os outros pais... é do meu trabalho que ela falou. E outra coisa é que todas as opiniões são válidas, tanto algo que eu tenho que refletir mais, ou corrigir alguma postura minha.

Para Damaris, as mudanças de carreira e condições de trabalho representam uma ascensão social, sobretudo ao reconhecimento quanto ao seu percurso de formação e trabalho profissional.

³⁰ PEC- Programa da SME de SP em parceria com algumas universidades para oferecimento do curso de licenciatura em Pedagogia- Programa de Educação Continuada.

2.3.4. Socorro: “a EMEI E A CRECHE SÃO OS PRIMOS POBRES DA EDUCAÇÃO- VOCÊ É UM POQUINHO EXCLUÍDO PERANTE OS OUTROS PROFISSIONAIS”

Socorro é daquelas pessoas que podemos afirmar que são bem objetivas. Conheci a Socorro pessoalmente quando fui entrevistar as profissionais que ingressaram como pajens e que também realizaram o questionário e a primeira entrevista no dia da parada pedagógica, antes do horário de entrada do trabalho. Neste primeiro dia, Socorro chegou com o papelzinho na mão com alguns escritos e completou: “eu anotei aqui mais ou menos algumas coisas para eu não esquecer de te contar”. Socorro tem 43 anos, ingressou na prefeitura como ADI e está há 17 anos na rede. Socorro nasceu no Paraná e relata que, devido às dificuldades que sua família enfrentou, teve que morar um tempo com sua tia e avós em São Paulo. Socorro durante este período trabalhava na loja de sua tia e cursou até a 8ª série. Na adolescência antes de retornar para o Paraná ela ingressou no Ensino Médio profissionalizante em contabilidade, para poder ajudar na loja dos tios: “como eu morava com os meus tios, então eu dependia deles” Na época tinha secretariado, contabilidade, magistério e o normal, mas “[...] o magistério era o dia todo, então não dava. A minha tia falou que eu tinha optar pela noite. Eu entrei em contabilidade porque eu gostava de cálculo também”.

Ela finalizou o Ensino Médio em contabilidade, onde conheceu seu marido, casou e retornou para São Paulo. Quando ela fica grávida, ela para de trabalhar para cuidar do filho e solicita a vizinha que trabalhava CEI para avisá-la quando tiver concurso. Teve o concurso para ADI e exigia apenas o Ensino Médio e ela presta quando estava grávida de seu segundo filho. Após seu ingresso, Socorro fez o curso do ADI magistério oferecido pela prefeitura e a graduação em Pedagogia numa faculdade particular. “Desde que entrei na prefeitura sempre me falaram e eu falo: as crianças não dão trabalho nenhum, que dá, são os adultos” e “Eu gosto de ser professora, eu sempre soube que eu ia gostar, por circunstância de ter que trabalhar, tive que ir para contabilidade, mas [...] eu dava catequese, então já era uma coisa que eu gosto mesmo, me realizo”.

Socorro destacou a importância que essa formação teve na sua trajetória e em conjunto com as mudanças ocorridas na carreira. Também a esta formação o fato de seus filhos que hoje estudam na FATEC (faculdade pública). Embora Socorro considere positiva as mudanças ocorridas na carreira e condições de trabalho das profissionais que

ingressaram como ADIs, percebe que a valorização que se dá ao profissional que trabalha na Educação Infantil é diferente: “A EMEI e a creche são os primos pobres da educação [...] quando eu entrei a gente fazia tudo, até varrer a sala, tudo, então [...] eu vejo que mudou um pouco a valorização, e nosso salário mudou um pouco” e

Quando você vai no curso você é a professora de EI e eles os professores de fundamental. Você é um pouquinho excluído perante os profissionais....quando você vai lá fazer o curso, antigamente eu perguntavam a nomenclatura de ADI, mas se eu apresentar o meu holerite, está escrito agora professora.

Para Socorro as modificações na carreira e nas condições de trabalho foram importantes conquistas, sobretudo, quanto ao reconhecimento de se tornar professora. Mas, considera que mesmo após a mudança na carreira de ADI para professora, percebe um tratamento diferenciado ao profissional que trabalha na Educação Infantil.

As trajetórias das profissionais que ingressaram como ADIs também revelam os dispositivos de origem social na busca de melhores condições de vida e formação, sendo o ingresso e trajetória na carreira uma ascensão social. Para essas profissionais, as formações obtidas ao longo da trajetória foram significativas para a mudança de concepções e visão acerca da Educação Infantil, mas também para auxiliar modificações no “olhar para criança” e das práticas educativas. As profissionais, embora atribuam a formação obtida no curso superior como importante para o desenvolvimento do trabalho, e consideram a formação que tiveram nos cursos de Magistério mais significativa, pois foram levadas em conta as experiências e práticas que elas realizavam. A representação que as profissionais que ingressaram como ADIs têm da carreira é de ascensão social, de valorização da formação de qualificação que deram respaldo para as mudanças ocorridas no desenvolvimento do trabalho e práticas educativas.

2.4. *AS PROFISSIONAIS QUE INGRESSAM COMO PROFESSORAS*

Nessa seção, serão apresentados os perfis das profissionais que ingressaram na carreira como professoras de Educação Infantil. Em 2001, o decreto municipal de São Paulo nº 40.268/01 estabeleceu que, a partir de 31 de janeiro de 2001, todas as instituições de Educação Infantil passam a pertencer à Secretaria de Educação, recebendo a nomenclatura de Centro de Educação Infantil (CEI). A partir de 2003, as profissionais que ingressaram como ADIs e cursaram a modalidade do 2º grau completo

em Magistério tiveram a transformação do cargo para Professor de Desenvolvimento Infantil (PDI).

Além disso, a partir de 2004, os concursos para ingresso na Educação Infantil passaram a exigir a formação de curso superior em Pedagogia e a função do cargo como PDI. As quatro profissionais que ingressaram como PDIs ingressaram nos concursos de 2004 a 2011.

Tabela 4: As profissionais que ingressaram como professoras

<i>nome</i>	<i>idade</i>	<i>tempo de rede</i>
<i>Mariana</i>	<i>29</i>	<i>5</i>
<i>Sônia</i>	<i>42</i>	<i>9</i>
<i>Marta</i>	<i>47</i>	<i>11</i>
<i>Letícia</i>	<i>43</i>	<i>5</i>

FONTE: elaborada pela autora

2.4.1. Mariana: “NÃO É PORQUE A GENTE ESTÁ NA EI QUE A GENTE NÃO ENSINA, QUE A GENTE SÓ BRINCA [...] A GENTE ENSINA POR MEIO DO BRINCAR, QUE É UMA COISA QUE A SOCIEDADE TEM QUE APRENDER: QUE O PROFESSOR DE EI, ELE É PROFESSOR”

Mariana tem 29 anos e atua há cinco anos na rede municipal. Atualmente Mariana trabalha numa CEI localizada na zona Leste de São Paulo. O primeiro encontro foi organizado pela coordenadora pedagógica da escola após o seu horário de trabalho. Mariana é jovem e aparenta ter menos idade e me recebeu de forma bem simpática. O dia da realização do questionário e da primeira entrevista foi no período de troca de professores quando as crianças vão para refeição do almoço³¹ e dormir. Quando eu cheguei à sala da Mariana para avisar que já estava disponível, fui convidada a assistir uma atividade que estava se encerrando para as crianças descenderem para o almoço.

Neste momento, Mariana estava sentada no chão, junto com as crianças fazendo uma atividade de probabilidade e estatística. No primeiro momento, ela colocou um

³¹ A coordenadora pedagógica que organizou este horário, para que a professora pudesse sair um pouco mais cedo para a realização das entrevistas. Na rotina dessa sala, Mariana acompanha a turma no almoço e os coloca para dormir. Neste período que as crianças estão dormindo é que acontece o horário de troca das professoras. Assim, a professora do período seguinte ingressou um pouco mais cedo neste dia para que Mariana pudesse participar da pesquisa.

saquinho transparente com vários potinhos e as crianças tinham que falar quantos potinhos havia lá dentro. Algumas crianças diziam o nome de alguns números (7 e 10), mas tinha aquelas que mencionavam mostrando as partes do corpo (por exemplo: os dedos da mão). Após isto, eles puderam apalpar o saquinho e mudar de ideia da quantidade (então uma criança corrigiu dizendo que 2 era muito pouco...que tinha mais que no saquinho) e a Mariana anota num papel. Depois ela coloca outro saquinho com colheres e pergunta para as crianças quantas tem e logo de duas crianças falam que vai ter mais porque a colher é uma ‘colherzinha’ e a outra complementa: ‘é pequenininha então cabe muitas dentro de um potinho’. As crianças que anteriormente demonstraram com as mãos e falam: ‘ixi, agora vai ser tudo isto e este’ [mostravam as duas mãos e os pés]. Mariana deixa então eles apalparem o saquinho e mudar de ideia quanto a quantidade de colheres. Anota novamente no papel e depois ela tira os dois e conta em voz alta e registra no cartaz que fica na sala com o potinho e colher colados. Mariana pede para as crianças se organizarem e explique que irá conversar comigo e por isto a outra professora iria chegar mais cedo.

Antes de realizarmos o questionário, Mariana me explica que teve um trauma na sua trajetória escolar quanto à disciplina de Matemática e quando assumiu o concurso como professora ficou preocupada dela ‘transmitir’ para as crianças o não gostar de Matemática. Assim, ela me conta que foi atrás de cursos, materiais e do apoio da coordenadora pedagógica nas reuniões de formação, acerca de como ela deve desenvolver atividades, jogos e brincadeiras na EI que tem os conhecimentos da Matemática e no planejamento do bimestre decidiu trabalhar o tema probabilidade e estatística. Mariana conta que todos os dias ela traz objetos conhecidos das crianças para realizarem a exploração e que na semana estavam com o potinho e colher. Realizamos o questionário e depois a primeira entrevista. Mariana nasceu em Jaecós- PI, quando sua família mudou para Santo André - SP. Ela conta que primeiro veio o seu pai para arrumar um emprego e organizar para trazê-los. Ela relata que pode dizer que não teve infância e adolescência porque devido às condições financeiras sempre teve que ajudar a família e estudar muito. Também menciona que, pelo fato de ter o sotaque nordestino, enfrentou preconceitos inclusive por parte dos professores. Mariana realizou o ENEM³²

³² ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio que avalia o desempenho dos alunos, mas também é integrado para outros sistemas como o PROUNI.

e ganha uma bolsa integral do PROUNI³³ e poderia escolher entre Administração ou Pedagogia:

eu deixei o destino me levar, e eu fui pra Pedagogia, foi a melhor coisa da minha vida, eu agradeço Deus todo dia, porque não é? Não estava nos meus planos fazer Pedagogia... foi à necessidade mesmo. Era o que eu tinha de opção....eu abracei essa opção e eu acho que ela me acolheu tão bem, que eu não sei fazer mais nada da minha vida. Eu gosto muito do que eu faço.

Mariana casou e tinha uma bebê de 7 meses e, desde o casamento, mora em Mauá e que ficou mais fácil para se deslocar para o trabalho que é na Zona Leste. Mariana destaca, em sua trajetória familiar e escolar, a preocupação que seus pais, sobretudo seu pai, para que ela e seus irmãos se dessem bem à escola:

eu morria de medo...porque meus pais não tinham muito estudo, a minha mãe conseguiu terminar o Ensino Médio, mas meu pai não. O meu pai não deixava a gente faltar na escola e não sabia o que estava escrito... mas se tivesse azul estava OK, mas se tivesse alguma coisa de vermelho lá (porque antigamente usava o vermelho para marcar) ele brigava muito. Eu nunca apanhei, mas ele brigava sempre “não, não quero que vocês passem pelo o que eu passei”, dói mais do que levar um tapa, não é!?

Mariana começou a trabalhar cedo e ressalta que conciliar o trabalho, a faculdade e ter que realizar os estágios foi um momento difícil:

o estágio na Pedagogia é muito, difícil, pela questão financeira, porque a gente não recebe quase nada...praticamente você paga pra trabalhar. E também você é a auxiliar da auxiliar, não tem... você não aprende nada... então foi difícil, fui procurar concurso para a área pública. No público você não é tão valorizada, mas é melhor que a particular.

Até passar no concurso da prefeitura, Mariana trabalhava em duas escolas e prestou o concurso para dois cargos: “Era concurso, isso, eu tinha dois cargos e entrei primeiro no fundamental, aí 1 ano depois eu fiz um concurso e entrei no infantil, então eu tinha dois cargos, trabalhava dois períodos”. Primeiro ela assume vai como uma vaga precária para uma CEI da zona Sul de São Paulo “[...] porque na prefeitura não tem eventual, você fica de módulo, então você quer chegar na escola e ter a sua sala, não é você ser possessiva, mas é bom você ter pra onde ir, preparar suas atividades, você se sente útil”. Depois consegue a vaga para uma EMEI na Zona Leste no período da tarde

³³ PROUNI- é um programa do Ministério da Educação que concede bolsas de estudos integrais e parciais de 50% em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

e a CEI que ela está no período de manhã [no mesmo bairro]. Mariana explica que está com concursada nas duas vagas e que na EMEI ela faz uma jornada menor e a CEI trabalha com a jornada que inclui o PEA³⁴: “eu ganho mais aqui do que lá, lá ganha um pouquinho menos, o PEA aqui já tá incluso no seu salário, lá não, e eu não consigo tirar o PEA daqui, não posso ficar sem fazer, lá não, lá eu tenho a opção de escolher”.

Ela relata com propriedade as atividades, como professora, que realiza com facilidade e as que ela julga ser um desafio e descreve quais contribuições a sua formação em Pedagogia trouxe e a necessidade de ampliar os conceitos para à sua prática pedagógica e neste momento retoma o papel que o estágio e a participação no PEA para sua formação. Para Mariana, embora estas formações sejam importantes, ela acha que poderia ter um envolvimento maior de trocas de saberes entre colegas e inclusive com os professores das universidades e estagiários. Também acredita que para trabalhar na EI é necessário ser flexível “[...] ter jogo de cintura, é meio termo, então você tem que ter aquele meio termo com as crianças, não pode ser oito nem oitenta, tem momentos...” e ter a postura da importância de sua formação, preparo e planejamento:

[...] você não vai deixar de ser professor porque você está na EI. Nós somos muito desvalorizados, mas nós devemos preparar nossa atividade como qualquer outro professor...nós ensinamos. Não é porque a gente está na EI que a gente não ensina, que a gente só brinca, brinca... A gente brinca muito! Mas a gente ensina por meio do brincar, que é uma coisa que a sociedade tem que aprender, que o professor de EI, ele é professor.

Encerra a entrevista com ar de satisfação: “Só falaria pra quem vem para a EI, venha sem preconceito, você vai sentar no chão, você vai se sujar, ontem mesmo eu fui toda suja de tinta pra casa, e assim, eu te garanto que você vai adorar, que é a melhor, eu sou suspeita”.

Para Mariana, o ingresso na carreira como professora de Educação Infantil representa uma ascensão social e satisfação ao desempenhar seu trabalho junto às crianças. Mariana revela a importância que a formação do curso superior lhe

³⁴ PEA- Projetos Especiais de Ação- são instrumentos de trabalhos elaborados pelas unidades educacionais que expressam as prioridades estabelecidas no “programa de reorganização curricular e administrativa, ampliação e fortalecimento da Rede Municipal de São Paulo- Mais Educação São Paulo” e no Projeto Político Pedagógico, voltadas essencialmente às necessidades das crianças, jovens, adultos definindo as ações a serem desencadeadas, as responsabilidades na sua execução e avaliação, visando ao aprimoramento das práticas educativas e consequente melhoria da qualidade social da educação (SÃO PAULO, 2014, portaria nº 901).

proporcionou para subsidiar o trabalho e também a necessidade que a professora tem em dar continuidade de formação e investigação da prática.

*2.4.2. Sônia: “AH SEI LÁ [...] É TANTA COISA QUE A GENTE PRECISA
PARA SER PROFESSOR, MAS EU NÃO ME ARREPENDO EM
MOMENTO NENHUM DA MINHA ESCOLHA”*

Sônia foi a última profissional que entrevistei como professora. Sônia tem 42 anos, mas aparenta ser bem mais jovem e, num primeiro momento, mostrou-se ser bastante tímida. A Sônia trabalha numa CEI da Zona Leste e concedeu o questionário e entrevista na semana antes do recesso escolar. Sônia inicia a sua primeira entrevista contando a história dos seus pais. Sua mãe teve um papel na decisão de mudança para a grande São Paulo, vieram do interior da Bahia para melhorar as condições de vida. Na época os pais dela tinham apenas um filho. Seu pai, que hoje é falecido, começou a trabalhar como pedreiro e depois em fábricas localizadas no grande ABC. Sônia e seus irmãos mais novos nasceram em Santo André e moraram lá até ela completar 6 anos de idade e depois mudam para um bairro recém construído em Mauá.

Ela relata que lembra muito pouco deste período e o pouco que lembra a deixa triste porque:

o que foi muito marcante pra mim foi a escola que eu não gostava, eu chorava muito porque só queria ficar em casa, mas não podia porque minha mãe trabalhava. Então....se minha mãe me levava para escola eu ficava, mas como minha mãe trabalhava às vezes fora com limpeza, era a minha irmã que me levava com a minha vó, e com elas duas eu voltava, porque o escândalo era muito grande e aí elas desistiam e me levavam para casa.

Sônia relata que hoje entende que precisa de uma adaptação ao ingresso da criança na escola, mas conta com a voz bem embargada de choro que ela tinha um medo e insegurança:

Eu sentia uma angústia muito grande de ir para escola, na primeira série pra mim também foi muito difícil, porque hoje eu denomino como angústia, naquela época minha mãe falava que era manha, birra,mas hoje, até a faculdade de Psicologia me ajudou muito, mas eu tinha uma angústia muito grande de ter que enfrentar aquilo.

As dificuldades na alfabetização “a primeira série foi difícil, eu fui melhorar na terceira série, [...] eu tive uma professora que era assim, mais tranquila, me acolheu

melhor, eu tive muita dificuldade de aprender a ler”. Sônia menciona as impressões e impactos que a mudança trouxe para ela na infância:

[...] lá em Santo André a gente morava na avenida principal, mas era aluguel, e em Mauá, meu pai conseguiu comprar a casa. Mas naquele tempo não tinha asfalto, não tinha luz na rua, era tudo muito difícil e a escola era muito feia, e eu vinha de uma escola muito bonita. Era tudo muito bonito em Santo André, e em Mauá era horrível a escola e não eu já sofri aquele impacto e já fui para a primeira série, e lá eu tinha que ter o contato com letra, números as coisas não entravam na minha cabeça! Minha mãe sentava para me ajudar, mas mesmo assim, eu demorei muito para ler, usava cartilha, tinha lição de casa.

Sônia também relata que, devido seus pais não terem muito estudos nem condições financeiras, ela não tinha acesso a livros, materiais e apoio para as dificuldades da escola como a disciplina de Matemática o que depois a faz mudar do curso do EM: “quando eu fui para o EM eu cheguei a cursar um ano normal, mas aí tinha Física, Química, Biologia, era muito número! Eu falei: “Não! Vou fazer magistério”, assim, voltei e comecei de novo o magistério, eu fiz um ano, o primeiro ano normal, depois eu voltei no primeiro magistério, porque não consigo, a Matemática”. Sônia estudava à noite e trabalhava de dia, no início ela começou como auxiliar em uma loja, depois:

[...] por conta de estágio acabei saindo do emprego, mas quando eu me formei eu falei: ‘eu não posso pegar uma turma, porque eu não sei dar aula’, mas hoje eu me arrependo. Eu trabalhei em casa lotérica, trabalhei como promotora, na Phillips para trabalhar como auxiliar de produção, lá eu trabalhei em três horários, fazia revezamento, aí cheguei a viajar para o Recife porque a empresa mudou, quando eu voltei do Recife, eu falei: ‘Não! Eu preciso fazer uma faculdade’.

Sônia ingressou na faculdade, com a seguinte lógica: “vamos tirar o que tem Matemática e vamos ver o que eu quero, eu falei: ‘vou fazer Psicologia, porque tem muita leitura, eu vou conversar com pessoas, conversar eu gosto’ [...] aí eu entrei em Psicologia e gostei muito”. Sônia estudou Psicologia à noite e trabalhava durante o dia no Laboratório Fleury. Sônia também nesse período começou a namorar um amigo. Sônia trabalhou durante algum tempo no laboratório, mas começou a ficar insatisfeita: “eu fui mudando de setor até que eu fiquei em uma sala sozinha, era eu e o computador e isso me deu uma pré-depressão, eu vi que eu ia ficar doente, e eu falei: ‘não! Eu não quero isso para mim, o meu trabalho não pode me adoecer’, no Fleury eu tinha o salário bom, que eu pagava a minha faculdade que eu me vestia [porque lá eu tinha que me vestir bem], eu passeava, mas eu não estava feliz....faltava gente para eu conversar, eu

queria falar do meu curso e eu não tinha com quem. Eu resolvi pedir as contas do Fleury e arrumei um estágio no CIEE³⁵, arrumei um estágio para trabalhar com criança, então tem uma rede de supermercado”.

Sônia começou a se identificar com o trabalho: “eu fui trabalhar com criança, e eu gostei, eu falei: ‘olha, eu gosto desse negócio’, mas aí começou a faltar dinheiro para a faculdade, e aquela vida estável que eu tinha passou a ser instável”. Sônia se inscreve no Programa Escola da Família³⁶ “numa conversa com o vice-diretor da escola, contanto do meu caminho e ele falou: ‘não! Presta concurso, você vai trabalhar na educação e vai gostar’. Eu gostava daquelas visitas, daquele ambiente, de conversar com as pessoas”. Sônia prestou o concurso no final de 2003, mas foi chamada em 2007. Até ser chamada pelo concurso da prefeitura de São Paulo, Sônia trabalhou como professora contratada em Mauá, “foi em março de 2007 eu fui chamada em Santo André, em abril eu fui chamada aqui...eu peguei os dois, tirei a habilitação e comprei um carro para poder acumular os cargos. Eu casei em 2007, e em 2008 eu vi que eu não estava aproveitando nada do meu casamento, eu só trabalhava, eu saí de Santo André e fiquei só na aqui na rede”. Sônia ingressou em um CEI na divisa de São Paulo e São Caetano do Sul, e revela as suas primeiras dificuldades, “eu sempre fui uma pessoa que assumo minhas incapacidades... como eu não tinha uma sala eu cobria as professoras, então uma faltava eu ficava no lugar dela, mas quando eu não estava cobrindo eu estava com elas, então eu aprendi muito, eu falo que eu fui aprendendo a trocar fralda lá no CEI, porque eu não sabia trocar fralda, eu não tinha sobrinha, não tinha nada [...] eu não sei preencher um diário, não sei preencher um relatório” e relata que as profissionais foram solícitas porque já havia um tempo da transformação de cargos de ADIs para PDI “eu ouvi muitos relatos que por conta dessa transformação, as primeiras pessoas chegaram no concurso como PDI foram hostilizadas e que existiam claras divisões...e a ideia os PDI querem tomar o lugar’, então como eu prestei em 2003 e fui chamada em 2007, esse período tão conflitante não existia mais”.

Sônia descreve sua rotina, atividades e mudanças desde que ingressou na rede e ressalva a importância da formação continuada para a profissão: “quem está na

³⁵ CIEE- Centro de Integração Empresa- Escola- A instituição em parceria com as empresas oferece estágios aos estudantes em início de carreira.

³⁶ Escola da Família- Programa do MEC em parceria com as universidades e instituições privadas de ensino superior que dá uma bolsa para os alunos regularmente matriculados cumprirem uma carga horária de 8 horas, aos finais de semana, em um único dia, sábado ou domingo, nas unidades escolares, previamente indicadas pela Diretoria de Ensino.

educação tem que se reciclar diariamente, a gente tem que ter contato com vídeo, com palestra, eu acho que a gente tem que ir para congresso, a gente tem que participar, a gente tem que ouvir, porque a gente está lidando com a formação. São muitas coisas que eu não tive no magistério como, por exemplo, etnia, cultura indígena, bolivianos”. Sônia revela que a sua família foi fundamental no auxílio que ela terminasse a faculdade de Psicologia os cursos que realizou pelo sindicato dos professores, “eu percebo que as pessoas prezam muito essa questão da pontuação, mais do que a formação em si... eu já ouvi comentário de pessoas que falam “mais um dia, mais um dia” não falam assim “vou ver o que eu esse lugar tem de bom para mim”, entendeu!? Eu como eu gosto, eu falo que eu gosto, mas eu vou por conta da pontuação e já cheguei a fazer curso que falei assim “meu, não preciso do curso, mas vou fazer porque eu preciso do ponto” e embora ache importante a formação do PEA, sente falta de uma continuidade “[...] na minha opinião como é que deveria ter sido o PEA até aqui, ‘vamos pegar esse relatório e vamos ver como essa professora fez’...então era isso que tinha que ter tido. Eu sinto essa falta, às vezes demora para terminar/fazer, fazemos, e está ali o texto sobre avaliação, mas aí vem os indicadores e vamos trabalhar com os indicadores, aí veio agora esse plano municipal, vamos ver o que fala esse plano municipal está falando, então são essas coisas que deveriam estar paralisando, sabe!?”). Para Sônia, a comunicação também é um aspecto que ela considera importante para trocas nas formação, sobretudo quanto ao planejamento e organização da rotina:

[...] às vezes eu acho que falta isso, um diálogo melhor entre as instâncias, entre os cargos, entendeu!? As vezes alguém passar, até mesmo da direção, da secretaria, passar e falar assim: “olha ela está dando uma atividade diferente, deixa eu pegar a máquina e eu tirar uma foto, você não consegue dar a tinta, limpar a mão, pegar mais cola e tirar foto, então as vezes, algumas coisas são muito legais, mas passam batido, porque você não têm como registrar.

Em 2012, Sônia ingressou no curso de Pedagogia e está no último ano. Para ela, o PDI deve ter flexibilidade e continuar a estudar:

você tem que gostar de estudar, você tem que gostar de pessoas, e eu acho que você tem que ter esperança [risos], você tem que ter esperança que uma hora vai dar certo, que uma hora vai melhorar. Penso que tem ser ativa, e muito desprendida de regras, sabe!? Flexível [...] eu tinha um planejamento hoje, e não cumpri [...] mas eu tenho que pensar nisso num outro dia, numa outra forma, num outro espaço”.

Complementa com reflexão acerca dos desafios e comprometimento como profissional:

você tem que saber improvisar [...] que nem em dia de chuva, improviso puro, porque você vê o tanto de espaço que a gente têm e no dia de chuva está todo mundo aqui dentro[...] Mas ainda assim, a gente fala, ‘não! Tenho que ter o meu momento com a minha turma, mesmo estando frio a gente vem para o refeitório, depois a gente troca’. Ah mas sei lá, é tanta coisa que a gente precisa para ser professor, mas eu não me arrependo em momento nenhum da minha escolha.

Sônia cursou o Magistério no Ensino Médio e depois a graduação de Psicologia e trabalhava na área da saúde. Assim, quando ingressou na carreira para professora não tinha o curso de Pedagogia e revela algumas dificuldades no desenvolvimento de suas atividades. Para ela, é fundamental que a formação para professora se dê ao longo do desenvolvimento profissional, nas instituições de trabalho. Para Sônia a representação de ser professora de Educação Infantil é ter uma bagagem de formação [ampla] que serve para subsidiar o trabalho.

2.4.3. MARTA: “AH, TEVE MUITAS MUDANÇAS SIM, TRABALHAMOS COM PROJETOS, MAS A [...] A PALAVRA AMOR PRA MIM SEMPRE VAI ESTAR EM PRIMEIRO LUGAR, AMAR O QUE FAZ”

Marta é professora de uma CEI localizada no extremo da Zona Norte de São Paulo, no período vespertino. Marta trabalha há 23 anos como professores do EF1 na rede estadual de São Paulo no período matutino, e ingressou em 2005 na prefeitura de São Paulo como professora de EI na CEI que trabalha. Como Marta tem um horário bem ajustado, nos dias que realizamos as entrevistas, com autorização da coordenadora pedagógica, a professora eventual ficou alguns minutos com a turma da Marta, para que pudesse dar o tempo adequado. Marta tem 47 anos e nasceu no bairro de Perus, em São Paulo onde mora até hoje.

Marta inicia a primeira entrevista contando a sua trajetória e na importância que seus pais, sobretudo sua mãe [com ausência do pai] para que desse continuidade aos estudos e pudesse ter uma formação em nível superior:

[...] eu agradeço muito à eles que eram humildes, mas prezavam pela educação dos filhos, meu pai não teve, não teve escolaridade. Ele era

analfabeto, mas ele falava: ‘meus filhos vão estudar’, isso que me fortaleceu a estudar.

MARTA COMEÇOU A NAMORAR NA ADOLESCÊNCIA E LOGO SE CASOU. TEM TRÊS FILHOS COM O SEU MARIDO, E A FILHA MAIS VELHA ATUALMENTE MORA NA AUSTRÁLIA. MARTA CONTA A SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR E REVELA QUE A DECISÃO DE FAZER O CURSO DO MAGISTÉRIO NO ENSINO MÉDIO PARTIU DO INCENTIVO DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA, POIS DESEJAVA INGRESSAR EM OUTROS CURSOS, MAS SENTIA QUE NÃO TINHA CONDIÇÕES:

‘Marta por que você não faz magistério?’ até então eu nunca tinha pensado no magistério. Nunca tinha pensando no magistério, eu tinha o sonho na época de fazer Odonto, mas não tinha condições [...] não tinha, não tinha condições de fazer Odonto. Meu sonho na época era Odonto e fiz o Magistério e eu me encontrei no Magistério. Eu gostei demais eu me identifiquei na Psicologia, em ensinar [...] hoje eu adoro e amo o que eu faço.

Uma das coisas chamou a atenção de Marta no curso de Magistério foi a quantidade e exigência de leitura e trabalhos a serem realizados,

Eram livros, eu estudava o magistério de manhã, [...] e eram livros, eram livros, fazia muitas pesquisas, muitas pastas, nossa era muito trabalho! [...] tínhamos que ler muitos livros, e fazer resumos, foi bem trabalhoso. [...] estágios, vários, muitos estágios.

Marta se formou em 1989 e em 1990 ingressa na prefeitura de Jordanésia [município próximo de São Paulo] como professora do Ensino Fundamental e também como professora contratada na prefeitura de São Paulo. Depois com as exigências da LDB/1996 e em 2000 entra no curso de Pedagogia e finaliza em 2004 e em 2005 ela presta dois concursos [um para o estado e outro para o município de São Paulo]. Assim, Marta por morar em Perus ingressa numa escola estadual como professora do Ensino Fundamental no bairro que mora e efetiva a sua vaga como professora da prefeitura para o CEI que está até hoje.

Marta conta que não teve dificuldades no ingresso da carreira como professora porque já era mãe “[...] não tive dificuldade [...] nenhuma porque além de ser professora eu sou mãe, então eu acho que, mesmo não tendo trabalhado na Educação Infantil antes disso eu sou mãe, então acho que foi isso que ajudou também”. Para ela a diferença

entre ser professora de Educação Infantil e de Ensino Fundamental é a brincadeira e a cobrança aos aprendizados e alfabetização

A única diferença que eu vejo entre a Educação Infantil e no Fundamental é que na EI não tem [...] não é questão de, você ensina sim, muita coisa, você conversa ensinando, você brinca ensinando, faz as brincadeiras ensinando, mas o Fundamental é, como diz, a alfabetização. Como diz, a alfabetização é muito séria, é muita cobrança, você cobra, você cobra muito da criança.

Marta conta as atividades que gosta de realizar como atividades de leitura de histórias e o desenvolvimento de projetos e atividades de registros. Em sua narrativa reforça a importância de dar continuidade as formações para modificar as práticas de trabalho, e salienta que a profissão exige dedicação e amor

A palavra amor pra mim sempre vai estar em primeiro lugar, amar o que faz, sabe, amar o que faz, se dedicar, sabe, dedicação, sabe, tratar com respeito, é isso, acho que o professor ele precisa ter tudo isso [...] amar respeitar, se ver no lugar do outro.

Assim, Marta considera a formação importante, mas o amor e dedicação ainda são características marcantes para representar a função de ser professora de Educação Infantil.

2.4.4. LETÍCIA: “EU ADORO TRABALHAR COM CRIANÇA E ISSO PARA MIM FOI UM COMPLEMENTO, COMO PESSOA, COMO A MÃE QUE EU NÃO PUDE SER [...] ENTÃO EU GOSTO MUITO DE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO INFANTIL”

Letícia logo no início que me apresentei no CEI se prontificou a participar da pesquisa quando peguei os contatos para agendar o primeiro encontro para realização do questionário e da primeira entrevista. Agendamos a data e realizamos o primeiro encontro no período da tarde, após seu horário de trabalho e a segunda entrevista para o dia seguinte no mesmo horário.

Letícia nasceu em São Paulo e inicia a sua entrevista narrando as brincadeiras e atividades da infância que considera ter sido legal apesar das dificuldades financeiras de sua família. Letícia é a única mulher de cinco filhos e conta que por isso sua infância foi cheia de brincadeiras e ‘aventuras’ que realizavam pelo bairro.

Também revela que foi a única filha que deu continuidade aos estudos

Eu acho que fui única de casa que prosseguiu os estudos. Meus irmãos fizeram até o Ensino Médio e eu prossegui. Dei continuidade, foi

difícil, o Magistério foi difícil, passei por uma época de doença, minha mãe me ajudou bastante nesse momento e logo que eu terminei o Magistério, eu comecei a trabalhar em uma creche conveniada que era dentro de um orfanato.

Letícia desde que ingressou no curso do Magistério trabalhou nas creches conveniadas e como professora contratada da prefeitura. Letícia conta que sua família é bastante religiosa e por frequentar a igreja que conheceu seu primeiro marido

Então, meu esposo eu conheci na igreja em 1997 e já trabalhava. [...] A gente visitava outras localidades, ministrávamos outras localidades, então acabamos nos conhecendo, fazendo amizade a partir dali não nos desgradamos mais, íamos para os cultos e não passou muito tempo a gente começou a namorar, noivamos e casamos, em um ano e meio. Fiquei oito anos e meio casada e depois me divorciei.

Letícia ao narrar a história do seu primeiro casamento e divórcio fica bastante emocionada. Letícia conta que seu primeiro marido apesar de frequentarem a igreja começou a beber muito e se envolver com muitas mulheres e que o divórcio não era algo aceito com facilidade pelos membros da igreja. Assim, ela descreve que teve que tomar muitas iniciativas para que a igreja permitisse a separação [tentou o suicídio duas vezes e alguns membros da igreja que intermediaram a decisão]

[...] o ministério e falamos para eles, o que estava acontecendo e eles foram atrás. Vieram atrás de mim para poder resolver essa situação e me deram aval para eu poder decidir o que eu queria. Então a gente acabou se divorciando e demorei a me recuperar. Estava depressiva, e fui morar com meus pais, meio que contra a minha vontade, eu não queria morar com meus pais porque eu queria viver a minha vida sozinha.

Assim, Letícia se separada e vai morar com os pais, mas logo depois o contrato de trabalho encerra e ela fica desempregada e vai trabalhar com o irmão e o pai na sapataria quando ouve a propaganda do curso de Pedagogia de uma faculdade particular

[...] fui trabalhar com meu irmão na sapataria, trabalhando mesmo depressiva, para manter o sustento [...] era um salário mínimo, e aí quando eu estava trabalhando com ele, foi em 2008, eu estava ouvindo rádio e escutei uma propaganda da Estácio, que estava como Uniradial.

Em 2009 ela consegue novamente outro contrato da prefeitura a partir do ingresso na faculdade “era um salário bem dentro do meu orçamento, dava para bancar [...] dava possibilidade de ajudar meu pai em casa com alguma coisa [...] eu ia a pé, o dinheiro eu economizava para comprar um lanche na faculdade, e pagar xerox [...]”.

Em 2010 abre o concurso da prefeitura e ela fica na lista de classificação e é chamada para assumir como efetiva em 2011: “ [...] fiquei em 1.240º na classificação e aí encerrou o contrato e eu já tinha me casado [...] Fui chamada no ano seguinte em maio de 2011, e então foi quando eu comecei a trabalhar aqui na prefeitura”.

Em 2009 Letícia conta que por indicação de um amigo entrou num site de relacionamentos, o qual conheceu seu segundo marido:

[...] ele não era da igreja, na internet [risos], foi assim, conheci ele pelo Badoo, foi um amigo é uma página de relacionamentos também, [...] eu me inscrevi, conheci algumas pessoas, vi que não faziam meu perfil, e aí eu não gostei dessa página [...] E quando eu estava pra desligar, pra desfazer do perfil, eu conheci meu esposo, ele apareceu na minha página e começamos a conversar, e na conversa entramos na afinidade porque a mãe, irmã, tia, são da Congregação e o perfil dele também ajudou bastante, é uma pessoa idônea, não é de vícios, não é de bagunça, começamos a conversar, trocamos telefone, uma semana que a gente estava conversando, marcamos de nos encontrar no shopping Aricanduva.

[...] nos conhecemos pessoalmente [risos], no mesmo dia que nós começamos a conversar ele já me pediu em namoro e aí já foi mais taxativo, eu fui mais durona nessa parte com ele e eu falei: ‘Não, eu sou da Congregação, e você sabe, a sua família também é! A gente não tem esse negócio de ficar namorando pelos cantos, então se quer algum relacionamento sério comigo é para casamento!’ E aí ele falou assim: ‘Ah, é assim mesmo, eu vou querer!’.

Letícia ingressa numa escola numa vaga precária em outro bairro e depois muda para o CEI que está hoje que é próximo de sua residência. Para Letícia as formações que são oferecidas pelas DRE são importante para o trabalho das professoras, mas ela acredita que a formação realizada no local de trabalho com o PEA são mais significativas porque partem da experiência:

[...] eu acho bom porque a gente troca as experiências, a gente conversa muito, a gente troca as informações, [...] eu mesma estou sempre vendo coisas, buscando informações, essas trocas eu acho muito boa, tanto a informação quanto o que está sendo conversado, o que está ocorrendo dentro da sala de aula, as vezes o grupo mesmo oferece ajuda, se sensibiliza com a situação, oferece ajuda, acho muito válida a formação.

Letícia também conta que como professora procura buscar cursos que possam ajudá-la na postura e atividades que realiza como junto às crianças,

Eu quero mais, quero aprender mais, estou buscando curso, buscando me aperfeiçoar, quero voltar a estudar, sempre tive vontade de fazer curso de Direito, mas dentro da educação eu quero me aperfeiçoar mais. Quero fazer curso de violão, porque eu já toco teclado. Quero

trazer o violão para dentro da sala de aula [...] têm um grupo, chama-se Beija Flor, de músicas tradicionais, então eles têm um local que eles fazem um ensaio, e ela me convidou nas quintas-feiras no próximo ano a estar indo acompanhar eles nos ensaios [...] é importante trazer essa cultura de outras regiões, eu quero aprender muito mais e trazer muito mais para eles, e é isso.

Para Letícia ser professora de Educação Infantil representa também poder exercer atividades ligadas as de ser mãe, pois não pode engravidar:

[...] eu casei e não consegui engravidar também, até hoje não consegui engravidar, também não forcei, não fui atrás da medicina para tentar engravidar. [...] então eu como professora, me realizo muito na sala de aula, eu brinco, sempre tive meus sobrinhos em minha volta, em casa, passavam dias, finais de semana em casa com a gente, sempre muito envolvida com criança. Eu adoro trabalhar com criança e isso para mim foi um complemento, como pessoa, como a mãe que eu não pude ser, tenho essa feição por eles também, então eu gosto muito de trabalhar com a Educação Infantil (grifo nosso).

Assim, para Letícia o ingresso e trajetória na carreira representa a possibilidade de melhoria de condições de vida e oportunidade de dar continuidade aos estudos. Para ela, as formações são muito importantes para o desenvolvimento do trabalho como professora e que a profissão também é uma oportunidade de se realizar como mãe, pois não teve filhos ainda.

As profissionais que ingressaram como professoras atribuem a carreira e a profissão a oportunidade de ascensão social e as contribuições que as formações tiveram em suas trajetórias de vida e profissão. Percebe-se que para as quatro profissionais a formação é a oportunidade de poderem dar continuidade e qualificarem melhor o trabalho que têm desenvolvido. Embora considerem que a formação em curso superior exigida para a entrada na carreira ser fundamental para o desenvolvimento do trabalho de ser professora, a representação que têm da profissão e carreira é da formação como qualificação e também de funções relacionadas ao papel de ser mãe, a que cuida e ama as crianças.

2.5. *A PROFISSIONAL QUE REALIZOU O PERCURSO DE CARREIRA DA EDUCAÇÃO INFANTIL ATÉ GESTÃO DE UMA CEI*

Aqui neste item será apresentado o perfil da profissional que ingressou a carreira como ADI, exonerou o cargo, pois já tinha a qualificação mínima exigida para a função

e depois ingressou novamente como professora de Educação Infantil. Foi professora de Educação Infantil e tornou-se coordenadora pedagógica de uma CEI e hoje está cumprindo a função de diretora.

ISADORA: “EU SOU GRATA À PREFEITURA. EXISTEM DIFICULDADES, MAS A FORMAÇÃO, A MINHA VIDA PROFISSIONAL, O QUE EU TENHO ASSIM RELATIVO A BENS, BENS DE CONSUMO, EU DEVO À PREFEITURA [...] EU ENTREI COMO ADI, HOJE EU SOU DIRETORA DE ESCOLA. EU ESTOU SATISFEITA PORQUE EU CRESCI BASTANTE DENTRO DESSES VINTE ANOS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO QUE EU TRABALHO”

Conheci Isadora por intermédio do coordenador de uma CEI no intento de buscar as profissionais para participação da pesquisa. O coordenador passou o contato da Isadora. Liguei para Isadora e me apresentei e também os objetivos da pesquisa por busca de profissionais para participação da mesma. Combinamos de eu enviar os documentos por e-mail e ela realizar a apresentação para as profissionais e organizar uma visita até o CEI.

Isadora então me retornou afirmando que havia apresentado minha pesquisa e que algumas profissionais que ingressaram como ADIs se prontificaram para a participação da pesquisa e havia agendado minha primeira ida ao CEI. O primeiro dia que vou até o CEI Isadora não estava, pois como coordenadora pedagógica estava em reunião na DRE. Fico impressionada na primeira ida, pois todos os funcionários pareciam saber o que eu realizaria durante essa visita. Chego e sou recebida pelas funcionárias da secretaria e equipe de apoio que me explicam o motivo da ausência de Isadora, mas que ela havia deixado organizados os horários que poderia conversar com as profissionais. Assim, me direcionam para a sala da Isadora [sala da coordenação] e lá já estava uma profissional me esperando para a primeira conversa e realização do questionário. Nesse dia, consigo conversar e realizar o questionário com duas profissionais que ingressaram como ADIs e agendar o primeiro dia de entrevista e também me apresentar para duas profissionais que ingressaram como professoras deixando para combinar a data de realização da primeira conversa e questionários. Após esse dia, fico pensando como uma coordenação tem uma comunicação adequada com

sua equipe para que mesmo ausente eu pudesse realizar as atividades da pesquisa no primeiro dia de visita ao CEI.

Passado isso, no segundo dia de ida ao CEI para a realização das primeiras entrevistas com as profissionais, eu conheço Isadora pessoalmente. Sorridente, Isadora se apresenta e me guia para conhecer o CEI. Ela vai à frente me apresentando aos funcionários que ainda não me conheceram e aos espaços da CEI. Inicia pelos espaços na parte de baixo do CEI como o refeitório, as salas com agrupamentos, o pátio e os parques. Depois me leva à parte de cima da unidade onde ficam as salas dos berçários, uma pequena cozinha com lactário e um espaço para alimentação dos bebês, e o solário [espaço aberto para os bebês].

Isadora faz questão de que eu entre em cada sala e conheça as profissionais e as atividades que estavam realizando junto às crianças. Durante a apresentação do CEI Isadora vai contando acerca do Projeto Pedagógico da instituição, das atividades que veem sendo realizadas no CEI e da formação dos profissionais no PEA que é de sua responsabilidade.

Passados alguns meses desse encontro presencial com Isadora ao me questionar, durante um dos dias para realização de entrevistas com as profissionais, se havia conseguido o número suficiente para a participação da pesquisa, queixo que algumas profissionais que ingressaram como pajens e como ADIs desistiram de participar mesmo depois da realização do questionário e gravação de parte da entrevista e que encontrava-me novamente na busca de algumas profissionais. Assim, Isadora me diz que ingressou como ADI na rede, exonerou e ingressou novamente como professora de Educação Infantil, prestou concurso interno para o cargo de coordenação e que estaria disposta para participação da pesquisa.

Desse modo, após o desenvolvimento da pesquisa, optei por aceitar a participação da Isadora ao trabalho como a profissional que percorreu a carreira da Educação Infantil até a gestão.

Feito isso, ao final da realização de todos os questionários e entrevistas com as profissionais, combinamos o dia para a realização do questionário e primeira conversa. Essa data foi próxima ao encerramento das atividades do CEI e preparação para o recesso. O segundo dia, foi agendado para a semana seguinte, na qual era o dia de atividades para crianças como a despedida para os dias de descanso. Nesse dia ao chegar ao CEI e vejo que as crianças estavam eufóricas com as atividades desenvolvidas

pelas profissionais e, sobretudo, acerca de uma mesa que estava sendo posta com diversos tipos de frutas em copinhos coloridos. Isadora me conta todo entusiasmo das crianças é porque as crianças vinham solicitando para experimentar frutas que não conheciam e não são comuns no cardápio do CEI. Assim, ela me diz que na última reunião do PPP a equipe do CEI em parceria com família decidiu destinar uma verba para a compra dessas frutas para que as crianças pudessem ter a oportunidade de experimentar e conhecer.

A gravação da entrevista se deu apenas nesse dia com duração de 2 horas e 45 minutos [com duas interrupções pequenas para o atendimento de telefone de um pai de uma criança e para assinatura da folha de uma professora]. Isadora nasceu no bairro do Brás em São Paulo. Seus pais vieram do Pernambuco para procurar melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Os pais se conheceram em São Paulo e depois se casaram. Isadora é filha do segundo casamento de sua mãe e revela que todos os irmãos moraram com os pais até a fase adulta e que seu irmão mais velho ajudava na criação para que seus pais pudessem trabalhar.

Isadora conta que, apesar das dificuldades financeiras, considera que teve uma infância muito boa com oportunidades de brincadeiras e atividades lúdicas desenvolvida com os irmãos e primos que moravam no mesmo quarteirão. Ela também relata as estratégias dos pais para que pudessem realizar uma boa trajetória escolar e também não serem “marcados” como alunos que utilizavam o programa do caixa escolar:

Ele [pai] não sabia ler [...] apenas começou a escrever o nome [...] Mas assim, ele sempre incentivou a gente a estudar, sempre incentivou e valorizou. Ele e minha mãe, nossa, sempre valorizavam a escola, participavam. Sempre participou. Eu lembro que na época, porque a escola pública não sei se você estudou, mas no Estado, o aluno do Estado quando você precisava de um material, não era como hoje, que distribui pra todo mundo e cada um faz o uso que quer. Na verdade, quem precisava era um caderno diferenciado, da caixa, era um caderno verde, todo diferenciado, vinha com o timbre. Esse kit que a prefeitura dá hoje, o Estado dá hoje, eu era da rede estadual, então o Estado dava, mas era todo um timbre, era diferente então aquilo marcava que você realmente precisava, era só quem precisava mesmo que recebia. Hoje a gente vê que isso aí para hoje não tem nada a ver, pura discriminação. Eu nunca tive porque meu pai e minha mãe...ele era saqueiro, meu pai trabalhou na Antártica e na União, que é essa distribuidora de açúcar, trabalhava lá, mas a gente, graças a Deus, nunca precisou não (grifo nosso).

Isadora revela também a importância que uma tia que teve na sua história. A tia além de cuidar da Isadora e dos irmãos enquanto seus pais trabalhavam, cuidava do seu filho com necessidades educativas de inclusão.

A gente morava em Guaianases e o metrô mais próximo era o Tatuapé na época. E eu lembro que ele estudava e a escola especial mais próxima que tinha era o Visconde de Cairu e o Marcos estudava lá. E ela sempre lutou por ele. Era classe especial, era separada, porque nessa época na década de oitenta era bem separado. Mas ele sabe ler, ele sabe escrever porque na minha concepção essa escola era diferenciada, mesmo tendo as salas separadas, eu penso que lá eles faziam uma seleção de acordo com a especificidade, da necessidade especial do aluno. Porque logo depois quando eu estava na quarta série ele logo foi para a escola regular. Ele se alfabetizou e tudo.

Isadora revela os sentimentos de orgulho dos pais que, apesar das dificuldades enfrentadas e da falta instrução, puderam acompanhar e cuidar de sua trajetória de escolarização: “Mas eu me emociono porque eles são simples, minha família. Os mais velhos, não tem nenhum tio meu que tem um nível universitário [...]”. Ela conta que sua mãe por casar novamente com seu pai enfrentou bastante preconceito por parte da família por seu pai ser negro:

[...] minha mãe com o meu pai eles passaram por bastante dificuldade, porque meu pai é negro e minha família era muito preconceituosa, a família da minha mãe.

[...] Lógico que teve assim uma mágoa, ressentimento, mas no geral todo mundo se dá bem e meu pai e minha mãe nunca se deixaram levar. Sempre conversavam com a gente, que não era para a gente ser arrogante, se impor com ninguém, mas também não deixar as pessoas desfazerem da gente. Então minha mãe e meu pai passaram uns maus bocados por conta desse preconceito, mas superaram.

Isadora cursou a Educação Infantil quando era pequena:

Eu fiz em 82, eu nasci em setenta e sete. Setenta e oito, setenta e nove, oitenta, oitenta e um, oitenta e dois, isso mesmo...Eu fui para lá porque abriu vaga e minha mãe foi para colocar, pra eu começar a ir para a escola. Eu amei ter ido. A escola era a estrutura de EMEI que é hoje mesmo. Eu tenho boas lembranças da escola. Eu ficava seis horas na época, estudava na parte da tarde. Eu almoçava na escola, na época que eu ia eram meus irmãos que levavam, então eu almoçava na escola; a gente já entrava e almoçava. Eu gostava muito das tias do portão, as que recebiam. Que hoje eu sei quem são, os agentes de apoio. Elas eram muito amorosas.

E descreve as atividades que eram realizadas na EMEI:

A gente brincava de pino mágico, monta tudo, esse lego, tudo já tinha na minha época...massa de modelar, que eu amava aquele cheiro e giz

de cera que era uma vontade de comer enorme. Era muito desenho livre, muita atividade de repetição que a gente fazia. Os pauzinhos, tem um nome certo, agora eu esqueci, muita atividade de psicomotricidade, bolinha, ondinha, a letra C casada, a letra A, a letra E, todas as letras. A gente fazia na mesa, na folha mimeografada, todo dia tinha. Eu fazia a lição, mas às vezes ela não queria dar o brinquedo, porque eu conversava muito, daí eu acho que depois ela ficava com dó e me dava.

Isadora revela que enfrentava preconceito por ser negra por parte das professoras e que só foi sentir que era tratada como as outras crianças no 3º do Ensino Fundamental com professoras mais jovens. Isadora conta com detalhes os professores que teve e as atividades desenvolvidas durante o EF. Assim que finaliza o Ensino Fundamental ingressa no curso do Magistério oferecido pelo CEFAM.

Quando eu terminei a oitava série, para entrar no CEFAM tinha que fazer uma seleção, vestibulinho. Eu fiz no CEFAM de Itaquera e não entrei. Que lá era o CEFAM de 120 alunos no primeiro ano e eu fui 132, não entrei naquele ano. Aí eu só entrei no ano seguinte. Aí eu estudei, fiz o primeiro colegial, aí no final do ano prestei de novo no CEFAM um, aí no CEFAM um eu entrei, fui a quarta colocada. Que eu lembro que os dez primeiros foram lá e a diretora deu parabéns.

Isadora revela que a decisão por fazer o Magistério se deu por influência de uma vizinha que era professora e também pela oportunidade de ter estudo em uma boa instituição e ganhar um salário:

A Cida era mais velha, fazia o magistério e eu fazia os trabalhos para ela. E eu lembro que teve pasta de data comemorativa, eu que fiz, ela me pediu para ajudar porque ela tinha a Sheila, que era bebezinha. Então esse universo para mim estava muito próximo. Aí quando veio o CEFAM, ele era bom porque era uma escola boa, você estudava o dia inteiro, mas você ganhava dinheiro. Porque aí eu não iria atrapalhar minha mãe e meu pai, né? Já que eu não ia trabalhar, mas eu também não ia ter dar "gasto" a mais para eles. Ganhava um salário, já tinha um salário.

Quando finaliza o curso, Isadora ingressa na prefeitura como ADI:

Quando eu terminei o magistério, em dezembro...eu terminei o ADI quando eu entrei na prefeitura. Eu entrei na prefeitura em 98, em 97 teve um concurso para ADI no meio do ano, primeira vez que aceitava segundo grau. Em 97 a prefeitura fez um concurso para Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, exigindo o segundo grau na prefeitura.

Isadora conta a possibilidade ascensão social com o ingresso na carreira como ADI: "Eu prestei o concurso, as meninas "vai ter um concurso, olha o salário". Na época para nós, "estou rica, vou fazer". Fiz e passei. Aí terminei em 97. Dezembro de 97 eu

concluí o Ensino Médio. Em maio de 98 chamou”. Também conta que as concepções acerca da função da ADI eram ligadas à assistência e exigia-se pouco preparo ou formação para o desenvolvimento das atividades.

Na verdade não tinha que fazer atividade, tinha que cuidar, mas [...] para mim foi bom porque como eu já estava no magistério, então aí já tinha esse olhar. A gente dava [...] o que que tinha lá muito [...] a gente dava sulfite, massinha e giz de cera. Então a gente dava muito desenho livre e dava brincadeira com jogos, joguinhos, brinquedos de encaixe, mas uma coisa nada intencional, nada planejado. Não tinha coordenador, só vinha pessoa eventualmente. Essa que entrou como parceria ela entrou como ADI. Mas lá tiveram várias pajens.

Isadora fica até 2003 com o cargo de ADI e depois exonera quando tem o processo de municipalização da Educação Infantil e passa a pertencer a Secretaria de Educação do município.

Que foi quando a creche entrou para a Secretaria da Educação. Eu exonerei e fui ser...já tinha prestado um concurso, fui ser professora eventual na prefeitura. Então eu era professora eventual de Educação Infantil. Eu saí porque era outro concurso e eu não quis transformar o cargo porque eu já podia. Eu não quis porque primeiro que não tinha essa visão da transformação, da escala, era tudo muito novo, e as pessoas, os diretores de creche a maioria era assistente social.

Para Isadora, a decisão de deixar a prefeitura como ADI e ingressar novamente como professora se deu pela evolução do cargo na carreira e também por dificuldades de parceria com as colegas de trabalho que não tinham realizado a escolarização e visão de atendimento:

E eles não tinham muita ética, era bagunçado, eu não ia trabalhar direito, enfim...eu já estava cansada daquele ambiente porque tinha uma cultura que era assim: como elas tinham pouco estudo, não tinha um direcionamento correto, eu já era vista com olhos que eu já era diferente. Porque eu já tinha além de segundo grau, eu já tinha magistério e lá tinha gente com quarta série, você entendeu? Então eu já estava cansada daquilo, daquela cultura ali (grifo nosso).

Isadora saí e na sequência ingressa como professora,

Eu fui lá, exonerei e entrei como professora adjunta, entrei lá na EMEI Yolandia e me removi para o José Vicente. Até hoje ainda pode ingressar como magistério. Entre 2003 e 2004, teve um concurso de PEI, que foi quando teve o primeiro concurso para professor de desenvolvimento infantil. Em 2003 teve a transformação, aí no ano seguinte fez o concurso, eu fiz esse concurso e fui chamada. Voltei em 2005 para o CEI de novo como professora de desenvolvimento infantil.

Isadora revela que o ingresso como PDI já demonstrava certas modificações das práticas para as unidades que as profissionais realizaram a mudança de carreira e formação tinham a visão de atendimento que integrava o cuidado e a educação.

Aí já era outra realidade porque embora teve a transformação em 2003, a questão foi porque já tinha muita professora que já tinha o magistério ou pedagogia, já tinham sido transformadas, chegaram as PDIs novas e as Pajens ou as que estavam fazendo ADI Magistério. Mas daí eu já entrei nessa escola, peguei um mini grupo 2 e a professora da manhã já era professora também. Ela acumulava com a EMEI e eu também. Lá eu já dava aula, lá já tinha o cuidado e a aprendizagem. Até porque a diretora lá já tinha essa visão e lá já tinha coordenadora, nesse CEI já tinha coordenadora em 2005 (grifo nosso).

Em 2006, Isadora ingressa no curso de Pedagogia oferecido por uma instituição não governamental com bolsa e considera que foi bastante importante para sua formação, sobretudo, porque considerava as práticas e vivências das alunas do curso:

A gente tinha muita observação para fazer, tinha que levar muita coisa, porque você já é o professor então você tinha que levar muita coisa do seu aluno para lá, atividade de aluno...Foi rico porque eu era da Educação Infantil, só que as salas eram misturadas, era uma sala de quarenta alunos, então tinha muito professor de fundamental, muita gente já acumulava. Eu levava vivência de creche e de EMEI, mas a outra levava da EMEF, foi muito bom.

Era todo em cima da prática, a ponto de estar falando lá de uma situação que aconteceu e aí o professor intervir e falar "olha, isso aí lembra a fala de quem...do Paulo Freire"; "ah, isso aí é o que o Decroly fala"; "isso aí é o que a Madalena fala"; "isso aí é o que a Telma Weisz fala". Teve muita fundamentação. Todo mundo atuava, porque como era bolsa todo mundo era da rede. Agora de creche tinha poucas, porque a maioria acumulava EMEI e EMEF, creche eram poucas. Mas para a prática foi muito boa, a EI amplia muito, ampliou muito a Pedagogia, ajudou muito (grifo nosso).

Em 2008, abre o concurso acesso para a coordenação e direção, e ela ingressa em 2010 como coordenação pedagógica, "[...] Tinha que ter três anos como professor e eu já tinha[...]". Ingressa como uma vaga precária até ter atribuída uma unidade e revela que por ser jovem e formada enfrentou dificuldades com as professoras mais velhas. Também considera que por ser negra, as profissionais tinham preconceito por ela ser formada e um cargo superior:

[...] Uma EMEI enorme porque eram nove salas por turno. Aqui eu tive dificuldade porque professores velhos, de carreira, então você junta com uma professora nova chegando para ser a superiora deles, né, na cabeça desse pessoal atrasado. Jovem, mas não é branca,

infelizmente algumas pessoas você percebe a rejeição por conta da cor, né, porque quem se parece com você aqui está na limpeza, ou se muito, até de secretaria. Aí você vem, né, com o seu perfil para ser a coordenadora efetiva aqui? Não dá, né?

Isadora relata o percurso de carreira como coordenadora de Educação Infantil, demonstrando a importância que o papel da coordenadora tem para a formação e subsídios de formação na unidade de trabalho. Para Isadora a sua trajetória de carreira na rede como a possibilidade de ascensão social, “A vida adulta, eu acho que tudo o que eu tenho assim relativo a bens, bem de consumo, eu devo à prefeitura [...] Eu entrei como ADI, hoje eu sou diretora de escola”. Porém, ressalta que a possibilidade na carreira como ascensão social pode trazer também alguns problemas com a formação precária da professora e concepção de atendimento da Educação Infantil:

Aí vem um profissional muito pobre porque é uma pena a pessoa falar que vai fazer Pedagogia porque não tem que estudar muito. Quem tem consciência do que é ser um professor, o que é ser um educador já sabe que vai ter que estudar pelo resto da vida. E aí como ele tem uma formação precária, pobre, ele não consegue oferecer nada, é o caos. A gente não consegue transformar essa sociedade porque é pra se contentar com o que você tem. Fica muito difícil porque tem professor que acha que porque nós estamos aqui, quase vinte mil, uns cinco mil da Sapopemba, no Jardim Ester, perto do Conquista, perto do Rodoanel, perto de Mauá, a criança não precisa ir lá no museu, não precisa mostrar uma obra da Tarsila do Amaral, que ela não pode ver. Pra que mostrar a foto das estátuas do Rodin.

Assim, para Isadora, o ingresso e carreira desenvolvida na Educação Infantil representam, para ela, ascensão social. Ela avalia sua trajetória profissional com satisfação e hoje, na direção do CEI, ressalta a importância de pensar as propostas de formação das profissionais e professoras dentro da unidade de trabalho.

Tendo aqui exposto os perfis com as trajetórias de vida, formação e profissão no que diz respeito as condições de trabalho e carreira como profissionais de Educação Infantil no município de São Paulo, o próximo capítulo irá aprofundar nas questões relativas a origem, formação e representações quanto aos períodos de ingresso e percurso da profissão.

3. DAS ORIGENS SOCIAIS, TRAJETÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO E PROFISSÃO ÀS REPRESENTAÇÕES DE CARREIRA E DAS CONDIÇÕES DE TRABALHOS

[...] O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer (p. 27).

[...] Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem na e pela diferença, isto é, enquanto ocupam posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real (*ens realissimum*, como dizia a escolástica) e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos (p. 48-49) (BOURDIEU, 1996b).

Para Bourdieu (1996b, 2007), as trajetórias sociais estão diretamente relacionadas com as disposições e que foram incorporados ao longo de uma história e ocupam espaços de posições sociais. Ou seja, as trajetórias desvelam as “alocações” e “deslocamentos” da trajetória e uma posição que ocupam no espaço social.

Assim, as trajetórias de vida, formação e profissão de cada uma das profissionais estão relacionadas como o modo que elas individualmente incorporaram ao longo de seus percursos os *habitus* e dispositivos que ocupam no espaço social, desvelam as imagens do que é ser ou tornar-se professora de Educação Infantil.

A partir das análises e escrita dos perfis das profissionais, sobretudo por meio das entrevistas de história oral de vida, formação e profissão para identificarmos as representações acerca do trabalho, aqui neste capítulo serão apresentadas as análises das trajetórias (vida, formação e profissão) das profissionais com base nos dados e questionários, anotações do caderno de campo da pesquisadora, e dos perfis construídos.

3.1. Qual o perfil de uma profissional na Educação Infantil? O que revelam dos dados?

[...] O DOMÍNIO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA E DOS MECANISMOS SOCIAIS CUJOS EFEITOS SÃO EXERCIDOS SOBRE O CONJUNTO DA CATEGORIA DA QUAL ELES FAZEM PARTE (A DOS ESTUDANTES, DOS OPERÁRIOS, DOS MAGISTRADOS ETC.) E O DOMÍNIO DOS CONDICIONAMENTOS INSEPARAVELMENTE PSÍQUICOS E SOCIAIS ASSOCIADOS A SUA POSIÇÃO E A SUA TRAJETÓRIA PARTICULARES NO ESPAÇO SOCIAL. (BOURDIEU, 2007, P. 700).

Com base nos dados informados das profissionais, questionários e entrevistas de vida, formação e profissão é que foram realizadas as construções das tabelas a seguir. Cabe ressaltar que assim como as entrevistas respeitando a livre escolha das informações e narrativas das profissionais, do mesmo modo foi realizado o questionário (APÊNDICE C) com as identificações de ordem pessoal, formação e atividades relativas ao percurso na profissão.

Tabela 5: dados pessoais das profissionais- I

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Local de nascimento</i>	<i>Cor</i>	<i>Ingresso na carreira</i>
Antônia	59	Presidente Venceslau- SP	parda	pajem
Marisa	55	São Paulo- SP	parda	pajem
Laura	64	Itaperuna- RJ	parda	pajem
Inês	60	Nagé- BA	parda	pajem
Maria	50	São Paulo- SP	branca	ADI
Socorro	43	Antonina- PR	branca	ADI
Damaris	39	Pirapora- MG	negra	ADI
Larissa	39	Dracena- SP	branca	ADI
Mariana	29	Jaecós- PI	parda	PDI

Sônia	42	Santo André- SP	parda	PDI
Marta	47	São Paulo- SP	branca	PDI
Letícia	43	São Paulo- SP	branca	PDI
Isadora	39	São Paulo-SP	negra	pajem/PDI

*percurso de carreira

FONTE: dados da autora.

É evidente o processo de feminização do magistério no Brasil e as questões relativas ao gênero e seus profissionais e, quando se trata da Educação Infantil, torna-se mais expressivo. Os dados acerca do perfil do professor da Educação Básica no Brasil revela que é majoritariamente feminino, 82% (totalidade), e vai se modificando conforme as etapas (BRASIL, 2009, p. 21):

Gráfico 2: Professores das etapas da Educação Básica segundo o sexo no Brasil 2007

Gráfico 1 – Professores das Etapas da Educação Básica segundo o Sexo – Brasil – 2007
Fonte: MEC/Inep/Deed

Percebe-se, então, que, conforme a idade de atendimento educacional vai aumentando, há um número maior de professores do sexo masculino. No gráfico mencionado, observa-se que 98% na creche (0-3 anos), 96% na pré-escola (4-6 anos), 91% no EF1 são do sexo feminino, e a partir do EF2 vai diminuindo até 64% no EM e 47% na Educação Profissional (BRASIL, 2007). No Ensino Superior até 1996 a participação de professores do sexo feminino não chegava a 40%, embora os maiores graus de

escolarização sendo do sexo feminino. Em 2006 a participação chega a 44% de mulheres professoras no Ensino Superior, permanecendo em minoria (BRASIL, 2006).

O processo de feminização da docência, sobretudo nas primeiras etapas da Educação Básica, vem sendo investigado por diferentes autores como Luiz Pereira (1969), Almeida (1998), Louro (2000), Demartini e Antunes (2002) e Tambara (2002).

Segundo o estudo de Luiz Pereira (1969), o ingresso da mulher no trabalho e a feminização do magistério na década de 1950 deu-se, sobretudo, porque as mulheres ao ingressarem no magistério poderiam conciliar com as atividades e tarefas da vida doméstica. Somado a isso, as crenças nos estereótipos da personalidade e a visão da sociedade foram construindo os discursos e a representação de que a mulher “nasce” para ser mãe e professora e que a função docente é uma “natureza feminina”.

Para Almeida (1998), a formação das professoras foi cada vez mais sendo vista como uma possibilidade das mulheres atuarem como a “segunda mãe” e “[...] foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional”, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão” (ALMEIDA, 1998, p. 28, grifo nosso). Assim, para Almeida (1998) o aumento das mulheres na profissão do magistério além dos discursos ideológicos trouxe também um processo de precarização do trabalho docente e remunerações mais baixas, “[...] construiu uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às ideias de domesticidade e maternidade” (ALMEIDA, p. 68).

Na ampliação das primeiras escolas normais, no entanto, começaram-se as “naturizações” de que as mulheres tinham por “dom” ou “natureza” inclinações para o trato e a educação escolar das crianças (Louro, 2000). Demartini e Antunes (1993), ao investigarem a Escola Normal afirmam que a ingresso das mulheres só se deu a partir de 1875, apesar de 1845 [trinta anos] “[...] prever que as órfãs educandas se destinassem ao magistério primário e, apesar de uma outra determinação que mais tarde criaria uma Escola Normal feminina anexa ao mesmo Seminário das educandas [...]” (DEMARTINI, ANTUNES, 1993 p. 6). Somado a isso, a imagem e representação de que o ingresso das mulheres ao magistério se deu por uma atividade de complementação para conciliar com o papel familiar de mãe ou dona do lar, as mulheres tiveram no currículo de formação disciplinas a menos que os homens. Assim, as autoras (DEMARTINI, ANTUNES, 1993) constatarem que os homens têm privilégios na área

educacional, pois eram considerados como melhores “líderes” e a ascendiam para cargos como da direção, inspeção, funções técnicas e administrativas, professores da Escola Normal, abandonando o magistério que passou a ser considerado um “espaço feminino”.

Todo o processo de feminização foi marcando as diferenças nos currículos de formação e salariais “uma vez que se ganhava por disciplina lecionada” (DEMARTINI, ANTUNES, 1993, p. 6). Além disso, a remuneração menor dada às mulheres em decorrência de uma qualificação menor se deu também porque o ingresso na profissão se deu para conciliar com o papel doméstico e sem a “necessidade” de custear a família [função destinada para os homens, chefes de família]: “A professora é em regra casada e com o esposo divide o peso dos encargos de família. Raras vezes a professora é, entre nós, a responsável pelas despesas domésticas” (DEMARTINI, ANTUNES, 1993, p. 7).

O autor Tambara (1998) corrobora com a discussão e reforça que o processo de feminilização antecede o processo de feminização, porque, para o autor, os processos amparam e sustentam a identificação entre a natureza feminina e a prática docente: “[...] muito mais importante que investigar a feminização do magistério seja compreender o processo de feminilização do mesmo, mormente no que se refere às implicações associadas ao processo de qualificação/desqualificação do profissional da educação” (TAMBARA, 2002, p. 94).

A Educação Infantil traz marcas muito presentes da representação do papel feminino como uma figura doméstica, “dona do lar”, maternal, como características do perfil de menor qualificação e consequente remuneração.

Na pesquisa, todos os participantes são mulheres, não por escolha, mas devido ao perfil dos profissionais de Educação Infantil no Brasil ser majoritariamente feminino e de difícil localização. Somado a isto, sabe-se que os raros casos de homens que ingressam na EI, logo migram para ocupar cargos e funções administrativas ou hierárquicas de coordenação, direção. Uma das CEIs em que realizamos a pesquisa tem um coordenador pedagógico, mas este não foi incluído na pesquisa porque sua formação é em Licenciatura em Matemática e estava com o cargo designado, que fugia do objeto investigado que é a carreira e representação na Educação Infantil.

No questionário realizado, quanto à declaração da cor e ao pertencimento étnico, os termos usados foram os termos que são utilizados com os dados oficiais do (CENSOS/INEP) para fins de comparação, porém o termo sintético “negro” representa a

soma dos negros e pardos, que provém da semelhança estatística dos grupos, sobretudo das condições sociais. Ressalta-se que o termo “negro” além de se tornar categoria, vem ganhando força desde 1970 com os movimentos identitários³⁷. Assim, como a pesquisa não tem por objetivo investigar a questão racial e étnica, utilizou-se o termo “negro” como a junção dos negros e pardos para fins analíticos. A maior parte das profissionais investigadas se declarou como negra, sendo oito ao total, e cinco que se declararam como brancas.

A esse respeito, temos o trabalho *Trajetórias de mulheres negras na educação de crianças pequenas no distrito do Jaraguá, em São Paulo: processos diferenciados de formação e de introdução no mercado de trabalho*, de Oliveira (2006), que investigou a trajetória de seis profissionais negras que atuaram em creche [direta e indireta] na zona Noroeste de São Paulo, com o objetivo de identificar se o ingresso na profissão e o mercado de trabalho tinham relação com as classes sociais as quais as mulheres negras pertenciam. Assim, a autora aponta que para as profissionais o ingresso na creche representou uma mobilidade social ascendente e relação à sua família de origem e que foram dadas por diferentes circunstâncias, mas também por uma opção política.

O estudo exploratório do professor brasileiro realizado pelo INE traça os perfis dos professores da Educação Básica com base no Censo Escolar da Educação Básica de 2007 (BRASIL, 2009, p. 22), e revela a alta proporção de professores que não se declararam quanto à raça/cor, sendo 51% (mais da metade):

³⁷ IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- Censo demográficos.

Para aprofundar na temática da questão racial:

ABRAMOWICZ, Anete. & GOMES, Nilma Lino. (Orgs.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. São Paulo: Autêntica, 2010.

ALVES, Luciana. *Ser branco no corpo e para além dele*. São Paulo: Hucitec, 2012.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. São Paulo: Autêntica, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Autêntica, 2009.

Tabela 6: Total de Professores da Educação Básica por raça/cor, segundo região geográfica no Brasil 2007

Tabela 1 – Total de Professores da Educação Básica por Raça/Cor, segundo Região Geográfica – Brasil – 2007

Região	Total	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Não-declarada
Brasil	1.882.961	32,36%	2,18%	13,77%	0,43%	0,25%	51,01%
Norte	157.016	7,56%	1,40%	22,13%	0,27%	1,20%	67,44%
Nordeste	570.647	11,97%	2,51%	21,36%	0,37%	0,20%	63,59%
Sudeste	741.604	50,45%	2,58%	10,00%	0,47%	0,08%	36,42%
Sul	281.251	45,90%	1,14%	3,53%	0,60%	0,12%	48,72%
Centro-Oeste	132.443	19,54%	1,69%	13,97%	0,35%	0,55%	63,90%

Fonte: MEC/Inep/Deed

Em 2009, é publicado um estudo com o perfil do professor brasileiro elaborado pela UNESCO com base numa amostragem representativa (5.000) de professores das etapas da Educação Básica (GATTI & BARRETO, 2009). Nesse estudo, a maior parte dos professores se autodeclararam como brancos, 61% comparando a média de todas as etapas, sendo que na Educação Infantil cai um pouco para 58% de brancos. Ainda quanto à questão racial, as autoras ao articularem a categoria da raça/cor a outras categorias como escolarização salientam que:

Considerando a grande desigualdade de escolaridade dos brasileiros pretos e pardos, comparativamente aos brancos, pode-se entender por que a entrada para a profissão de professor tende a ser facilitada para não brancos, justamente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Acresça-se que é relativamente recente o acesso mais significativo dos brasileiros não brancos aos diversos níveis de ensino, bem como a sua progressão escolar até o ensino superior (GATTI & BARRETO, 2009, p. 26, grifo nosso).

No caso das profissionais que fizeram parte desta pesquisa, a maior parte se declarou como pertencentes à categoria negra, o que pode ser considerado como um fator positivo na identidade. Porém, é importante também considerar os aspectos mencionados pelas autoras quanto à expansão da escolarização no Brasil entre 1970 e 1980 e ao acesso dos negros nas etapas da escolarização.

Embora hoje o tema tenha ganhado espaço para o debate, ainda muito há que se investigar a respeito das trajetórias de negros, sobretudo, das mulheres negras, quanto aos seus processos de formação, percursos escolares e exercício da profissão. Sabe-se que as mulheres negras que realizam o ingresso no curso superior na licenciatura, magistério ou Pedagogia, ocupam em maior presença na atuação na EI, é válido um aprofundamento das questões para além do acesso a escolarização.

Isadora, a profissional investigada que ingressou na rede como ADI e percorreu todo o percurso de carreira até tornar-se professora, passando um tempo como coordenadora pedagógica e hoje atua como diretora de um CEI, em seus relatos pontua desde a sua infância, práticas de discriminação e preconceito sofridos ao longo de sua trajetória, sobretudo por parte dos professores. Isadora também relata que foi um desafio quando ingressou na equipe de gestão, num primeiro momento com o cargo de coordenação e hoje de direção, enfrentar os olhares e preconceito por parte das professoras (antes colegas) quanto à questão racial, e faz a reflexão quão importante é seu papel como diretora negra de um CEI em cuidar especialmente destes aspectos tanto na formação das profissionais que atuam como dos bebês e crianças da construção das relações étnico raciais, tema tão presente nos discursos atuais.

As outras profissionais e maioria aqui da pesquisa, embora em algum momento ou outro, poucas mencionaram as questões relativas à identidade racial em suas trajetórias de vida, formação e profissão, não foi tão marcante quanto a trajetória de Isadora, que como ela mesma pontua, pela “posição” que ocupa na gestão, parecer incomodar mais. Assim, por isto reforçamos o quão se faz necessário investigar e aprofundar as questões étnico-raciais de mulheres negras que atuam na EI.

Tabela 7: dados pessoais das profissionais- II

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Estado civil</i>	<i>Filhos</i>	<i>Ingresso na carreira</i>
Antônia	59	vive com companheiro	2	Pajem
Marisa	55	Casada	2	Pajem
Laura	64	Casada	2	pajem

Inês	60	Casada	2	Pajem
Maria	50	separada/divorciada	5	ADI
Socorro	43	Casada	2	ADI
Damaris	39	separada/divorciada	4	ADI
Larissa	39	Casada	1	ADI
Mariana	29	vive com companheiro	1	PDI
Sônia	42	Casada	2	PDI
Marta	47	Casada	3	PDI
Leticia	43	Casada	não tem	PDI
Isadora	39	Casada	2	pajem/PDI

*percurso de carreira

FONTE: dados da autora.

Quanto ao estado civil, a maioria das profissionais é casada (9) ou vive com o companheiro (2), sendo onze no total, e duas são separadas. A maior parte delas têm filhos, a maioria com dois filhos.

Tabela 8: A escolarização e profissão da mãe das profissionais

Nome	Idade	Ingresso	Escolaridade	Profissão
Antônia	59	pajem	analfabeta	Empr.doméstica
Marisa	55	pajem	primário	Aux. de confiança
Laura	64	pajem	analfabeta	Costureira
Inês	60	pajem	Fund. Compl.	Agente de apoio
Maria	50	ADI	Fund. Compl.	Agente de apoio
Socorro	50	ADI	*faleceu quando era muito pequena	
Damaris	39	ADI	primário	Empr.doméstica
Larissa	39	ADI	Fund. Incomp.	Dona do lar e Costureira
Mariana	29	PDI	E.M. compl.	Cozinheira
Sônia	42	PDI	Fund. Compl.	Dona do lar
Marta	47	PDI	Fund. Incomp.	Empr.doméstica
Leticia	43	PDI	Fund. Incomp.	Func. fábrica
Isadora	39	ADI/PDI	Primário	Ascensorista

FONTE: dados da autora.

Tabela 9: A escolarização e profissão do pai das profissionais

Nome	Idade	Ingresso	Escolaridade	Profissão
Antônia	59	pajem	Primário incompl. [Lê e escreve]	Barbeiro
Marisa	55	pajem	Primário	Vendedor
Laura	64	pajem	Primário	Vendedor
Inês	60	pajem	Analfabeto	Pescador
Maria	50	ADI	Grad. Compl.	Torneiro mecânico
Socorro	50	ADI	Fund. Incomp.	Motorista
Damaris	39	ADI	Fund. Compl.	Marceneiro
Larissa	39	ADI	Fund. Compl.	Metarlúrgico
Mariana	29	PDI	Analfabeto/ *voltou estudar	Aux. Operacional
Sônia	42	PDI	Fund. Compl.	Motorista
Marta	47	PDI	Fund. Compl. *acabou agora com EJA	Caldeireiro
Letícia	43	PDI	Fund. Incomp.	Sapateiro
Isadora	39	ADI/PDI	Analfabeto	“Saqueiro”

FONTE: dados da autora.

Em relação à escolarização e profissão dos pais das profissionais, percebe-se que a maioria tem o primário ou os anos iniciais da escolarização e que apenas um pai tem graduação completa. Quanto às funções desempenhadas pelas mães das profissionais, em sua maioria, são ligadas ao ambiente doméstico como “dona de casa”, “doméstica”, “costureira”, e “auxiliar de confiança”. Já em relação aos pais, ampliam-se os tipos de profissões e estão relacionados ao universo das empresas, fábricas, indústrias, como: “vendedor”, “motorista”, “caldeireiro”, “metalúrgico”, “marceneiro”, “torneiro mecânico”.

Os dados de escolarização dos pais das profissionais revelam que, em sua maior parte, tiveram apenas os anos iniciais do ensino primário e não puderam dar continuidade aos estudos. Já as profissões dos pais são atividades ligadas às indústrias ou atividades com a exigência de pouca qualificação. Assim, verificou-se que as profissionais proveem de um grupo social que, a despeito de variações quanto ao grau de escolarização e atividades de emprego e profissão, considerado com poucos recursos financeiros e bens culturais.

No próximo item, trataremos das trajetórias de vida e formação das profissionais e de que forma os pais e a família criaram estratégias e dispositivos para favorecer às profissionais melhores condições de vida e maiores oportunidades de escolarização em relação aos pais.

3.2. *origens sociais e as trajetórias de vida, formação*

[...] As dimensões fundamentais desse espaço, [...] A reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural se dá na relação entre as estratégias das famílias e a lógica específica da instituição escolar (BOURDIEU, 1996b, p.35)

Ao mesmo tempo em que o *habitus* constitui-se um sistema de esquemas de produção de práticas, constitui-se também um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas, e, em ambos os casos, essas operações exprimem a posição social em que foram construídas. Desse modo, pode-se dizer que existe uma relação estreita entre as posições sociais, as disposições (ou o *habitus*) e as tomadas de posição, as escolhas que os agentes sociais operam nos mais diferentes domínios e as estratégias utilizadas para buscar a apropriação de determinado objeto material ou simbólico. Para Bourdieu (2003, 2007) a trajetória social origina-se a partir das relações, disposições e do *habitus* primário adquirido no campo familiar.

Conforme mencionado anteriormente, as profissionais veem de uma origem social similar na qual os pais e família com poucos recursos financeiros e pouca escolaridade. Assim, as trajetórias de vida e familiar das profissionais revelam, sobretudo no período da infância, as condições de vida e os desafios enfrentados, como da Antônia “a minha infância foi uma infância pobre, mas em vista à dos meus irmãos a minha ainda foi melhor, porque eu sou uma das últimas, então quando eu nasci, todo mundo já trabalhava”.

Para o autor Berteaux (2010), as relações que são adquiridas na infância, no convívio familiar e nas relações interpessoais de menor grau que se constitui o núcleo das relações intersubjetivas, onde dominam as relações afetivas, morais e geradoras de sentido. Ou seja, há um impacto muito grande, sobre cada membro de um pequeno grupo: “[...] não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignorarmos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela fez parte em algum momento de sua existência” (BERTAUX, 2010, p. 53).

Antônia, apesar dos poucos recursos financeiros e dificuldades na infância, exprime o sentimento às relações de afeto, acolhimento que teve:

[...] mas eu tive uma infância bonita. Eu ia pra escola descalça, não tinha sapato lá no interior [...] mas eu ia feliz. Não tinha outra opção.

Eu tinha uma amiga, Bárbara, que eu tenho muita vontade de reencontrar. Ia eu e ela pra escola. O meu pai trabalhava na usina, o pai dela também. Só que o pai dela tinha um cargo maior, então ela ia pra escola bem arrumadinha, de sapato, de meia. E no meio do caminho ela tirava um pé de sapato e me dava. Eu ia com um pé e ela com o outro. Então eu vejo isso como um imenso carinho que ela tinha por mim. Ela ia com um pé calçado, o outro descalço, e eu também, o que resolvia? [risos] (ANTÔNIA).

Já para Laura, as dificuldades e desafios durante a infância trazem o sentimento de sofrimento, e de uma fase ruim:

Meu irmão é do primeiro casamento, meu pai casou novamente, minha mãe morreu com 39 anos. Ela morreu jovem, tinha doença de chaga, que era o barbeiro, e eu tinha 15 anos, [...] bem novinha, então no momento em que eu mais precisava dela ela faleceu! [...] foi um período difícil, como eu te falei desse que era um grupo de tábua, depois meu pai montou uma quitandinha ali, minha mãe vendia verdura, depois meu pai fez um bar e ele tem esse bar até hoje. Tem 50 anos o bar, mas é onde sai o ganha pão dele [...] foi meio sofrida, [...] eu não sei o que era uma brincadeira, eu não tinha brinquedos, porque era uma situação difícil entendeu!? Não tinha brinquedos, então eu não posso falar que foi uma infância boa [...] (LAURA, grifos nossos).

Do mesmo modo que Laura retrata as condições difíceis de vida e desafios durante a infância, e Marisa, ao se expressar acerca dos sentimentos, define como uma ausência de infância:

É tão triste a minha infância [...] não tive infância. É que a minha vida foi sem infância. Meus pais eram muito pobres. Eles tinham sete filhos [...] e ainda meu pai morreu. Então, a gente já trabalhava, quando meu pai morreu, mas a gente teve que continuar para ajudar a minha mãe. Antes de meu pai morrer a gente já trabalhava, a gente engraxava sapato na padaria. Ia eu e meus irmãos para ganhar um dinheirinho, pra ajudar a comprar o pão, o leite, né? Refrigerante nem sonhava! [...] a Tubaína era só dia de domingo. Eu tinha 14 anos de idade quando meu pai faleceu e logo fui registrada na fábrica de Açúcar União. Então eu comecei a trabalhar muito cedo (MARISA, grifo nosso).

Percebe-se, que a decisão das famílias das profissionais de migraram para a grande São Paulo para obterem melhores oportunidades de emprego e condições de vida.

[...] a gente sempre morou em Mauá, meu padrinho era pedreiro, fazia muitas obras em Santo André e ele veio para ajudar. Naquela época era muito fácil conseguir emprego, ele trabalhou em várias empresas grandes, trabalhou na Montori Sperck, trabalhou na Roddie, trabalhou

na Phillips [...] porque era muito fácil arrumar emprego, mesmo sem nenhum estudo (SÔNIA).

Larissa e Antônia, assim como a maioria das profissionais, relatam as ações dos familiares em melhorar as estruturas e organização do bairro, da vizinhança: “[...] fizemos parte de alguns movimentos para benfeitorias do bairro inclusive. Meus parentes foram um [...] das pessoas que ajudaram na igreja, na formação do bairro, trabalhando em comércio” (LARISSA) e:

Eu achava minha mãe uma guerreira, pelo coração que ela tinha. Ela não media consequência para ajudar. Ela foi uma das fundadoras da comunidade aqui, tinha um trabalho lá dentro [...] uma guerreira em criar doze filhos, não é brinquedo não! Ainda teve um adotivo [...] Ela teve onze e adotou um. Ele convive com a gente [...] a gente sempre se encontra e quando reúne à família, ele está no meio [...] foi parar na mão dela porque trouxeram de Minas, e ele ficou aqui na igreja. Era uma criança abandonada mesmo. Assim, o que me admira nela é a coragem que ela teve de pegar essa criança. Levou pra casa, cuidou [...] ele foi pra ficar poucos dias até arranjar um lugar e acabou ficando com ela mesmo, acabou criando (ANTÔNIA).

Para o autor Bourdieu (2003), a origem dos agentes sociais está relacionada diretamente à posição ocupada no espaço social, ou seja, as histórias de vida também revelam as histórias de um grupo ou classe social.

Percebe-se que os dispositivos e *habitus*, aprendidos na educação familiar, reforçam uma familiaridade com as “condutas presentes na prática” do magistério (PENNA, 2007). A respeito desse tema, a autora Penna (2007) observa que as condições de vida e posições de relações sociais das famílias estão relacionadas ao desenvolvimento de disposições ajustadas a essas condições, que dizem respeito à classe social:

“[...] marcadas por possibilidades e impossibilidades, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias que objetivavam aumentar ou ao menos conservar o patrimônio familiar, ou seja, melhorar ou manter a posição na estrutura das relações de classe” (PENNA, 2007, p. 168).

Ainda acerca dos *habitus* incorporados das condições de classe, as famílias das profissionais revelam o empenho para que pudessem ter uma escolarização maior que os pais e que ingresso a carreira de Educação Infantil está relacionado com essas estratégias de valorização dos estudos.

O autor Bourdieu, em seu texto *A Escola Conservadora* (BOURDIEU, 2003), leva a refletir sobre as desigualdades inerentes à escola e à cultura. Para o autor, há um descompasso entre o capital cultural das diferentes classes, o destino tomado pelos estudantes, bem como as oportunidades oferecidas pela escola. As famílias são responsáveis por transmitir a seus filhos o que Bourdieu nomeia “capital cultural” e *ethos* como valores fundamentais que vão definir a relação estabelecida com a escola. A seletividade no acesso ao ensino superior, por exemplo, se dará de forma desigual dependendo da classe social da qual provém o sujeito, fazendo emergir, segundo Bourdieu, “a ação do privilégio cultural”:

[...] a estrutura, a experiência e, por meio dela, as disposições e as práticas cotidianas é o peso relativo do econômico e do cultural sobre o patrimônio herdado ou, mais precisamente, a prioridade que se encontra objetivamente atribuída, nas condições de existência associadas a uma posição determinada, à cultura ou à economia, à arte ou ao dinheiro, ao “poder espiritual” ou ao “poder secular” (BOURDIEU, *apud* VALLE, prefácio, 2011).

Dessa maneira, Bourdieu (2003) assegura que os familiares como um todo, não apenas os pais, como colaboradores para a construção do capital cultural, de forma que o nível de escolaridade dos familiares e a sua renda definirão as vivências as quais os sujeitos terão acesso. A visita a espaços culturais como museus, teatros, as idas a concertos, as viagens, entre outros, proporcionarão experiências singulares aos sujeitos das classes favorecidas que os distinguirão. O autor ainda destaca as diferenças linguísticas observadas entre os membros de classes distintas, encontrando-se os mais pobres, mais distantes da norma culta tão valorizada na escola.

As trajetórias de formação e os percursos de escolarização das profissionais e professoras revelam os *habitus* de origem social e familiar no empenho de obter melhores condições de vida e oportunidades de acesso e maior escolarização. Os dados pessoais das profissionais, conforme mencionado, revelam que a maior parte dos pais não teve seus estudos completados [como Ensino Fundamental ou Médio] e que têm apenas o ensino primário ou foi apenas alfabetizado.

As profissionais todas estudaram em escolas públicas e nos relatos revelam os *habitus* para a continuidade aos estudos. Quanto à leitura, Sônia descreve as dificuldades de acesso aos livros e materiais “[...] meus pais eram muito pobres [...] lembro na minha infância eu queria um gibi, e meu pai não comprava e eu implorava

‘só um gibi!’ [...] ‘Não! Eu não tenho dinheiro’ e ele não tinha mesmo[...] eu não tinha acesso a livros [...] até que comprou um almanaque, que é super gibi” (SÔNIA).

Em algumas trajetórias de formação escolar das profissionais é mencionado o programa “Caixa Escolar” que foi um projeto político no qual o Estado auxiliava com material escolar os alunos de família que não tinha condições financeiras de arcar com todas as despesas, “Ganhava o material lá da escola, um material bem fraquinho. Era pra quem não tinha condições de comprar. Os pais que não tinham condições, as famílias bem pobrezinhas que não tinham condições de comprar o material [...]” (MARISA).

As profissionais que participaram do programa “Caixa Escolar” revelam que dentro das instituições escolares eram marcadas por participarem do programa com os materiais escolares e práticas preconceituosas:

Na verdade, quem precisava era um caderno diferenciado, da caixa, era um caderno verde, todo diferenciado, vinha com o timbre. Esse kit que a prefeitura dá hoje, o Estado dá hoje, eu era da rede estadual, então o Estado dava, mas era todo um timbre, era diferente então aquilo marcava que você realmente precisava, era só quem precisava mesmo que recebia. Hoje a gente vê que isso aí para hoje não tem nada a ver, pura discriminação (ISADORA).

Com vistas ao acesso à continuidade de escolarização, os trajetos de formação e escolarização revelam que a decisão acerca da escolha do magistério, no caso das profissionais que cursaram antes do ingresso à carreira, como uma oportunidade de continuarem a estudar e à possibilidade de acesso a outros empregos. As profissionais que ingressaram na carreira já com o magistério, em sua maior parte, revelam que a escolha por esse curso profissional se deu não por escolha, mas porque é o curso disponível e que elas poderiam realizar como descreve Maria, “lá na escola em que eu estudava na época só existia a opção de magistério, contabilidade e secretariado”.

[...] você não tinha tantas opções pra estudar como tem hoje. Ou era aquilo, ou era aquilo. A minha opção era de estudar à noite. Aí meu pai não deixou. [...] Quando eu fiz o segundo grau eu já era casada [...] eu estava terminando o segundo grau, faltava meses, foi quando surgiu o ADI Magistério. Aí você fica naquela dúvida “eu não sei se eu paro aqui, vou pra lá” (ANTÔNIA).

Parei porque eu não estudei mais, depois que comecei a trabalhar me mudei, e eu só consegui fazer acho que só até o 3º ano primário,

precisava ter no mínimo até o quarto ano primário. Eu fui para o Mobral e fiz até a 8ª série. Parei na 8ª série e depois é que nós tivemos o curso, o ADI magistério (INÊS).

As profissionais que ingressaram como professoras revelam também que o ingresso na carreira se deu por procurarem melhores condições de vida, sobretudo uma formação da graduação que oferecesse oportunidade de empregos.

[...] eu fiquei desempregada e fui trabalhar com meu irmão na sapataria, trabalhando mesmo depressiva, mesmo assim para manter o sustento, porque ele não ajudava em nada [irmão e pai que são sapateiros]. Então para não passar fome eu fui trabalhar com meu irmão, era o salário mínimo, e aí quando eu estava trabalhando com ele [foi em 2008], eu estava ouvindo rádio e escutei uma propaganda da Estácio, que estava como Uniradial, e eu fui me inscrever para fazer o vestibular (LETÍCIA).

As profissionais, que realizaram o curso ADI magistério oferecido depois que ingressaram na carreira, relatam que consideram muito importante em sua trajetória de formação e destacam como o que mais contribuiu para o exercício de sua profissão, “O ADI Magistério foi o curso que mais me ajudou. Não foi tanto quando o normal, porque no curso normal aprendi só teoria e no ADI magistério você aprendia e já estava praticando” (ANTÔNIA) e também:

No CEFAM tinham as matérias da grade normal do Ensino Médio, mais as da metodologia. Eu acho que eu tive bons professores lá. O CEFAM é do Estado, é Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério As disciplinas eram juntas, Ensino Fundamental e infantil, dentro dessas metodologias, aí você estudava, fazia o estágio, teve o estágio. Fiz o estágio em escolas próximas ao CEFAM e a maioria foi lá no meu bairro. Como podia sair ao meio dia, então eu ia para o meu bairro porque depois do estágio eu já estava perto de casa. Eu penso que o CEFAM foi diferenciado e ele foi mesmo. [...] Quem fez Ensino Médio, quem fez magistério em uma escola regular do Estado estudou quatro horas, eu estudava oito horas e meia, eu estudava das sete da manhã às cinco da tarde. Então é outra coisa, é outra realidade (ISADORA).

Para as profissionais que realizaram o ADI magistério, o valor da contribuição da formação para as atividades do trabalho é maior que o curso de Pedagogia ou Normal Superior porque segundo elas, o curso era voltado para as práticas que eram desenvolvidas.

Os relatos das profissionais revelam a importância dos cursos de formação que realizaram para com o “olhar” para infância e compreender melhor as atividades que envolvem o trabalho docente “[...] eu acredito que o meu olhar para a criança, para a família, para a educação de forma geral, ele é um olhar de quem tem uma formação específica” (MARIANA).

As autoras – Penna, (2007), Bianchini (2007) Pinho (2009) e Cruz (2009) – investigam as relações da escolarização dos pais e acessos aos bens culturais para a formação e o modo como desempenham as funções docentes. Assim, os *habitus* relacionados ao exercício da profissão representam os processos de formação e origem social das profissionais. No próximo item, trataremos das trajetórias de carreira e condições de trabalho das profissionais.

3.3. Trajetórias de carreira e condições de trabalho: a ascensão social

A partir da tese defendida por Bourdieu (2003), é necessário que o professor possua uma formação que não represente apenas um capital cultural institucionalizado, ou seja, um diploma; o capital cultural deve ser também incorporado, isto é, apreendido de fato, interiorizado. Para que o diploma represente um valor equivalente ao que lhe é atribuído. O *habitus* seria um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e “constantemente repostos e ritualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e/ou classes, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentido em que operam as relações de força” (BOURDIEU *apud* MICELI, 2011, p. XLII).

Querer compreender as representações de trabalho requer compreender de que modo os *habitus*, os dispositivos construíram um ponto de vista:

[...] O espaço social me engloba como um ponto. Mas esse ponto é um ponto de vista, princípio de uma visão assumida a partir de um ponto situado no espaço social, de uma perspectiva definida em sua forma e em seu conteúdo pela posição objetiva a partir da qual é assumida (BOURDIEU, 1996b, p. 27).

Assim, ao investigarmos os percursos e pontos de vistas de uma carreira profissional, os conceitos de ciclo no desenvolvimento profissional são válidos e

pertinentes. Huberman (2007, p. 35-36) ao propor investigar as carreiras e desenvolvimento profissional de professores aponta os seguintes questionamentos:

- [...] a quem pertencem, ou haverá percursos diferentes, de acordo com momento histórico da carreira?”
- Que imagem é que as pessoas têm de si, como professores, em situações de sala de aula, em momentos diferentes de sua carreira? [...]
- As pessoas tornam-se mais ou menos “competentes” com os anos? [...]
- As pessoas estão mais ou menos satisfeitas com a sua carreira, em momentos precisos da sua vida de professores? [...]
- [...] O que é que distinguem, ao longo das carreiras, os professores que chegam ao fim carregados de sofrimento daqueles que o fazem com serenidade?

A partir de que momentos será possível as pessoas aperceberem-se, digamos, “predizer”, do fim de carreira?

Assim, Huberman (2007) propõe então que a trajetória profissional e de carreira dos professores por meio do ciclo de vida dos professores, o qual, tem diferentes fases vividas pelos professores no exercício de profissão.

FONTE: (HUBERMAN, 2007, p. 47)

A primeira fase [2-3 anos], de entrada na carreira, se dá os primeiros contatos da realidade da profissão, o que o autor (HUBERMAN, 2007) denomina de “choque real”.

Ao analisarmos as representações que as profissionais e professoras têm dessa primeira fase, percebe-se que são diferentes de acordo com o período e forma de ingresso na carreira. As profissionais que ingressaram como pajens, trazem as representações de que essa primeira fase foi tranquila e de fácil sobrevivência, pois estão ligadas as concepções de que o trabalho desenvolvido é próximo ao ambiente

doméstico e que já tinham desempenhado funções próximas como cuidar de irmãos, cuidar dos filhos e ser babá, “[...] Quando entrei não tive dificuldades porque já trabalhava com criança, né?” (MARISA) e “Não tive dificuldades no início da minha profissão. Eu já era mãe. O que se pedia era a prática, se já tinha trabalhado de babá, até trouxe uma carta de lá que eles pediram” (ANTÔNIA).

Nos relatos as profissionais que ingressaram como pajens também reforçam que as representações acerca da carreira era expressa na forma como foi o processo de ingresso na profissional, “você fazia a inscrição [...] tinha uma prova de seleção, com coisas específicas mesmo, o que eles viam mesmo era o cuidar, como cuidar da criança. Só depois que eu fui percebendo que o educar e o cuidar caminham juntos” (ANTÔNIA).

Tinha que ter o 4º ano primário, a gente também fez uma cartinha que já tinha cuidado de criança. Eu lembro que eu tinha feito essa cartinha, eu já tinha trabalhado como pajens, de babá na verdade, acaba sendo a mesma coisa. Depois a gente foi fazer os exames, e tinha uns testezinhos que era para fazer uns desenhos [...] ingressei aqui em 1982 (LAURA).

Eles pediam até a 4ª série ou primário. Você tinha que ter filho, parece que você tinha que ser mãe. [...] Fomos lá fazer a ficha, a inscrição, tipo o contrato. Falei: “ih, isso não vai dar nada”. Passou mais uma semana chegou a carta pra gente ir lá fazer a provinha. A minha provinha foi lá na Penha, sabe ali a Praça 8 de setembro? Foi ali. Aí, menina, uma coisinha tão fácil, coisinha de 4ª série e primário mesmo, probleminha de mais e menos, continhas das quatro operações: dividir e multiplicar. Uma perguntinha sobre como cuidar de criança, tipo assim: “se a criança chorar você sabe identificar o choro, de fome, se é de sono, se é de dor” É, “quando a criança não quer comer, o que você faz pra criança comer?” Essas coisas. Bem coisinha simples! A prefeitura era assim, já era tudo mais fácil quando era assistencialista (MARISA).

Para as profissionais que ingressaram na carreira como ADIs, os relatos acerca da entrada na carreira apesar de fazerem menções como a descoberta da profissão, verifica-se que dão o valor positivo à formação dos cursos de magistérios como subsídios para o desenvolvimento das práticas pedagógicas. Mas por outro lado, questionam as práticas e concepções das profissionais que ingressaram como pajens:

[...] eu já estava cansada daquele ambiente porque tinha uma cultura que era assim: como elas tinham pouco estudo, não tinha um direcionamento correto, eu já era vista com olhos que eu já era diferente. Porque eu já tinha além de segundo grau, eu já tinha

magistério e lá tinha gente com quarta série, você entendeu? (ISADORA).

Maria relata que, por ter realizado o curso de magistério, a diretora preferiu colocá-la numa sala com crianças maiores para auxiliar na alfabetização para auxiliar nas atividades:

Eu prestei o concurso e passei. Na época pedia só que tivesse o Ensino Fundamental, foi o Ensino Fundamental, não foi nem o Ensino Médio. Pedia até a 8ª série, precisava ter o diploma. Eu acho que era só isso que pedia na época. No CEI eu tive dificuldade na hora que a minha diretora viu que eu tinha magistério. Ela me colocou para cuidar das crianças maiores na alfabetização nessa época as crianças tinham 6 anos e 11 meses, já saíam de lá alfabetizadas. Eu tinha que fazer as atividades, que eu já tinha no magistério, e mimeografava as atividades para dar para as crianças (MARIA).

As que ingressaram como professoras na carreira mencionam a frustração na entrada da profissão, sobretudo, da formação que dos cursos superiores [Pedagogia ou Normal Superior] que foram muito teóricos sem dar condições para as práticas desempenhadas no cotidiano da profissão:

[...] eu cheguei na escola e não sabia nem abrir o diário direito, ninguém me ensinou, a faculdade não te ensina isso, não, o professor da faculdade fala: “ Ah mas você teve didática”, didática que eu tive na faculdade foram só teoria, foram só textos, eu não tive a prática ali do como que eu tenho que fazer um semanário, eu não sabia, eu aprendi na prática com os professores que estavam na escola, com o coordenador, foi como eu aprendi (MARIANA).

Para Mariana, o fato de ingressar no concurso e ficar como professora de módulo [não tem sala fixa- substituir outras professoras] foi um fator a mais de frustração:

A minha dificuldade foi porque eu cheguei na escola e não tinha sala, porque na prefeitura não tem eventual, é, você fica de módulo, então você quer chegar na escola e ter a sua sala, não é você ser possessiva, mas é bom você ter pra onde ir, você preparar suas atividades, você se sente útil, quando você é módulo numa escola, cada dia você esta numa sala diferente, não tem uma rotina (MARIANA).

A fase de estabilização [4º - 6º anos] a qual os professores podem refletir acerca do desempenho e de certa forma funciona como afirmação ou sentimento de competência na profissão, ou como “[...] acompanhado a par e passo da consolidação pedagógica, é percebida em termos positivos, se não mesmo em termos de pleno

agrado, por aqueles que a vivem” (MOSKOWITZ e HAYMAN, 1974 *apud* HUBERMAN, 2007).

As representações das profissionais que ingressaram como pajens e ADIs refletem na fase da estabilização as oportunidades de formação e mudanças de práticas com subsídios dessa formação.

[...] depois eu fiz o normal superior e depois de 1 ano e meio mais ou menos voltamos a fazer, eu fiz transformei o cargo em 2007. Com o ADI magistério que você vai conseguindo mais experiência, por isso que eu fazia assim o ADI magistério, deu mais subsídio. Com certeza é bom, trás coisas novas, é nova, isso é muito bom (INÊS).

Eu acho que começaram ver mesmo que não era só assistencialismo a partir de quando veio o projeto da Marta que todos teriam que estudar e o ADI Magistério. A partir do momento que veio o ADI Magistério, aí pronto, todos os professores, evoluíram né, já tiveram outra concepção, outro olhar. A prática mesmo foi o mais importante pro meu trabalho [MARIA].

Já a fase de diversificação [7º-25º ano] é o período o qual o professor os percursos na carreira, que envolve: questionamentos, serenidade e distanciamento afetivo, conservantismo e desinvestimento (sereno ou amargo) (HUBERMAN, 2007, p. 41-47).

As profissionais que ingressaram como pajens e ADIs mencionam as mudanças ocorridas na evolução da carreira, mas também nas condições de trabalho e concepções de atendimento para infância, “depois que eu terminei o ADI magistério eu fiquei um ano esperando para a transformação do cargo, isso também foi uma conquista grande” (ANTÔNIA).

Teve muita mudança, começa pelas condições de trabalho. porque antigamente quando era pajem, até ADI [...] era assim, era fralda de pano, eles não mandavam fralda descartável, não mandavam lencinho, a gente tinha muitas dificuldades. Tinha poucos funcionários. Eram poucas ADIs, você tinha que misturar muitas salas. Às vezes faltava funcionário na cozinha, o diretor fazia uma escala pra gente ir lá na cozinha e a colega ficava com duas turmas, tipo, na época eram 20 crianças, a colega ficava com 40, juntava duas salas, entendeu? Pra uma ir lá pra cozinha, pra ajudar na cozinha porque não tinha funcionário. As condições de trabalho eram bem precárias se comparar com hoje. Hoje tem fralda descartável, tem lencinho umedecido, hoje tem passeio pras crianças, tipo fazendinha, é pago, mas tem como ir porque antigamente não tinha, nem condições de pagar às vezes não tinha (MARIA).

Outro aspecto mencionado pelas profissionais que ingressaram como pajens e ADIs foi a mudança de cargo para professora e as formações ocorridas dentro da unidade de trabalho.

Lá tinha diretor, tinha APP, coordenador pedagógico já tinha e tinha auxiliar de direção. A gente já fazia a atividade, a gente fazia atividade no papel, tinha as brincadeiras lúdicas. A APP, a coordenadora pedagógica que orientava a gente. Só que assim, não é como hoje, que você tem que anotar, fazer relatório, a gente não fazia isso antigamente, Só fazia na prática, na escrita não (MARISA).

Em 2005 quem fazia a formação pedagógica era o coordenador pedagógico, era ele quem estava nas reuniões pedagógicas que eram bimestrais. Porque também não tinha isso que tem hoje de uma hora de estudo. Então eram seis horas direto com o aluno. Só que bimestralmente tinham as reuniões pedagógicas que tinham formações e estavam presentes o diretor, o coordenador (ISADORA).

As profissionais e professoras ao descreverem acerca do papel de ser ou tornar professora de EI mencionam a importância que formação na unidade de trabalho proporcionou/proporciona para a prática profissional.

Então, nós fazemos todos os dias, segunda e sexta tem horário individual e terça, quarta e quinta temos o PEA. O horário de formação coletiva nós lemos textos, a gente discute sobre a prática. Tem um dia que a gente faz relato de prática porque nós estávamos [...] para não ficar muito cansativo só leitura de texto. Pedimos para o coordenador algum vídeo, oficina, coisas assim. Eu fiz curso da prefeitura [...] foram mais ou menos 4 ou 5 meses de curso. Eu acho que é importante. Eu acho que a formação continuada é muito interessante, muito importante, principalmente a troca de experiência entre os professores, então assim, esse relato de prática que a gente faz, acho muito legal, aqui dentro, as leituras de texto eu acho bem legal porque a gente está sempre procurando algo voltado (LARISSA).

Aqui a gente tem bastante formação [...] eu gosto muito de ouvir vivências de outras pessoas, de ler. Eu faço muitos cursos [...] eu posso até dizer que o que ficou do magistério foi muito pouco porque como eu sai de lá muito frustrada com a incapacidade que eu achava que eu tinha, eu não me considero estar errada, me arrependo de não ter enfrentado e não ter buscado essa capacitação, mas realmente foi uma formação bem inferior daquilo que eu desejava, [...] então o concurso me fez ver muitas coisas, entendeu!? (SÔNIA).

Para Nóvoa, a formação contínua entendida no desenvolvimento profissional é uma oportunidade para que os professores “[...] instaurarem dispositivos de parceria entre os diversos actores sociais, de institucionais” (1995, p. 30). Assim, para o autor as aprendizagens em comuns possibilita a consolidação de dispositivos de colaboração.

eu gosto do PEA, eu acho bom porque a gente troca as experiências, a gente conversa muito, troca as informações. Nós demos informações para a escola, eu mesma estou sempre vendo coisas, buscando informações, essas trocas eu acho muito boa, tanto a informação quanto o que está sendo conversado, o que está ocorrendo dentro da sala de aula, as vezes o grupo mesmo oferece ajuda, se sensibiliza com a situação, oferece ajuda, acho muito válido a formação (LARISSA).

Como professora era muito válida essa questão do estudo lá na creche porque é o momento que você vai contextualizar a prática, onde você vê o que precisa, onde você avançou, onde você acha que a criança teve um progresso maior, e onde o professor começa a desconstruir aquela imagem de que a produção é só o papel e ainda o que é pior, se ele tiver uma reprodução e não uma construção. Porque construir não é você repetir (ISADORA).

Isadora, ao relatar acerca das formações e da importância da formação na unidade de trabalho para o desenvolvimento profissional, revela que boa parte apenas frequenta os cursos oferecidos para a evolução da carreira:

A maioria dos cursos na rede é assim: oferecem para o coordenador e os professores. Quanto mais cursos você faz, mais pontos você ganha e seu salário sobe. A maioria só vai fazer o curso para a ascensão profissional, muitos!! E aí tanto gestão, que é diretor, coordenador, supervisor, quanto professor. Porque você nota a mudança de quem vai lá. Eu faço pelos dois. Porque eu quero dinheiro e eu quero o conhecimento (ISADORA).

No estudo de Dias (1997), os professores investigados [professores pesquisadores de inquestionável notório saber científico] revelam quais saberes explícitos e implícitos necessários para o educador de primeira infância. As características mais marcante e recorrente nos relatos dos professores são: 1) a identidade desse profissional, cuja dimensão política e crítica faz-se necessária; 2) a percepção da diversidade cultural como direito da criança e fator de enriquecimento profissional e humano; 3) gostar da criança e de uma dimensão lúdica para dialogar com a criança; 4) formação por meio dos conhecimentos teóricos e metodológicos para subsidiar as práticas educativas e 5) a formação do professor respeitando seu ritmo e necessidade.

O professor que gosta muito de trabalhar com as crianças, eu gosto de contar histórias, eu gosto de fazer atividades com eles. Com os maiores, eu montava brinquedos com eles porque antigamente a gente não tinha condições de ficar comprando brinquedo pronto, então a gente construía. Eu acho assim, uma professora calma, professora centrada naquilo que faz, tem que ser nerd na hora certa [...] sempre ter atenção deles para as coisas que estão fazendo, ver o envolvimento

deles, carinho, a demonstração de carinho nessas ausências que eu tive esse ano por conta de problema de saúde, fiquei afastada, fiquei no início do ano de maio e abril, fiquei de licença, depois foi de junho até outubro, uns quatro meses afastada, fiquei bastante tempo (SOCORRO).

Quanto às condições de trabalho as trajetórias das profissionais e professoras, elas revelam que o ingresso na carreira se deu como intuito de ascensão social. Os relatos revelam, sobretudo, as questões de melhorias de condições de vida como a redução das horas de trabalho, a possibilidade de poder estar próxima aos filhos e a família, ao salário e as possibilidades de continuidade de estudos e de reconhecimento social.

Meu tio chegou lá batendo na porta. Meu tio me chama de Betinha. "Betinha, abriu inscrição na prefeitura e hoje é último. E eu falei: "inscrição pra que, tio, eu já trabalho". "Não, pra trabalhar na creche, de pajem". Eu falei: "ai, não quero tio, eu já cuidei tanto de criança na minha vida, eu não quero mais". "Não é na creche, é na prefeitura, é um emprego fixo, é um emprego que você vai ganhar um salário, não trabalha de sábado nem de domingo, vamos?" Eu falei: "Tio eu faltei no serviço hoje pra ficar com meu filho, hoje eu não quero sair, não quero ver ninguém, eu quero curtir o meu filho". Porque eu não ficava com o meu filho, ele ficava na creche, eu trabalhava até dia de sábado. Meu tio insistiu tanto, ele tava com a minha prima, com a filha dele. A minha prima: "Vamos, vamos pra eu não ir sozinha". Peguei e fui (MARISA, grifo nosso).

As representações que as profissionais que ingressaram como pajem têm acerca da profissão são bastante ligadas às concepções de “gostar de crianças”, “ amar as crianças” mesmo nomeando que a formação tenha modificado um pouco esse olhar de atendimento. É interessante notar a fala de Marisa que exprime a ideia de que, embora tenha feito a evolução na carreira, toma um tempo para apropriar-se do que é ser professora de EI:

Então o que me faz feliz é isso, saber que o meu trabalho deu uma coisa boa, uma sementinha virou uma árvore, cheia de folhas e frutos. Pra mim isso é o importante. Mas eu tenho uma dificuldade quando tem reunião de pais e eles me chamam de professora. A gente se acostumou a ser a tia. Então sempre como me chamam de professora eu demoro um tempo para entender que estão falando comigo. [...] Pra trabalhar com a Educação Infantil você não precisa nem de ter curso superior. Você tem que ter sabedoria de como cuidar da criança [...] a gente cuida da criança, mas também você ensina pra criança, você educa a criança. Para trabalhar na Educação Infantil você não precisa ter curso superior. Você tem que ter amor pela criança. Porque quando a gente entrou na prefeitura eles não pediram o curso superior. Pediram assim, ser mãe ou saber cuidar de uma criança. Eles pediram

isso por quê? Pra pessoa evoluir funcionalmente, para ter uma evolução funcional. O salário também aumentar, mas assim pra cuidar, pra trabalhar na Educação Infantil não precisa ter curso superior porque eles vêm mais aqui pra se socializar, pra [...] não fazer aquelas atividades difíceis. Tem que ter amor pela criança. Eu acho (MARISA, grifo nosso).

GATTI e BARRETO (2009) no estudo acerca da formação de professores no Brasil [relatório da UNESCO] constata com base nos dados de formação de professores de EI, EF e EM formandos em licenciatura em 2005 “[...] a profissão de professor é um meio acessível para ascensão social de estratos de origem popular e a carreiras mais qualificadas”.

Quanto à questão da remuneração os dados revelam que todas as profissionais e professoras declararam receber cinco ou mais salários mínimos³⁸.

Tabela 10: Remuneração das profissionais

06. QUADRO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO - QPE

Carreira: Quadro do Magistério Municipal – Classe dos Docentes

Cargos:

Professor de Educação Infantil - CAT 1 - JB

Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I - CAT 1 - JB

Nível Superior

Posição: maio/2016.

REFERÊNCIAS	GRAUS				
	A	B	C	D	E
QPE 11	1.190,49*	1.267,67*	1.350,28*	1.438,16	1.531,61
QPE 12	1.267,67*	1.350,28*	1.438,16	1.531,61	1.631,11
QPE 13	1.350,28*	1.438,16	1.531,61	1.631,11	1.737,04
QPE 14	1.438,16	1.531,61	1.631,11	1.737,04	1.850,02
QPE 15	1.531,61	1.631,11	1.737,04	1.850,02	1.970,29
QPE 16	1.631,11	1.737,04	1.850,02	1.970,29	2.098,47
QPE 17	1.737,04	1.850,02	1.970,29	2.098,47	2.234,72
QPE 18	1.850,02	1.970,29	2.098,47	2.234,72	2.380,09
QPE 19	1.970,29	2.098,47	2.234,72	2.380,09	2.534,86
QPE 20	2.098,47	2.234,72	2.380,09	2.534,86	2.699,63

* De acordo com o Anexo I, Tabela "A" da Lei nº 16.416/2016, o piso para o cargo de Professor de Educação Infantil e Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental – CAT 1 é de R\$ 1.416,53 (um mil quatrocentos e dezesseis reais e cinquenta e três centavos). Sempre que o valor do padrão de vencimentos mensal do servidor for inferior a esse valor, será concedido abono complementar correspondente à diferença entre o respectivo padrão de vencimentos e o piso, de acordo com a Lei nº 15.490/2011.

CAT 1: habilitação para o magistério correspondente ao ensino médio.

FONTE: SÃO PAULO, 2016.

Todas as profissionais declararam que o salário recebido é a maior fonte de renda da família. Apenas uma profissional declarou complementar sua renda com a venda de produtos de beleza. Também nota-se que a maior parte reside em casa própria ou quitada (8) e algumas em residência própria financiada (3) e apenas duas em residência alugada.

³⁸ Em 2015 o valor do salário mínimo era de 788,00 e em 2016 o valor de 880,00.

As profissionais e professoras revelam as mudanças ocorridas ao longo da carreira acerca de suas formações e saberes no modo de agir na profissão, mas também das ações do município de respaldo e amparo para que as mudanças na EI fosse possível.

Observa-se também que as profissionais que ingressaram como pajens e como ADIs, ao descreverem suas atividades culturais e *habitus*, ressaltam que ainda o acesso aos bens culturais como museus, centros culturais, e biblioteca é restrito. No questionário, algumas profissionais destacam que quando realizam idas aos centros culturais e exposições são com as crianças durante a realização do seu trabalho. Assim podemos perguntar: mas o acervo da biblioteca da unidade de trabalho é destinado para todo público? Geralmente são voltados para o público infantil, logo é o espaço e organização dos livros e materiais para os bebês e crianças usufruem. O mesmo ocorre com as exposições e espetáculos produzidos para o público infantil. O profissional deve conhecer e irá acompanhar no processo, mas a pessoa dele e seu corpo também prescindem da experiência, uso e práticas de acesso a esses bens culturais.

As profissionais que ingressaram como professoras, embora salientem que gostariam realizar com maior frequência as atividades culturais, fazem uma descrição maior de repertório de espaços e usos [nomeiam espaços e atividades como peças, museus, exposições] de bens culturais destinados para elas enquanto adultas.

A autora Pinho (2009) defende que isso se dá porque na concepção de EI os bens culturais não são considerados legítimos ou o acesso aos bens culturais tem a ver como o modo de apropriação e familiaridade as práticas culturais. Os estudos de Bianchi (2005) corroboram com a temática ao investigar que as professoras-alunas dos cursos de Normal Superior apresentam “ausências” ou lacunas em suas formações quanto ao capital cultural.

Para a autora Bianchi (2005), isso se dá não por um processo de escolha pessoal, ou somente pela formação escolar, as professoras-alunas em suas origens sociais e familiar não possuíram como capital cultural incorporado o capital incorporado a cultura culta ou dominante, ou seja “Essas professoras não tiveram acesso aos bens culturais objetivados porque seus familiares também não tiveram e seus alunos também não terão se não houver vontade política para que isso aconteça”. Assim, percebe-se também que a formação que os profissionais têm hoje pelas instituições de Ensino Superior e pelas formações continuadas ou nos locais de trabalho deveria servir também

como oportunidades de acessos aos bens culturais, assim como repertório de práticas culturais.

Ao investigar as relações dos professores com a cultura, a autora Cruz (2009), identifica em sua pesquisa que dois grupos de professores apresentam diferenças quanto à percepção dos museus de arte e sua utilização como espaços educativos. Um grupo de professores apresentam maior familiaridade e que tiveram oportunidade de cursar suas formações em instituições e centros considerados de excelência e qualidade de ensino, assim, para a autora,

A instituição de ensino superior agiria como força formadora de hábitos, proporcionando aos que se encontram sob influência não somente esquemas de pensamentos particulares, mas também uma disposição geral formadora de esquemas capazes de serem aplicados em campos diferentes de pensamento e ação, inclusive no que se refere aos hábitos culturais (p.82).

As autoras Gatti e Barreto (2009) realizam um levantamento e análise acerca dos perfis dos alunos formados em licenciaturas no Brasil e verificam que eles declararam que raramente leem jornais, livros ou frequentam a biblioteca, sendo um percentual de quase metade (46%) e que 92% tem acesso à internet. Do mesmo modo, que Bianchi (2005) identifica que as professoras-alunas do curso Normal Superior apresentavam falta de hábito de leitura e assim dificuldades de compreensão que “[...] angústia vivida por elas nas atividades [...] que envolviam leitura e interpretação de textos, revelados pela análise de dados neste estudo [...]” (p. 115).

Com base nos dados dessas pesquisas e levantamentos (BIANCHINI, 2005; CRUZ, 2009; GATTI e BARRETO, 2009), percebe-se que a importância da formação inicial nos cursos de Ensino Superior para fornecer aos professores subsídios para atuação docente. No caso da Educação Infantil, os profissionais tiveram formações em diferentes tempos e estruturas de cursos [Magistério, PEC, ADI Magistério, Normal Superior, Pedagogia] e o ingresso como a função do profissional de concepções diferentes [pajem- assistencialista, ADI- transição para a educação, PDI- integração de cuidar e educar de bebês e crianças pequenas]. Acerca disso, Kishimoto (2000) afirma que, para pensar o papel das profissionais, é necessário investigar as formações:

[...] Entretanto, para um país com muitas necessidades, a pluralidade de cursos, de cursos [...] para profissionalizar o educador é fundamental a oferta progressiva de escolarização que permita a ascensão nos níveis de escolaridade: Fundamental, Médio, Graduação

e Pós-Graduação. Somente dessa forma se garantirá a identidade do profissional e a ausência de discriminação (p.55).

Para além da pluralidade de formação, Kishimoto (2000, p. 58) considera que os cursos existentes são “distantes das práticas, tradicionais de oferecer cursos teóricos, fragmentados, de curta duração, sem relação com as necessidades dos profissionais e da região, que não respeitam práticas sociais e culturais locais [...]”. Assim, ela propõe que as formações dos profissionais partam da “experiência cotidiana do profissional quando serve de referência para analisar sua prática, permite o estabelecimento de uma nova relação entre a teoria e a prática [...]” (KISHIMOTO, 2000, p. 60).

O pesquisador Nóvoa (1999, p. 18) também reforça essa ideia de que os cursos de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução “[...] corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente [...]” e que posterior a formação inicial [qualificação] as formações advindas do local de trabalho dá suporte para que os professores possam utilizar os saberes em prol das necessidades e repensar a própria profissão: “formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na ‘produção’, e não no ‘consumo’, do saber” (NÓVOA, 2010, p. 187).

Desse modo, fica evidente o destaque que as profissionais dão às formações ao longo do desenvolvimento da carreira como um suporte ao trabalho, possibilitando, por meio das experiências, repensar acerca das práticas desenvolvidas no trabalho e ter novas aprendizagens. A partir das trajetórias familiares, dos percursos de formações e do desenvolvimento do trabalho das profissionais, é que são construídas as representações acerca da carreira e do que significa ser ou tornar-se uma professora de Educação Infantil.

4. considerações finais

[...] O espaço social é a realidade primeira e última já comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele.

Dito isto, se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo *coletivamente*, na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social, [...] as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo.
(BOURDIEU, 1996b, p. 27, grifo do autor).

As políticas públicas para Educação Infantil no município de São Paulo teve muitas modificações tanto as questões relativas ao atendimento, concepções acerca do que é criança, e, sobretudo ao papel do profissional que atua diretamente junto dela. Assim, com base nas políticas e regulamentação de cargo, carreira dos profissionais da EI (vínculo empregatício, formação e atividades exigidas, remuneração), temos a delimitação temporal entre 1980 e 2015.

A fim de compreender as trajetórias (vida, formação e profissão) e a construção dos sentidos de trabalho na EI. Deste modo, ao procurar compreender as representações acerca do trabalho, desejávamos desvelar e identificar também quais os motivos que levaram estas mulheres a ingressarem na carreira, permanecerem e realizarem percursos (formação, profissionalização) ao longo de suas carreiras e se os diferentes tempos de ingresso e permanência na carreira trazem significados e representações distintos/similares acerca das condições de trabalho.

Percebeu-se que os processos e percursos formativos das professoras de Educação Infantil que são advindos numa pluralidade de ações, dentre as quais destacam-se: a história pessoal, a instituição familiar, relações estabelecidas com pessoas e o mundo, a escola no itinerário escolar e a formação acadêmica, história profissional e as experiências e aprendizagens adquiridas no CEI.

Apesar dos ingressos da carreira se dar por períodos e concepções em relação à profissão [função e como exercer a função] diferentes, é possível notar alguns pontos comuns como a origem social e familiar de valorização a representação do que é ser

uma profissional e tornar-se professora Educação Infantil, ter uma carreira como funcionária pública da rede municipal.

Destaca-se que as professoras em sua maioria, pelas condições de vida, não escolheram ser professoras, mas que diante da oportunidade de inserirem numa carreira e a posição que lhes oferecessem melhores condições de vida, investiram na busca de formação. Quanto às condições de trabalho as trajetórias das profissionais e professoras revelam que o ingresso na carreira se deu como intuito de ascensão social. Os relatos revelam, sobretudo, as questões de melhorias de condições de vida como a redução das horas de trabalho, a possibilidade de poder estar próxima aos filhos e a família, ao salário e as possibilidades de continuidade de estudos e de reconhecimento social.

As profissionais revelam e destacam o empenho dos pais e da família com ações e estratégias que valorizassem a continuidade aos estudos, investindo numa qualificação que oportunizasse melhores condições de emprego e de vida. Assim, o incentivo a escolarização como o ingresso a carreira foi algo em comum das origens sociais e familiar das profissionais.

Nota-se que as profissionais também trazem a representação acerca da profissão com as características de vocação, trabalho relacionado a ser mulher, mãe, “cuidadora” e que com paciência, carinho e “gostar de crianças” e o amor para a função do que é ser uma profissional na Educação Infantil.

Para as profissionais que ingressaram como pajens a representação da profissão ligada às essas questões como uma profissão como uma vocação feminina e ligada a maternidade são mais presentes nas narrativas e destaque que dão acerca do que é ser uma profissional na Educação Infantil.

As profissionais que ingressaram como pajens revelam que os processos de formações e as transformações de cargos na carreira propiciaram mudanças no olhar e desenvolver a profissão, mas que o tornar-se professora toma um tempo de apropriação.

As profissionais que ingressaram como ADIs e as que ingressaram como professoras também trazem as representações acerca da profissão com a vocação e atividades do que é ser mulher e mãe, mas as formações e qualificações para

desempenhar a profissão ocupam um destaque maior para o modo como percebem a carreira e profissão.

Evidenciou-se que a família e os dispositivos familiares foram importantes para a valorização e decisão de continuarem a estudar e de ingressarem na carreira. Também nota-se que, ao longo dos processos de formações [exigidos para qualificação e evolução na carreira] e o desenvolvimento do trabalho, transformou o modo como as profissionais percebem e atribuem significado à profissão.

As profissionais atribuem como significativas às formações que realizaram com as exigências das políticas públicas e regulamentação da profissão, e, em modo especial, as formações advindas na própria unidade de trabalho.

Quanto às trajetórias de formação, destacam a formação obtida nos cursos de magistério e a importância da continuidade dos estudos como subsídio para desenvolvimento do trabalho. As profissionais que ingressaram como pajens e ADIs revelam que apesar de realizarem o curso de formação exigido para a qualificação profissional, assinalam que toma o tempo para se apropriarem como professoras. Assim, revelam que as representações acerca da função dessa profissional apesar dos anos de exercício do trabalho são diferentes das que ingressaram como professoras.

As profissionais revelam as mudanças ocorridas ao longo da carreira acerca de suas formações e saberes no modo de agir na profissão, mas também das ações do município de respaldo e amparo para que as mudanças na Educação Infantil fossem possíveis. As profissionais evidenciam que os processos de formações e em especial as formações realizadas no trabalho foram importantes para a socialização de práticas e oportunidades de novas aprendizagens, criando novos modos de ser e agir na profissão.

Assim, reforçam que para pensar os processos de desenvolvimento de carreira e profissão é fundamental considerar as trajetórias de vida, formação e profissão [trabalho] e que as representações acerca da carreira e das condições de trabalho foi um modo de ascensão social.

Cabe aqui ressaltar a importância da continuidade de debater e discutir acerca das imagens e concepções dos papéis de mulheres associados à docência/magistérios, sobretudo ao campo da Educação Infantil.

Se observamos a trajetória da Educação Infantil percebemos avanços ocorridos quanto a concepção de infância, atendimento voltado para o desenvolvimento integral da criança, e os investimentos na formação e carreira dos profissionais que atuam no campo, porém quanto às visões de ser uma profissão feminina e de gênero, ainda temos necessidades de romper e desconstruir a ideia de que ser profissional na Educação Infantil esta relacionada à função ou papel das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP/INEP, 1998.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira. História oral e construção da história de vida. In: SOUZA, E. C. de.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções**. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006. p. 313-324.

AZANHA, José Mário Pires de. Cultura escolar brasileira. In: **Revista Usp**. São Paulo: nº 8, p. 65-69, dez. 1990-fev 1991.

BARRETO, Angela M. Rabelo F. Educação infantil no Brasil : desafios colocados. **Cadernos Cedes**, n. 37,p. 7-21, 1995.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Trad. CAVALCANTE, Z. A. C.; LAVALLÉ, D. N. G. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BIANCHINI, Noemi. **As ausências de conhecimentos manifestos na formação de professoras-alunas de curso normal superior**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2005.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. Trad. MONTERO, P.; AUZMENDI, A. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A Economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. 7. ed. Trad. MICELI, S. et al. São Paulo, Perspectiva, 2011. (Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli)

_____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

- _____. **Coisas Ditas**. 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **A Miséria do mundo**. 6.ed. Trad. AZEVEDO, M. S. S. et al. Petrópolis, RJ, 2007.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Trad. CORREA, M. Campinas, SP: Papirus, 1996b.
- _____. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BRASIL. Leis, decretos, etc. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. 1971.
- _____. MEC. **Conselho Federal de Educação**. XI Reunião do Conselho de Educação. Brasília, 1974.
- _____. MEC/Secretaria de ensino de 1º e 2º graus. **Legislação e Normas da Educação Pré-Escolar**. Brasília, 1979.
- _____. Leis, decretos, etc. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988.
- _____. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/COEDI, 1994.
- _____. Presidência da República. **Lei federal 9.394/96**, de 23/12/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- _____. Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil. Vol.I. Brasília, 1998.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais para a formação de professores**. Brasília: SEF, 1999.
- _____. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais da educação infantil**. Brasília: CEB, 1999.
- _____. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. Brasília: MEC, 2005.
- _____. MEC/INEP. **Censo Escolar**. Brasília, 2006.
- BREJO, Janayna Alves. **Estado do conhecimento sobre a formação de profissionais da educação infantil no Brasil (1996-2005)**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre : Artes Medicas, 1996.

BRZEZINSKI, I. Formação de professores: concepção básica no movimento de reformulações curriculares. In: BRZEZINSKI, I. (Org.). **Formação de professores: um desafio**. Goiânia: UCG, 1996. p.13-28.

BUENO, Belmira A. Oliveira. **Autobiografias e formação de professores: um estudo sobre representações de alunas de um curso de magistério**. 1996. Tese (Livre-Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BUENO, B.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. de. (Org.). **A Vida e o ofício dos professores**. São Paulo: Escrituras, 1998.

BUENO, B. et al. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 199-318, 1993.

_____. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em história oral. **Revista do Núcleo de Estudos em História Oral**, São Paulo, n. 1, p. 71-79, nov. 1999.

CAMPOS, Maria Malta et al. Profissionais de creche. **Cadernos Cedes**, n. 9, p. 39-66, 1984.

CAMPOS, M. M. Educação infantil: o debate e a pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.121, p. 113-127, jul, 1997.

CAMPOS, Maria Malta. Atendimento à infância na década de 80: as políticas federais de financiamento. **Cadernos de Pesquisa**, n. 82, p. 5-20, ago. 1992.

CAMPOS, Maria Malta, HADDAD, Lenira. Educação infantil: crescendo e aparecendo. **Cadernos de Pesquisa**, n.80, p. 11-20, fev. 1992.

CAMPOS, Maria Malta.; ROSEMBERG, Fúlvia.; FERREIRA, Isabel M. **Creches e Pré-escolas no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas: 1995.

CANDAU, V. M. Universidade e formação de professores: que rumos tomar? In: _____. **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 30-68.

CATANI, Denice Barbara. A Didática como iniciação: uma alternativa no processo de formação de professores. In: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira, 2001. p.62-69.

_____. Pierre Bourdieu e a História (da Educação). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **Pensadores sociais e História da Educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 319-340.

CATANI, D. B.; VICENTINI, P. P. Memórias da sala de aula e da profissão: algumas questões. In: _____. (Org.). **Formação e autoformação**: saberes e práticas nas experiências dos professores. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 13-30.

CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999, p. 155-191.

CERISARA, A. B. O Referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n.80, p. 326-345, set. 2002.

_____. Educação infantil : um jogo de quebra-cabeça ou quebrando a cabeça? **Perspectiva**, v.10, n. 17, p. 11-24, jan./jul. 1992.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Reflexões acerca da formação do educador infantil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 97, p.79-89, maio 1996.

CRUZ, Livia Lara. **Magistério e cultura: a formação cultural dos professores e sua percepção das potencialidades educativas do museu de arte**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Trad. PASSEGGI, M. da C.; PASSEGGI, J. G. da S. N. L. Natal: EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

DERMATINI, Zeila de Brito Fabri.; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. In: CAMPOS, M. C. S. S.; SILVA, V. L. F. **Feminização do magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p. 69-93.

DERMATINI, Z. B. F.; LANG, A. B. S. G.; CAMPOS, M. C. S. S. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP, 1998.

DIAS, Marina Célia Moraes. **Saberes essenciais ao educador da primeira infância**: uma reflexão na perspectiva dos seus protagonistas.1997. Tese (Dourado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

DOMINICÉ, Pierre. A Biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Cadernos de Formação, 1988. p. 99-106.

_____. O Processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Cadernos de Formação, 1988. p. 51-61.

DUBAR, Claude. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto editora, 1991.

_____. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, v.19, n.62, p. 13-30, 1998.

FABRE, Michael. **Penser la formation**. Paris: PUF, 1994.

FAFANI, Emilio Tenti. **El arte Del buen maestro**. México: Cesarman, 1999.

_____. **La condición docente**: análisis comparado de la Argentina, Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

FORMOSINHO, João. (Org.). **Formação de professores**: aprendizagem profissional e acção docente. Porto: Porto editora, 2009.

FULLAN, Michael.; HARGREAVES, Andy. **Por que é que vale a pena lutar?** O trabalho de equipa na escola. Porto: Porto Editora, 2001.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GATTI, Bernardete A. Análise das políticas públicas para a formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.13, n.37, p. 57-70, jan./ abr. 2008.

GATTI, Bernadete.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores no Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GIMENO SACRISTÁN, J. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999. p. 63-92.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 63-78.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de amanhã**. um estudo de escolha ocupacional. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1965.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HADDAD, Lenira. **A Creche em busca de identidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

HONORÉ, Bernard. **Pour une théorie de lá formation**: dynamique de la formativité. Paris: Payot, 1977.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007, p. 31-62.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Trad. POZZER, A. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Cadernos de Formação, 1988. p. 35-50.

_____. **Experiências de vida e formações**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As Histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, M. C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN/ São Paulo: Paulus, 2008. p. 23-50.

KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo**: das origens a 1940. 1986. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. Pré-escola e democratização do ensino. **Idéias**, n. 2, p. 19-21, 1988.

_____. Políticas de formação profissional para educação infantil: pedagogia e normal superior. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.20, n.69, p. 61-79, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (coord). **Formação dos profissionais de creches no estado de São Paulo**: 1997-1998. São Paulo: Fundação Orsa, 2000.

_____. Encontros e desencontros na formação dos profissionais de educação infantil. In: MACHADO, M. L. de A. Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. Um estudo de caso no Colégio D. Pedro V. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Formação em contexto**: uma estratégia de integração. São Paulo: Editora Thompson, 2002b. p. 154-201.

_____. **Pensando a formação sob diferentes perspectivas**. In: III Congresso Paulista de Educação Infantil. Águas de Lindóia/SP: COPEDI, 2003.

KRAMER, Sônia. O papel social da pré-escola pública : contribuições para um debate. **Cadernos de Pesquisa**, n.58, p. 77-80, ago. 1986.

_____. O Papel social da pré-escola: 1985. In: ROSEMBERG, F. (Org.). **Creche**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 20-27.

_____. Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.7, p. 19-41, jan./mar. 1998.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 469-496.

_____. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediações, 1998.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (Org.). **História oral, sociologia e pesquisa**: a abordagem do CERU. São Paulo: Humanitas, CERU, 2010.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LOUREIRO, Maria Isabel. O desenvolvimento da carreira dos professores. In: ESTRELA, Maria Teresa (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Portugal: Porto Editora, 1997, p. 117-160.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5ª. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MICELI, Sérgio. Prefácio. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2008.

MOVIMENTO INTERFÓRUMS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL. **Educação Infantil**: construindo o presente. Campo Grande: UFMS, 2002.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p.111-140.

NICOLAU, M .L. M.; PINAZZA, M. A. Teacher preparation in Brazil. In: NEW, R. S.; COCHRAN, M. **Early childhood education**: an internacional encyclopedia. Wesport, Connecticut: Praeger, 2007. v.4, p. 943-947.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 2003.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Cadernos de Formação, 1988.

NÓVOA, António. (Coord.). **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999.

_____. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

_____. **Professor**: imagem do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NUNES, Maria Fernanda.; CORSINO, Patrícia.; KRAMER, Sonia. Formação de profissionais da educação infantil: um desafio para as políticas municipais. In: KRAMER, Sonia (Org.). **Profissionais de Educação Infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

OLIVEIRA, Dalida Andrade. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista**. nº especial I. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 17-35.

OLIVEIRA, Dalida Andrade.; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **Condições de trabalho docente**. Dicionário- verbetes do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO). Acesso em julho de 2016 em: <<http://www.gestrado.net.br/pdf/390.pdf>>

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Formação em contexto**: uma estratégia de integração. São Paulo: Thompson, 2002.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. et al. Construção da identidade docente: Relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 547-571, set./dez. 2006.

ORTIZ, R. Introdução. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu**: sociologia. Trad. Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-37.

PASCAL, C.; BERTRAM, T. **Desenvolvendo a qualidade em parcerias**: nove estudos de caso. São Paulo: Pioneira, Thompson, 2002.

PENNA, Marieta Gouvêa de Oliveira. **Professor de séries iniciais do ensino fundamental em escolas públicas estaduais de São Paulo: posições sociais e condições de vida e trabalho**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: 2007.

PEREIRA, Luiz. **O Magistério primário na sociedade de classe**: contribuição ao estudo sociológico de uma ocupação na cidade de São Paulo. São Paulo: Pioneira, 1969.

PETERS, R. S. Educação como iniciação. In: ARCHAMBAULT, R. D. (Org.). **Educação e análise filosófica**. São Paulo: Saraiva, 1979.p. 101-130.

PINAZZA, Mônica Appezzato. A. A Educação infantil em suas especificidades. In: GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. de F. (Org.). **Escola viva**: elementos para a construção de uma educação de qualidade social. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 371-385.

PINEAU, G. A Autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Cadernos de Formação, 1988. p. 66-77.

_____. As Histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, v.32, n.2, p.329-343, ago 2006.

PINHO, Fernanda Mello Rezende. **Origem, formação e representações sobre o exercício da profissão de professores de Educação Infantil**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PLAT, A. V. Crímenes de guerra y silencios: la história oral en la historiografía Alemana. **Historia Antropología y Fuentes Orales**, n. 20, 1988.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **História de vida: teoria e prática**. Oeiras, Portugal: Celta, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989, _____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

ROCHA, Eloisa Acires Candal (Coord.). **Educação Infantil** (1983- 1996). Série Estado do conhecimento. Brasília: MEC/INEP/ COMPED, 2001.

ROSEMBERG, F. et all. **A formação do educador de creche: sugestões e propostas curriculares**. São Paulo: FCC/DPE, 1992.

ROSEMBERG, Fúlvia. Trabalhando com pajens. **Cadernos de Pesquisa**, n. 49, p. 71-86, maio 1984.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-91.

SILVA, Talita Dias Miranda e. **Trajetórias de Formação de Professoras de Educação Infantil: História Oral de Vida**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, E. C. **O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C. (Org.) **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 19-53.

STAKE, R. E. **Investigacion com estudio de casos**. 2. ed. Traducción Roc Fiella. Madrid: Morata, 1999.

STEPHANOU, Maria. Jogos de memórias nas esquinas dos tempos: territórios e práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. In: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, Escola Normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**. vol. 2, nº 3. Pelotas, 1998, p. 35-57.

_____. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública (1980-1935). In: GARCIA, Maria Manuela Alves.; HYPOLITO, Álvaro Moreira.; VIEIRA, Jarbas Santos. (Orgs.). **Trabalho docente e identidade**. Pelotas: Seiva, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. 2ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O Ofício de professor: história, perspectiva e desafios internacionais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THURLER, Mônica Gather. **Inovar no interior da escola**. Trad. WOLFF, J. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TREBISTSCH, Michel. A Função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, Fundação Getúlio Vargas, 1994. p.19-43.

UNESCO. Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Jomtien: 1990. Acesso em out/2013: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/>>

VICENTINI, Paula Perin. **Imagens e representações de professores na história da profissão docente no Brasil (1933-1963)**. 2002. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

VICENTINI, Paula Perin.; LUGLI, Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 33-41.

ZEICHNER, Kenneth M. **A Formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

_____. Novos caminhos para o *practicum*. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 115-138.

ANEXO

**QUADRO COM DE DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DO CEDOC ACERCA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL (1980-2005):**

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	ANO
INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DO RELATÓRIO DO MOVIMENTO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL - (CIRCULAR Nº 02/80). E3.7.1/44 1980INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DO RELATÓRIO DO MOVIMENTO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL- (CIRCULAR Nº 02/80). (IN.004/80) E3.7 UNIDADES ESCOLARES. E3.7.1 DADOS SOBRE A RME/VIDA ESCOLAR E FUNCIONAL.	1980
O EDUCADOR COM A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR DIANTE DA NOSSA REALIDADE. D1.1/5 1980 REFLEXÃO SOBRE A RESPONSABILIDADE DO EDUCADOR COM A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR DIANTE DA NOSSA REALIDADE. 1980. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FATORES RESPONSÁVEIS PELAS DIFICULDADES COGNITIVAS, PSICOMOTORAS E DE AJUSTAMENTO DA CRIANÇA QUE AFETAM O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO E O AMBIENTE ESCOLAR.(SA.002/80). D1. DESENVOLV. PESSOAL/PROFIS./ DO ESCOLAR. D1.1 DESENVOLVIMENTO DO ESCOLAR/ CIDADANIA.	1980
CURRÍCULO/EDUCAÇÃO INFANTIL. PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. C4.2/4 1980PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 1980. 02 CADERNOS. IMPLEMENTAÇÃO DO CURRÍCULO PRÉ-ESCOLAR E DA PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.	1980
OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO - REUNIÃO DE EQUIPE TÉCNICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. C4.2/2 1980 OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO. REUNIÃO DE EQUIPE TÉCNICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 1980.COMO OS CONTEÚDOS CURRICULARES DA PRÉ-ESCOLA SÃO TRABALHADOS SOB FORMA DE ATIVIDADES, A OBSERVAÇÃO É A PRINCIPAL TÉCNICA PARA SE OBTER INFORMAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, AFETIVO, E PSICOMOTOR DA CRIANÇA. PLANO E FICHA DE OBSERVAÇÃO. REGISTRO DE DADOS. (SA.004/80). C4.2 CURRÍCULO/EDUCAÇÃO INFANTIL. PROGRAMAÇÃO COMPENSATÓRIA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL C4.2/3 1980 PROGRAMAÇÃO COMPENSATÓRIA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. 1980. I-ESTRUTURA PROGRESSIVA DAS EXPERIÊNCIAS A SEREM ADQUIRIDAS, TENDENDO À ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO. DESENVOLVER OS ASPECTOS: MOTORES DE BASE/ NEURO-MOTORES/ PERCEPTIVO-MOTORES. DESENVOLVER A FORMA E O CONTEÚDO EXPRESSIVO/ FORMAR HÁBITOS SADIOS/ ADQUIRIR PADRÕES DE COMPORTAMENTO SOCIAL.	1980

<p>REVISÃO CURRICULAR DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR. PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE 1980. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DO CURRÍCULO PRÉ-ESCOLAR C4.2/1 1980 REVISÃO CURRICULAR DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR- PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE 1980. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A IMPLANTAÇÃO DO CURRÍCULO PRÉ-ESCOLAR/ PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL/ ANEXOS: 1- DESENVOLVIMENTO DO ASPECTO HUMANO NO CURRÍCULO PRÉ-ESCOLAR/ 2- ESPECIFICA AS CAPACIDADES BÁSICAS PARA A APRENDIZAGEM E SUA CLASSIFICAÇÃO POR ÁREA/ 3- A PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA E O DESENVOLVIMENTO DO PRÉ-ESCOLAR. (SA.001/80). C4.2 CURRÍCULO/EDUCAÇÃO INFANTIL.</p>	1980
<p>COLETÂNEA DE ATIVIDADES DESTINADAS ÀS EMEIS. NOS ASSUNTOS DESCRITOS ANTERIORMENTE. PMSP/SME/DEPLAN. ATIVIDADES DESTINADAS ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS)- EXPRESSÃO MUSICAL/ CORPORAL/ PLÁSTICA/ EDUCAÇÃO FÍSICA. 1980. TREINAMENTO PARA PROFESSORES DE 1ª SÉRIE DO 1º GRAU E EDUCAÇÃO INFANTIL. *N1.1/121 1980 ASSUNTOS ABORDADOS NO DOCUMENTO: NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL/ EDUCAÇÃO PRÉ- ESCOLAR/ENSINO DE 1º E 2º GRAUS/ CAPACITAÇÃO-TREINAMENTO PARA PROFESSORES DE 1ª SÉRIE DO 1º GRAU E EDUCAÇÃO INFANTIL. ESTE DOCUMENTO RELATA AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE 4 (QUATRO) DIAS DE CAPACITAÇÃO PARA PROFESSORES DE 1ª SÉRIE E DE EDUCAÇÃO INFANTIL OBJETIVANDO OFERECER: SUGESTÕES, TÉCNICAS, INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS A FIM DE COLABORAR NO DESEMPENHO DE PROFESSORES E ALUNOS EM SALA DE AULA. PMSP/SME/DEPLAN/DOT- ENSINO DE 1º E 2º GRAUS E EDUCAÇÃO INFANTIL. TREINAMENTO PARA PROFESSORES DE 1ª SÉRIE DO 1º GRAU E EDUCAÇÃO INFANTIL. 1980.</p>	1980
<p>TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. O DIRETOR COMO ADMINISTRADOR ESCOLAR. P4.6/2 1981 OBJETIVO: ATUALIZAR E APERFEIÇOAR A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE DIRETORES DE ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL, VISANDO ELEVAR O NÍVEL DE DESEMPENHO FUNCIONAL. ABORDAGEM: A ESCOLA COMO SISTEMA ORGANIZACIONAL; AS FUNÇÕES DA ESCOLA; ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR; RELAÇÕES HUMANAS NA ESCOLA; A ESCOLA E A COMUNIDADE. (PJ.003/81). TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL.</p>	1981
<p>REUNIÃO DE EQUIPE TÉCNICA: ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL C1.2/3 1981 REUNIÃO DE EQUIPE TÉCNICA: ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 1981. REPRESENTANTES DAS DREMS (SUPERVISORES REGIONAIS E O.PS. DE EDUCAÇÃO INFANTIL)- PROPOR ALTERAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO CALENDÁRIO ESCOLAR DE 1982; TOMAR CONHECIMENTO DO NOVO</p>	1981

<p>REGIMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL; CONSCIENTIZAR O DIRETOR DA NECESSIDADE DE PLANEJAR, COM SUA EQUIPE DOCENTE, ATIVIDADES PERTINENTES À EDUCAÇÃO INFANTIL, DENTRO DE UMA CERTA SEQUÊNCIA ANTES DE INTRODUIR AS CRIANÇAS NAS ATIVIDADES; ELABORAR UM PLANO DE AÇÃO SUPERVISORA PARA ATINGIR OS OBJETIVOS PROPOSTOS. (SA.002/81). C1.2 CAPACITAÇÃO DE DOCENTES E ESPECIALISTAS/EMEI/EMPG/(EMEF)</p>	
<p>PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL- MÓDULO II. C1.1/11 1981 SUBPROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS ATRAVÉS DO TREINAMENTO EM SERVIÇO- EDUCAÇÃO INFANTIL- METODOLOGIA DAS ATIVIDADES DA PRÉ-ESCOLA PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTILMÓDULO II. 1981. OBJETIVO DO CURSO: CAPACITAR O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O USO DE UMA METODOLOGIA EFICAZ E EFICIENTE AO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO EDUCANDO, COM VISTAS ÀS ATIVIDADES CURRICULARES DA 1ª SÉRIE DO 1º GRAU. OBS.: ACOMPANHAM ESTE PROJETO 12 (DOZE) ANEXOS EM FORMA DE APOSTILAS QUE DETALHAM OS ASSUNTOS DO CURSO. C1. CAPACITAÇÃO/ TREINAMENTOS/ CURSOS. C1.1 CAPACITAÇÃO DE DOCENTES- EMEI- EMPG (EMEF).</p>	1981
<p>PROJETO GERADOR : CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS, ATRAVÉS DE TREINAMENTO EM SERVIÇO : EDUCAÇÃO INFANTIL. C1.1/10 1981 OBJETIVOS BÁSICOS: - CAPACITAR OS PROFISSIONAIS DA RME DE EDUCAÇÃO INFANTIL, PARA O DESEMPENHO SATISFATÓRIO DE SUAS FUNÇÕES, COM VISTAS À MELHORIA QUALITATIVA DO ENSINO PRÉ-ESCOLAR;- SUBSIDIAR O TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DAS EMEIS., ACIMA MENCIONADOS, ATRAVÉS DE REUNIÕES DE APOIO TÉCNICO. (PJ.003/81) PROJETO GERADOR: CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS, ATRAVÉS DE TREINAMENTO EM SERVIÇO: EDUCAÇÃO INFANTIL. 1981. C1. CAPACITAÇÃO/ TREINAMENTOS/ CURSOS. C1.1 CAPACITAÇÃO DE DOCENTES- EMEI- EMPG (EMEF) PROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS ATRAVÉS DO TREINAMENTO EM SERVIÇOEDUCAÇÃO INFANTILMETODOLOGIA DAS ATIVIDADES DA PRÉ-ESCOLA PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL</p>	1981
<p>TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL : CURSO OPTATIVO CURUMIM COMO RECURSO DIDÁTICO. P5.12/2 1982OBJETIVOS: OFERECER OPORTUNIDADES PARA O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARTICIPAR DAS ATIVIDADES PROPOSTAS NO PROJETO; DAR AO PROFESSOR CONDIÇÕES DE MELHOR UTILIZAR OS MEIO -ANÁLISE DE RECURSOS DIDÁTICOS NA PRÉ-ESCOLA.</p>	1982
<p>VERIFICAÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE- EDUCAÇÃO INFANTIL : LINGUAGEM ORAL EM EDUCAÇÃO INFANTIL. P1.7/5 1982 OBJETIVO: VERIFICAR O NÍVEL DE DESEMPENHO DOS ALUNOS DO 3º ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO</p>	1982

<p>INFANTIL EM LINGUAGEM ORAL COM A FINALIDADE DE LEVANTAR DADOS REAIS EM RELAÇÃO A ESTE COMPONENTE PARA QUE HAJA UMA INTERVENÇÃO IMEDIATA, DESTINADA A MELHORAR O NÍVEL DE DESEMPENHO DOS ALUNOS, COMPLETANDO A PESQUISA ETAPA/80. (PJ.011/82).</p>	
<p>PROJETO GERADOR-CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS ATRAVÉS DE TREINAMENTO EM SERVIÇO EDUCAÇÃO INFANTIL C1.2/4 1982 PROJETO GERADOR-CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS ATRAVÉS DE TREINAMENTO EM SERVIÇO EDUCAÇÃO INFANTIL. 1982. (PJ.001/82) CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS ATRAVÉS DE TREINAMENTO EM SERVIÇO- EDUCAÇÃO INFANTIL. 1982. MÓDULO 1: A) TREINAMENTO PARA DIRETOR DE EMEI: ORIENTAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DE SME E COMPETÊNCIAS DE SEUS ÓRGÃOS; A EMEI (ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO); INFORMAÇÕES ADMINISTRATIVAS. B) TREINAMENTO INICIAL PARA PROFESSORES DE ED. INFANTIL: INFORMAÇÕES SOBRE SME E SEUS ÓRGÃOS; SOBRE DIREITOS, DEVERES E ATRIBUIÇÕES DO PROF. DE ED. INFANTIL; PROGRAMAÇÃO CURRICULAR; PLANO DE ENSINO. (PJ.001-01/82). C1.2 CAPACITAÇÃO DE DOCENTES E ESPECIALISTAS/EMEI/EMPG/(EMEF).</p>	1982
<p>PROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS: TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL C1.2/5 1982 SUBPROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS: TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL- TREINAMENTO: ATUALIZAÇÃO DOS TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL- EFETIVOS E DESIGNADOS. 1982. OBJETIVO: PROMOVER A ATUALIZAÇÃO E A COMPLEMENTAÇÃO DE CONHECIMENTOS DOS TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. (PJ.003-4/82).</p>	1982
<p>COM TREINAMENTO PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL RECÉM- ADMITIDOS; APOSTILAS REFERENTES AO CARGO EM QUESTÃO; VER CONTINUAÇÃO NA OBSERVAÇÃO. CONTINUAÇÃO SINOPSE: CURRÍCULO E PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANEXO 1 COM INFORMAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO-ADMINISTRATIVO TAIS COMO: ESTRUTURA DE SME; COMPETÊNCIA DOS ÓRGÃOS; DIREITOS E DEVERES DO SERVIDOR; PLANO DE ENSINO; ETC. (PJ.003-1/82). C1. CAPACITAÇÃO/ TREINAMENTOS/ CURSOS. C1.1 CAPACITAÇÃO DE DOCEAMAS DE SME E DEPLAN, CRONOGRAMAS DOS TREINAMENTOS EM SERVIÇO E DOS CURSOS OPTATIVOS, PRÉ E PÓS-TESTES E AVALIAÇÕES DE CONTEÚDO E REAÇÃO. (RT.010/82). C1. CAPACITAÇÃO/ TREINAMENTOS/ CURSOS. C1.1</p>	1982
<p>PROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS: TREINAMENTO INICIAL PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL C1.1/12 1982 SUBPROJETO-</p>	1982

<p>CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS: TREINAMENTO INICIAL PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 1982.OBJETIVOS: OFERECER AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS: AO DESEMPENHO EFICIENTE DE SUAS FUNÇÕES; À SUA VIDA FUNCIONAL DENTRO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. OBS.: ESTE PROJETO É ACOMPANHADO DE OUTRO COM TREINAMENTO PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL RECÉM-ADMITIDOS; APOSTILAS REFERENTES AO CARGO EM QUESTÃO; VER CONTINUAÇÃO NA OBSERVAÇÃO. CONTINUAÇÃO SINOPSE: CURRÍCULO E PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANEXO 1 COM INFORMAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO-ADMINISTRATIVO TAIS COMO: ESTRUTURA DE SME; COMPETÊNCIA DOS ÓRGÃOS; DIREITOS E DEVERES DO SERVIDOR; PLANO DE ENSINO; ETC. (PJ.003-1/82). C1. CAPACITAÇÃO/ TREINAMENTOS/ CURSOS. C1.1</p>	
<p>PROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS: TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL-TREINAMENTO: FORMAS DE EXPRESSÃO. C1.1/13 1982 SUBPROJETO- CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS: TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL- TREINAMENTO: FORMAS DE EXPRESSÃO. 1982. E ANEXOS DE 1 A 5. OBJETIVO: FORNECER UMA METODOLOGIA DAS DIFERENTES FORMAS DE EXPRESSÃO, DANDO ÊNFASE AO COMPORTAMENTO CRIATIVO DO PROFESSOR E DO ALUNO. OBS.: ACOMPANHAM, ESTE PROJETO, ANEXOS COM FOLHAS-TAREFA SOBRE CRIATIVIDADE, EXPRESSÃO CORPORAL, VERBAL, ARTÍSTICA, MUSICAL PARA A PRÉ- ESCOLA. (PJ.003-3/82). C1. CAPACITAÇÃO/ TREINAMENTOS/ CURSOS. C1.1 CAPACITAÇÃO DE DOCENTES-EMEIEMPG (EMEF).(DIGITALIZAÇÃO TCI: C1.1/13 E C1.1/13A). CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS PARA A PRÉ-ESCOLA C 1982 OBJETIVO DO RELATÓRIO: MOSTRAR COMO FOI IMPLANTADO, PELO DEPLAN, O PROGRAMA E A SISTEMÁTICA DE REALIZAÇÃO DOS CURSOS E TREINAMENTOS PARA O PESSOAL DOCENTE DA RME DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. TRAZ INFORMAÇÕES SOBRE A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E SOBRE A SISTEMÁTICA DE REALIZAÇÃO DOS TREINAMENTOS EM SERVIÇO E DOS CURSOS OPTATIVOS (E RESPECTIVO MANUAL).</p>	1982
<p>PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *C4.1/15 1982 SME-DEPLAN / DIVISÃO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA - EDUCAÇÃO INFANTIL-DEPLAN 5. PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 1982. ASSUNTOS DESTE DOCUMENTO: CURRÍCULO / PROGRAMAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL-PRÉ-ESCOLA-EMEI. ESTA É UMA PROGRAMAÇÃO ESPECÍFICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL QUE ENFOCA AS ÁREAS DA LINGUAGEM PERCEPTIVO-MOTORA, MOTRICIDADE-GERAL, INTEGRAÇÃO SENSORIO-MOTORA, HABILIDADES</p>	1982

SOCIAIS E CONCEITUAIS. *C4.1 VARIAÇÕES SOBRE O ASSUNTO (CURRÍCULO/ PROGRAMAS)	
<p>PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. P.2.8/1 1987 PROPOSTA PEDAGÓGICA ELABORADA APÓS CONSULTA ÀS DIFERENTES ORIENTAÇÕES RECEBIDAS PELA REDE MUNICIPAL DE ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. APRESENTA UMA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E SUGESTÕES DE ATIVIDADES DESTINADAS AO TRABALHO DO SENSÓRIO-MOTOR, E PROPOSTA DE UM TRABALHO PEDAGÓGICO QUE LEVE EM CONTA AS CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DA CRIANÇA EM CADA FASE DO SEU DESENVOLVIMENTO E, CONHECENDO COMO ELA APRENDE, TRABALHE COM ELA A FIM DE CONTRIBUIR POSITIVAMENTE PARA ESSE PROCESSO. BIBLIOGRAFIA DE APOIO. PROPOSTA DA PROGRAMAÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. P.2.8/2 1987 SUBDIVIDE-SE EM TRÊS GRANDES ITENS: I- APRESENTAÇÃO- DELINEIA AS RAZÕES PARA REDEFINIÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NAS EMEIS E DEFINE OS DOIS GRANDES OBJETIVOS DA PROPOSTA, II PROGRAMAÇÃO- FUNDAMENTA AS ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E SUGERE SITUAÇÕES A SEREM PROPOSTAS EM SALA DE AULA E III- PRÁTICA PEDAGÓGICA- ABORDA O CURRÍCULO, A AVALIAÇÃO E REGISTRO DO DESEMPENHO DO ALUNO DA PRÉ-ESCOLA E O PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES. PROPOSTA DA PROGRAMAÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL.1987.OBSERVAÇÃO: ESTE DOCUMENTO FOI REPUBLICADO, NA ÍNTEGRA, EM EDIÇÃO ESPECIAL DO D.O.M. DE 11/06/88. (SA.021/87). DOCUMENTO PUBLICADO NO SUPLEMENTO DO D.O.M. DE 11/9/87, QUE AMPLIA E APROFUNDA A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL-1987 (VER DO.GB/SA.015/87).</p>	1987
<p>PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO INFANTIL 1986/1987. DH.158 1987 PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 1986. OUTROS ASSUNTOS: CURRÍCULO / PROPOSTA CURRICULAR / EDUCAÇÃO INFANTIL.</p>	1987
<p>PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *N1.1/106 1988. ASSUNTOS: NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL- EMEI/ PRÉ-ESCOLA/ PROPOSTA PEDAGÓGICA. RELATÓRIO DO FILME CONTENDO SUBSÍDIOS PARA A EXECUÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.</p>	1988
<p>PROPOSTA DE ALTERAÇÕES PARA O PLANO DE CURSO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL-EMEIs. *P2.1/36 1989 TÓPICOS DESENVOLVIDOS NESTE TRABALHO: PLANOS / ALTERAÇÕES PARA PLANO DE CURSO / PLANEJAMENTOS / PROPOSTAS / NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL-PRÉ-ESCOLA-EMEI.</p>	1989

<p>A POLÍTICA DE CRECHES. *N1.1/135 a 1989 DOCUMENTO QUE APRESENTA O DIAGNÓSTICO DO TRABALHO EDUCACIONAL DESENVOLVIDO NAS CRECHES DIRETAS DA PMSP. COLOCOU-SE EM MOVIMENTO TODA A REDE, DEBATES FORAM DESENCADEADOS EM TODOS OS NÍVEIS ENVOLVENDO FUNCIONÁRIOS, TÉCNICOS E DIRETORES A FIM DE SE REFAZER, RECONSTRUIR OS CONTEÚDOS DE ATENÇÃO À CRIANÇA. (PMSP/SECRETARIA MUNICIPAL DA FAMÍLIA E DO BEM-ESTAR SOCIAL- FABES.)</p>	1989
<p>REORIENTAÇÃO CURRICULAR DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL- EMEI- 1989/92. P3.1/7 1992 DOCUMENTO QUE APRESENTA: O PROCESSO HISTÓRICO, O MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO DA EMEI, A PROPOSTA PEDAGÓGICA, ABRANGENDO AS ÁREAS DO CONHECIMENTO: LINGUAGEM, CIÊNCIAS SOCIAIS E NATURAIS, MATEMÁTICA, A EDUCAÇÃO INFANTIL E A INTERDISCIPLINARIDADE. NA PARTE FINAL, ESTÃO 8 ANEXOS VERSANDO SOBRE OS ITENS ACIMA MENCIONADOS, A ESTRUTURA CURRICULAR DAS EMEIS, CLASSIFICAÇÃO DAS CAPACIDADES BÁSICAS PARA A APRENDIZAGEM, PROPOSTA CURRICULAR DE 1985, ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DE 1987, CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA E PLANEJAMENTO. (SME)</p>	1992
<p>PROJETO PEDAGÓGICO NAS CRECHES MUNICIPAIS. *P5.1/166 1992 ESTE DOCUMENTO ABORDA: O RETRATO E A CONCEPÇÃO DAS CRECHES, O PROJETO EDUCATIVO, OS PROJETOS PEDAGÓGICOS: • NASCENDO PARA A VIDA; • A CRIANÇA DE 1 ANO?; • QUERENDO DESCOBRIR SOZINHO COM A CRIANÇA DE 2 ANOS; • GANHANDO SEGURANÇA COM A CRIANÇA DE 3 ANOS; • DESCOBRINDO A IDENTIDADE COM A CRIANÇA DE 4 ANOS; • AMPLIANDO O SENSO DE REALIDADE COM A CRIANÇA DE 5 ANOS; • MARCANDO DIFERENÇAS INDIVIDUAIS COM A CRIANÇA DE 6 ANOS- , DESENHANDO O COTIDIANO, REFLEXÕES SOBRE O BRINCAR, O DESENHO, A LEITURA E A ESCRITA E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO. JANEIRO.</p>	1992
<p>A POLÍTICA DE CRECHES. *N1.1/224 e 1992 DOCUMENTO QUE DEFINE AS LINHAS MESTRAS DA POLÍTICA DE CRECHES DA SECRETARIA MUNICIPAL DO BEMESTAR SOCIAL. ESTE TRABALHO SE PROPÔS A APRESENTAR O QUADRO DAS POLÊMICAS POSTAS NA REDE; CLAREAR A DISCUSSÃO SOBRE ASSISTÊNCIA QUE É O CAMPO DESTA SECRETARIA E SINALIZAR A INTENCIONALIDADE DA PROPOSTA EDUCACIONAL. O TRABALHO COLETIVO DESENVOLVIDO EM TRÊS ANOS RESULTOU NO APROFUNDAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA POLÍTICA DE CRECHES, O QUE LEVOU A UM CONJUNTO DE DOCUMENTOS ORIENTADORES: PROJETO INFÂNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL ;</p>	1992

<p>PROJETO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DE ADIs; MANUAL DE ALIMENTAÇÃO; MANUAL DE SAÚDE E DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. POLÍTICA DE CRECHE. DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. *N1.1/224 f 1992 DIRETRIZES QUE SÃO UM INSTRUMENTO DE TRABALHO IMPORTANTE PARA OS PROFISSIONAIS DE CRECHES: DIRETORES, COORDENADORES PEDAGÓGICOS, EDUCADORES E PAIS. TRATA-SE DE UM REFERENCIAL, PRODUTO DE UM PROCESSO RICO DE SISTEMATIZAÇÃO DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CRECHE. BUSCOU-SE EM VÁRIOS SENTIDOS, ABRIR A CRECHE, TRANSFORMÁ-LA EM ESPAÇO SÓCIO-EDUCATIVO ROMPENDO A DICOTOMIA ASSISTÊNCIA/EDUCAÇÃO, DEFININDO A CRECHE COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO E PROTEÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS.</p>	
<p>POLÍTICA DE CRECHE- DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. *N1.1/135 1992 NÍVEIS DE ENSINO EDUCAÇÃO INFANTIL-CRECHES/ CURRÍCULO/ ÁREAS DO CONHECIMENTO. ESTE DOCUMENTO SE REFERE À CONCEPÇÃO DE CRECHE, À SISTEMATIZAÇÃO DAS DIRETRIZES DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM CRIANÇAS PEQUENAS; À CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO; CURRÍCULO PARA CRECHES; A COMUNICAÇÃO, O SENTIMENTO, INSTRUMENTOS DE INSERÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA; AS ÁREAS DO CONHECIMENTO.</p>	1992
<p>APOIO- O PAPEL DO PAPEL- CURSO OFERECIDO A PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL- NÍVEL MÉDIO. D1.1/8 1994 APOIO- O PAPEL DO PAPEL. 1994. CURSO OFERECIDO A PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL- NÍVEL MÉDIO, QUE OBJETIVA COMPREENDER O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DA CRIANÇA DE 4 A 7 ANOS CRIANDO CONDIÇÕES NECESSÁRIAS QUE GARANTAM O INTERESSE PELAS ATIVIDADES EM SALA DE AULA, O PROGRESSO DA SOCIALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE OS OBJETOS, DA LINGUAGEM E DO PRÓPRIO SIMBOLISMO. APRESENTA O PAPEL DO PAPEL ENQUANTO MATERIAL REPRESENTATIVO. (SA.058/94)</p>	1994
<p>CAPACITAÇÃO DE DOCENTES PROMOVIDA COM RECURSOS DO FNDE/ MEC- PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *P3.1/103z 1994 POLÍTICA/ POLÍTICA EDUCACIONAL/ PROGRAMAS/ PROJETOS/ PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/ DOCENTES/ EDUCADORES/ NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL/ FAFE/ USP/ SME/ CAPACITAÇÃO/ CURSOS. TEXTO DE MARIETA LÚCIA MACHADO NICOLAU SOBRE AS LINGUAGENS DA CRIANÇA. ESTE DOCUMENTO ESTÁ DIVIDIDO EM 3 PARTES: A PRIMEIRA ABORDA UMA BREVE INTRODUÇÃO, MOSTRANDO A IMPORTÂNCIA QUE A LINGUAGEM TEM NA VIDA DAS PESSOAS BEM COMO QUAIS SÃO SUAS PRINCIPAIS FUNÇÕES. A SEGUIR OS DADOS DA PESQUISA DE MARIETA LÚCIA</p>	1994

COLETADOS NAS CRECHES E A ÚLTIMA PARTE, A INDICAÇÃO DE PROCEDIMENTOS PARA O PROFESSOR DESENVOLVER COM CRIANÇAS, CRIANDO CONDIÇÕES PARA O ENRIQUECIMENTO DA LINGUAGEM.	
<p>NORMAS BÁSICAS PARA FUNCIONAMENTO DAS CRECHES MUNICIPAIS. 1994 DOCUMENTO SOBRE AS CRECHES NO QUE SE REFERE A: FUNCIONAMENTO, FÉRIAS, ALIMENTAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS E JORNADA DE TRABALHO, HORÁRIO DOS FUNCIONÁRIOS, FILHOS DE SERVIDORES NA CRECHE, DEMANDA, CRITÉRIOS PARA ADMISSÃO E DESLIGAMENTO DAS CRIANÇAS NA CRECHE, ENTRADA E SAÍDA DAS CRIANÇAS, ATIVIDADES EXTERNAS, DISTRIBUIÇÃO DE AMBIENTES, SOBRAS DE ALIMENTOS, OBSERVAÇÕES GERAIS. (PMSP / SECRETARIA MUNICIPAL DO BEM-ESTAR SOCIAL- SEBES / SUPERVISÃO GERAL DE PLANEJAMENTO E CONTROLE). DIRETRIZES PEDAGÓGICAS BÁSICAS PARA AS CRECHES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *N1.1/224 j 1994 NESTE DOCUMENTO O CONTEÚDO SE REFERE ÀS CONCEPÇÕES DE CRECHE, DE EDUCAÇÃO, DE CRIANÇA, DE DESENVOLVIMENTO, DE EDUCADOR, DE CURRÍCULO, DE ROTINA E DE PLANEJAMENTO, DE RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS QUE ORIENTAM AS RESPECTIVAS DIRETRIZES BÁSICAS. DESTINA-SE AOS TÉCNICOS DE ÁREA E AOS PROFISSIONAIS DE CRECHE, ESPECIALMENTE AOS AUXILIARES DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL QUE, NO COTIDIANO, SÃO OS DIRETAMENTE RESPONSÁVEIS PELA EXECUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DA CRECHE. INTRODUÇÃO ÀS DIRETRIZES BÁSICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO NAS CRECHES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, TENDO POR REFERÊNCIA A POLÍTICA DE ATENDIMENTO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE DESTA SECRETARIA.</p>	1994
<p>DIRETRIZES PEDAGÓGICAS BÁSICAS PARA AS CRECHES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *N1.1/191 1994 DOCUMENTO QUE APRESENTA AS DIRETRIZES BÁSICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO NAS CRECHES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, TENDO COMO REFERÊNCIA A POLÍTICA DE ATENDIMENTO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE DESTA SECRETARIA. DESTINA-SE AOS TÉCNICOS DE ÁREA E AOS PROFISSIONAIS DE CRECHE, ESPECIALMENTE AOS AUXILIARES DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL (ADIS) QUE SÃO DIRETAMENTE RESPONSÁVEIS PELA EXECUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DA CRECHE.</p>	1994
<p>EDUCAÇÃO INFANTIL. CONTEXTO E TEXTO. PROPOSTA DE TRABALHO. N1.6/5 1998 SME-SUPEME / DOT / DOT 3. EDUCAÇÃO INFANTIL. CONTEXTO E TEXTO. PROPOSTA DE TRABALHO. 1998. OS TÓPICOS DESTA TRABALHO SÃO: NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL- ALFABETIZAÇÃO / LEGISLAÇÃO /</p>	1998

<p>PROPOSTA DE TRABALHO. ESTE DOCUMENTO APRESENTA PARTE DE LEGISLAÇÃO (LEI Nº 9.394/96, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996), ALÉM DE PROPOSTA DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA 1998. (SA.012/98). SMESUPEME / DOT / DOT 3. EDUCAÇÃO INFANTIL. CONTEXTO E TEXTO. PROPOSTA DE TRABALHO. 1998. EDUCAÇÃO INFANTIL. ORGANIZAÇÃO DE ÁREA. N1.6/6 1998 SME- SUPEME / DOT / DOT 3. EDUCAÇÃO INFANTIL. ORGANIZAÇÃO DE ÁREA. 1998. 65P. ASSUNTOS: NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL / ORGANIZAÇÃO DE ÁREA. A PARTIR DO DOCUMENTO ORGANIZADORES DE ÁREA DE EDUCAÇÃO INFANTIL 1ª VERSÃO, FORAM FEITAS LEITURA, ANÁLISE E DISCUSSÃO PELAS EQUIPES TÉCNICAS E DOCENTES DAS UES. ESSA REFLEXÃO CULMINOU COM NESTE TRABALHO. (SA.013/98).</p>	
<p>1º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL- DREM 6. N1.1/41 1998 ASSUNTOS CONTIDOS NESTE TRABALHO: NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL- ENSINO PRÉ-ESCOLARPRÉ-ESCOLA- EMEI/PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO: COORDENADORES PEDAGÓGICOS- CPS.- PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL/EVENTOS: ENCONTRO(S) / REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL / ALFABETIZAÇÃO / LINGUAGEM ORAL E ESCRITA / CONHECIMENTO DO MUNDO/ CURRÍCULOPROPOSTA CURRICULAR. (SA.047/98). SME- SUPEME / DOT. 1º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL- DREM 6. 1998.</p>	1998
<p>PLANO DE TRABALHO. NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. P2.6/6 2000 ASSUNTOS: PLANO / PLANEJAMENTO / PROPOSTAS / PLANO DE TRABALHO / NÚCLEO DE EDUCAÇÃO / NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL- ALFABETIZAÇÃO / LEGISLAÇÃO. ESTE É UM PLANO DE TRABALHO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA 2000, CONTENDO, ENTRE OS DIVERSOS ITENS: A PROPOSTA DE TRABALHO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: A INTEGRAÇÃO DAS CRECHES E DAS EMEIS, A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONQUISTA DOS AMBIENTES EDUCATIVOS E A PROPOSTA DE PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA EDUCADORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL. SME-SUPEME / DOT / DOT 3. PLANO DE TRABALHO. NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INFANTIL. 2000.</p>	2000
<p>RELATO DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. N1.6/8 2000 TÓPICOS: NÍVEIS DE ENSINO: EDUCAÇÃO INFANTIL- CRECHES / RELATOS / PROCESSO DE INTEGRAÇÃO / PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL / EVENTOS: PALESTRAS / PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS / SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL- SAS / HISTÓRICO DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO- SME / SAS. ESTE DOCUMENTO DESCREVE O PROCESSO INICIAL PARA ENTROSAMENTO ENTRE PROFISSIONAIS</p>	2000

<p>DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO- SME E SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL- SAS, VISANDO À DEFINIÇÃO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O MUNICÍPIO DE SÃO PAULO E, EM ESPECIAL, CRECHES. (SA.025/00).</p>	
<p>SUBSIDIOS PARA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *N1.1/193 2001 DOCUMENTO QUE INICIA COM UMA VISÃO GERAL SOBRE A HISTÓRIA DAS CRECHES NO BRASIL ATÉ A ÉPOCA ATUAL, COM A TRANSIÇÃO DAS CRECHES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL- SAS PARA A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E A PREOCUPAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DOS CEIS. PMSP- SAS / SME- COMISSÃO INTERSECRETARIAL- SUB-COMISSÃO INTERSECRETARIAL DE FORMAÇÃO SETEMBRO. VER O DOCUMENTO *N1.1/135</p>	2001
<p>COLETÂNEA DE ASSUNTOS PERTINENTES A CRECHES E EDUCAÇÃO INFANTIL. *N1.1/201 2004 NESTE DOCUMENTO HÁ ABORDAGENS SOBRE: 1) FISIOTERAPIA: RECURSO DE ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO MOTOR E SEUS DISTÚRBIOS NAS CRECHES. 2) LEGISLAÇÃO SOBRE CONCESSÃO DE LICENÇA DE FUNCIONAMENTO PARA ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (1991). 3) ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DO TRABALHO NA CRECHE. 4) CONSTITUIÇÕES E COMISSÕES PERMANENTES DE AÇÃO INTEGRADA ENTRE AS SECRETARIAS DA FAMÍLIA E DO BEM-ESTAR SOCIAL/ EDUCAÇÃO (1996).</p>	2004
<p>CRECHES E CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CEIS) : DADOS E INFORMAÇÕES : 2001 - 2004. *E3.7.1/49 SME47/2004 2004 REÚNE ELEMENTOS DOCUMENTAIS NA REFERÊNCIA DAS CRECHES E CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CEIS) -, DEFINIDOS NO PERÍODO 2001-2004 -, COM A PARTICIPAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME) E DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (SAS). ABRANGE INFORMAÇÕES PLANIFICADAS E GRÁFICOS -, COMPREENDE: - CONTROLE DE ANDAMENTO: NOVOS CONVÊNIOS E ADITAMENTOS, NOV./2001. - DISTRIBUIÇÃO DA REDE CONVENIADA DE CRECHES E CEI'S: VAGAS E ATENDIMENTO, POR SUBPREFEITURA E DISTRITO (SME/ATP, AGO./2003). - EVOLUÇÃO DA REDE DE CRECHES (SAS, ABR./2001 - 1983). VER OBSERVAÇÃO. CONTINUAÇÃO DA SINOPSE: - DADOS REFERENCIAIS, ANO 2002 (SALAS, ALUNOS, FUNCIONÁRIOS, CUSTOS): CEIS DIRETOS, INDIRETOS E CONVENIADOS. - QUADRO DE CAPACIDADE E OCUPAÇÃO: PROGRAMA CRECHE/CEI (DEZ./2002). - QUADRO DEMONSTRATIVO: CONTRATOS, 2004. - REDE DE SERVIÇOS (SAS, DEZ./2002). - CLASSIFICAÇÃO DAS ENTIDADES SOCIAIS POR CAPACIDADE E POR VALOR MENSAL. - CONVÊNIO (). - AVALIAÇÃO DAS CRECHES INDIRETAS E</p>	2004

CONVENIADAS: (SAS - 2002). - ORÇAMENTO PARTICIPATIVO: EXPANSÃO DE CRECHES (SAS, ABR./2002). - ATENDIMENTO DA REDE DIRETA 2001 E 2002 (SAS, JAN./2002).	
PROPOSTA DE NÍVEL MÉDIO NA MODALIDADE NORMAL PARA AS ADIS. DA REDE CONVENIADA DE CEIS / CRECHES. *P4.1/64a 2005. O DOCUMENTO ABORDA O PROCESSO PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO DE FORMAÇÃO DA REDE CONVENIADA CEIS/CRECHES. DISPÕE DAS EXPLICAÇÕES, JUSTIFICATIVAS, PROPOSTAS, CUSTOS E AS RESPOSTAS DOS SECRETÁRIOS. PMSP- SME / DOT-EDUCAÇÃO INFANTIL.	2005
DOSSIÊ - TRANSIÇÃO DOS CEIS : INTEGRAÇÃO A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO JUNHO/2005. *N1.1/202 SME55/2005 2005 DOSSIÊ - JUNHO/2005 -, REPRESENTA HISTÓRICO E PROPOSTAS PARA SOLUÇÃO E ADEQUAÇÃO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CEI) DA CIDADE DE SÃO PAULO, MEDIANTE PROCESSO DE INTEGRAÇÃO AO SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO. CONTÉM: 1. PROPOSTAS, EXARADAS PELA COMISSÃO DE PROFISSIONAIS DO CEI -, ABORDANDO: - FORMAÇÃO INICIAL E EVOLUÇÃO FUNCIONAL PARA OS PROFISSIONAIS DE CEI. - REVISÃO E ADEQUAÇÃO DO QUADRO DE PROFISSIONAIS DO CEI (AGENTES DE APOIO/AGENTES ESCOLARES, AUXILIARES DE ENFERMAGEM, QUADRO DE DOCENTES). CONTINUA : VER OBSERVAÇÃO. CONTINUAÇÃO DA SINOPSE: - FÉRIAS COLETIVAS. - HORÁRIO DE PLANEJAMENTO. - ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE CRECHE (ACCS). 2. CONSIDERAÇÕES EXPRESSAS PELA CONAE 2 E ASSESSORIA TÉCNICA AT/SME SOBRE AS PROPOSTAS APRESENTADAS PELA COMISSÃO DE PROFISSIONAIS DO CEI.	2005
70 ANOS - EDUCAÇÃO INFANTIL : 1935-2005 - COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO PENHA. *E3.6.1/102m5 1 SME47/2005 2005 REPORTA A COMEMORAÇÃO - 70 ANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL : 1935-2005 -, REALIZADA PELA COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO PENHA. APRESENTA: - LETRAS DAS MÚSICAS COMEMORATIVAS: QUEM VIVER VERÁ E HINO DA ESCOLA INFANTIL, - FICHA TÉCNICA (PRODUÇÃO ARTÍSTICA E MÚSICOS). ACOMPANHA MATERIAL SONORO	2005

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, *Talita Dias Miranda e Silva*, portadora do nº USP: 5351529, aluna do doutorado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, venho por meio desta carta, informar os propósitos da pesquisa que busco desenvolver e, solicitar a autorização para a realização da mesma.

Desde a minha graduação em Pedagogia tenho me dedicado a estudar o universo acerca da formação e carreira das professoras de Educação Infantil(uso o termo no feminino, pois somos maioria na Educação Infantil). No meu mestrado eu investiguei as histórias de vida e formação de sete professoras que entraram como pajens na prefeitura de São Paulo pertencentes à DRE Penha e ao longo de suas carreiras passaram para ADI e após para professoras de Educação Infantil. Nesse ano, me encontro no doutorado e quero dar continuidade e aprofundar melhor nas questões de carreira e formação profissional para Educação Infantil, aspectos que considero de bastante relevância. Desse modo, preciso mapear profissionais que queiram contribuir para a minha pesquisa. Preciso de profissionais que queiram participar de um **questionário** e profissionais que queiram participar de uma **entrevista** realizada por mim nos horários e lugares que acharem convenientes (os nomes serão preservado para a publicação da pesquisa). Preciso dos seguintes profissionais que possam colaborar com minha pesquisa:

- 1) Pessoas que ingressaram na prefeitura de São Paulo como **pajens** – década de 80; (minha preferência, pois essas pessoas estão prestes a se aposentarem!)
- 2) Pessoas que ingressaram na prefeitura de São Paulo como ADI - **Auxiliar de Desenvolvimento Infantil** – a partir de 89/90;
- 3) Pessoas que ingressaram na prefeitura de São Paulo como PDI - **Professor de Educação Infantil**- a partir de 2003/2004, 2010.

Os profissionais que puderem participar da pesquisa, seja como o questionário ou entrevista, receberão um papel com os dados, os procedimentos que levam em conta os direitos de ética da pesquisa, os dados pessoais da pesquisadora (Talita) e termo de consentimento para participação. Neste primeiro momento, preciso da autorização de consentimento do recolhimento das entrevistas para o desenvolvimento da pesquisa. Esclareço que os relatos serão utilizados para apresentação dos dados, análise da pesquisa de doutorado. E que posteriormente poderá ser publicados trabalhos, artigos e textos acerca da pesquisa realizada.

Se estiverem de acordo para a participação da pesquisa, por favor, preencham a autorização abaixo. Certa de contar com a colaboração de vocês, agradeço desde já.

Quaisquer dúvidas e maiores esclarecimentos podem comunicar comigo por email:

tali@usp.br

ou

no

tel:

_____.

Meus dados são:

Nome: Talita Dias Miranda e Silva

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

e-mail: tali@usp.br

celular:

Orientadora: professora Dra. Paula Perin Vicentini

APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna *Talita Dias Miranda e Silva*, do curso de doutorado no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no. USP: que pode ser contatada pelo e-mail: *tali@usp.br* pelos telefones _____ ou _____.

Eu, _____, portador do RG: _____, tenho ciência de que a pesquisa realizada e **AUTORIZO**, por meio deste termo a pesquisadora Talita Dias Miranda e Silva a realizar a gravação de minha entrevista, transcrição da mesma, e a publicação ser usada parcial/integral para pesquisa, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. serei livre para abandonar minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

São Paulo, _____, de _____ de 201

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE C

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL	IDENTIFICAÇÃO PESSOAL
<p>1- Nome: _____</p> <p>2- Idade: _____</p> <p>3- Sexo: ☐ M ☐ F</p> <p>4- Pertencimento étnico. Em relação à sua cor, como você se declara?</p> <p>☐ amarelo/a ☐ pardo/a ☐ branco/a</p> <p>☐ negro/a ☐ indígena ☐ não desejo declarar</p> <p>5- É religioso? Se sim, especifique qual sua religião.</p> <p>☐ NÃO ☐ SIM _____</p> <p>6- Estado civil:</p> <p>☐ casado/a ☐ solteiro/a</p> <p>☐ vive com companheiro/a ☐ desquitado/a/ divorciado/a / separado/a</p> <p>☐ viúvo/a</p> <p>7- Tem filhos?</p> <p>☐ NÃO ☐ SIM</p> <p>Se sim, quantos filhos? _____</p> <p>Qual a idade dos filhos?</p> <p>_____</p> <p>8- Os filhos moram como você?</p> <p>☐ NÃO ☐ SIM</p> <p>9- Local de nascimento: _____</p> <p>10- Se não nasceu em São Paulo, quanto tempo reside em São Paulo?</p> <p>_____</p>	<p>11- Em relação aos seus PAIS:</p> <p>Profissão MÃE: _____</p> <p>Grau de instrução MÃE: _____</p> <p>Profissão PAI: _____</p> <p>Grau de instrução PAI: _____</p> <p>12- Na sua casa moram quantas pessoas contando com você?</p> <p>_____</p> <p>13- Tipo de residência: ☐ casa ☐ apartamento</p> <p>14- Situação da residência/moradia:</p> <p>☐ alugada ☐ cedida</p> <p>☐ própria/ financiada ☐ própria / quitada</p> <p>15- Qual a sua renda mensal como profissional da educação infantil?</p> <p>☐ até 1 salário mínimo (R\$ 788,00)</p> <p>☐ de 1 até 2 salários (R\$ 1.576,00)</p> <p>☐ de 2 a 3 salários (R\$ 2.364,00)</p> <p>☐ de 3 a 4 salários (R\$ 3.152,00)</p> <p>☐ de 5 ou mais (R\$ 3.940,00)</p> <p>16- Qual a importância dessa renda no orçamento de sua família?</p> <p>☐ renda principal ☐ renda complementar</p> <p>17- Você complementa o salário que recebe como professor/a desempenhando outra(s) atividade (s)?</p> <p>Se sim, quais? _____</p>

					Quantas horas? _____	
IDENTIFICAÇÃO PESSOAL					IDENTIFICAÇÃO – FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
18- Qual a sua renda familiar (a soma em salários mínimos dos rendimentos de todas as pessoas que moram na mesma casa que você)? () até 1 salário mínimo (R\$ 788,00) () de 1 até 2 salários (R\$ 1.576,00) () de 2 a 3 salários (R\$ 2.364,00) () de 3 a 4 salários (R\$ 3.152,00) () de 5 a 6 salários (R\$ 4.728,00) () mais que 6 salários					21- Quanto tempo de serviço na docência? _____ 22- Esse tempo foi cumprido todo na rede pública de ensino? _____ 23- Você exerce ou já exerceu funções no magistério além de professor (coordenador/a, diretor/a, supervisor/a)? _____ _____	
IDENTIFICAÇÃO – FORMAÇÃO ESCOLAR					24- Situação atual de trabalho:	
19- Quanto à sua formação:					Nome da instituição/unidade: _____	
modalidade	Instituição pública/privada	Cidade/UF	Ano/início	Ano/término	Bairro: _____	
Ed. Infantil					Vínculo funcional: () efetivo () contratado () outro	
Primário/Ens. Fundamental					Turno que trabalha: _____	
2º grau/ens.médio					Jornada de trabalho semanal: _____ (horas/semana)	
Graduação					25- Tempo gasto para chegar à escola e meio de transporte que mais utiliza: _____ _____	
Pós- Graduação						
20- Faz algum curso atualmente? Se sim, especificar: _____ _____						

IDENTIFICAÇÃO – FORMAÇÃO PROFISSIONAL	IDENTIFICAÇÃO- CONSUMOS CULTURAIS E USO DO TEMPO LIVRE																																																																																																
26- Já trabalhou em outras unidades? Quantas? _____ Quanto tempo? _____ _____ 27- Trabalha quanto tempo na Educação Infantil? _____ 28- Qual a faixa etária das crianças com quais você trabalha? _____ 29- Qual o nível socioeconômico predominante entre as crianças da classe com a qual trabalha? () alto () médio alto () médio baixo () baixo () outra, especifique _____	30- Você realiza algumas dessas atividades? Com que frequência? D- DIARIMENTE 1 X/SEM- 1 vez por semana 2 a 4 X/SEM- 2 a 4 vezes por semana 1 X/15dias- 1 vez a cada 15 dias 1 X/ MÊS- 1 vez por mês 1X/ 6 M/1 ANO- 1 vez a cada 6 meses ou 1 vez por ano N- nunca <table border="1"> <thead> <tr> <th>ATIVIDADE</th> <th>D</th> <th>1X/ SEM</th> <th>2 a 4 X/ SEM</th> <th>1 X/ 15 dias</th> <th>1X/ mês</th> <th>1X/ 6 mes/ 1 ano</th> <th>N</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Assiste televisão</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Escuta música/ ouve rádio</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Lê literatura</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Lê livros da área da educação</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Lê jornal</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Lê revista</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Usa a internet</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Vai ao cinema</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Assiste filme em casa</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Vai ao teatro</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Visita museus/ centros culturais etc...</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	ATIVIDADE	D	1X/ SEM	2 a 4 X/ SEM	1 X/ 15 dias	1X/ mês	1X/ 6 mes/ 1 ano	N	Assiste televisão								Escuta música/ ouve rádio								Lê literatura								Lê livros da área da educação								Lê jornal								Lê revista								Usa a internet								Vai ao cinema								Assiste filme em casa								Vai ao teatro								Visita museus/ centros culturais etc...							
ATIVIDADE	D	1X/ SEM	2 a 4 X/ SEM	1 X/ 15 dias	1X/ mês	1X/ 6 mes/ 1 ano	N																																																																																										
Assiste televisão																																																																																																	
Escuta música/ ouve rádio																																																																																																	
Lê literatura																																																																																																	
Lê livros da área da educação																																																																																																	
Lê jornal																																																																																																	
Lê revista																																																																																																	
Usa a internet																																																																																																	
Vai ao cinema																																																																																																	
Assiste filme em casa																																																																																																	
Vai ao teatro																																																																																																	
Visita museus/ centros culturais etc...																																																																																																	

ATIVIDADE	D	1X/ SEM	2 a 4 X/ SEM	1 X/ 15 dias	1X/ mês	1X/ 6 mes/ 1 ano	N
Pratica atividade física							
Vai à praia							
Vai à igreja							
Vai à biblioteca							
Vai ao salão de beleza							
Desenvolve alguma atividade artística (música, pintura, artesanato..)							

Email: _____

Telefones para contato:

APÊNDICE D

Antônia

A minha infância foi uma infância pobre, mas em vista à dos meus irmãos a minha ainda foi melhor, porque eu sou uma das últimas, então quando eu nasci, todo mundo já trabalhava.

Sempre com muito carinho dentro da minha casa. Meu pai e minha mãe, eles sentavam com a gente, contavam história, conversavam muito. Não tínhamos assim, abundância, mas carinho tinha muito. E sempre respeitando pai e mãe, os mais velhos. É o que às vezes eu ignoro hoje, assim na educação. Hoje a criança é criada para fazer o que quer. Os pais não decidem, por exemplo: "O que que você quer comer?" Eu saía com meu pai e minha mãe e ele falava: "senta aqui". E você sentava ali do lado e não tinha essa opção. Hoje você sai com uma criança e o pai e a mãe falam: "onde você quer sentar, o que que você quer fazer?". Depois perdem o controle da coisa.

Mas eu tive uma infância bonita. Eu ia pra escola descalça, não tinha sapato no interior e ia feliz. Não tinha essa opção. Eu tinha uma amiga, Bárbara, que eu tenho muita vontade de reencontrar. Ia eu e ela pra escola. O meu pai trabalhava na usina, o pai dela também. Só que o pai dela tinha um cargo maior, então ela ia pra escola bem arrumadinha, de sapato, de meia. E no meio do caminho ela tirava um pé de sapato e me dava. Eu ia com um pé e ela com o outro. Então eu vejo isso como um imenso carinho que ela tinha por mim. Ela ia com um pé calçado, o outro descalço, e eu também, o que resolvia?

Mas foi ótima a minha infância, de uma família de 11 irmãos, sempre um respeitando o outro. Todos são vivos, moram aqui em São Paulo, são todos vizinhos. Somo de uma família imensa, já sou tia Bisa. Todos os meus irmãos mais velhos vieram pra São Paulo pra trabalhar. E aí minha mãe viu a necessidade de ela vir também. Aí foi quando compraram o terreno onde moramos e viemos todos pra cá.

A minha adolescência também não tenho do que reclamar não, assim tive um pai e uma mãe que às vezes eu achava um pouco rígidos, mas foi a maneira que eles foram educados. Não tinha acesso muitas vezes a ir a um cinema. Quando você ia era numa matinê com horário marcado para voltar. Você tinha que chegar: "pai, eu posso ir?" Hoje em dia o filho chega: "pai, eu vou". E está terminado.

Comecei a fazer o ginásio, que era a maneira que se falava na época, que seria o fundamental hoje e aí parei. O ginásio eu fiz no Ginásio Estadual da Vila Granada, que hoje é o Carvalho Senne. Foi lá que eu fiz. Quando eu estava na oitava, não, na sétima série, aí eu queria trabalhar. Porque daí você já cresce aquela coisa da vaidade, eu quero isso, eu quero aquilo, aí eu parei de estudar pra ir trabalhar. E você não tinha tantas opções pra estudar como tem hoje. Ou era aquilo, ou era aquilo. A minha opção era de estudar à noite. Aí meu pai não deixou. Ele falou: "já que quer trabalhar, então vai trabalhar; eu preferia que você estudasse, mas você quer trabalhar, vai trabalhar". Aí fui, trabalhei numa malharia, trabalhei na Philco, trabalhei na Metalúrgica Matarazzo, no que mais, onde mais? Trabalhei na KLB, fechou faz muitos anos, lá fazia lingerie. Onde mais eu trabalhei? Ah, na _____, que era uma fábrica de roupa infantil.

Aí conheci meu marido, conheci meu marido dentro da minha casa, da casa da minha mãe. O pai dele é irmão do meu pai, nós somos primos. Aí casamos e teve o nascimento da minha primeira filha, da mais velha. Depois de dez anos eu tive a segunda; eu achava que eu nem ia ter mais filho. E um acontecimento muito importante na minha vida foi agora, nasceu a minha primeira neta. Chama Maria Eduarda. Foi uma bênção imensa que a gente recebeu, mesmo sendo processo pelo... E ela teve um pouco de dificuldade pra engravidar, então estava bem esperado.

Tive dois namorados, com o terceiro eu casei. Mas não namoros sérios, você está entendendo? Namorico. E outra coisa, nunca fui de namorar na porta de escola. O que eu falo pra minha filha, hoje vocês ficam, no meu tempo namorava ou namorava, não tinha ficar não, era sério.

Eu achava minha mãe uma guerreira. Assim pelo coração que ela tinha. Ela não media consequência para ajudar. Ela foi uma das fundadoras da comunidade aqui de Santa Luzia, tinha um trabalho lá dentro. Eu achava ela uma guerreira em criar 11 filhos, que não é brincado não. Ainda teve um adotivo. Ela teve 11 dela e adotou um. Ele convive com a gente, a gente sempre se encontra, quando reúne a família ele está no meio. Essa criança foi parar na mão dela porque trouxeram de Minas...ele ficou aqui na igreja. Era uma criança abandonada mesmo. Assim, o que me admira nela é a coragem que ela teve de pegar essa criança. Levou pra casa, cuidou e foi pra ficar poucos dias, porque ninguém pegava, ninguém pegava, como é que deixa a criança na igreja? Aí ela levou pra casa pra ficar poucos dias até arranjar um lugar e acabou ficando com ela mesmo, acabou criando.

Na minha escola era muito de copiar, a professora escrevia no quadro, e você copiava. Eu falo que eu tenho gravado na minha memória até hoje lições da cartilha, Caminho Suave. Tenho muita coisa gravada que era da cartilha, o decorar da tabuada. O professor mandava levantar e você tinha que ter a tabuada na ponta da língua. O professor batia, puxava a orelha, eu me lembro que tinha uma vara e ela "arrepia" com a vara. Quando perguntava, você não sabia... Olha eu acho que eu levei uma varada porque eu deitei assim e cochilei e aí ela me acordou com uma varada. Levei...nunca me esqueço dessa varada. Não tive dificuldade de aprendizagem.

Quando eu fiz o segundo grau eu já era casada. Fiz supletivo na escola aqui no Figueiredo e no exército. Gostava muito. Aí eu estava terminando o segundo grau, faltava meses, foi quando surgiu o ADI Magistério. Aí sabe quando você fica, "eu não sei se eu paro aqui, vou pra lá", aquela dúvida. Então o que eu fazia, eu ia nos dois. Eu vinha aqui, ficava um pouco depois saía e ia pra lá. Aí conversei com os meus professores eles falaram pra eu cancelar aqui e fica lá. E aí eu fui fazer o ADI Magistério.

E foi lá que eu tive uma visão totalmente diferente, mudou o meu olhar pra educação infantil. Já trabalhava aqui no CEI. Acho que toda menina tem aquele sonho de ser professor. E aí surgiu a oportunidade e eu peguei. Antes trabalhava de babá ali na cidade. Eu passava aqui e estavam construindo, e aí eu não sabia o que era que estavam fazendo, um dia eu parei e perguntei, aí uma das pessoas que trabalhavam me falou que aqui seria uma creche. Aí toda vez que eu passava eu falava: "eu vou trabalhar aqui, eu vou trabalhar aqui". Às vezes eu falava pro meu marido: "ó eu vou trabalhar lá naquela creche, você vai ver". Aí ele falava: "imagina, é difícil", eu falei: "não é não, você vai ver". Aí abriu inscrição aqui e na primeira vez, na primeira turma eu não consegui. Você fazia a inscrição ali na ____ tinha uma prova de seleção, com coisas específicas mesmo, o que eles viam mesmo era o cuidar, como cuidar da criança...Só que eu fui percebendo que o educar e o cuidar caminham juntos. É impossível você só cuidar ou você só educar, você faz os dois juntos. Porque mesmo eu sem ter a formação do restante do pessoal, você acabava dentro do educar também não era só o cuidar. Porque desde que você leva uma criança no banheiro, você faz a higiene, você escova o dente, você não está só cuidando, você está educando essa criança. E tínhamos uma professora, aí ela fazia reuniões com todas, explicava sobre as atividades e nós mesmos aplicávamos nas crianças. Na verdade, você não tinha uma noção no que aquilo estava

ajudando nas crianças, depois da formação foi que eu vi o quanto que eu já tinha ajudado as crianças que tinham passado por aqui. E eu vejo da seguinte maneira, você passa pela vida de uma criança ou você deixa marcas boas, que é pro resto da vida dela, ou você deixa marcas ruins também que vai marcar negativamente.

O ADI Magistério foi o curso que mais me ajudou. Não foi tanto quando o normal, porque no curso normal aprendi só teoria e no ADI magistério você aprendia e já estava praticando. O ADI eu fiz no Visconde de Cairu, ali no Tatuapé. Desde a época da Erundina que já se tinha boatos pra que voltassem a estudar, que ia ter uma mudança muito grande na educação. Aí o pessoal foi começando a voltar pra escola pra estudar, eu fui da primeira turma. As aulas eram à noite, todo dia, e às vezes sábado também. Às vezes não, todos os sábados! Era de segunda a sábado. Usávamos apostilas. Era organização pedagógica...Tinham temas, vários livros, tinham textos, discutiam, tanto levávamos sugestão quanto trazíamos de lá pra cá. Tudo o que estava ali a gente já usava pra aplicar aqui já trabalhando com as crianças. No começo quando falavam pra fotografar, registrar e a gente falava: "mas que bobagem, pra que isso?". Mas com o decorrer do tempo todo mundo foi observando a importância daquilo. Tudo o que eu faço eu registro, eu registro na escrita e fotografando, tudo aquilo que eu vejo que é importante, eu procuro registrar.

As colegas do ADI eram de outras escolas e levavam suas experiências. Tinham vários professores, não era só um não, de português, de matemática. da prática pedagógica, ciências da natureza...O curso durou 2 anos. Tudo voltado pra educação infantil.

Eu dei 6 meses de intervalo para fazer o normal superior. Eu fiz Uniarara. Era um tutor que era responsável, ali no Belenzinho. Era de segunda a sábado. Sábado era no período da manhã e durante a semana era à noite, entrava às sete e saía às onze. Aqui era mais voltado para o ensino fundamental também. Era mais a teoria mesmo, o curso era apostilado, muito texto. Acho que terminei em 2004. O ADI Magistério foi em 2000 mais ou menos.

Quando eu tinha 15, 16 anos eu fui catequista durante 6 anos. E era uma coisa que eu gostava muito. Eu sentava com a Bíblia, com o caderninho, preparava as aulinhas das crianças pro domingo e era uma coisa que eu gostava muito. Eu lembro que perguntaram pra mim uma vez quando eu fui professora pela primeira vez aí eu falei: "quando eu fui catequista". Aquela coisa com a responsabilidade com as crianças, do que eu estava passando, do que eu estava ensinando, que até hoje eu encontro crianças daquela época, crianças entre aspas, são homens hoje e que têm muito carinho por mim.

Quando surgiu essa oportunidade de ser professora eu agarrei com as duas mãos. Porque durante essa época de estudo meu eu tinha minha mãe na minha cama, que eu cuidava, já tinha meu irmão que morava comigo e nunca passou pela minha cabeça de abandonar e não ir mais. Eu falei: "a oportunidade é essa, eu tenho que pegar e segurar". Às vezes a gente fala: "32 anos, né? Nossa, quanto tempo!". Não é muito tempo, passa muito rápido. Eu me lembro do primeiro dia que eu cheguei aqui pra trabalhar no CEI. Que eu fui lá na Carlos Meira e eles me deram o papel, - olha você pode se apresentar na escola, você tem dez dias pra se apresentar. Imagina, no outro dia cedo eu já tava aqui. E já me apresentei, já entrei pra trabalhar, me lembro das colegas que me ensinaram, que me levaram pro berçário: "olha é assim, é assim". E aqui no começo a pajem, que eu entrei como pajem, era assim, você trabalhava em tudo porque não tinha funcionário suficiente, então eu não me importava se precisasse ajudar na lavanderia. Nós ficamos sem cozinheiro aqui uns 8 anos, quem fazia a comida eram as pajens. Juntavam as crianças e o restante ia pra cozinha, sempre duas iam pra cozinha pra preparar a refeição. Sempre foi mais ou menos o mesmo tanto de criança.

Antigamente tinha diretor, coordenador ainda não. Tinha diretor e a professora. O diretor era da secretaria do estado mesmo.

A dinâmica era diferente, hoje eu falo que mudou, vamos supor, 95%. Porque hoje cada um que trabalha ele sabe o que está fazendo. Naquela época era praticado, mas na verdade, eu estou falando de mim, eu não sabia pra que servia, eu aplicava uma atividade na criança, mas eu não sabia por que era. Eles faziam atividades com massinha, era o espaço, né, eram muitas brincadeiras, pular obstáculos, isso tudo coisas que a gente preparava pra eles. Não tinha brinquedos, era cada um que trazia da sua casa. Às vezes tinha profissionais, tinha alguém que tinha alguma resistência.

Naquela época mesmo tinha a nossa amiga Magali que foi, fez magistério...aí ela também já passava alguma coisa.

Quando eu fiz o normal superior eu já era ADI. Foi quando entrou a Erundina, teve o concurso aí passamos para ADI. Antes era admitido, aí depois desse concurso fomos efetivadas. Quando eu terminei o Magistério eu dei entrada para ser PD.

Depois que eu terminei o ADI eu fiquei um ano esperando para a transformação do cargo, isso também foi uma conquista grande. Porque criticavam muito o pessoal mais velho, mas na verdade o pessoal velho eles têm as histórias do CEI aqui na mão.

Tivemos a valorização do salário, com as crianças. Porque passaram a exigir uma formação específica, para você trabalhar, ensinar, educar. As condições melhoraram muito. Em material. que não se tinha material suficiente, e assim, em olhar mesmo assim pra educação, acho que todas passaram a ter um novo olhar. A nossa primeira coordenadora foi a Débora, foi há uns 10 anos.

Não tive dificuldades no início da minha profissão. Eu já era mãe. O que se pedia era a prática., já tinha trabalhado de babá, até trouxe uma carta de lá que eles pediram. As famílias que eram atendidas eram mais bem necessitadas do que hoje. Às vezes você tinha que trazer uma roupa pra uma criança, um sapato, uma roupinha de frio porque às vezes criança vinha tremendo de frio porque não tinha roupa.

Depois da transição, falaram: "agora você tem que fazer o planejamento, eu falei, meu Deus, por onde que eu caminho, por onde que eu vou?". Eu buscava ajuda nas colegas que estavam aqui, até hoje quando eu tenho dúvida eu vou nas colegas e falo: "olha, fulana, isso aqui eu não entendi direito, me explica isso aqui." Eu acho que a minha maior dificuldade é para escrever, relatar, eu falo que eu não sei escrever bonito, com palavras difíceis, palavras bonitas. Eu sei o que eu estou fazendo, mas tenho dificuldade para escrever. Mas eu relato viu, eu tinha um monte de cadernos de relatos meus que eu dei tudo esses dias, falei: pra mim não vai servir mais, agora deixa aqui que tem um pouco da história da escola aí.

Eu gosto da formação que tem hoje na unidade, eu gosto, tanto que eu sou a que menos falta. Pra mim é importante. O coordenador traz textos e pede para que a gente traga também.

Antigamente não tinha, o que hoje seriam as reuniões pedagógicas se falava supervisão coletiva, e isso demorou muito para ter essa conquista, que era uma vez por mês. Diferente quando era antes. E aí já foi tendo uma mudança porque vinha um pessoal que dava um treinamento, que ensinava, que ensinava brincadeiras novas, isso também foi muito importante.

Dos cursos oferecidos eu fiz um pra crianças especiais, esse me marcou bastante. Fiz um pra contação de histórias, que é uma coisa que eu amo de paixão. Quando era dado, fechava todas as escolas aí tinha como se fosse um encontro, eles alugavam um espaço grande. Pra mim o curso para crianças especiais e o de contação de histórias foram os que mais contribuíram.

Um professor infantil tem que em primeiro lugar amar. Seria impossível ser um professor de Educação Infantil se ele não tiver amor, principalmente no CEI porque no

CEI quanto menor é a criança, mais ela precisa desse aconchego, aqui ó, de sentir o corpo, de você pegar, de você tocar, de você acariciar. E se você não amar...é o amor, depois a prática.

A atividade que eu mais gosto é de ler história e contar história, gosto muito. Eu acho que quando você conta a história eles viajam, eles ficam, assim, te olhando, gosto muito. Conto história duas, três vezes por semana. E uma coisa que é muito gostosa também é a roda de conversa. Quando eles estão falando, que você faz a roda e entra num assunto, nossa, é muito bom você ouvir o que eles falam.

Não gostava de dar banho em todo mundo. Quando era pajem você ia pro banheiro com 18 crianças. Você perdia mais ou menos ali duas horas dando banho e sendo que essa hora eles podiam estar aproveitando, brincando, correndo. Hoje só tomam se necessário, só o berçário menor que toma banho todos os dias. Hoje estou com o berçário 2, e se tiver a necessidade é dado banho. Eles têm um ano e dois meses, até dois meses. A minha sala tem 9.

Quando chega o final do ano eu falo que quando eles já estão todos assim, independentes, voando sozinhos aí eles vão embora e me largam. Quando chega o final do ano que eles vão embora e eu olho o resultado do trabalho, conversando, falando, às vezes até frases completas, sem fralda, eu olho: "ai, eu não acredito que eu consegui tudo isso." Ou senão quando eu estou passeando sabe, dentro da escola que eles me vêem, eles vêm tudo correndo, abraçar, beijar. Muitas vezes e eles me chamam de mãe. Ser professora de Educação Infantil é uma coisa maravilhosa. É você poder ensinar, amar educar, passar valores para essas crianças, valores que elas vão levar pro resto da vida delas.

Desde que eu entrei considero como ponto positivo a valorização do meu trabalho. Os homens que eu encontro na rua hoje, que começaram aqui. Nós temos crianças que eu encontro na rua que eu olhava e falava: "meu deus, essa criança ela não tem nada para dar certo por causa da família". E hoje ela é formada em pedagogia. Então eu olho elas e vejo que tem um dedo meu ali porque eu participei da vida dela, de berçário, de mini grupo e daí por diante. Ela levou conteúdo que saiu daqui, estagiou aqui com nós. Isso é um ponto positivo.

Outro ponto positivo foi a mudança no olhar de cada profissional que tinha aqui. Houve a valorização do espaço, que hoje em dia a criança explora todo o espaço da escola e no começo era limitado, não se cortava nem o mato. Com todo esse espaço e você ficava

com a criança presa. Era aquele espaço limitado, hoje não, ela explora, cada lugarzinho que tem aqui, você leva ela eles.

Pra ser professor a pessoa tem que ser paciente, tem que amar a profissão, tem que amar a criança, tem que respeitar o momento da criança. Tudo isso daí. E tem muito mais. Se fosse para começar tudo de novo eu começaria.

Marisa

É tão triste a minha infância, aí, não tive infância. Que a minha foi assim, quer dizer, na verdade eu não tive infância, né? Meus pais eram muito pobres, 7 filhos, e ainda meu pai morreu. Então a gente já trabalhava, quando meu pai morreu, a gente já trabalhava para ajudar a minha mãe. Eu tinha 14 anos de idade. Meu primeiro emprego na verdade foi registrado, lá no Açúcar União. Mas antes a gente já trabalhava, a gente engraxava sapato na padaria, eu ia com meus irmãos já pra ganhar um dinheirinho, pra ajudar a comprar o pão, o leite, né? Refrigerante nem sonhava, nem existia ainda, né? Existia, mas a gente não...a Tubaína era só dia de domingo. Então eu comecei a trabalhar muito cedo. Aí meus pai faleceu quando eu tinha 14 anos, foi aí que eu fui trabalhar registrada. Mas eu trabalhava e estudava, não parei de estudar.

Estudei na escola perto da minha casa. As amizadezinhas eram assim tudo de primário. Então eu lembro direitinho, minhas amigas. Então a gente era tudo lá perto de casa, da redondeza, porque eu nasci e me criei ali, né, onde eu moro até hoje. Então eu conhecia todo mundo, tinha muita amizade e esses mesmos alunos que a gente conhecia no primário continuavam indo tudo para as outras séries, tipo no ginásio, no colégio, então até hoje a gente se encontra. Inclusive tem um lugar lá o clube dos 30, perto do metrô, eles fazem um encontro todo ano pro pessoal da escola Ramacciotti. É aberto pra quem estudou lá nessa época. Aí toca música do anos 60, 70. Eu já fui, é muito bom. Então eu tinha uma amizade bem legal lá essa época.

Eu tive muita dificuldade na escola. Inclusive naquela época, eu não sei, os professores eram bem assim...rígidos. E eles até puxavam as orelhinhas da gente, né. Puxava a minha orelha a professora e até hoje eu me lembro dela direitinho, dessa minha professora. Até inclusive outro dia, outro dia assim, alguns anos atrás, meu filho tinha uns 12 anos eu encontrei com ela na feira comendo pastel. Menina, quando eu vi ela mas me deu um calafrio assim por dentro, minhas pernas tremeram, minha professora da terceira série, a (P.) . Ela falava assim pra mim: "Sua burra! você não sabe escrever, olha que letra feia de garrancho!". Inclusive ela chamou minha mãe lá na escola e falou que era pra minha mãe comprar um caderno de caligrafia pra mim. Mas a minha mãe falou pra ela: "Eu não tenho dinheiro pra comprar um caderno de caligrafia. Inclusive meus filhos são tudo da caixa escolar". Ganhava o material lá da escola, um material bem fraquinho. Era pra quem não tinha condições de comprar...os pais que não tinham condições, as famílias bem pobrezinhas que não tinham condições de comprar o

material, então eu era da caixa, eu e meus irmãos. Aí minha mãe respondeu pra ela: "eu não tenho condições de comprar caderno". Isso na minha frente, né? Aí a minha mãe saiu de lá chorando aquele dia, que não tinha condições de comprar um caderno. E no outro dia a minha professora veio com o caderno de caligrafia. Porque a minha letra era um garrancho mesmo. Aí foi me ensinar a fazer caligrafia, menina, ela pegava na minha mão assim ó, apertava assim a minha mão... Até que eu aprendi a fazer esse caderno de caligrafia. Mas assim, eu sofri na época, sabe? Mas eu agradeço hoje, eu agradeço porque a minha letra é uma letra bem assim redonda, bem...é uma caligrafia bem redonda, mas...Todo mundo fala pra mim, nossa você tem uma letra bonita, você tem uma letra bonita, eu recebo bastante elogio, mas eu sofri pra chegar a ter essa letra aí.

Eu não brincava na rua, eu via as crianças brincando lá na rua, eu não ia brincar, não podia brincar porque tinha que sair com meus irmãos pra engraxar sapato, tinha que voltar. Então meu pai tinha uma horta no quintal e ele pegava um caixote assim ó, e colocava uma tábua e colocava verdura lá pra gente vender. A gente tinha que vender, às vezes tinha gente que pagava, tinha gente que não pagava. Quando chegava em casa ele queria...tinha que dar contra do dinheiro da verdura que ele deixou. Então a gente não brincava na rua, a gente já trabalhava, eu considero trabalhar já, porque a gente tinha essa responsabilidade de ficar lá no portão vendendo as verduras enquanto as crianças brincavam de pega-pega, de mãe da rua, de bola, de carrinho de rolimã, de esconde-esconde. Elas ficavam lá. Eu estudava de manhã e trabalhava à tarde. Eu já pequeninha eu já trabalhava, eu e meus irmãos.

Não tive adolescência porque com 14 anos eu fui trabalhar no Açúcar União. Trabalhava e fazia o colégio, o ginásio, era o colégio. Estudava na mesma escola, no Ramacciotti. Aí foi melhorando, eu só sofri no primário, só com essa professora. E todo mundo falava assim: "a terceira série é a mais difícil é a terceira e a quinta". E é verdade. Eu não sei é porque eu coloquei na minha cabeça também, mas eu senti dificuldade na terceira, senti na quinta série, eu senti na quinta série eu senti um pouco de dificuldade, tanto que eu repeti, né? A quinta série. Eu refiz a quinta série.

As relações eram boas bom porque era tudo que veio no primário a gente foi junto, foi indo junto. Eu não namorava. Comecei a namorar eu tinha 20 anos. Já tinha terminado o colegial, eu estava fazendo faculdade quando eu comecei a namorar. Foi aí que eu fiquei grávida e tive que parar de estudar. Porque naquela época não é como hoje, as pessoas abertas, né, assim tem uma mente mais aberta, e eu fiquei com vergonha de ir pra escola grávida porque eu fiquei grávida solteira? Do pai do meu filho, a gente chegou até a

ficar noivo. Foi tudo muito rápido assim, mas casar não. E eu fiquei com vergonha de ir pra escola grávida, pra faculdade. Aí eu tranquei a faculdade, tranquei a matrícula, né e não consegui voltar mais. Porque tem né, não sei se hoje em dia não sei se ainda tem um tempo pra trancar a matrícula, é dois anos? Eu não consegui voltar nesses dois anos.

Demorou pra eu conhecer meu esposo. Porque quando eu tive filho eu fiquei muito desgostosa, né? Porque eu tinha planos pra casar, ter uma família, ter uma casa e como não deu certo eu não quis mais ninguém na minha vida. Nem namorava, eu não namorava porque eu tinha medo de conhecer alguém, colocar em casa e judiar do meu filho, fazer alguma maldade com ele e eu não aceitava isso, né, então eu fiquei muito tempo assim sem ninguém. Eu me dediquei mais pro meu filho. Quando eu conheci alguém pra morar na minha casa, meu filho já tinha 13 anos. Que é esse meu marido? E nesse meio tempo eu tive a minha filha, que hoje ela tem 16 anos. Eles são 15 anos de diferença. Quando e fiquei grávida dessa minha filha meu filho tinha 15 anos.

Quando eu fiquei grávida do meu filho eu morava com a minha família, mas aí eu tive que sair de casa porque meus irmãos não aceitaram, minha mãe Eles falavam: “nossa, você ficou grávida solteira? Não dá nem pra acreditar! Se fosse a Marina”. Que é a minha outra irmã que ela era mais saidinha... Eu era a mais quietinha, eu era toda tímida, que era caseira, que não sei o quê. E eles ficaram assim não acreditando que eu fiquei grávida solteira. Eles acharam que eu ia ser a única que não ia ficar grávida solteira. Porque a minha irmã ficou, a outra também ficou. Não...as outras duas não ficaram. Eu que era a mais quietinha fiquei grávida solteira. Então pra eles foi um choque. Aí eu acabei saindo de casa.

O pai não quis assumir meu filho, ele não assumiu e eu também não fiquei atrás procurando pra ele assumir. Eu me revoltei, eu me tranquei pro mundo. Não tenho contato com ele, tanto que meu filho não tem contato com ele. Quando ele tinha 4 anos de idade ele foi atrás pra procurar o meu filho. Mas aí ele foi só uma vez e não foi mais. Depois quando meu filho tinha dez anos ele foi de novo. Também não foi mais. Meu filho conhece ele, sabe quem é mas também não tem vínculo, não tem nem o nome do pai, ele não tem o nome do pai. E ele fala: "mãe...", hoje ele já aceita mais, mas antigamente quando ele começou a entender o que era ter o nome do pai no registro ele falava assim: "Nossa, mãe, lá quando eu vou fazer ficha eu coloco assim, pai desconhecido". Ele ficou assim uma época, mas agora ele já tem 31 anos de idade ele já aceitou mais, mas foi difícil pra ele entender porque ele só tinha o nome da mãe. E eu

contei pra ele que o pai dele não quis. Só que eu poderia ter ido atrás, mas eu não quis. Eu não quis entrar na justiça, eu não quis pensão porque eu me revoltei com ele. Eu namorei com ele 3 anos e pouco, você entendeu? Eu falei, "eu não vou ficar correndo atrás". Foi muito difícil. Hoje em dia a mulherada põe os...não pagou pensão põe lá na justiça. Eu tenho colegas que não tem marido nenhum, mas tem 4, 5 filhos. Cada um de um homem. Vive de pensão alimentícia. E eu não nasci pra isso. Nasci pra trabalhar, pra batalhar. Ficar dependendo dos outros, de homem, de pensão alimentícia, eu hein! Não é a minha cara.

Eu só namorava com esse pai da minha filha, não morava dentro de casa porque eu morria de medo de por alguém dentro da minha casa quando eu conheci ele. Então temos ainda uma diferença de 20 anos, ele é 20 anos mais velho que eu. Ele tem outra família, ele é separado. Aí fiquei grávida dele, aí eu fui e falei pra ele: "Ó você não precisa morar comigo, fazer vida comigo porque como eu já criei um filho sozinha eu crio outro". Ele falou: "não, pai e mãe criam filho juntos. Eu já tenho a minha família, a outra família que eu criei meus filhos, eu sou separado da minha mulher, da minha ex-mulher, mas meus filhos foram todos criados com pai e mãe, eu vou criar minha filha também. Eu vou criar minha filha junto com você". Aí ele foi morar junto comigo, mas assim, a gente não é casado no papel. Já tem 16, 17 anos, que a gente está...18, porque a minha filha tem 16. Eu comecei a namorar com ele 2 anos de eu ficar eu grávida, então 18 anos de convivência, com ele 16 morando junto e 18 de conhecimento. Porque dois anos depois eu fui morar com ele. Mas assim, ele tem uma família bonita. Ele vai lá ver os filhos, os filhos respeitam ele, ele já é de avô de 2 no Paraná, 2, 3, 4, 5, 6 netos ele tem. Ele tem 70 anos o meu marido, mas ele trabalha até hoje. Não parece que ele tem 70 ele é bem saudável. Então, e foi com ele que eu fiz a minha vida. E meu filho se dá bem com ele. Se dão bem, têm um bom relacionamento.

Eu fiz o ADI magistério lá no Carrão. Eu trabalhava de cuidar de criança quando eu tinha, sei lá, 12, 13 anos antes de entrar no Açúcar União. Eu já cuidava de criança. Porque a mulherada tinha que trabalhar, né, lavar roupa pra fora, eu já cuidava de criança. Mas firme, firme assim foi quando eu entrei na prefeitura. Entrei primeiro foi lá na Vila Ré, na Bustamante. Eu estava trabalhando em casa de família. Aí meu tio, olha menina, que coisa incrível, era pra mim esse emprego. Porque nesse dia eu liguei pra minha patroa e falei assim, meu filho estava na creche lá na Paineiras aqui embaixo, eu liguei pra minha patroa cedinho e falei pra ela: "dona Carmem, eu não vou poder ir trabalhar". Ela falou: "ai, por que, hoje que tem tanta coisa pra fazer". "Porque não tem

creche hoje". Mentira, tinha creche, mas como eu queria ficar com meu filho aquele dia, eu senti um negócio assim, falando, "vou ficar com meu filho hoje". Meu tio chegou lá batendo na porta. Meu tio me chama de Betinha. "Betinha, abriu inscrição na prefeitura e hoje é último. E eu falei: "inscrição pra que, tio, eu já trabalho". "Não, pra trabalhar na creche, de pajem". Eu falei: "ai, não quero tio, eu já cuidei tanto de criança na minha vida, eu não quero mais". "Não é na creche, é na prefeitura, é um emprego fixo, é um emprego que você vai ganhar um salário, não trabalha de sábado nem de domingo, vamos?" Eu falei: "Tio eu faltei no serviço hoje pra ficar com meu filho, hoje eu não quero sair, não quero ver ninguém, eu quero curtir o meu filho". Porque eu não ficava com o meu filho, ele ficava na creche, eu trabalhava até dia de sábado. Meu tio insistiu tanto, ele tava com a minha prima, com a filha dele. A minha prima: "Vamos, vamos pra eu não ir sozinha". Peguei e fui. Fui até levei meu filho junto. Meu filho tinha 4 anos de idade. Aí chegou lá na prefeitura, aqui em Itaquera, tinham acabado as inscrições. Falei: "graças a Deus". Eu e minha prima. Mas o meu tio trabalhava lá na, ai, como que é o nome, no Ibirapuera lá nos negócios da prefeitura lá, eu esqueci o nome, ai, lá na central. Ele falou assim pra mim, pra nós: "ai aqui fechou mas a gente vai lá no centro. Acho que é lá onde tem RH lá, a gente vai lá no Centro". Eu falei: "ai tio, não tem nem vaga, você quer colocar a gente na prefeitura". Fomos, menina. Quando chegou lá já tinham acabado as inscrições, e nós: "graças a Deus!". Mas o meu tio como trabalhava lá, tinha conhecimento, fizemos a ficha. Aí eu e minha prima: "ai, isso não vai dar em nada, vamos embora, não vai dar nada". Passou 15 dias chegou uma carta na minha casa, que eu tinha que ir lá pra fazer a ficha na prefeitura, que eu tinha conseguido, que não sei o quê.

Eles pediam até a 4ª série primário. Você tinha que ter filho, parece que você tinha que ser mãe, ter a 4ª série primária e idade eles não exigiam, idade não. Aí chegou a carta pra gente ir lá. Fomos lá fazer a ficha, a inscrição, tipo o contrato, né. Falei: "ih, isso não vai dar nada". Passou mais uma semana chegou a carta pra gente ir lá fazer a provinha. A minha provinha foi lá na Penha, sabe ali a Praça 8 de setembro? Foi ali. Ai, menina, uma coisinha tão fácil, coisinha de 4ª série e primário mesmo, probleminha de mais e menos. Continhas das quatro operações: mais, menos, dividir e multiplicar. Uma perguntinha sobre como cuidar de criança, tipo assim: "se a criança chorar você sabe identificar o choro, de fome, se é de sono, se é de dor" É, "quando a criança não quer comer, o que você faz pra criança comer?" Essas coisas. Bem coisinha simples.

A prefeitura era assim, já era tudo mais fácil né quando era assistencialista né? Chegava, você ia lá, tinha uma cartolina lá com os nomes, por exemplo, José Bustamante, aqui não tinha no informe?, que era mais perto pra mim, José Bustamante, Coimbra, aí escolhi José Bustamante. Ainda faltam...tem tantas vagas. Aí era assim, você que escolhia. Eu queria essa, eu queria a Paineiras na verdade que é bem perto da casa, é 10 minutos da minha casa, 5. Como eu não tinha Paineiras nem essa mais próxima eu escolhi a Bustamante. Era a gente que escolhia perto da casa da gente, era muito mais fácil.

Quando entrei não tive dificuldades porque já trabalhava com criança, né? Lá tinha diretor, tinha APP, coordenador pedagógico já tinha e tinha auxiliar de direção. A gente já fazia a atividade, a gente fazia atividade no papel, tinha as brincadeiras lúdicas. A APP, a coordenadora pedagógica que orientava a gente. Só que assim, não é como hoje, que você tem que anotar, fazer relatório, a gente não fazia isso antigamente, só fazia na prática, na escrita não.

Naquela época não escolhi fazer magistério nem pedagogia. Porque eu tranquei minha matrícula e não pude voltar mais, na verdade eu ia fazer pedagogia, mas lá eles não exigiam. Nessa época a prefeitura não exigia esse curso.

Eu esqueci de falar pra você que eu tenho outros cursos. Eu sou técnica de enfermagem. Porque na época que eu fiquei grávida, eu não né...esqueci de falar essa parte, eu trabalhava em casa de família porque eu não conseguia emprego. Porque naquela época era assim, quem tinha filho não conseguia emprego, quem tava grávida não conseguia emprego. Então a minha patroa falou assim: "vai estudar, vai terminar seus estudos, você é nova que não sei o quê". Eu terminei todo o meu colegial depois eu fiz o técnico. Primeiro eu fiz de atendente depois eu fiz o técnico de enfermagem. Antes de fazer o ADI Magistério. E exerci, eu trabalhava na Beneficência Portuguesa, trabalhei lá 4 anos. Quando o meu tio foi lá me inscrever eu já fazia o curso só não exercia a profissão, eu fazia o curso. Então quando eu entrei na prefeitura, logo depois que eu entrei na prefeitura eu terminei o curso e comecei a trabalhar no hospital, então eu fiquei em dois empregos na verdade. Eu trabalhava à noite lá na Beneficência e na prefeitura de dia.

Eu queria fazer esse curso mesmo, pedagogia. Eu nunca imaginei, eu tinha vontade de fazer o magistério, mas eu nunca imaginei que um dia eu pudesse fazer esse curso, magistério, depois de uma certa idade. Depois de 40 anos que eu fiz esse curso magistério. Na verdade eu passei pela prefeitura, pelo amigo eu fiz dois magistérios na verdade, né, eu esqueci de te contar esse detalhe. Porque quando a gente entrou na

prefeitura...na...quando a Marta Suplicy lançou esse curso do ADI magistério eu e mais 4 colegas já fazíamos lá no Brás, naquela escola que no Brás, Padre José de Anchieta, famoso esse colégio. Então a gente fazia lá. Quando a gente já tava lá no segundo ano saiu o curso da prefeitura da Erundina. Porque quando saía assim...onde há fumaça há fogo, né? Então o pessoal falava assim, o diretor falava: "ó vão ter que estudar, fazer magistério, quem não terminou o colégio". Que tinha gente que na verdade não tinha nem o ginásio aqui..."vão ter que terminar o ginásio, o colegial quem não tem porque eles vão exigir essa escolaridade, vão exigir essa escolaridade, esse curso superior". E esse pessoal não botava muita fé. O que nós fizemos? Fomos se inscrever nessa escola magistério, que nessa época já tava acabando o magistério, já não tava tendo mais escola que tinha esse curso de magistério. Então a gente foi nessa escola, os professores lá montaram salas de aula, porque na verdade já tinham tirado o magistério de lá; aí eles montaram uma sala, bem...a gente estudou lá 2 anos Quando saiu o curso da Marta Suplicy nós nos informamos lá na DRE? ninguém sabia dizer pra gente: "ó para de fazer esse curso, ou você continua nesse ou você continua nesse". Ninguém falou nada, então a gente ficou nos dois magistérios. Para você ter uma idéia a gente saía daqui pra ir pro magistério uma hora da tarde, quinze para a uma e voltava em casa meia noite, onze e meia, meia noite. Porque saía do Brás e ia lá pro Carrão. Ficamos em dois cursos. Mas quando a gente pegou o diploma, o primeiro foi lá do estado lá do Anchieta, a minha evolução e de várias colegas aqui é pelo Anchieta primeiro. Na verdade o da Marta Suplicy... A gente já era ADI nessa época. A gente passou para professora de educação infantil, PDI, de ADI para PDI.

Essa passagem de pajem para ADI foi depois da Erundina. Era pajem com o Jânio, eu entrei no final do Jânio. Uns dois anos depois entrou a Erundina, quando a Erundina entrou, dois anos depois a Erundina abriu concurso interno e externo. Porque aí as pessoas eram só contrato, era admitido. Até eu tenho vários holerites né, tipo "admitido". Quando ela entrou ela abriu concurso interno e externo. Foi aí que passou pra ADI. Foi nessa passagem. Foi aí que muitas meninas na época não passaram no concurso, mas tem essa estabilidade que eu te falei. Que elas não são efetivas, mas tem essa estabilidade. Foi aí que passou pra ADI. Eu fiz e ainda trabalhava na Bustamante. Aí depois de dois anos que eu estava lá na Bustamante, dois não...é ...dois anos, foi dois? Eu mudei pra cá, eu vim pra cá, pra essa creche.

Teve muita mudança, começa pelas condições de trabalho. porque antigamente quando era pajem, até ADI, né, era assim, era fralda de pano, eles não mandavam fralda descartável, não mandavam lencinho, a gente tinha muitas dificuldades. Tinha poucos funcionários, poucos ADI's, né? Eram poucas ADIs, você tinha que misturar muitas salas. Às vezes faltava funcionário na cozinha, o diretor fazia uma escala pra gente ir lá na cozinha e a colega ficava com duas turmas, tipo, na época eram 20 crianças, a colega ficava com 40, juntava duas salas, entendeu? Pra uma ir lá pra cozinha, pra ajudar na cozinha porque não tinha funcionário. As condições de trabalho eram bem precárias se comparar com hoje. Hoje tem fralda descartável, tem lencinho umedecido, hoje tem passeio pras crianças, tipo fazendinha, é pago, mas tem como ir porque antigamente não tinha, nem condições de pagar às vezes não tinha. Hoje tem passeios que a prefeitura promove, também gratuitos, entendeu? Antigamente as crianças não iam. E assim, quando eu entrei eram 6 horas de trabalho, mas eu peguei bem no finalzinho. Antes, tipo eu entrei num mês, três meses antes eram 8 horas de trabalho que elas faziam, as pajens, na época era pajem. Depois com a Erundina foi para ADI. Foi aí que começou a melhorar na época da Erundina. Até a alimentação começou a mudar, ela mandava frango, ela mandava carne de jabá. Mas antes não, as meninas contam que elas às vezes faziam vaquinha pra comprar pra fazer comida pras crianças. Já ouvi essa histórias aí das meninas antigas, que tem 33 anos, 34 anos de prefeitura, as primeiras. Ah, e também a gente fazia visita nas casas, porque era assim, como era assistencialista, tinha uma ordem, uma regra né pra entrar na prefeitura. A gente fazia ficha das mães e fazia visita. A visita era assim, as condições financeiras, é classe social que fala, né? Classe econômica, tipo, fazia até um mapinha da casa da pessoa, com um cômodo, dois cômodos, três cômodos, banheiro dentro, banheiro fora, aí você via as condições da pessoa. Se ela tinha condição de por a criança na creche. As famílias mais precárias, mais pobres tinham preferência na creche. Tinha que fazer esse levantamento, por exemplo, eram selecionadas 5 família na semana pra você ir, você ia. E aí na outra semana mais 5 famílias. Aí fazia uma avaliação, né? De cada família: "essa aqui não tem condições de pagar uma escola, tem que chamar pra vir pra creche. Essa aqui já tem, essa aqui tem carro, essa aqui tem uma casa boa". Era assim por salário também, como é que fala, condições. Então era assim desse jeito, a gente que fazia as visitas. A gente entrava em cada lugar aí, minha filha, favela... A gente não conhecia, entrava em cada buraco aí. Mas tinha que ir, não tinha uma pessoa pra ir, eram as próprias que iam cuidar das crianças.

A gente já fazia essas atividades que a gente faz hoje, mas hoje assim o que mudou na verdade é que a gente não anotava, não escrevia. Hoje em dia a gente faz as atividades e faz um relatório. Essas atividades a gente já praticava, mas não praticava na escrita. E hoje elas são registradas, né. Antigamente não era. Mas são as mesmas atividades, só mudou assim que a gente tem...tem creche, escola né...na época chamava creche... tem creche que na época tinha a professora. Que nem quando eu vim pra cá tinha uma professora, ela trabalhava 4 horas. E lá onde eu trabalhava não tinha professora, era PP. Engraçado que aqui não tinha PP, era professora e lá era PP, e você vê, e mesmo prefeitura é tudo igual, creche direta, né? E algumas tinham professora e outras eram PP, por quê? Porque a professora daqui ela já era antiga e quando passou para ADI que teve o PP. Que começou a ter PP, era creche não tinha, na época não tinha PP quando era pajem, era só professora.

Desde que eu entrei mudou muita coisa, ficou, assim, mais fácil pra gente trabalhar, porque a gente faz aquele trabalho, faz aquela anotação, faz o registro. O registro tem um caderno só pra gente. Na época não existia, era chamado de diário de classe. Hoje você fica só numa sala, você não fica pulando, tipo, hoje eu estou aqui amanhã estou lá na outra sala, não, você tem uma sala só pra você. Você escolhe uma sala, você tem o direito de escolher uma sala. Às vezes você fica em primeiro, às vezes você fica em último lugar da classificação, né? É mais organizado, muito mais organizado.

O reconhecimento ficou melhor. Ficou mais assim, reconhecem mais o nosso trabalho, porque aí tem como mostrar o trabalho, né, que nem, a gente sai da sala com as crianças o horário que é 6 horas, mas a gente fica 5 horas na sala e uma hora de estudo. Então a gente hoje em dia a gente está mais assim, aprendendo mais, dia a dia, que tem a hora do estudo. Porque tem que estudar todos os dias, você tem que estar ali, todos os dias e a gente não tinha isso antes, não tinha.

Nunca tive dificuldade, graças a Deus.

O curso que me deu mais suporte foi o de magistério ?? de pedagogia, foi o que deu mais assim, mais gosto também. Porque antigamente a gente tinha um outro olhar, hoje você tem um outro olhar, muito melhor. Antigamente a gente assim: "ah, a gente só vai lá pra cuidar das crianças". Cuidar, dar comida, não deixar se machucar... Hoje não, hoje em dia a gente vem pra dar um conhecimento pra eles. Tanto pra eles quanto pras famílias, né, porque tem família que pensa: "ah, vou pôr lá na creche pra ele brincar". Mas ele não veio só para brincar, também ele brinca, mas também ele tem a parte das

atividades? Não são atividades assim pra ah, vai sair lendo e escrevendo da escola, da creche, mas tem as atividades. Tem trabalhinhos deles, tem as festas com as famílias que antigamente não existia, não era aberto pra família. Antigamente, sabe pra você ter uma idéia, que meu filho foi criado na creche, eu pegava ele pela porta do fundo. Você não tinha acesso dentro da creche, você não tinha acesso. Você dava voltas, você às vezes nem conhecia a professora, você nem sabia direito quem era a professora do seu filho. E você pegava ele lá e falava: "não, está tudo bem, comeu, tomou banho". Ah, e antigamente tinha que dar banho, hoje em dia não, você dá banho na criança, assim, no caso de necessidade, no berçário ele tem que tomar banho, mas do berçário pra cá banho assim só se for uma necessidade. É aberto pros pais virem dar banho se eles quiserem. Pai pode ter acesso pra dar banho na criança. Antigamente não...você dava lá por trás, você não sabia...só falavam assim: "ele comeu bem e tomou banho". Só. Não tinha assim essa abertura. Hoje tem a festa da família. Você tem contato com os pais, né? É bem diferente, mudou, ficou muito melhor.

Demorou para aparecer outros cursos assim pra pessoa fazer curso para começar a evoluir. Porque quando saiu o ADI ficou só no ADI Magistério. Aí com o passar do tempo, quando entrou a Marta que começou a ter cursos para a evolução funcional.

No CEI tinha formação, mas era uma formação com as técnicas lá da DRE, elas que vinham dar essa formação. Era uma vez por mês e chamava reunião coletiva, na época, que é essa reunião pedagógica que a gente tem hoje com o nosso CP e com a diretora, mas antigamente era com o pessoal lá da DRE. Era importante, vinha nutricionista, vinha enfermeira, na época tinha enfermeira nas creches, depois que tirou.

Hoje a formação é feita em grupo, né, grupo da manhã, grupo da tarde, todos os dias tem essa hora do estudo, que é de segunda, quarta e quinta e sexta é livre. Pra gente...o que a gente fez na segunda, terça e quarta passar no papel, você cuidar do seu diário, colocar tudo em dia. Mas é feito em grupo de manhã e à tarde. É bem legal, acho importante porque a gente aprende muita coisa.

Teve diferença da formação para esse curso que fizemos aqui. Aqui a gente aprendeu na teoria. O que a gente fazia na prática a gente aí foi na teoria, teórico.

Eu gosto de atividades assim quando é para fazer no papel. É que os meus pequeninhos não né, mas eles fazem, às vezes fazem. Mexer com tinta, com tinta que eles têm assim mais livre né, mais...eles expõem mais as coisas?

Tem um berçário menor lá, né, eu estou com dificuldade sim, eu até falei pro meu CP, o, porque eles não andam, mamam no peito, quando é hora deles dormire...Eles

comem bem, alimentação bem aceita, mas assim, depois eles querem o mamar, eles querem mamar. Eles choram, eles não querem dormir, não dormem, eles às vezes eles dormem e aí acordam dizendo que querem o peito, então, você não está em casa, né, quer o peito...que a mãe está lá dá o peito? Não acostumaram ainda, eu estou com dificuldade. Mas a reunião que teve elas falaram que iria ser um ano muito difícil com essas mudanças de idade que teve. Está sendo difícil para todo mundo, ainda que a gente está tendo ajuda das ATS.

Gosto de todas as atividades. Ser professora infantil é uma gratificação você viu, porque eu vou te falar, eu estou aqui há 26 anos, né, porque dois eu fiquei lá. E eu encontro as minhas crianças, agora são jovens, né...encontro com eles...Outro dia eu encontrei com um que ele me chamou, mas eu nem reconheci, ele falou: "Tia Marisa!" Eu estava na escada rolante, estava descendo com o meu filho e ele subindo. Aí eu falei: "Nossa quem é?", meu filho falou: "ó, deve ser uma criança sua da creche né, mãe". Eu falei: "Nossa, mas quem?" Você acredita que ele foi dando tchau pra mim e eu descendo e eu parei pra olhar ele lá em cima e ele voltou e falou assim pra mim, me abraçou: "Tia não lembra de mim? Eu sou o Vinícius, eu ficava atrás da senhora lá segurando na..." Eu falei: "Nossa, Vinícius!" Abracei ele, beijei ele. Falei: "Quanto tempo, você cresceu, heim?". "É já me formei, me formei em arquitetura, eu estou bem, graças a Deus". Era um menino danado, né. "Eu estou bem, graças a Deus". Então isso pra mim é gratificante, trabalhar na educação infantil, saber que as crianças que eu peguei pequenininhas que passaram primeiro por mim, depois a mãe, saber que estão bem. E eu fico triste também em saber quando eles não deram para um bom caminho porque a gente recebe notícias aqui de que alguns já não foram pra um bom caminho, então isso me entristece. Mas o que a gente quer que eles estejam bem né, um bom caminho. Então o que me faz feliz é isso, saber que o meu trabalho deu nisso, uma coisa boa, uma sementinha virou uma árvore, né, cheia de folhas e frutos. Pra mim isso é o importante. Mas eu tenho uma dificuldade quando tem reunião de pais e eles me chamam de professora. A gente se acostumou a ser a tia. Então sempre como me chamam de professora eu demoro um tempo para entender que estão falando comigo.

O aspecto negativo da profissão enquanto equipe (vou começar pelos negativos, pelos ruins) é quando falta funcionário, e falta mesmo. O pessoal fica doente, tira licença, só que tem as faltas que não são combinadas, que aí a gente tem que abraçar essas salas, pegar as crianças, aí pra mim o serviço não vai, não rende, essa parte pra mim essa é a

pior parte, porque eu não falto sabe, no serviço, eu não falto. Tem dias que eu falo: "Meu Deus, me dai coragem pra eu ir", porque eu não consigo faltar. E eu não tiro a abonada....Então quando eu chego aqui que falam assim: ah, vai ter que pegar tantas crianças, eu falo: "meu Deus!". Quer dizer, eu programei uma atividade pra fazer aí no fim não vai porque as crianças quando vêm pra você eles não querem vir, eles choram, eles querem é a professora deles, eles não querem também, e como a gente também não gosta, mas a gente tem que fazer, pegar, eles também choram, eles ficam assim. Então essa é a pior parte. Mas tirando isso, pra mim aqui é uma família. Eu estou pra me aposentar e às vezes eu fico pensando eu já falei: "Não, será que eu vou aguentar ficar sem ir para a creche? Será que eu vou aguentar ficar sem as minhas crianças?" Porque quando eu tiro férias eu fico com saudade das minhas crianças, eu sinto falta. Então eu trabalho em janeiro, eu trabalho em escola, mas esse ano eu não quis trabalhar. Mas como eu estou com obra eu falei: "ai, vou dar uma passeada"? Mas assim eu trabalho nas férias pra você ter uma ideia.

Pra ser professora de Educação Infantil a pessoa tem que ter postura, né? Tem que ter sabedoria, tem que ter paciência. Paciência em primeiro lugar. Porque tem dias que também a gente não está bem. E gostar muito de criança. São as principais coisas, gostar muito, ter paciência, tudo é importante, mas gostar do que você faz, porque, olha, criança dá trabalho, todo mundo sabe. Porque tem uma mãe aqui que fala pra mim: "ah, então vocês me chamaram pra ficar com ele, pra vir buscar ele hoje, eles me chamaram ontem pra vir buscar ele, eu vim, mas chegou em casa eu não pude fazer nada, porque ele não deixou eu fazer nada, não consegui nem lavar a louça". Quer dizer, a mãe não dá conta de uma criança em casa. A gente dá conta de nove, dá conta de dez, tem que estar tudo bem. Então é isso aí.

Pra trabalhar com a Educação Infantil você não precisa nem de ter curso superior. Você tem que ter sabedoria de como cuidar da criança, que é o que a gente...Cuida, a gente cuida da criança, mas também você ensina pra criança, você educa a criança. Para trabalhar na Educação Infantil você não precisa ter curso superior. Você tem que ter amor pela criança. Porque quando a gente entrou na prefeitura eles não pediram o curso superior. Pediram assim, ser mãe ou saber cuidar de uma criança. Eles pediram isso por quê? Pra pessoa evoluir funcionalmente, para ter uma evolução funcional. O salário também aumentar, mas assim pra cuidar, pra trabalhar na Educação Infantil não precisa ter curso superior porque eles vêm mais aqui pra se socializar, pra...Não pra fazer aquelas atividades, né, difíceis. Tem que ter amor pela criança. Eu acho.

Laura

Eu morei durante 21 anos (RJ), então, na verdade eu nasci no interior e depois nós mudamos para Itaperuna, mas era muito bom, tive muitos irmãos, comigo nós somos em 11 e a gente brincava muito, comecei a trabalhar também, com 10 anos eu já cuidava dos filhos os outros para poder ter um dinheirinho para ajudar minha mãe porque a situação era difícil, nós brincávamos muito de pega-pega, brincadeiras de roda, eu cuidei de crianças por mais ou menos 3 anos, na faixa etária de 10 até 13 anos depois eu fui trabalhar numa casa em que a mulher fazia costura, costurava para fora, eu fazia os arremates nas costuras, aí eu trabalhei 5 anos, sai quando eu me casei, e daí vim para São Paulo. Então, ele foi para Itaperuna, porque minha irmã namorava com o primo dele, aí a gente se conheceu, depois quando a minha irmã casou, aí depois uns 2 anos para 3 anos a minha irmã veio morar em São Paulo, aí eu vim com a minha mãe para São Paulo na casa da minha irmã, visita-la, aí foi aonde que a gente começou a namorar, eu tinha 17 anos para 18, já mas nada sério (namorou antes), 3 anos, a gente conversava mais por carta, porque naquela época até o telefone era difícil, era bem difícil, aí eu me casei com 21 anos e vim para São Paulo, ele veio para cá com 3 anos de idade, ele também era do interior, lá do Espírito Santo, veio para trabalhar, aí veio a família dele toda né, já tinham umas pessoas aqui, tios, aí veio todo mundo, porque a tia dele morava em Itaperuna, foi aonde que a minha irmã conheceu ele, se casou e veio para São Paulo, sim, meu marido na época era policial, trabalhou na florestal durante 10/12 anos, depois ele pediu baixa, não quis mais ficar, aí foi quando ele foi trabalhar na Sabesp, não, hoje ele já é aposentado, na verdade não aposentou lá não, aposentou em outra empresa que ele era segurança, ele era supervisor de segurança quando ele se aposentou. Eu não tinha visto nada não, me casei e vim para cá, e vim para cá e depois que tive meus filhos, minha filha já tinha 9 anos, o meu outro tinha 7 anos, foi quando eu ingressei na prefeitura, mas durante esse período eu fiquei cuidando da família, do esposo, aí depois que eu perdi a minha mãe, foi quando os meus irmãos começaram a vim procurar a vida deles em uma cidade maior né, uns moraram comigo um tempo, na casa da minha irmã um tempo, vai aproximando né, foi aonde vieram outros para cá também, tenho, eu tenho uma irmã e dois irmãos que moram lá, aí tem outros que moram em Cabo Frio e tem outros que moram aqui em São Paulo ainda, tenho bastante lugar (risos/passear). Não, sempre morei aqui perto, quando eu vim morar pra cá já vim morar em uma casinha aqui perto, depois eu vendi essa casinha, para comprar um terreno para construir uma casa maior. Depois que eu me casei!? Depois de 3 anos de casada, a menina tem 41

e outro tem 38. A escola era bem próxima da minha casa, mas eu tive quase uma professora que seguiu com a gente, comigo até a 4º série, lembro do nome dela até hoje, era professora Edna e naquela época era um professor só né, mas ela me acompanhou até a 4º série primária, porque antigamente tinha né, 4º admissão, hoje é o nono!? Mas era admissão, muito gente fina, maravilhosa, tinha bastante, tinha uns 25 alunos, sempre fui comunicativa. Olha, eu não vou dizer que fui boa, mas dificuldade assim eu não me lembro de ter passado não, uma matéria que eu sempre tive dificuldade era matemática, não gostava muito, mas tinha que fazer né, tinha que decorar a tabuada e hoje já mudou tudo, no começo a gente usava aquela cartilha caminho suave, depois era uma apostila que a gente tinha como um caderno assim e eles passavam muitos questionários naquele tempo, a gente ia respondendo o questionário no caderno, desse jeito. Então, eu não cheguei a terminar, mas quando eu fui fazer o ginásio eu fiz uma provinha, já estava até trabalhando, a escola é aqui do lado, era todo dia a noite, então a pessoa que estudou comigo que é a minha vizinha que nós entramos no CEI juntas, a gente estudava juntas, muito bons! (professores) não tem do que reclamar não, como eu te disse eu “amava” matemática né (risos), é em 1985 eu entrei na prefeitura e eu voltei a estudar, acho que já tinha uns 5 anos já de trabalho aqui, eu lembro que foi no governo da Erundina, ela que pediu para a gente estudar, quando eu entrei era do bem estar social, os pajens né, aí depois quando a Erundina veio para o Governo que ela foi prefeita, ela incentivou o pessoal a estudar, foi aí onde eu fui para a escola, e a gente prestou concurso, e até aí nós não éramos efetivos, nós éramos admitidas, foi quando eu prestei concurso e passei para ADI e me efetivei, (1990/1991). Então, na verdade eu e essa amiga minha, a gente ia procurar um serviço né, para trabalhar e nós fomos até na câmara dos vereadores, a creche já estava aqui já tinha 1ano, 1 ano e meio por aí, estava funcionando, aí nós conseguimos entrar através da Marta Goudinho, que ela era do bem estar social, nós fizemos a inscrição, estavam precisando de pajens na época e nós entramos. Tinha que ter o 4º ano primário, a gente também fez uma cartinha que já tinha cuidado de criança, eu lembro que eu tinha feito essa cartinha, eu já tinha trabalhado como pajens, de babá na verdade né, acaba sendo a mesma coisa né, a gente foi para fazer os exames, exames médicos né, tinha uns testeinhos que era para fazer uns desenhos, tinha uns testes, eu acho que ela foi inaugurada em 1982, aqui na época era creche né, aí eu vim trabalhar aqui porque tinha vaga, já fiquei aqui, não, só essa daqui. Tinham duas professoras formadas, que trabalhava com a gente e elas orientavam e tinha também o pessoal de

SAAS que tinha reunião 1 vez por mês ou a cada 2 meses, que vinham conversar com a gente, passar as reuniões, ver como que estava o trabalho, tipo uma supervisão, eu acho que foram crianças pequenas mesmo, dificuldade não, no berçário eu lembro que tinham 24 crianças, no berçarinho tinham acho que 18, no mini grupo tinham 24 crianças e era naquela época até 6 anos e 11 meses, quase 7, e algumas mães que podiam deixar, não tinham com quem deixar, mas ainda ficavam cuidando das criancinhas, as vezes a gente levava para o pré escola, porque tinha um pré aqui do lado, eles vinham para cá, nós levávamos para o pré para depois nós irmos buscar, nós dávamos banho, dava medicamentos, cantava musiquinhas, eles ficavam no quadrado, as vezes a gente arrastava o quadrado para eles irem para o chão, os bebês né, tinha no parque, a gente ia muito no parque, fazia passeios com eles. Ah sim, eu vi muitas mudanças, hoje as mudanças vieram para melhorar né, porque naquela época nós não tínhamos nem fralda descartável, nós usávamos fralda de pano, usávamos calças plásticas, que hoje já foi abolido isso e hoje já não se dá banho nas crianças na creche, eles acham que não é necessário, só em caso de emergência e naquela época não, todas as crianças tomavam banho, cabelinho penteadinho, ia dormir todos limpinhos, tinha o horário do sono que tem até hoje, mas enfim, as mudanças são essas. Elas eram uma espécie de coordenadora, não tinha tanto, mas elas nos orientavam em muitas coisas, davam só orientação, registro, sempre registrando no caderno, não tinha planejamento não, só registro e elas olhavam. Olha, na verdade o trabalho não mudou muito não, nós passamos de pajens para ADI mas continuamos fazendo o nosso trabalho mesmo que a gente já fazia, 1995 mais ou menos isso (mudou para ADI). Então foi muito, não foi fácil de um dia pra o outro essa mudança pra educação, tanto que até hoje ainda se esbarram em algumas coisas de achar que a creche o centro de educação hoje, ela não pode ter férias em janeiro, isso não está assim muito decidido, nós tirávamos férias no mês que dava para tirar, depois quando veio esse negócio de tirar férias quando passou para a educação ainda teve muita luta em cima disso, igual, esse ano nós tivemos menos dias de recesso no meio do ano por conta disso, as mães que trabalham elas lutam para que o equipamento fique aberto nessa época, em janeiro, em julho, então, mas se a EMEI tem as férias deles como as outras escolas, eu acho que a creche deveria funcionar da mesma forma e ter férias iguais, no ano passado mesmo teve gente que trabalhou aqui, em janeiro teve que trabalhar, porque esse ano também as nossas crianças, quem precisou de ir foram foi para outra escola que é aqui perto, mas no fim eles falaram que ia, depois foram duas crianças só, eles fizeram ficha que precisava do

CEI e acabaram indo poucas crianças, e agora em janeiro já disseram que nós vamos repor, a diretora que conversa com os funcionários, quem pode estudar ou vem pela classificação entendeu, mas aí já é um assunto mais deles, do administrativo, como eu sou readaptada por enquanto eu ainda não tive nenhum problema, claro que no ano passado eu segui os dias letivos como todo mundo né, mas ainda não chegou, assim; oh você precisa trabalhar em janeiro... não, porque a gente não está em sala né. Na época nós tínhamos enfermeiras que trabalhavam com a gente, tinham duas enfermeiras, uma padrão e uma auxiliar, dava medicamentos na época às crianças na creche. Acho que surgiu na época um comentário que a gente tinha que estudar para ser professor, foi aonde que nós, praticamente quase todos os funcionários daqui fizeram o ADI magistério, fiz numa escola lá do Derville, eu estudei lá, me parece que hoje é ETEC Derville Allegretti, tinha um grupo que a gente combinou de estudar junto, tinham umas 5/6 pessoas daqui da creche, teve outras que fizeram no CEU, foi diferente, eu acho que teve umas que estudaram no Pêra Marmelo, mas eu fiz nessa escola aí, eram todas as noites, todos os dias, o curso inclusive às vezes tinha até no sábado, sim, me ajudou muito, porque até aí nós tínhamos mais era a prática e o dia a dia com as crianças e depois que começamos a estudar nós ganhamos a teoria, foi muito bom, eu gostei sempre de português, eu gostava mais, mas enfim, não foi um bicho de sete cabeças não, foi tranquilo, tinha professor para cada matéria, história, matemática, tinham muitos professores. Eu acho que eu dei um intervalo de uns 2 anos, aí depois que eu fui fazer a pedagogia, fiz numa escola aqui na cachoeirinha, agora eu não lembro o nome da escola, não era nem faculdade, era uma escola que foi polo e foi lá que eu estudei. Olha o que motivou era assim, essa leitura né, quando a gente começa a estudar, igual você, você está estudando né, fazendo mestrado, doutorado, foi isso que me motivou, além do primário eu achei que era importante fazer pedagogia, foi aonde que eu fiz, foi nada forçado, aí eu tive o interesse de fazer e fui até a pedagogia, complementou sim, os dois, tanto magistério quanto a pedagogia foi muito bom, os dois cursos. Olha teve mudanças assim, na parte de você dar continuidade no seu trabalho, a gente viu que melhorou muito, melhorou muito as condições de trabalho, nas atividades, em conversar com os pais, em orientar os pais, você fica mais crítico, quando você estuda você tem outro olhar diferente, então foi muito bom. Muito positivo. Já foi no magistério, no ADI. A Carla já está com a gente aqui já tem dez anos, não estou lembrada se a gente teve outra não, acho que só a Carla mesmo, muito importante, tem o PEA, dá orientação

né, é muito bom. Ah eu já fiz vários (cursos), você está sempre renovando, está sempre aprendendo mais, cada cursinho que você faz você aprende mais, questiona mais e é muito bom esses cursos. Então, eu disse para você que o magistério e a faculdade estão juntos e eu acho que esses dois, assim de aprendizado maravilhoso. Eu gostava muito de cantar com elas, eu acho que eu não gostava muito de ir com eles para o parque, porque o nosso parque aqui é muito grande, então quando eu saía com as crianças para o parque eu tinha aquela preocupação delas estar subindo em brinquedo, de cair, de subir na pedra, são várias pedras aqui né, era isso a minha preocupação maior eram com as crianças de machucarem, de você estar olhando aqui e daqui a pouco... Rápido né, num piscar de olhos as crianças já mudam as suas atividades, tinham uns dias e tinham uns horários como até hoje tem. Olha para ser professor de educação infantil é bom você começar com as crianças desde a sua primeira idade. No começo quando nós tínhamos que fazer projeto, essas coisas, foi um pouco difícil, mas depois no dia a dia você acaba pegando o caminho e fazendo o que é necessário. Olha, as crianças de hoje nem se compara quando eu entrei né, outro dia eu estava até brincando quando o meu sobrinho nasceu 09:00h da manhã, 15:00h da tarde eles mandando vídeo dele com o olhinho arregaladinho sabe, falei “gente parece que esse bebê estava na barriga!?” Né, o avanço é muito grande, as crianças hoje em dia, então aquelas crianças que demoravam um tempinho para pegar amis as atividades hoje em dia você ensina 2, 3 vezes e a criança já está até na sua frente né, acho que em relação a sabedoria deles, ao crescimento deles, a tecnologia, hoje as crianças estão assim, muito espertos, muito espertos mesmo. Primeiro lugar tem que gostar, tem que gostar e saber que é uma profissão que ela é difícil, mas que ela é gratificante quando você gosta e está ali disposta a doar o seu trabalho para as crianças, é muito bom, tem que gostar em primeiro lugar. Então, tiveram muitas mudanças sim, igual eu te falei desse negócio de estar fazendo projetos, hoje as crianças têm mais brinquedos, têm opções, a gente têm mais opções de estar dando uma aula, faz teatro, são coisas assim, bem bacanas que veio para somar.

Inês

Nasci na Bahia, interior da Bahia, chama Magé, fica no Norte, Maragogipe, para aqueles lados, bem afastado de Salvador mesmo, bem interiorzão. Eu tenho 8 irmãos, 6 mulheres e 2 homens, 6 mulheres comigo e 2 homens, eu nasci lá mesmo em Salvador Bahia, vim de lá com 6 anos de idade, era pequena, cheguei aqui eu tinha 6 anos, minha mãe veio de lá para cá porque teve confusão de pai, bebe e tal, uma vida mais difícil, desses 8 filhos a única filha que meu tinha uma relação era comigo, assim, ele nunca ouviu minha voz, ele nunca falei com ele por ter medo dele, uma criança muito medrosa, uma vez ele foi na casa da minha madrinha levar as coisas que ele achava que eu gostava, não sei se vale a pena falar, então, aí ele chegou na casa da minha madrinha, de longe eu estava sentada na beira da calçada quando de longe eu vi aquele senhor com um saco nas costas, quando eu via ele eu corria e entrava pra casa da minha madrinha e me escondia debaixo da cama, minha madrinha falava assim: “teu pai chegou” e eu lá debaixo da cama porque não queria ver ele e ela me chamava e ela falava: “Acho que ela não está por aqui não” aí eu ouvia assim “seu pai chegou e trouxe o que você gosta” porque ele sabia que eu gostava de banana da terra e eu não saia Talita e minha madrinha chamava, chamava e nada, ele falava “eu trouxe até um presente para ela”, “venha Inês seu pai trouxe até presente para você” quem disse que eu saia!? Eu não saia, eu escutei minha madrinha falar assim: “o que que você trouxe pra ela?” “eu trouxe isso aqui oh, um tecido” porque na época não tinha roupa comprada pronta né, “trouxe um tecido pra ela” a minha madrinha abriu e era um tecido preto com bolinhas brancas, aí ela falou “pra que, é uma criança, ela não vai usar isso” “ah é porque a mãe dela morreu” imagina uma criança de 6 anos ouvir que sua mãe morreu e você está na casa dos outros, foi o maior desespero na época e eu comecei a chorar embaixo da cama e tal e aí ela falou “você pode levar esse tecido embora porque a mãe dela escreveu”, porque naquela época era carta né, “escreveu para mim que vinha buscar os filhos dela” tinha eu e mais outros lá, era conhecida dela mesmo, minha mãe não faleceu, aí minha madrinha me chamou e fez ele levar o tecido embora, a banana da terra deixou e foi embora, aí ela foi me consolar, foi me procurar, eu estava embaixo e da cama chorando e ela veio falar para mim que minha mãe não morreu, que ela estava viva, mas o meu pai estava desesperado né, e nisso viemos para cá, cheguei aqui em São Paulo... Porque minha mãe veio para cá e deixou todos lá, ela veio para cá com uma pessoa que ela conheceu, minha mãe era muito nova e cheia de filhos, a vida que lavava, o marido dela,

meu pai era pescador e ele bebia muito, batia muito nela né, ela tinha vinte e poucos anos, aí ela começou a ver que o casamento dela foi feito, não foi o casamento que ela quis, e aí ela veio para cá e nessa época esse rapaz tinha 18 anos e se apaixonou pela minha mãe, aí ele falou: “você quer sair dessa vida? Eu tenho parente em São Paulo e vou te levar para lá” e trouxe ela com uma irmã de 9 meses que minha mãe tinha, e os outros filhos ela deixou cada um na casa de um parente, eu fiquei com uma madrinha, outro com outra madrinha, eu sou, vamos dizer que eu sou entre a 4° ou 5°, porque nesse meio tempo a minha mãe teve filhos de amoeiro, então eu devia ter sido a 4° por aí, aí cada um ficou num lugar, só que a gente não tinha contato, a mais velha ficou com meu pai, a mais velha na época tinha uns 14/15 anos então minha mãe deixou os dois mais velhos lá, quando amanhece o dia, não vê os filhos, não vê a esposa e ele ficou louco né, quer matar, quer matar, e ele ficou nesse desespero e só que nesse meio tempo a gente veio para cá e depois de 1 ano, 2 anos minha mãe foi buscar a gente, mas ela tinha que ir num horário que ela sabia que meu pai era pescador e não estaria em casa, pois ela entrou lá, viu meus irmãos dormindo, ela acordou meus irmãos, mandou fazer silêncio, meu pai chegou da pescaria, estava alcoolizado e aí atrás da porta tinha um facão esperando ela, ela conta para a gente, sabe!?, e chegou lá e teve que correr, porque tinha que fazer a travessia na canoa para ir para a outra cidade, navio essas coisas, feito isso ela conseguiu pegar, só uma irmã que não teve jeito, ela não queria vim, corajosa, atravessou, porque meu pai conhecia o mar mais que tudo, porque ele trabalhava no mar e a minha mãe tinha que correr na época contra a maré, minha mãe conseguiu, passou adiante e chegamos aqui em São Paulo, eu cheguei aqui em São Paulo minha mãe nesse meio tempo, minha mãe tinha um filho com essa outra pessoa, morava aqui em Pirituba, morava para cá, então ela morava em um cômodo pequeno, foi o que ele conseguiu porque ele era novo né, aceitou, mas quando foi a realidade, quando ele chegou e viu tudo aquilo de criança e ele novinho, ele se desesperou e deixou minha mãe grávida, ficou grávida e nesse meio tempo minha irmã mais velha casou, o outro era rapaz, andava por aí e não se prende né, a outra que era mais velha que eu mora na Bahia e eu, sobrou eu 6 anos e o cara deixou minha mãe e minha mãe naquele desespero grávida, aí minha irmã logo em seguida casou, conheceu uma pessoa, com 15/16 anos ela se casou e ficou eu sendo a mais velha para olhar o bebê e nesse meio tempo eu já estava com 7/8 anos aí foi quando minha mãe teve que sair para trabalhar e quem tinha que tomar conta daquela criança pequena recém nascida, com 3 meses de nascida era eu, então eu comecei a tomar conta dos meus irmãos já logo cedo, eu fui mãe dos meus irmãos, eu

era pequena e me chamavam de mãe e aquilo me incomodava muito, onde eu ia... Não se prendiam à minha mãe, se prendiam à minha pessoa, aí chegou um momento muito difícil da minha vida, passei por muitas situações e minha mãe ficou doente, não tinha o que comer e ficou aquela luta, costureira e ela tinha que dar conta né, tinha que pagar o quartinho que a gente morava, tinha que cuidar de todos porque comigo eram 4, Sandra, Nelson, Raimunda e Madalena, 5 comigo e desses 5 a mais velha era eu, então foi uma vida dura, chegou um momento da minha vida que eu vou contar, você está gravando!? Teve uma época da minha vida, minha mãe estava muito doente e criança o tempo é curto, é curto assim, você acha que 1 minuto para uma criança é uma eternidade e o adulto não, mas para criança é, então eu era criança, meus irmãos pedindo o que comer, porque a gente comia tudo antes do tempo, minha mãe não estava em casa então a gente comia, não tinha mais nada para comer, chegava na hora da comida e nós íamos na casa dos vizinhos pedindo pão duro, todo dia alguém tinha um pão duro para dar, bom, aí minha mãe adoeceu e tal, minha mãe estava lavando roupa chorando e naquele dia não tinha nada para a gente comer, aí meus irmãos, “mãe! Mãe!” “quero comer! quero comer!” e a minha mãe lá no tanque lavando roupa e o tempo passa, para a criança passa e nada de chegar algo para comer aí eu chego na minha mãe, ela era muito severa, ela estava no tanque e eu sentei na beira do poço assim, aí eu falei assim...E ela chorando falando sozinha, falando com Deus né, aí eu falei assim: “mãe!” e ela olhou para mim com as lágrimas escorrendo nos olhos “que foi Inês” falei “mãe os meninos querem comer” e ela ignorou aquilo que eu falei e continuou lá, eu desço, eu descii, chego lá, sabe os passarinhos todos com a boca aberta? “Chego lá estavam assim, todo mundo mãe quero comer, quero comer” então na minha cabeça já tinha muito tempo que eu tinha ido lá conversar com a minha mãe, aí eu subi de novo, minha mãe “que foi Inês?” brava! Aí eu falei “mãe os meninos querem comer” “me deixa Inês, me deixa” eu descia e chegava lá de novo e os meus irmãos pedindo comida e eu não aguentei e tornei a subir e foi a hora que ela falou “MENINA VOCÊ ME DEIXA LOUCA, EU NÃO SEI O QUE EU VOU FAZER” brava! Aí ela chegou e na minha inocência, até contei isso na minha faculdade, a minha inocência o quê que eu fiz, o que a minha mãe falava era lei, era ordem, eu falava assim “mãe, os meninos querem comer mãe e o quê que eu faço?” “ah Inês tem um monte de pedra ali, lava e põe no fogo” eu não fiz!? Lavei e fiz sopa de pedra, hoje é engraçado, mas na época não foi engraçado, lavei aquilo para você ver a minha inocência, eu tinha de 8 para 9 anos, lavei e botei na

pressão olha, igual quando vai fazer uma feijoada e tá lá, chiando, chiando, chiando, deu tempo eu abro e aquilo não cozinha, subo né, mais uma vez, “mãe!” “o que foi dessa vez Inês?” “não cozinha, não cozinha” “o que Inês?” pelo amor de Deus, aí ela falou “filha da put* Inês eu não acredito que você fez isso, sua burra” e eu cheguei, ela viu minha inocência, “além disso minha filha você gastou o gás, já não tem e você gastou” ela olhou para mim e começou a chorar e começou a falar, que se Deus existisse que Deus ajudasse ela, porque ele deu os filhos para comer e precisava comer, se ele existisse e mandasse alguém ou um anjo chegasse na casa dela e alimentasse os filhos dela, muito magra chorando, passado meia hora depois ela viu a minha inocência, mas ela não era uma pessoa assim, de se redimir, mas só da forma dela falar e botar a mão na mão da gente, eu já estava prescindindo que ela estava pedindo desculpa “inocência minha filha, inocência” e aí ela falou muito com Deus, muito, e em meia hora depois aparece alguém com umas sacolas, na época eram sacolas de lona grande, duas pessoas batem na porta, perguntando se tinha criança, que estavam passando para dar alimentos na casa que tinha muita criança, bateu naquela porta do nada a minha mãe recebeu, se jogou no chão, minha mãe agradeceu a Deus naquele momento, então foi a nossa salvação, aquilo foi uma coisa muito pesada na minha vida, que marcou muito, enquanto a minha infância eu não tive infância, eu tive que cuidar de criança, eu não tive momento para brincar, eu lembro que eu tinha uma colega que ela tinha ganhado na época uma boneca grande, que na época era uma boneca grande e falava para mim assim “Inês você quer brincar?” “eu quero!” eu era criança e queria brincar como todos queriam brincar, mas eu tinha tarefas para fazer e essa minha irmã ela tinha mais ou menos 1 ano e meio, 1 ano e pouco e menina do céu, eu queria que ela dormisse, você intimava eles assim, “se sua irmã dormi eu deixo você brincar com a minha boneca, fora disso eu não deixo, então sua irmã tem que dormi”, mas como eu vou fazer aquela criatura dormir se ela quer ficar acordada? E eu ficava lá fazendo a Sandra dormir e nada, aí na cabeça dela já deu tempo e foi embora, eu ficava só na saudade né, eu não tive oportunidade porque eu tive que cuidar dos meus irmãos, minha mãe hoje, na época ela sofreu muito com isso, porque eu não tinha dado o que eu devia ter, oportunidade os outros tiveram não quiseram, então ela acha que a única pessoa sacrificada foi eu, fui o braço direito dela, mas aí foram muitas coisas, é eu ia para a escola, nessa época eu tinha que deixar tudo arrumado e ficava minha outra irmã de 6 para 7 anos que ficava no meu lugar quando eu ia para a escola, então quando ela voltava eu ia e revezava uma com a outra, mas quem era mesmo responsável por eles era eu e eu não tinha tempo e

acabava não indo para a escola porque eu ficava com a cabeça preocupada com a criança, que ficava uma pequena com uma outra criança, então quer dizer, a responsabilidade não era minha era da minha mãe e acabou caindo em cima de mim, mas não foi fácil não. A minha adolescência, fui para uma escola e também não fui muito aceita porque... Entrei aqui em São Paulo mesmo na escola que chamava Grupo Sergio de Oliveira, era grupo, eu não esqueço nunca essa escola, em Pirituba mesmo e lá no 1º ano já velhinha, vamos dizer assim, eu não conseguia acompanhar porque eu tinha preocupação na cabeça com os meus irmãos e não prestava atenção, eu estava sempre no mundo da lua porque a professora toda hora me chamava e naquela época as professoras eram autoridades máxima depois da mãe, então a mãe dava carta branca para as professoras, eu lembro muito bem quando iam pedir tabuada e que eu não sabia responder, perguntava para mim e eu não sabia responder ou ficava horas e não conseguia, a professora chegava e falava assim: “eu estou perguntando para você Inês, como é que é a tabuada?” falava alto, do jeito dela e eu não conseguia responder e todo mundo ria na sala de aula, aquilo me incomodava, todo mundo rindo e eu começava a chorar, aí ela levantava e: “não acredito, você não vai responder? Então espera aí...” pegava uma régua, aquela régua de madeira grande e quebrava nas minhas canelas, era assim e dava reguada nas minhas pernas “pois amanhã vou tornar a dar tabuada de novo, se você não souber você vai levar de novo e um dia eu vou chamar sua mãe para uma reunião, e eu quero participar para ver o que está acontecendo e outra coisa, você está vindo com a roupa muito amassada, essa roupa não está legal” aí ela me chama na frente de todo mundo e eu começava a chorar, me colocava atrás da porta né, por eu não saber lidar com essa situação, aí essa infância minha não foi muito boa, assim como a adolescência não foi muito boa, porque quando eu fiquei mocinha também, eu tive problemas, quando a minha mãe ia na escola que chegava para perguntar e falar para a professora o que aconteceu “mas como dona Maria que sua filha veio toda...” Era um tecido que chamava naquela época, era o que minha mãe pôde dar para a gente um de costura, ela costurava né, era um tecido baratinho e aquele tecido chamava tecido volta ao mundo, era um barato esse nome, volta ao mundo e era uma blusinha branquinha assim, e aí ia para a escola, mas se você não lavasse e não estendessee o que acontecia, amassava e eu tinha medo de ligar a eletricidade para passar, eu tinha medo né e a minha irmã que já tinha 2 aninhos eu fazia ela ligar na eletricidade, “liga lá para mim, põe ali” porque eu tinha pavor, então eu apanhava por eu não conseguir passar nenhuma

roupa e ir amassada e chegava na escola e a professora contava para a minha mãe que eu não prestava atenção, que eu estava fora de mim no momento que ela perguntava as coisas, mas não falava para a minha mãe que ela bateu, não falava para a minha mãe que eu ficava de castigo atrás da porta ajoelhada na frente de todo mundo, aí eu saía e repetia, lógico que repetia, eu não conseguia acompanhar, aí saía todo mundo e falava “ae primeiro ano cabeça de pano” era do que eles chamavam a gente né, aí eu ficava com receio de ir para a escola, porque eu não queria mais ir para a escola, todo mundo ia passando de ano e eu ficando, e gritavam “iiih” quando as colegas falavam assim: “olha eu passei e você?” “Não passei” e vinha aquela gozação né, juntava um grupinho que ficava: “ah primeiro ano cabeça de pano” “a Inês é burra, Inês é sei lá o que” aquelas coisas que me incomodavam e tinham momentos que eu não queria ir mais para a escola e eu fazia de tudo para não ir para a escola, eu ia junto com essa colega e para eu ganhar uns trocadinhos eu tinha que levar a bolsa dela, as condições de vida dela era melhor que a minha, morava em uma casa boa e tal e eu levava a malinha dela e onde eu levava a minha!? Eu levava num saquinho plástico, há diferença, então você vai vendo a diferença e isso vai fazendo diferença para você, até você entender, eu ganhava uns trocadinhos da mãe da menina e ela ia com um sapato bom, eu ia um sapato... Tamanco naquela época, não eram aqueles tamanquinhos bonitinhos que tinham antigamente não, era aqueles tamancos grossos, bem grossos, a frente só com plástico, você enfiava o pé, era um tamanco mesmo na época e aquilo era o que a gente usava, mas eu consegui levar, chegava em casa contava para a minha mãe, minha mãe pegava no meu pé, além de eu ter apanhado da professora, apanhava em casa e aí de você se a professora vier reclamar alguma coisa, mas aí depois eu saí da escola, eu estava com 13 anos, nesse meio tempo eu comecei a mudar meu corpo e eu não entendia, porque minha mãe não conversava, ela tem 85 anos minha filha e ela tem uma lucidez, porque eu sou dodói dela sabe!? Aí o que aconteceu, porque eu sempre fui o braço direito dela, quando eu comecei a ficar mocinha, estava com 12 para 13 anos, eu comecei a transformar meu corpo, só que eu não entendia aí nós não tínhamos televisão e íamos para a casa do vizinho, juntava meus irmãos, os 4 e aí eu ia com todos, que nem as galinhas fazem com os pintinhos, criança é fogo né, as pessoas chegam do serviço estão cansados, mas a criança quer ver televisão, então a gente ia para casa da vizinha, era um castigo para a gente esperar o jornal nacional acabar, criança começa um a cutucar o outro, aí o dono da casa falava: “ah vocês estão bagunçando muito, vão ter que ir embora” e eu ficava brava com meus irmãos e tal e aí chegou o momento em que eu... Um senhor falou para

mim assim: “oh Inês minha filha vai para casa e toma um banho” ai eu falava assim: “mas eu já tomei banho” “ah então você precisa tomar outro banho” mas eu não entendia, eu estava ficando mocinha e eu procurava ver onde estava cortado, a minha mão, porque eu via minha roupa suja né e ai a mulher dele falava assim, “eu já falei pra Inês falar com a mãe dela” o marido dela falou assim: “Inês vai conversar com sua mãe, fala para a sua mãe o que está acontecendo com você” mas eu falava: “eu não me cortei” eu era tão bobona, quando chegou a noite, minha mãe chegou e meus irmãos estavam dormindo eu cheguei e: “mãe, o senhor quer que a senhora converse comigo” e ela viu que eu já tinha tomado outro banho e não estava suja e al falou: “conversar o quê?” ai eu falei: “não sei, ele quer que a senhora converse comigo” ai eu levantei, e quando eu levanto ela vê a mancha e fala: “ah minha filha” minha mãe me levou lá para o banheiro e começou a falar um monte para mim, noooooossa, explicou assim de uma forma que para mim parecia que eu estava com uma doença horrorosa, “agora eu vou te falar uma coisa, mas você sabe, você está incomodada” e eu falava, “que diacho é essa palavra meu Deus, o quê que é isso!?” e eu ficava olhando para a cara dela e ai ela chegou, pegou um pano e cortou, cortou o pano dobrou e falou: “agora põe” e eu: “põe aonde mãe?” “olha, você não pode lavar cabeça, você não pode tomar banho frio, não pode comer abacaxi, comer laranja, gelado nem pensar, você entendeu!? Porque você está de chiko” e eu: “que diacho é isso?” é incomodada é chiko e menstruada e eu muito menos sabia, “todo mês vai vim, se prepara” na época não tinha absorvente, era tecido, naquele dia eu escrevi tudo o que a minha mãe disse que não podia e fiz e chegava no mês e eu não marquei nada, mas minha mãe tinha marcado, e minha mãe: “minha filha e ai o chiko veio?” e eu: “hã?” tinha até esquecido, “a menstruação veio?” eu disse: “não, não sei” “como não sabe” e ela ficou preocupada, como é que não veio, ele deve ter se perdido por ai, ai pronto foi quando ela viu que não vinha, já estava para 13 anos e ai me levou no médio, com o médico ela conversou direitinho “é assim, assim, assim” “pode ser que isso aconteça, ela veio primeira vez e depois dá uma suspense” e nesse tempo depois veio normal e um depois veio e eu comecei a trabalhar, ela me levava para o serviço, trabalhava numa empresa chamada Drastosa e eu tinha 13 anos naquela época e já pegava e eu comecei a trabalhar e só que a minha mãe me levava no serviço, porque eu era contratada, me levava para o serviço, então de tal hora a tal hora, então ela me levava na empresa, na hora de ir embora ela me pagava, porque se não eu me perdia, era uma perdida no mundo, ai chegou um dia que tinha uma colega mais velha que eu que

trabalhava onde eu trabalhava e chegou um dia e ela falou assim: “Inês, eu estou querendo namorar o motorista e você namora o cobrador” e eu, que diacho é namorar né!? Eu não sabia e ela um dia falou: “você tem que carregar sua mãe com você!? essa velha!” e minha mãe tinha trinta e poucos anos “você tem que levar essa velha com você, larga sua mãe para lá, vamos junto” porque aí ela poderia fazer o que ela quisesse e aí o que aconteceu, eu fui e um dia cheguei na casa da minha irmã mais velha casada, eu chego e falei assim: “ah minha mãe fica enchendo o saco, da vontade de dar uns tapas na mãe” e minha irmã “que isso Inês? Que conversa é essa?” aí a minha irmã contou para a minha mãe, minha mãe catou eu “o que que está acontecendo com você? Quem está ensinando essas coisas para você?” “nada!” “alguém está falando na sua cabeça, quem que está falando na sua cabeça Inês? Você me falar você não apanha, mas se você não falar eu vou te dar uma surra” ela botava minha cabeça entre as pernas dela, botava o bumbum para cima e óh... E dava couro até que eu falasse aí eu contei “ah tá foi essa pessoa, quem foi?” eu falei: “foi a Izilda” não esqueço nunca essa pessoa “foi a Izildinha” “ah foi a Izildinha, então tá bom, legal” naquela época os ônibus de Pirituba vinham assim, assim, assim, então ela subiu num ponto e eu subi no outro, “oi Inês tudo bem?” eu: “tudo bem!” a minha mãe olhou para ela assim, ela era branquinha que nem você, dos olhos claros, “quer dizer que é você que está botando a minha filha a perder, olha a sua idade, você já tem 18 anos, a minha filha 13 anos, minha filha é uma criança, inocente, se você quer namorar o motorista, problema seu, mas não carregue a minha filha” mas acabou com a moça dentro do ônibus, menina do céu, no primeiro ponto a menina desceu de tanta vergonha e nunca mais essa menina quis saber de mim, nunca mais ela quis saber de mim e aí onde ela me via, fingia que não me conhecia, passava longe, mas aí depois eu sai de lá tinha quase 15 anos, mas foi muitas vezes que eu me perdi porque eu não queria mais acompanhar minha mãe por causa dessa colega ou então eu gastava o dinheiro da condução, minha mãe me dava o dinheiro certinho da condução e eu chegava, tinha cantina lá, eu queria comer um doce e comia, pegava o dinheiro, não voltava, aí eu ficava pela rua e passava meu ônibus e nada e aí chegou um dia que eu estava lá encostada em Guaicurus, o ônibus indo embora e eu lá e escurecendo, já eram 18:00h aí eu cheguei e falei, aí passou uma mulher e eu falei: “moça, você tem dinheiro de condução para me dar? Porque eu gastei” falava a verdade “gastei, comprei doce, agora eu quero embora e não tenho condição, minha mãe me dá contadinho” elas me olhavam, uma menina tão bonitinha, cabeluda, cabelo lá embaixo, tão bonitinha parecendo uma índia, “mas filha, você gastou seu dinheiro?” “gastei” “eu

não tenho se eu tivesse te arrumava” perguntava para um, perguntava para outro, até que me deram o dinheiro “oh filha não faça mais isso” e aí minha mãe pegou e “o que aconteceu com você que você demorou chegar, eu te esperei no ponto e você não estava” “ah mãe eu fiquei mais tarde” e assim foi indo, até quando eu conheci meu marido. Meu marido, eu morei aqui no Rincão, para esse bairro, eu tinha 14 anos, foi quando minha mãe conseguiu comprar um terreninho aqui e construiu uma casa para a gente, aí nós viemos para cá e eu conheci esse rapaz, como conheci!? Na casa da vizinha, nós não tínhamos televisão, íamos para a casa da vizinha e naquela época passava aquela novela irmãos coragem, então a vizinha tinha uma televisão em preto e branco, fazia sucesso, chegava lá, só que era uma televisão antiga né, que ficava assim, e criança não estava nem aí, você deitava lá e ficava assim né, e aí nós estávamos lá e aí esse rapaz ia lá “para arrumar a televisão” via aquela morena bonita parecendo uma índia na simplicidade dela de pézão no chão e ia para a casa dessa senhora “ver a televisão” e eu acho que ele já fazia de propósito para a televisão não funcionar para todo dia ir lá, a minha mãe que não era boba nem nada ia lá, chegava lá na casa da vizinha, quem estava lá!? Hoje meu marido, ele estava lá e minha mãe começou a me chamar “Inês eu não quero que você vá mais na casa da dona fulana” e eu falei “mas porque mãe?” “não quero mais, chega! Quem estava lá na casa dela?” aí eu falava quem era, meu marido chama Manoel Branco, aí eu falava “o Branco” porque ela conhecia como Branco “o Branco está lá” “ah ele está lá? Ah tá bom, então não vai mais não, vai ficar aqui” 10 anos mais velho que eu, na época fazia diferença, hoje não faz tanta, aí ela chegou, porque naquela época a filha namorar um cara mais velho né... E o braço direito da minha mãe ela ia perder, minha mãe pegou implicância com o meu marido, aí o que aconteceu vai lá e ela brigando comigo, eu ia lá e as crianças queriam ver televisão e a gente ia lá, chegando lá, ele lá e ele fazia pose para sentar e aquelas coisas né e aquilo eu achava engraçado ele me olhava com um olhar que eu não entendia que era olhar de quem estava paquerando, eu não entendia nada, mas eu por minha vez, eu gostava de ver ele daquele jeito e a vizinha falava assim “e Inês, o Branco...” e aí minha mãe brigava até um dia que... Aí o que aconteceu, chegou o dia que ele chegou e falou comigo assim: “sabia que você é bonita?” e eu “é?” (risos) aquele papinho né, e a vizinha botava fogo “nossa Inês ele gostou de você, nossa, o Branco vai vir hoje” ela fazia até um bolo para esperar esse Branco, que ela gostava muito dele chegar e ela ficava de intermediária, cupido né, e a minha mãe que não era besta nem nada já estava

sacando, ele fazia excursão para a Aparecida do Norte e essa vizinha também ia, aí ela perguntou para a minha mãe “você deixa a Inês ir para a Aparecida comigo?” minha mãe falou assim: “não!” “ah deixa dona Áurea, deixa...” e de muita insistência minha mãe falou assim “eu vou deixar, mas você cuidado com a minha filha” nesse meio tempo eu já tinha 15 anos para 16 anos, aí ela deixou, e lá em Aparecida quando não cabe no ônibus eles colocam numa cadeira ou banco os dois juntos ia conversando, ia conversando com aqueles papos né e foi quando ele perguntou “você quer namorar comigo?” aí eu falei: “a minha mãe não deixa” e ele falou assim: “eu posso conversar com a sua mãe” e eu já sabia que a minha mãe não gostava dele e aí falei “a minha mãe não deixa” e ele falou: “calma! A gente pode se conhecer eu posso conversar com a sua mãe” aí chegou um dia eu chego na minha mãe: “mãe, tenho um negócio para te falar” mas nesse meio tempo ele estava me buscando no serviço, aí um dia minha mãe falou assim: “eu estou desconfiada da sua irmã” já estava de namorico e para ele tentar botar a mão no meu ombro ele fazia assim, só que eu começava a ficar triste dentro de casa porque eu estava escondendo da minha mãe, eu dormia junto com a minha mãe e eu perdia o sono e suspirando, ele queria me dar um beijo e eu queria sair fora porque eu estava fazendo a coisa mais feia do mundo, até eu cheguei... Minha mãe disse: “você está estranha minha filha, o que aconteceu?” aí meu irmão fala: “se ela estiver com namoro por aí eu pego o camarada e ergo no cassete! Dou um couro nesses dois” e aí eu ficava com medo né, eu fazia o trajeto e todo dia ele me esperava no ponto de ônibus para me trazer e da onde eu passava via minha casa e meu irmão lá de cima vê eu fazendo esse trajeto, mas nada de mão dada não, e aí minha mãe viu que não tinha jeito e mandou chamar ele para conversar, nesse tempo eu já estava com quase 16 anos, aí ele veio, minha mãe chamou ele, ele é branco, branco tipo português e naquele dia eu não aguentei de ver a cara dele, vermelho, minha mãe deu mal castigo nele, pegou e falou: “pode entrar, pode entrar senhor” minha mãe chamava ele de senhor, aí ele entrou e disse: pois dona Maria eu gostaria de estra pedindo a sua permissão para namorar sua filha” “ah é” “agora sim, agora eu já prestei bem atenção no que você via na televisão!” e começou a falar: “minha filha é muito nova, você tem muito mais idade que ela, ela é uma criança, não vai namorar” mas minha filha, foi quando meu irmão respondeu: “se eu pegar vocês dois eu vou dar um couro em vocês dois” meu irmão era musculoso e tal né, ele ficava com medo porque meu marido era meio franzininho pequeno, e aí quando meu marido vinha me buscar no meu serviço e eu não queria falar e como eu tinha muito cabelo eu jogava na frente pra ele me ver e não me conhecer, mas ele falava: “eu

só vou te buscar” e lá de cima de onde eu morava eles viam quando eu estava passando e via aquele rapaz junto comigo, aí isso foi mais ou menos 8 meses, minha mãe viu que não teve jeito, minha mãe mandou chamar ele de volta, “eu vou liberar você, mas é 3 anos só, namorar e casar” então quer dizer, se eu quisesse eu tinha que casar e aí o que foi que aconteceu, em 3 anos certinho ele construiu uma casa “minha filha não vai morar de baixo da ponte não, minha filha tem que ter uma casa” e aí ele fez a casa, e aí nós casamos em 3 anos certinho, depois viram os filhos, as filhas que eu tenho, mas foi muito complicado da minha época de criança, da minha adolescência e chegava a idade e eu casei com 18 anos, eu logo engravidei, eu casei em junho e quando foi em agosto eu já estava grávida, quando minha filha nasceu eu estava com 20 anos, tinha 19 anos quando casei, minha filha nasceu e veio a luta também porque a minha filha veio com um problema no pé, eu novinha sem experiência, mas eu consegui tirar de letra sozinha, tinha que cuidar de criança né, então eu sabia como fazer, eu sabia como lidar, mas eu não tinha a minha mãe o tempo todo perto de mim para me ajudar, minha filha nasceu com o pé torto, congênita né, então foi uma luta para mim, foi uma luta, e ela aceitou meu marido, não aceitava muito por causa da idade, ela falou: “pensa bem porque quando você estiver com tanto, ele vai ter tanto” “ele vai ter muito ciúme de você” e eu ouvia as pessoas dizerem assim: “ah o homem não é bonito e é velho” eu falava “beleza não se leva a mesa” porque você escuta o outro falar né, mas casei hoje já estamos com 42 anos de casados, vivemos juntos, minhas filhas são um amor, uma tem 41 a outra tem 38 anos, vai fazer agora em outubro, essa foi a um pouco da trajetória da minha vida. Parei porque eu não estudei mais, depois que comecei a trabalhar me mudei, e eu só consegui fazer acho que só até o 3º ano primário, precisava ter no mínimo até o quarto ano primário, aí eu fui, na época era Mobral, aí eu fui para o Mobral, fiz até a 8º série, parei na 8º série e depois é que nós tivemos o curso, o ADI magistério. No meu caso foi o seguinte, eu não consegui, não fiz a inscrição e como na época tinha um político e ele falava assim: “você trabalha para a gente e a gente consegue botar você num cargo né” e como precisava de pajens, “oh abriu uma creche aqui, eu ponho vocês” as outras não fizeram inscrição, foi nessa época que eu entrei. Só o cuidar, não era educar era só o cuidar, eu via como eu sabia cuidar de criança, aí essa pessoa me arrumou e eu já entrei direto aqui, aí nesse corredor eu fiquei uns 5 anos ainda, aí depois eu tinha que fazer o primário, acabei de fazer o primário, aí depois veio dizendo assim: “vocês têm quem que estudar o ADI magistério, mais para frente, foi quando eu

fui fazer o 5º/6º ano que na época chamavam, aí fizemos até a 8º série, era só isso que estava exigindo, fizemos esse curso da 8º série e ficamos aí, depois é que veio o ADI magistério, eu fiz lá em Santana, em 2004, depois eu fiz o normal superior e depois de 1 ano e meio mais ou menos voltamos a fazer, eu fiz transformei o cargo em 2007. Não, não tive dificuldade porque eu já sabia lidar com a situação desde pequena, agora tudo o que a gente fazia nós tínhamos uma professora na época que orientava na parte pedagógica, então ela orientava a gente, não muda nada, tudo hoje o que a gente faz muitos professores já faziam com orientação, só que a gente não registrava, a gente não registrava nada, por ser do estatuto, eu aprendi muito com o curso do ADI magistério, aí que eu fui aprender que 1 minuto para uma criança é uma eternidade, aí que eu fui ligar uma coisa com a outra da minha infância, por exemplo, você bota as crianças ali: “oh daqui a pouco vamos dar atividade, fica sentado ali” e daí para a criança tem um século ali e para você não, mas a gente trabalhava com atividade dirigida para uma criança, com pouca orientação, mas nós fazíamos, só que a gente não registrava nada, com o ADI magistério que você vai conseguindo mais experiência, por isso que eu fazia assim, porque eu não sabia que era por esse mecanismo né, mas conseguimos chegar lá, hoje eu estou fora de sala porque eu tive problema no braço, peguei muito peso com as crianças, na época era só cuidar, não era o educar, depois a gente foi entender que o cuidar e o educar estavam dentro do que a gente fazia e a gente não sabia, quando chegavam outras pessoas novas e que falavam “a gente também já fazia isso” mas não era novidade, só que em outras palavras, falava diferente, na época era o bem estar social, então a gente conseguiu levar, não foi muito fácil não, a dificuldade que eu tive é muito pouco, foi na hora de botar na prática mesmo, no papel, mas da vivência não tive problema nenhum. Sim, se eu tivesse que fazer eu fazia isso mesmo. Trinta anos, nesse ano eu me aposento. Sim contribuiu bastante, hoje eu tenho um olhar diferenciado, hoje eu entendo as coisas que lá atrás eu não entendia, consegui pegar melhor, entendo melhor hoje, sei buscar coisas novas dentro da sala de aula, trazer coisas novas, pesquisar mais, nossa, foi muito bom. O que mais contribuiu foi tudo o que eu aprendi no magistério e na faculdade, foi melhor (magistério), todo dia (magistério). Eu acho que era mais na hora das atividades, atividades dirigidas. Mudou, porque teve uma colega minha aqui que ela não entrou, também tem uma aqui na frente que ela também não quis fazer na época e eu vejo o avanço que nós tivemos e elas ficaram para trás, em relação a prática, então tudo que a gente conseguiu absorver no ADI magistério tentávamos passar o que a gente aprendia, ‘isso aqui é válido!’ “isso aqui é muito bom”

“hoje você não é mais o cuidar, o cuidar é isso” tentava explicar né, então elas ficavam assim: “me arrependi de não ter ido” e eu falei: “foi muito bom o que a gente aprendeu” até elas falavam assim: “nossa está até falando diferente”, mas em relação ao olhar, você vem na hora e improvisa, hoje não, você tem tudo o que você tem que dar hoje para a criança estudar, tudo o que você tem que dar, na época não, a gente ia com o que a gente tinha e fazia, uma tampinha de garrafa já era atividade nova que a gente ia que fazer na sala, a gente procurava, quer dizer, a gente sempre fazia a orientação, aí quando você lembra, você fala: “nossa eu fazia tudo isso”, porque não sabia, não era tão dirigida como hoje explica o pedagógico né. Eu acho que só mais reforçou, mas acho que envolve mais mesmo o ADI magistério, deu mais subsídio. Com certeza é bom, trás coisas novas, é nova, isso é muito bom. Olha, eu não cheguei a fazer curso nenhum da prefeitura, o que eu fiz é reunião pedagógica fora, mas fazer mesmo... Porque para mim, eu poderia até ir, mas para mim não é contado como ponto porque eu sou admitida, então para mim não tem muita evolução, não sou efetiva, então todos os direitos eu tenho, mas eu não tenho o local de trabalho, por exemplo, se chegar meia dúzia de pessoas aqui e eu estou ocupando essa vaga, então hoje eu só fico aqui porque eu tenho problema no braço devido aos muitos anos e aí hoje eu sou readaptada, vai fazer 2 anos. Mini grupo II, já, o que eu mais eu trabalhei na minha vida foi com bebês, atividade que eles mais gostavam eram dentro e fora, faziam um túnel e eles gostavam de passar por dentro, não era um papel, era mais atividade de subir e descer, de berçário, a linguagem, sentava eles e colocava, fazia também história, dava o livro para eles manusearem, mesmo que eles não entendam eles têm interesse, dava umas atividades mais dirigidas, porque berçário é um pouquinho mais complicado. Não, tudo o que era em relação às crianças nunca deixei de gostar, eu acho que era assim, é visando para as crianças, então para mim tudo que viesse eu colocava, tudo o que viesse para mim fazer não tinha problema nenhum, eu fazia. O aspecto positivo é que teve bastante evolução, tanto para a gente que entrou como pajem, um crescimento e um avanço muito bom, a única coisa que para mim não deu mesmo, foi quando eu tive que sair daqui, sofri muito, tinha outra pessoa, pra mim foi aonde que eu sofri muito ter que sair daqui, foi uma perda muito grande para mim, aí eu comecei a querer me motivar de algumas coisas, porque eu achei injusto, porque eu era uma pessoa que não faltava, só ficava dentro da sala, uma pessoa que tudo o que pediam você estava proposto a fazer e de repente você se sentiu um nada, naquela época eu sofri muito com a minha saída daqui, eu achei que naquela

época alguém podia ter feito alguma coisa e não fez, mas as pessoas também não podiam fazer porque vinha ordem de fora né. Tudo de bom, a criança é uma inocência sem tamanha, eles dependem de tudo, de você né, é uma coisa abençoada, é o que eu acho. Eu falaria assim, que tem que amar o que você está querendo fazer na sua vida, amar a educação infantil porque o olhar é muito gratificante de você ver o retorno de tudo isso, é muito bom. No trabalho do CEI é muito bom, foi muito bom eu ter voltado para cá porque eu tinha saído e voltei, fui recebida de braços abertos por todos e se eu tivesse que passar por outras situações dessas eu passaria porque eu me identifico muito nesse local, as pessoas, ambiente, equipe, quem nunca trabalhou aqui e quem vem trabalhar aqui é outra coisa, todos são receptivos, recebem bem, é muito bom, mas eu estou ficando no final, a minha saída já está... Ainda não dei não porque eu estou pedindo o (1:46:13), a gente passa por um (1:46:15), então eu fui o último (1:46:17) agora né, 6º (1:46:22) e daqui a pouco tempo estou indo embora, vou sentir muita saudade, lógico! Hoje é muito bom quando você encontra aquela criança que você cuidou lá no berçário que te vê hoje e você vê que aquela criança que você olhou, você viu que teve retorno né, você vê a criança estudando, a criança formada, tenho até criança dentista, agora você também vê crianças não indo para o caminho do bem, aí você se entristece, uns já morreram de overdose né, mas é muito bom a passagem que a gente passa um pelo outro, foi muito bom, mas já está chegando no final da minha jornada comprida, foram muitas coisas que foram passando no decorrer desses 30 anos né, e a gente vai indo, a memória já vai ficando mais desgastada, mas foi muito bom, teve diretores que passou por aqui que foram boas pessoas, aprendemos muito com diretor, mas para quem está entrando hoje é uma bênção, naquela época que chegou não era não, era cru de tudo, você tinha que aprender na marra, a prática hoje eu tenho e que só de olhar assim oh, estou lá no grupo com as crianças, só de olhar para a criança eu sei que está com febre, hoje alguns professores que não têm maturidade, eu chego na sala e falo “essa criança está com febre” “que febre o quê!” eu falei “está, vai lá tirar a febre” “e Inês” pois é isso é só o tempo né, mas é muito bom. Eu fico só aí na frente atendendo telefone, não porque você está readaptada fora de sala, você não pode, então eu não posso chegar lá na sala e ajudar uma professora na sala, porque se acontecer alguma coisa eu sou a responsável por eles, se você está fora você não pode, se você não pode o que você está fazendo lá!? Então não posso, às vezes eu tenho vontade mas não posso, por exemplo, até ontem eu dei uma dica à uma professora, se você recebeu, chegou no seu horário e você viu que não teve nenhuma criança com problema no

período da manhã, não teve nada anotado na agenda ou no caderno na sala, a primeira coisa que você vai fazer é chegar e registrar aqui embaixo, eu cheguei e encontrei uma criança assim, assim, assim no meu período, esse é um respaldo que você vai ter, porque se acontecer alguma coisa com aquela criança e eu não fui registrar aí eu posso dizer o que daquela criança, o que eu posso dizer!? Então estou me respaldando do que eu disse para ela ontem, então você tem que ter respaldo daquilo, no horário que você está, porque se não foi no seu horário, você vai falar o que eu para a mãe? “ah não foi no meu horário” então não é assim, “não estava sabendo” então você vai colocar isso no livro de ocorrência e colocar lá, “olha eu cheguei no meu horário , aconteceu isso e isso e deixa registrado, porque quando chegar a mãe você vai saber, “olha eu cheguei e encontrei assim, levei lá na direção para mostra e tal” agora é duro quando você chega na sala e você mesma não procura observar e fazer o registro você dança então eu falei: “é uma orientação que eu estou lhe dando, isso você tem que ter um respaldo para você, não estou ensinando como você tem que trabalhar mas é uma experiência de vida que a gente tem” mas é isso aí.

Maria

Eu nasci aqui em São Paulo mesmo. Eu morava na região da Mooca, eu morei lá por um bom tempo. Depois meu pai comprou uma casa aqui no bairro do Parque São Rafael na Zona Leste. Aqui era uma região totalmente diferente de onde eu morava porque lá era asfalto, as pessoas eram mais tranquilas e aqui já era um bairro, assim, aberto, as casas não tinham portão. Era um bairro novo, estava iniciando. Eu também tinha meus irmãos, né, porque nós somos 3 filhos legítimos e 3 de criação e a gente brincava muito na rua depois que nós viemos pra cá. Aí aqui na nossa infância assim, foi a verdadeira infância, aquela de brincar de guerra de mamona, subir em árvore, brincar descalço, vivia na rua mesmo. Nós aprendemos muita coisa assim nas vizinhanças. A gente não tinha televisão na época e assim, a brincadeira foi o que prevaleceu assim na minha infância. A gente brincava assim, de pega-pega, esconde-esconde, então assim, uma infância bem feliz, né? Eu tinha uns 5 anos quando eu fui morar pra cá, mais ou menos. Então lá era mais assim, a gente morava numa casa muito grande que tinha meus avós, né? Então a gente morava na casa deles. Eles tinham televisão. Então, assim, eu lembro que eu ia para uma escola de freira, que eu estudei em escola de freira, e eu passava um tempo na escola, depois eu vinha pra casa, minha mãe dava almoço, cuidava dos filhos assim, e depois a gente ficava assistindo televisão e brincando só dentro de casa. Então quando nós viemos pra cá, nossa, a liberdade, né? Então assim, foi uma infância muito rica.

E nesse lugar nós fizemos muitos amigos, né, nós tivemos muitos amigos. Aí nós fomos estudar juntos, no entanto depois cada amigo tomou um rumo? Um foi ser advogado, um foi professor, outro é coordenador, né, outro é engenheiro civil. Cada um foi fazendo uma formação dos meus amigos. Tenho bastante amizade ainda. Nós crescemos juntos, aí todo mundo se casou, nós fomos um padrinho de casamento do outro. Depois nasceram os filhos, eu sou madrinha de alguns filhos das minhas amigas. E a gente tem uma amizade até hoje por conta do relacionamento, assim, de ter mesmo o vínculo de ter o afilhado, tudo e amizade mesmo. Inclusive sábado nós nos encontramos fizemos uma festinha na casa de uma amiga. Aí vieram todos os amigos das antigas e nós falamos, vamos nos reunir. E é muito bom assim o que nós temos. E você vê que cada um partiu por um lado, né. E tem uma amiga minha que trabalha até na USP. o Nome dela é ____ e ela trabalha lá há muitos anos também, ela se formou. Eu sei que ela trabalha no setor administrativo lá eu não sei o direito o setor que é, mas ela trabalha lá. E ela mora nessa região também, ela vai e volta é uma viagem. Eu falo pra ela: "ai, eu

tenho a graça de Deus de trabalhar nas escolas sempre perto". Porque morando aqui e trabalhando aqui próximo, né. E depois, assim, durante essa minha trajetória de trabalho eu procurei estudar. Eu nunca parei de estudar, eu sempre eu fiz curso, e na época que teve, assim, eu saí do magistério, depois eu prestei o concurso e tudo que eu entrei na prefeitura, todas as oportunidades que eu tive de fazer cursos gratuitos eu fiz. E em 2004, quando lançaram esse programa aqui, essa da transformação de PEI, de tudo, aí eu já fui chamada logo em 2004 pra fazer essa transformação.

Lá na escola em que eu estudava na época existia a opção de magistério, contabilidade e secretariado. Só que eu sempre gostei do lado, assim, eu tinha vontade de ser professora, eu tinha vontade de fazer essa formação e o magistério era a minha loucura. Contabilidade, assim, de mexer com papel, fazer Artes, Educação Física. Então eu puxei pra esse lado. Foi uma escolha minha mesmo, né, que a escola... na época eu prestei o vestibulinho. Aí eu optei, passei, fiquei muito feliz, e aí eu segui a minha carreira. Magistério, mas sempre na área da educação.

Na época do Magistério eu tinha aula de Psicologia, ensino da aprendizagem, tinha Artes, Didática. Eu gostava de todas as matérias, se eu te falar que eu não gostava de nenhuma...eu tinha paixão pelo Magistério. Tanto que quando tinha que fazer cartazes na escola eu já participava, eu fazia parte de grêmio, em tudo eu estava envolvida. Eu tinha prazer de estar, sabe, se tinha que fazer uma gincana na escola eu já ia procurar junto com os professores, organizar, sabe, eu sempre fui uma líder da sala de aula, eu sempre tomava a frente, porque eu gostava, gosto até hoje, né. Tanto que eu cheguei nesse final de carreira já na época de estar pedindo aposentadoria e já não peço, que eu ainda estou, sabe...até brinco com a ____, eu falo: "vou sair daqui compulsória". Porque eu não tenho vontade de pedir ainda, não sei, eu acho que eu não estou preparada ainda para me desligar, porque eu acho as atividades tão gostosas. Tanto que você faz a sua carreira e se você gosta, você não sente o passar os anos. Eu não senti que passaram esses anos.

Eu me recordo, assim, de tudo o que eu fiz nessa trajetória. Todos os cursos, os lugares que eu frequentei, sabe, eu consigo me recordar assim, de todos os meus caminhos. Uma hora eu estava fazendo um curso aqui na Penha, outra hora eu estava fazendo lá do outro lado, na Praça da Sé, no Tatuapé e onde eu via um curso que me chamasse atenção eu ia fazer. Eu sempre estudei, eu gosto. Agora que eu fazendo esse aqui num pólo em São Matheus e já estou terminando também. Estou até na época de fazer TCC e

já pra entregar. E estão dizendo eu acho que vai ser o último né, porque já estou indo para o 21. Aí não tem mais assim, o que ficar na escola, só se eu quiser ter mais um. Porque assim de carreira mesmo já não tem mais o que seguir, tem só mais um pontinho aí é pronto. E aí eu vou ficando até a hora que eu resolver "não quero mais". Eu nunca fiz assim, pegar licença, sabe, eu sempre procurei vir trabalhar nos horários. Porque or assim de gostar mesmo, é comprometimento, o meu compromisso por parte de patrão eu acho que eu cheguei a cumprir. Porque na escola eu nunca fiquei em matéria nenhuma, sempre me esforçava, estudava, estudava, estudava. Livros o que deu pra comprar eu comprei porque senão eu pegava emprestado. Na época a gente lia livros pra fazer resumo, entregar, né. Eu lembro que era copista, né, a gente tinha que copiar muito, tinha muita cópia na época, hoje em dia não. Você sai de férias é férias, né, antigamente não. Você tinha que...então isso fez também com que eu mantivesse e adquirido uma boa responsabilidade. Compromisso mesmo. Então minha carreira é assim.

Na minha infância eu brincava com menino e menina tudo junto, nunca tive divisão assim. Eu jogava futebol, jogava vôlei, a gente fazia guerra de mamona. Não tinha muito brinquedo na época, mas a gente criava, criava bastante. Eu usava até o guarda roupa da minha mãe como lousa. A gente pegava giz, fazia, escrevia, dava aula, levava um monte de molecada pra dentro de casa e fazia o guarda roupa da minha mãe de lousa. Eu sempre era a professora. Os brinquedos que a gente tinha era isso, coisas muito simples, mas a criatividade.

Na minha adolescência eu namorada, trabalhava. No magistério na época eu trabalhava num edifício de advocacia. Eu ia trabalhar, depois eu ia pro escritório de advocacia, trabalhava e à noite eu fazia o magistério, eu vinha fazer o magistério. Foi puxado porque a maioria das vezes eu estudei à noite. Aliás, todos os cursos que eu fiz foram à noite porque eu tive que trabalhar. E aí eu comecei a namorar, eu fiquei grávida, tive meu filho. E o meu filho agora está com 27 anos. E eu ficava, assim, depois que o meu filho nasceu, eu ficava entre estudando trabalhando e cuidando de casa. E de filho. Mas eu nunca parei de estudar por conta de ter filho. Depois mais pra frente teve um problema com uma cunhada, ela faleceu, ela tinha uns filhos. E a minha sogra na época, eu morava com a sogra, ela falou assim: "o que vai fazer com as crianças?" Ela queria até dar um pra cada parente, pra ajudar o sustento. E nessa época eu já tava trabalhando, eu já tava ganhando até razoável. Eu falei: "não, vamos ficar com eles aqui". Eram 4 irmãos, todos meus sobrinhos, todos filhos da minha cunhada. Daí a gente foi criando eles. E aí meus filhos cresceram e foram casando. E aí eles cresceram todos, se casaram,

graças a Deus, tiveram boa formação também. A cunhada faleceu no parto. Nessa época que esse menino nasceu eu estava grávida, era meu primeiro filho e aí eu nem quis ter mais. Porque eu me dediquei a ter e cuidar dele. E o pai também deles foi embora, né, não voltou eu acho que não aguentou o baque, né. Era da irmã do meu esposo. O que nós pudemos fazer na época pros meninos, fizemos. Graças a Deus, todos se formaram, todos têm a sua casa própria, todos têm o seu carro. É uma família assim que graças a Deus, que eu levanto a mão pro céu e agradeço. E o meu filho biológico também.

Conheci meu esposo na escola, no magistério. Eu fazia magistério e ele fazia contabilidade. E aí a gente se conheceu nessa época. Eu era bem adolescente ainda. E aí graças a Deus, né, deu certo tudo, e eu me divorciei agora, há pouco tempo. Acho que foram 33 anos de casados. Aí eu optei, assim, que o meu marido começou a beber muito, começou a ficar muito em bar, né, e eu não tenho costume disso. A pessoa tenta mudar, mas não consegue, então é melhor você mudar, né. Aí eu mudei, aí eu me divorciei, mas nós somos amigos, viu? Ele vai na minha casa, eu vou na casa dele, e tem a família, aí não tem como? Não tem como. Ele aceitou bem, aceitou né. Porque assim eu fui a primeira namorada dele e ele vice-versa. Então nós tivemos outra pessoa. E ele namorou já outras pessoas, eu também já namorei, tudo. E assim, eu não quero mais ter relacionamento fixo não. Eu quero viver a vida de viagem agora. Ah, e eu viajo muito também, eu sou uma mulher que tem uma liberdade assim, eu estou aqui daqui a pouco eu estou ali do outro lado, né, eu sou...Que nem domingo, um exemplo, eu acabei de almoçar, minha irmã me ligou: "que você está fazendo?", "ah, eu estou em casa, ai vamos dar uma volta?" A gente já estava na praia, a gente foi tomar um sorvete na praia. É assim, então eu tenho muita liberdade assim agora de estar fazendo o que eu quero e eu acho que eu estou bem. Agora com a aposentadoria eu vou rodar mundo mesmo.

O meu casamento marcou muito. Porque eu quis me realizar, eu queria casar. Eu achava lindo o pessoal chegar na igreja, aquelas coisas, aquele sonho que toda mulher tem. Ser mãe, me realizei em ser mãe. Ajudei sempre meus sobrinhos no que eu pude, e ajudo até hoje. Minha família é tudo pra mim. Minha mãe faleceu, meu pai é vivo. Eu moro com meu pai porque eu não tenho coragem de ir embora. Porque quando minha mãe adoeceu eu vim morar na casa dos meus pais, deixei minha casa e vim morar com eles para cuidar da minha mãe e pra conciliar, né, serviço, porque minha mãe fazia hemodiálise. Então eu saía daqui eu ia na clínica, ajudar, meu pai levava, buscava. E aí quando a

minha mãe faleceu eu não tive coragem de ir embora e largar meu pai. E meu pai está aí, já faz 5 anos que minha mãe faleceu. Meu pai está com 75, super lúcido, passeia, festa, participa das festas da família.

Meus irmãos moram todos em Sorocaba. Cada um já foi tendo sua família e comprando sua casa pra lá. Eu tenho uma irmã que mora aqui próximo. Toda vez que vou pra Sorocaba meu pai já vai junto, às vezes eu chego em casa e as malas já estão no carro, só de eu falar assim: "quer ir?", ele fala: "vai!". Entendeu? Ele sempre me acompanha em tudo, meu parceiro ele. Sempre me acompanhou, sempre me deu apoio. Tenho uma irmã também que mora aqui e ela está sempre comigo. Ela mora próximo. Meus filhos são todos casados. Não tenho netos ainda.

Na Educação Infantil eu me recordo que eu brincava muito no parque. Eu não tinha acesso à canetinha, era muito brincar no parque.

No Ensino Fundamental, o que marcou muito, foi que assim, eu comecei a ir pra escola e meu pai comprou um caderno, um lápis, uma borracha e uma caneta. E eu fui e levei essa caneta e a professora não deixava eu escrever de caneta. Não podia era só de lápis. Então me marcou muito, sabe, porque eu era louca para ter uma caneta. E depois já no decorrer, tinha aquelas canetinhas silverpen, sabe? E meu pai comprou um pra dividir com os irmãos, então tinha que ficar revezando, né? E aí era uma disputa das canetinhas, né? Então a gente tinha que tomar muito cuidado com nossos materiais, tudo. E eu lembro que os professores eles eram bem dedicados. E eu tinha uma professora nesse ensino fundamental, no terceiro ano, que ela me marcou muito, o nome dela era dona Benedita. Essa dona Benedita ela levava a gente pra horta, ela levava a gente para olhar os cartazes que tinha em volta da escola. Aí tinha exposição lá dos alunos, pegava, toda vez ela levava a gente, sabe, eu acho que é por isso peguei gosto.

Aí o ensino médio já foi o magistério. Eu sempre fui, eu sentia assim que eu era bem vinda assim na escola. Eu era participativa eu era assim uma aluna também boa, não tinha indisciplina não. O professor falava pra sentar eu sentava, eu não ficava com burburinhos pra um lado e pro outro não.

Depois do magistério eu escolhi fazer educação física porque eu achava que era a coisa mais fácil do mundo. Eu achava que eu chegava lá e eu só ia me exercitar. Eu não tinha noção, assim, de teórico. Eu achava que era muito prático, entendeu? E aí quando eu vi que não era... Eu ia ser professora de Educação Física, mas aí no meio do curso eu já percebi que não era o que eu queria. Por isso que quando eu saí que eu fui fazer Pedagogia. Porque aí na Pedagogia eu me encontrei. Aí eu já fiz porque aí já tinha todas

as disciplinas. Se fosse pra escolher hoje eu teria feito pedagogia mesmo. Eu fui direto pra pedagogia e nem tinha condições muito de pagar, mas eu me esforcei muito, trabalhei, fiz bico, tudo o que aparecia pra poder pagar. Foram quatro anos na Pedagogia.

Quando fiz Magistério trabalhava no escritório de advocacia e na mesma época que precisou fazer estágio, tinha que fazer estágio, e eu fui pedir em uma escola lá no Tatuapé. O nome da escola era Adelino. E eu fui pedir se eu podia fazer o estágio lá. Aí eu conversei com o meu patrão ele me liberava um pouquinho e eu ia. Aí lá ela me ofereceu pra fazer o estágio remunerado. Aí eu voltei na escola. E era para ganhar o mesmo valor que eu ganhava na advocacia, e menos horas. Aí eu já optei pra ir pra lá. Era o ciclo um, era alfabetização já, já estava alfabetizando nessa época, No entanto eu tinha que pedir ajuda pros professores do magistério que tinha muita coisa que eu não sabia ainda. E eu tinha que aplicar. Ah, e depois eu fui trabalhar também na escolinha da Alpargatas. Essa escola ela tinha um contrato com a Alpargatas. E aí eu fui trabalhar com os funcionários, com os filhos de funcionários. Então lá na Alpargatas tinha uma creche e eu fiquei lá também. Então de lá fui só assim mudando.

Eu tava fazendo estágio, eu era contratada, tudo, e a minha mãe trabalhava na escola. Eu acho que eu já tinha terminado o magistério e estava contratada. E a minha mãe trouxe no diário oficial um recorte pra prestar o concurso. Aí eu prestei o concurso e passei. Na época pedia só que tivesse o ensino fundamental, foi o ensino fundamental, não foi nem o ensino médio. Pedia até a 8ª série, precisava ter o diploma. Eu acho que era só isso que pedia na época.

Aí eu me inscrevi, minha mãe trouxe umas bibliografias que tinha lá e eu fiquei lendo em casa mesmo. A professora me emprestava. Eu lembro que tinha mais assim, Emília Ferreiro né, que tinha que ler. Que era alfabetização e Wilma Ramos de Oliveira, era tudo assim. Mas os livros eram emprestados. E claro que eu fui atrás de alguns professores do magistério pra me ajudar. Passei e escolhi a escola do Rodolfo Pirani. Trabalhei lá 18 anos, aí depois que eu pedi remoção pra cá, que era mais a próximo. Quando entrei era todo mundo novo, porque estava iniciando. A escola tinha sido inaugurada, assim, coisa de 8 meses, nem um ano. E eu cheguei. Eu era assim, tava tipo montando ainda. Cada dia chegava funcionário novo. Todo mundo era pajem. Não tinha cargo de coordenação. Era na era da FABES, da Secretaria Social. Só tinha a diretora, também não tinha cargo de direção, ela era comissionada, que era indicada. Não tinha

coordenador pedagógico. E professor só tinha professor que era formado, que no meu caso, que eu já era professora da escola.

No CEI eu tive dificuldade na hora que a minha diretora viu que eu tinha magistério. Ela me colocou para cuidar das crianças maiores. E nessa época as crianças tinham 6 anos e 11 meses, já saíam de lá alfabetizadas. Só que não tinha material e recurso. E aí eu tinha que fazer as atividades, que eu já tinha no Magistério, e mimeografava as atividades para dar para as crianças, aí eu aplicava para eles. Tinha que trazer tudo pronto de casa porque lá não tinha como fazer. Depois com o tempo foi chegando professor, funcionário só. Aí ela pegou e me colocou como desvio de cargo pra auxiliar todas as salas. Porque na época eu que tinha magistério, e eu estava iniciando faculdade, então ela me colocou para auxiliar e aí eu fiquei ajudando o pessoal, nas salas, tudo. Aí quando faltavam eu cobria, se não eu ficava assim tipo como se fosse a coordenação.

A concepção de infância hoje, hoje é assim, é autonomia, tem liberdade. Eles são umas crianças, assim, que eles são autênticos, e antes não, eles eram umas crianças mais fechadas, eles eram muito dependentes do adulto. Aquela infância daquelas crianças, eles dependiam de tudo. Você não podia falar para uma criança assim: "toma o café", ou, "vai se limpar". Você tinha que fazer tudo por eles, você tinha obrigação de cuidar.

Quando você parte daquelas brincadeiras que você está dando ali, que é o parque, a linguagem corporal da criança, e aí você vê uma necessidade dele fazer uma dobradura, dele fazer um aviãozinho e jogar. Aí você fala: "nossa, eu faço um aviãozinho, ele usa o papel, mas ele não pode ser alfabetizado". E aí você começa a observar a criança num outro sentido, de cuidar e educar. E você faz isso de uma maneira tão natural que você não percebe. Tanto que a prática junto com a teoria foi tanta que hoje em dia você tem uma grande facilidade de colocar nos registros. Porque eu já fazia isso antes, mas eu não sabia que eu fazia. Dentro de mim eu não fazia. Era muito assim, não pode alfabetizar, a gente sabe que uma Educação Infantil não pode alfabetizar. No entanto se você subir na minha sala a lousa tem a foto deles, tem a inicial do nome e tem o nome deles completo. E eles sabem que são eles, eles conhecem a letrinha do nome deles e tudo, então não estou deixando de educar, não estou deixando de cuidar e estou alfabetizando. E antigamente não tinha.

Eu acho que começaram ver mesmo que não era só assistencialismo a partir de quando veio o projeto da Marta que todos teriam que estudar e o ADI Magistério. A partir do momento que veio o ADI Magistério, aí pronto, todos os professores, evoluíram, já tiveram outra concepção, outro olhar.

Tem professores que se veem como pajem até hoje, tem os que não pesou, e tem aqueles que acham que hoje em dia tem que só cuidar da parte pedagógica, entendeu? Depende da cabeça de cada um. Eu já vim de uma concepção que até hoje o educar e assistencialismo estão junto. Porque a partir do momento que um aluno meu vai lavar a mão ele está participando de uma higiene, eu estou falando assim: "uma mãozinha esfrega a outra", eu canto a musiquinha uma mão lava a outra, eu estou educando, eu estou ensinando, ele está aprendendo. E tem o que acha que tem que ir sozinho, que autonomia é tudo.

A prática mesmo foi o mais importante pro meu trabalho. E eu nunca ganhei curso, eu sempre fui atrás, nunca ganhei nada de mão beijada. Eu fui atrás de tudo pra chegar onde eu cheguei. E a prática diz tudo, viu? Habilidade, prática, não tem preço. O magistério deu suporte, deu muito porque um desenvolvimento...Se eu não fosse aprender o que era fazer uma dobradura eu não tinha feito, certo? Se eu não fosse aprender como trabalhar as cores, como que eu ia aplicar uma coisa que eu nunca tinha feito? Então, assim, pintura, tudo que se diz, confecção, sucata, eu aprendi porque eu participei desses cursos.

Temos formação aqui dentro da unidade. Essa formação no começo do ano nós conversamos, reunimos e vemos lá um tema. Quem nem, o nosso tema deste ano é linguagem corporal, expressão e linguagem corporal na educação infantil. Então nós temos o que chama de individual. Que é de segunda e sexta. Esse estudo individual você faz a sua pesquisa, você vai atrás ou então você faz alguma coisa relacionada com alguma coisa da sua sala e não precisa ser dentro desse tema. E você pode fazer outras pesquisas. E de terça, quarta, e quinta nós sentamos com o coordenador e o coordenador traz para nós textos, vídeo. E tem o ato de prática que os professores conversam entre si, o que foi aplicado na sua sala, novas idéias, entendeu? Eu gosto.

Dos cursos que eu fiz o que mais gostei foi o de Artes, Educação e Terapia. Esse curso foi muito gratificante pra mim. Ele fez com que eu tivesse outros olhares. Como aplicar a arte na sala de aula mesmo, ele me ajudou bastante.

O mais importante na formação de um professor de Educação Infantil são os cursos de cidade e artes. Porque o parque, aqui nós ainda temos um parque aqui na frente e lá no fundo, tudo. E aí se você fizer um curso de resgate de brincadeiras, confecção, sucata, como brincar. Aí com o próprio corpo, você pega um curso de como brincar, ou de cidade e tudo, o seu próprio corpo ele já te traz umas atividades.

Atividades que mais gosto de fazer: eu aplico de segunda feira linguagem escrita e oral; de terça eu faço linguagem corporal e musical; de quarta eu faço linguagem e matemática; de quinta eu trabalho com natureza, sociedade e etnia e de sexta eu faço expressividade da arte. Então eu mesmo desenvolvi na minha sala todas as atividades. Então se você pegar meu caderno você vai ver que meu plano... Eu gosto de todas as atividades. Em todas as atividades eles me trazem um retorno. A que eu mais gosto é artes então no caso, porque pelo menos a arte está ali você vê eles ali se expressando né, ou com pincel, ou com dedo, ou com caneta, ou rasgando, picando papel, picando papel, colagem. Então a arte. Mas eu gosto de todas, em todas eu vejo em retorno deles.

Eu não sei a atividade que eu não gosto, para mim não tem.

Ser professor de Educação Infantil é tudo. Porque eu não sei fazer outra coisa. E se você falar assim: "olha, se eu te levar num lugar que você nunca foi e te largar lá, você não vai saber voltar". E a educação infantil, eu cheguei, eu fui atrás, eu busquei, eu me envolvi com as crianças, com os funcionários, tudo. Eu não sei que trajetória fazer, porque eu não sei fazer nada a não ser na Educação Infantil ou então eu fico...se for por...as idades que me encantaram, foram de berçário, que eu trabalhei em berçário também até 7 anos a 8. Por essa idade assim eu me encantei, então eu não sei fazer outra coisa a não ser dar aula. O pessoal fala assim: "ah, você vai se aposentar, por que você não vai fazer curso, vai dar aula né". Não...Eu acho que eu não conseguiria fazer palestra não. Porque a vida inteira eu me dediquei só pra essa área. Eu não consigo viver dando curso não. Se eu tiver que ajudar alguma escola eu ajudo. É...voluntária, mas é o que eu sei fazer, eu sei que eu me desenvolvo, eu consigo, entendeu. Eu não vou por a minha cara a tapa no que eu não sei fazer, então, eu só sei fazer isso.

Desde que eu entrei na prefeitura teve muita mudança. Desde os pais, desde a família dentro da escola. A mudança assim, é nítida. Antigamente as crianças vinham com os pais, que os pais tinham que correr para trabalhar, não tinham muito tempo, deixava de manhã, buscava à tarde. As crianças usavam tudo fralda de pano, os professores tinham que ficar, né... A higiene, comprometia. Hoje em dia não. Os pais eles têm uma visão com os filhos de levar pra escola, parece que com mais carinho, as crianças vêm com um sorriso no rosto. Parece que eles vêm com prazer mesmo? E na época não, a criança vinha chorando, os pais traziam tipo com uma obrigação de necessidade e hoje não. A escola, a Educação Infantil pra muitos é um lazer. Tem criança que chora pra vir pra escola, que adora vir pra escola. Por quê? Porque aqui tem de tudo. Eles brincam,

comem, bebem, assistem TV, dançam, brincam, brincam em parques, área externa, área interna, então, houve muita mudança.

Nunca me ausentei da prefeitura não, sempre fui presente. Eu exonerei o cargo e fiquei aqui.

Acho importante para um professor de Educação Infantil que ele seja formador de opinião e que seja pesquisador. E ele não parar. Eu acho muito importante o professor não se acomodar na sala. Ele tem que estar sempre buscando algo novo. Hoje em dia tem vários tipos de cursos gratuitos que o professor pode buscar para tornar as salas de aula mais prazerosas. Então eu acho que tem que ser um professor pesquisador e formador. Eu até hoje ainda faço cursos fora, a prefeitura oferece alguns, eu também, se eu conseguir me inscrever eu estou indo, que eu acho que me ajuda muito.

Gosto do trabalho com a equipe aqui, o pessoal é muito bacana, a gestão é muito boa. É uma equipe que anda, que dá certo. Estou aqui há oito anos. Acho que tem mais de oito já, eu fico meio perdida no tempo.

O que eu tinha que falar da minha formação eu falei. Continuo estudando, tenho prazer e não me vejo ainda em fim de carreira não.

Socorro

Nasci no Paraná e fiquei lá até 6, 7 anos, fui pra São Paulo, só que aí como meu pai e minha mãe tinham muitos filhos, começaram a passar necessidade e uma tia minha levou para morar junto com ela com os meus avós, e eu fiquei lá até com 19 anos. Aí eu morei lá, estudei, fiz a oitava série, o primeiro ano do ensino médio foi lá também. Fiquei um ano sem estudar também por causa dessa trajetória, porque eu não conseguia vaga. Também trabalhava na loja da minha tia e ajudava nessa parte. Somos em 5 irmãos, tenho mais 4 irmãs. Eu sou a mais velha. Só mulheres. Elas moram aqui em São Paulo, a que mora longe mora em Suzano, é funcionária pública do estado, trabalha lá, na escola também. Meu pai é falecido já, faz 4 anos. Minha mãe também mora aqui, perto da minha casa, é próximo, é gostoso, é ótimo.

Por ser filha mais velha você brinca pouco com os irmãos, você é a filha mais velha. Como eu nasci no sítio então era mais voltado pro sítio as nossas brincadeiras. Então assim era com a minha tia, que é irmã da minha mãe, que é quase da mesma idade minha e a gente brincava de casinha, com sabugo de milho, aquelas brincadeiras bem coisa de interior mesmo. Então eram brincadeiras bem gostosas, subir na árvore, pegar fruta, comer, ir pro rio. E quando vim para SP por assim ser uma fechada, tudo, a gente ficava mais fechada, por minha mãe ter medo também pelas crianças Então a gente ficava mais dentro do quintal. E brincava assim de faz de conta que eu lembro, de casinha, aquela coisa de... a gente pegava o sapato dela, ficava brincando assim andando pra lá e pra cá. Foi mais assim, mas eu me lembro mesmo é mais assim do sítio mesmo, as brincadeira de lá. No chiqueiro dos porcos, aquelas coisas. Ainda frequento, tem os meus tios moram tudo lá, aqui em São só tem minha mãe, minha mãe e mais minha tia, o restante é tudo do Paraná. Não vamos direto né, mas as férias que dão, nós vamos, dá pra aproveitar. Nossa é totalmente diferente.

Na minha adolescência eu morava no Paraná e eu estudava e trabalhava então nessa parte de namoro foi despertada mais tarde, assim com 17 anos, então eu era bem molecona, bem molecona mesmo, bem brincar. Ah, e eu era muito de igreja, porque como meus tios sempre foram de negócio de igreja, então eu era catequista também, participava de grupo de jovens, aquelas coisas todas. Então nessa fase assim, ia pra muito bailinho, mas bailinho de interior, de escola, aquelas coisas, bem legal, bem saudável. Quando eu vim pra São Paulo que eu tava procurando escola e estudando eu conheci meu marido, mas assim éramos só amigos mesmo e depois a gente se tornou....nos conhecemos na escola. Ele também estudava, ele estava no terceiro ano e

eu estava no segundo ano. Aí começamos a conversar, que também era nova de São Paulo e tudo, aí começamos a conversar, tudo, mas amigos, ele namorava, Aí terminou o namoro e a gente começou a namorar.

Tenho dois filhos, dois meninos, um de 22 e o outro 17, cinco anos de diferença um do outro.

Quando eu vim morar em São Paulo, que eu era pequena ainda, eu comecei a estudar a primeira série e fui reprovada por causa de uma greve, foi de 3, 4 meses, assim bem longa e eu não consegui acompanhar, eu voltei pra primeira série. E nessa outra vez que eu fui fazer a primeira série o que me marcou assim muito foi a fase de você perder a dentição né. E os professores faltavam e eu ficava em outra sala, que nem a gente faz assim atribuição: olha a professora falou, vai distribuir numa outra sala. E eu não tinha os dentes então quando eu fui numa sala, e eu sempre fui magrinha e mais alta da turma, eles começaram a me chamar de magricela e sem dente, aquela coisa toda né. Uma professora que marcou na terceira série, que ela desenhava bem pra caramba, tinha o ensino religioso então ela fazia Jesus. Era sempre assim ó, está vendo? Então isso aqui marcou bastante. Então sempre nessa parte de desenho então eu gostei muito dessa parte.

Aí depois a gente mudou, aí eu estudei no ensino médio lá no Paraná, terminei a sétima e a oitava série lá, e o primeiro ano também foi bom lá, gostei. Queria muito ter feito o magistério na época mas não dava, porque como eu fui morar com meus tios, os meus tios precisavam que ajudava eles, então eu tive que estudar à noite.

Naquela época para você fazer o ensino médio você escolhia ou normal ou você fazia um profissionalizante. E como eu morava com os meus tios então eu dependia deles. Eles pediam que eu ficasse, trabalhasse na loja. Pra trabalhar na loja teria que ser período integral, então eu tive que estudar com a contabilidade. Mas na época tinha secretariado, contabilidade magistério e o normal. O magistério era o dia todo então aí não dava. A minha tia pegou e falou assim : ah, pra você ficar aqui você tem que optar pela noite. Aí eu peguei contabilidade porque como eu gostava de cálculo também, gosto de cálculo né, então...Trabalhei com contabilidade, mas não gostei. Eu vim pra São Paulo, continuei a contabilidade foram os últimos anos, conheci meu marido. Aí terminei o terceiro ano, contabilidade, já trabalhava numa área, não assinada, mas trabalhava em papelaria, mas na papelaria eu trabalhei como vendedora telemarketing. Só que eu trabalhava como recepcionista também, então DARF essas coisas eu fazia.

Isso me ajudou conhecer a contabilidade porque como eu trabalhava com esses formulários tudo, então eu sabia preencher, então auxiliava tanto pra vender como na hora lá também, então DARF, os formulários do caixa. Até hoje pra mim isso aí é bom, me ajudou até pra fazer em casa também. Negócio de casa assim, o que gasta, não gasta, esses balancetes já me ajudaram. Como eu casei eu saí do meu serviço porque aí eu tive meu filho né, eu casei eu já estava com 2 para 3 meses já. Eu saí para cuidar dele e aí ele estava com 10 meses, eu falei: vou voltar a trabalhar. Pra voltar a trabalhar, gente casada com filho, você tem que procurar qual que é o percurso, qual que é o melhor, o que você pode conciliar? Aí como tinha a vizinha nossa que trabalhava lá na creche eu falei pra ela que quando tivesse concurso pra ela me avisar. Eu já tinha prestado da polícia militar, já tinha passado, só que aí também não dava, porque filho, aquela coisa tudo, aí tinha deixado. Aí teve um concurso e eu prestei. A inscrição só pedia ensino médio, na época, mas estava tendo aquela transformação do bem estar social para a educação, mas ainda não tinha sido? Pediu só Ensino Médio. Na época da inscrição nem grávida do meu segundo filho eu estava, aí fiz a inscrição. Quando eu fui fazer a prova eu já estava grávida de 2, 3 meses. Quando eu passei, que era quando estava tendo essa transição, eu tive que pegar e eles fizeram essa prova de conhecimento básico, e depois fizeram um cursinho pra nós de quinze dias remunerado pra depois fazer a segunda prova. Aí essas duas provas foram eliminatórias. Eu tenho a apostila do cursinho até hoje. É uma apostila, a capa dela é cinza e lá está falando um pouco do que é a educação infantil. Então antigamente a gente fazia a anamnese, que é como a criança entra aquela coisa tudo, então tava falando da rotina do CEI como que é. Que a enfermeira ia às vezes, para caso a criança estivesse com febre, você trazia pra frente, o procedimento certinho. E lá também estavam algumas atividades, então você fazia massinha de farinha, aquela coisa tudo para dar para as crianças. A criança estava com febre, qual o procedimento, qual que era a ficha dela, então eram essas coisas. Foi voltado mais para a área pedagógica (hoje que eu conheço) então mais voltado para a área pedagógica, da rotina, mas assim, você dar assim para a criança atividade, mas atividades mais lúdicas. E foi eliminatório esse curso, porque aí a gente teve que fazer outra prova, quem não passou não foi chamado. Pra você ver, eu fiz esse cursinho eu estava grávida de 6 meses, quando eles me chamaram meu filho já tinha nascido e já estava com 3 meses. Foi tudo....demorou assim o processo todinho. Quando fiz o ADI já tinha ingressado, estavam fazendo essa transição, que era o Maluf e o Pitta nessa época. Aí depois falaram que iam dar essa formação pra nós, eu fiquei esperando e aí deu o ADI

Magistério. Fiz aqui no São Matheus mesmo, aqui na escola da Imperatriz. Aí fiz lá o ADI Magistério, era toda noite, todo dia, e dia de sábado também que a gente ia para os teatros, ia para museus, várias coisas, foi bem bacana mesmo. Gostei porque teve lugar que, assim, tem lugar que hoje é caro um teatro, lá na Berrini, aqueles lados lá são caros, pra você ir lá vai ter que desembolsar uns R\$300 dependendo da peça, e eles proporcionaram para nós com ônibus e tudo. Então teve coisa que foi bem bacana, bem legal mesmo. Foi meio complicado que nem assim quando falavam Vygostky, Piaget, essas coisas te embananavam tudinho a cabeça. Mas aí foi bom pra mim que logo em seguida comecei....Já estava trabalhando aqui há 5 pra 6 anos quando comecei o ADI Magistério. Na prática o ADI ajudou. Agora o outro, o Piaget, essas coisas assim do teórico foi meio complicado. Porque como você não tinha essa noção, eu não tinha noção tudo então pra mim foi assim, foi mais difícil. Mas foi bom porque quando eu entrei na pedagogia já estava um pouco assimilado, então pra mim foi mais fácil ver tudo.

Acho que o mais importante para a minha profissão foi mais a prática que a gente teve lá no ADI Magistério e na faculdade também foi a didática, com o meu professor de didática. Hoje, na época a gente não dá tanto valor, mas hoje a gente fala assim, nossa os nossos professores foram muito bons. Porque o meu marido fez pedagogia junto comigo, ele entrou o ano passado nessa área, ele prestou concurso e o ano passado foi chamado. Ele está como professor na creche também, sala de aula também. Ele fala assim que a hora que o homem descobrir que a creche é bom. Ele fala que só tem mulher e por isso que está ruim. Ele fala que a gente é muito afetiva e esquece um pouquinho a razão. Mas ele ficou lá na Gorete, ficou lá seis meses o ano passado, que também tem um homem também, tem o Sebastião, que também é sala. E agora ele está lá em Santo Amaro, que ainda, assim, não conseguiu uma vaga, agora esse ano como teve muita...Mas como ele vai o percurso do Trólebus então ele vai rápido, não é tão, é melhor do que Capela do Socorro do que aqueles lados. Ele fez pedagogia junto comigo, ele era gerente do banco, trabalhava no banco, trabalhou durante 16 anos, e aí foi mandado embora, só que aí já tinha pedagogia. Aí ele prestou concurso, aí passou também. E meu filho quer de docente também, da FATEC. Ele é de lá do Bom Retiro. Ele também fez engenharia civil. Fez tudo público, ele fez desde a escola aqui, fez a ETEC, fez a FATEC, se formou ano passado, só que ele tinha prestado concurso ano retrasado, da FATEC, aí ele passou e deu auxiliar de docente. Ele falou assim que ele

não queria seguir a área de docente, queria pegar mais escritório, só que aí a professora, que é chefe dele do laboratório, pegou e falou assim: ah, você fizer uma especialização, alguma coisa, eu vou te encaixar já como professor daqui, substituir alguns professores, então ele está começando a entrar na área de docência.

Na época que eu entrei eu estava com meu filho com 4, 5 meses, então nessa parte o afetivo já mexe um pouquinho porque eu via o meu filho numa outra sala e eu cuidado de outras crianças, e não cuidava...então, nessa parte mexeu um pouquinho. E como eu entrei no primeiro dia eu passei em duas salas, porque hoje a gente faz esse rodízio: olha, entra na sala para conhecer um pouquinho. No dia eu entrei e falaram: você fica nessa sala, Ju, amanhã essa sala é sua. Aí eu cheguei e falei assim: mas a minha sala era sua sala. Eu falei: mas eu não sei. Qualquer coisa você pergunta pra gente. Então eu peguei o mini grupo eu não sabia, na época a gente dava banho nas crianças, que era bem estar social, dava banho, usava penico, então para mim foi aquela coisa tudo...eu fui assim com a experiência de mãe, não experiência de...mas aí eu tive dificuldade, mas tive muita gente em volta que me ajudou, assim, entre professoras, na época, nossa, todas elas tanto me ajudaram na sala, como profissional, quanto me ajudaram como mãe também, com o meu filho. Então assim, isso me deu segurança, que aí cada vez mais foi indo.

Participo da formação aqui na unidade. É feita...tem o coletivo três vezes, e duas vezes é individual. E assim, é feito leitura, que nem está fazendo oficina agora de pintura, tudo, então é bacana, tem bastante coisa que ajuda, que colabora.

Acho importante os cursos da prefeitura. Ano passado tinha uma criança com suspeita de autismo, então eu fiz dois cursos voltados para essa parte, me ajudou muito porque você tenta encaixar onde a criança vai, algumas atividades que você pode trabalhar, me ajudou muito. E esse ano que nem, eu fiz o de indígena, então tem muita coisa...você sabe algumas coisas só que você não sabe isso profundamente. E como a professora era neta de índio ela trouxe bastante coisa que eu não conhecia mesmo. E eu achei bacana, muito bom mesmo.

A Pedagogia me deu mais apoio como profissional, tanto porque são quatro anos e o ADI Magistério é um ano e é aquele negócio assim, eu sei que a prefeitura quis ajudar e tudo, mas você sabe que é um pouquinho mais vomitado. Então é assim, você em um ano passa quase tudo que é de um normal superior, ou de um magistério que você fazia em 3, 4 anos antigamente, né. Então assim, foi bacana, me ajudou, mas se eu tivesse um pouquinho mais pegado lá na prática, tudo, acho que tinha...

A Didática é o mais importante para o professor de educação infantil. Porque hoje os professores, eles são muito assim...é um negócio...E Educação Infantil é muito afetivo e se você não tiver o afetivo, junto você não conquista nada. Então assim, no meu ponto de vista, é a didática, que aí vai ensinar, só que não pode ficar só naquilo lá não, tem que colocar o seu afetivo, acho que trabalhar um pouquinho.

Em relação às atividades que eu mais gosto, cada ano é um ano, cada grupo é diferente. Os meus têm 4 anos já aí eles gostam muito de explorar com tinta, exploração com tinta, com pintura de tinta, nossa, é o que eles mais gostam. Faz uma bagunça danada, mas é o que eles mais gostam, então nessa parte... E assim a roda de conversa é uma coisa que eu gosto de fazer todo dia, porque nessa roda de conversa, mesmo que seja assim, sentado ou em pé, o que for, você fica descobrindo alguma coisa, se está acontecendo alguma coisa, o que não é, nessa hora dá pra identificar. E como está o dia, porque casa dia é uma coisa diferente, porque às vezes tem dois, três que estão doentinhos aí já muda tudo, né.

Quando eu trabalhei no berçarinho além da troca, além daquele negócio tudo, a gente fazia muita contação de história. Mas assim é contação mais voltada. Com fantoche, essas coisas. E rapidinho, histórias mais rapidinhas, mais resumidas.

Não gosto muito de preencher os diários, o semanário, o relatório, essas coisas. Eu preencho, eu estou agora terminando. Então é uma coisa assim que você fica repetitivo, então eu estou no semanário, estou escrevendo, mas no diário eu tenho que colocar mais resumido, mas estou lá com a mesma atividade, então isso aí é uma coisa mais chatinha. Mas assim, não que não faz, faz, mas depois os relatórios e a avaliação da crianças, você faz um, outro, você muda, depois vai mudando até você chegar a um produto final.

Eu gosto de ser professora de educador infantil. Eu sempre soube que eu ia gostar, por circunstância de ter que trabalhar, tive que ir para a contabilidade, mas é uma coisa que é minha mesmo, que nem eu falo, eu dava catequese, então era coisa já de...é uma coisa que eu gosto mesmo . Me realizo.

Desde que eu entrei na prefeitura sempre me falaram e eu falo: as crianças não dão trabalho nenhum, quem dá são os adultos. Eu vejo assim que em nenhum lugar é 100%. Então tem dias que está tudo ótimo, mas sempre tem uma coisinha ou outra, que sempre é uma fofuquinha, uma coisa que você deixa uma vírgula, uma coisinha, já se torna um terremoto. Mas os profissionais é...não vou falar que é bom, não vou falar que é ótimo.

Desde que eu entrei eu vejo que eles tem mais valor um pouquinho, não completamente, se você for ver a gente ainda é o primo pobre da educação. Vem primeiro o fundamental, o ensino médio. O EMEI e a creche é o primo pobre da educação. Mas acho assim que tem um pouquinho de valor perante assim a administração. Eu acho que já deu ênfase um pouquinho mais assim porque a gente tem ajudante, são coisas que quando eu entrei a gente fazia, até varrer sala, tudo, então olha, não isso aqui já é determinado. Você vê essa mudança do quadro todo. Eu vejo um pouco a valorização, nosso salário mudou um pouco.

Eu vejo mudanças pelas nomenclaturas, são mais assim...Quando você vai no curso você é a professora de Educação Infantil e você está com professores de fundamental. Então você é um pouquinho excluído perante os profissionais, né, lá quando você faz um curso, mas pela nomenclatura quando você apresenta o holerite você é professora. E antigamente eles perguntavam: o que é ADI? A nomenclatura até é bom, você falar sou professora.

Um professor de Educação Infantil precisa gostar de criança, todo mundo gosta, isso é não é a coisa. Eu acho que é mexer um pouquinho com a sensibilidade, eu acho que é isso, só isso, na Educação Infantil é isso.

Damaris

Na minha infância a gente brincava na rua, tinha os meus vizinhos e geralmente eram parentes mais próximos, então eu brincava com primos, pessoas que a gente tinha relação familiar a maioria. E a gente brincava na rua com brincadeiras que hoje em dia eu não vejo as crianças brincarem, eu vejo assim em relação às minhas filhas, eu não sei se porque naquela época não tinha essa oportunidade de estar na escola e era aquela cultura assim dos mais velhos que cuidavam dos mais novos e não tinha a creche então eu mesma cuidei e ajudava a minha mãe, porque eu tenho 39 e a minha irmã tem 36 e meu irmão tem 31, fez 31. Eu sou a mais velha de três irmãos. E aí a minha mãe e meu pai saíam para trabalhar e eu ficava responsável. Como tinha essa diferença de idade, cada um tinha uma responsabilidade dentro de casa para fazer além de ir para a escola.

A cidade era muito pequenininha então tudo era muito perto. A cidade onde eu estudei só tinha duas escolas de ensino fundamental I e uma escola só de ensino médio, que foi onde eu me formei. Agora tem duas, pelo menos até onde eu fiquei sabendo acho que tem duas, porque agora tem o Silvia de Alencar, mas era só uma escola de ensino médio. Minha mãe e meu pai ainda moram lá, vou lá mais nas férias, não tem como porque é longe, Minas, né, no norte de Minas, Pirapora em MG. É onde corta o Rio São Francisco. Na cidade onde a minha mãe mora não tem nem rodoviária até hoje. Eu não costumo andar de avião porque onde tem aeroporto são 5, 6 horas para chegar, aí não compensa né, é muito cansativo. Aí geralmente tem um ônibus só que sai da rodoviária do Tietê e vai direto. Ele sai daqui como Espinosa-SP aí ele para lá na minha cidade, o pessoal desce e ele vai e segue sentido Espinosa, não conheço, mas geralmente eu vou nesse ônibus.

Na adolescência, lá não tinha o EMEI então eu entrei já na primeira série e enquanto eu fazia o ensino fundamental eu já frequentei lá onde chamava...a sigla era CIAME, que era Centro de Integração ao Menor, lá tinha curso de pintura, crochê, corte e costura, macramê, manicure. Então geralmente era aquilo, a pessoa que morava ali próximo já fazia. A gente fazia à noite, era à noite eu lembro. Eu participei disso. E em relação ao que marcou a vida: a minha professora da quarta série, Leni, o nome dela. Eu estudei com ela, me formei e tudo, quando eu me formei que eu fiz a faculdade, aí eu mandei um convite pra ela da minha formatura. Porque minha mãe, ficou muito empolgada, porque minha mãe estudou só até a terceira série, né, que a minha mãe perdeu a mãe eu só tinha 4 anos, a minha avó tinha 23 anos de idade. Aí então assim, eles não estudaram

e a cultura lá era assim: as pessoas se faziam até certo grau de escolaridade, depois eles paravam para auxiliar os pais em casa. Porque às vezes as famílias usavam os maiores e na cidade a oferta de trabalho é muito escassa, entendeu? Então era, os jovens geralmente...tanto é que quando eu trabalhei com os jovens e adultos lá, alguns alunos eram mais velhos do que eu. E eles trabalhavam na área rural. Aí eles não sabiam escrever, ler, não tinham nenhum entendimento e era complicado porque saíam da escola para trabalhar. E lá também tem muita oferta de trabalho pesado, até hoje ainda tem, mas não com tanta...não tão...As pessoas só faziam até o primeiro grau, às vezes quarta série, primeira à oitava série e depois saíam porque tinham que trabalhar para auxiliar a família porque o custo de vida era...não é que era alto, a cidade não tinha oferta de trabalho, né, não tinha muita oportunidade não. Até hoje, mas hoje tem mais do que tinha antigamente.

Vim pra São Paulo quando conheci o meu marido. E aí ele já trabalhava aqui. Porque lá também não tinha muita oferta. Conheci ele lá, a gente foi criado junto, morava em frente da minha casa. E aí ele tinha vindo pra cá trabalhar e aí ele achou...a gente acabou vindo pra cá. Nessa época eu tinha uma tia que morava...tive duas tias que moraram em Campinas. Uma delas hoje voltou pra lá, aí a gente veio pra cá. Meu filho mais velho já tinha nascido, aí eu trouxe ele comigo, ele não se adaptou aqui. Naquela época, eu não sei...hoje como eu vejo aqui antes era a terra da garoa hoje já não é mais, era vinte e quatro horas esse tempinho assim ó, nossa eu estranhei, pra me adaptar, entendeu? Assim, eu nunca tinha morado fora, já tinha vindo umas três vezes...que meu pai nasceu no Rio de Janeiro, então a família do meu pai é de lá. Aí já tinha visitado umas duas vezes lá, já tinha ido, só que assim, para morar não. Porque minha mãe sempre foi assim muito super protetora, no sentido...ela não deixava ninguém se afastar. Tanto é que eu brinco com as minhas filhas hoje, eu falo: "nossa..." às vezes elas querem ir para a casa de amigos, aquelas coisas, "ah, vamos combinar, vamos para uma festa, vamos dormir na casa de alguém" e às vezes quando eu digo "não", aí elas falam comigo assim, "ai, mãe, a senhora não deixa a gente ir". Mas eu nunca dormi na casa da minha avó, eu nunca dormi na casa da minha avó, você acredita? A minha mãe nunca permitiu. Não sei se ela com toda aquela situação que ela passou que ela perdeu a mãe, então eu não sei te explicar. Ela era muito...ela podava a gente demais, ela queria todo mundo perto dela. A gente não podia ir pra lugar nenhum. Eu sinto muito isso, eu não vivi, tem muita coisa que eu não conheci.

Quando eu vim primeiro eu fiquei na casa da minha tia porque na gravidez do meu filho eu tive eclampsia, né? Então a minha tia trabalhava aqui em São Paulo e a minha tia morava em Campinas. Aí ela falou que achava melhor ficar lá...E logo depois que eu vim pra cá e já arrumei um emprego. Pouco tempo depois eu já vim pra cá e aí e a minha colega falou pra mim que tava na creche onde o filho dela ficava ,o Gabriel tava, que estava precisando, era só ir lá fazer a inscrição. Meu marido trabalhava com ar condicionado na época. Ele já trabalhava aqui, já conhecia aqui, então ele só fez o contato com o pessoal para vir trabalhar.

Me separei em 2009, chegou a dar uma volta, mas não deu muito certo. A minha filha que vai fazer 18 ela mora com a avó do pai, com a mãe do pai dela. E o meu filho mora sozinho em Montes Claros, cidade próxima lá porque ele trabalha, ele está fazendo faculdade lá e aí foi para lá; ele cursa psicologia. Minha filha não terminou o ensino médio...o ensino fundamental, que funde o I e o II, ela não terminou que é de quinta à oitava né, que hoje é o nono, né? Eu estou terminando o ensino médio. A minha filha vai pro segundo ano agora e a outra vai para a sétima série. Eu moro em Mauá, mas não é tão longe, eu vou e volto todo dia. Aqui nessa rua é Ester aí duas ou depois já é outro município, bem próximo. Elas estudam lá em escola estadual. Quando eu vim eu morei primeiro aqui no bairro Jd. Vera Cruz, que também não é muito longe daqui não, aqui nessa avenida mesmo já tem acesso.

Quando eu entrei no Fundamental I as atividades já eram mais...eles usavam muito mimeógrafo. As atividades mimeografadas, cartilha, Cartilha Caminho Suave, que acho que todo mundo lembra dessa. Eu adorava fazer as atividades. No fundamental II, pelo o quê eu vejo hoje, em relação ao conteúdo que eles...pelas minhas filhas, eu acho que o conteúdo hoje...eu não sei te explicar em que sentido é essa dificuldade. Porque a minha formação eu acho que foi um pouco mais...eu percebo assim nas minhas filhas, eu percebo que umas delas, pelo menos a que mora comigo, tem mais dificuldade que a outra. A que tem 15 anos, assim até o vocabulário dela ele é mais...ela tem algumas dificuldades que a Ana já não apresenta, entendeu, mas a Ana gosta muito de ler. Sempre leu desde pequena, gibi, qualquer coisa. Então eu percebo assim que isso influenciou também no jeito dela escrever, ela tem menos dificuldade, bem menos do que a Vitória. E assim, por mais que tenha sido aquele mimeógrafo, eu acho assim, o professor também fez a diferença eu acredito viu. A minha professora era muito preocupada, ah...eu acho que é de pessoa pra pessoa, às vezes você pode dizer que não,

mas eu sinto assim, ela tinha um carinho. Não sei se é porque todo mundo se conhecia. Tanto é que eu não me esqueci dela nunca. Às vezes quando eu ligava pra minha mãe - a minha mãe nunca teve telefone em casa, mas tinha na casa da vizinha um orelhão que ficava de frente pro mercado, minha mãe mora no Centro, na rua do prefeito, a assim duas ruas acima onde é a prefeitura, na rua do cemitério, na rua de cima é a escola onde eu estudei, então tudo lá é muito pequenininho, é então às vezes eu estava falando com a minha mãe e a minha professora passava e ela chamava ela pra eu falar com ela no telefone. A minha professora da quarta série, ela foi minha professora de primeira à quarta. Então não sei se por ela ser tão próxima, porque ela gostava, eu sentia assim que ela gostava. Hoje eu olhando como professora, eu acho assim, ela gostava muito do que ela fazia. Então ela procurava levar às vezes é...você imagina uma cidade pequena, hoje às vezes tem algumas dificuldades, precisa de algumas coisas, mas eu imagino antes como é que era. Às vezes ela levava coisas pra gente fazer as atividades e a minha escola (no Marieta Amorim Vieira, onde eu fiz de primeira à quarta), era uma escola só. Aí teve uma vez que teve um acidente que um caminhão chegou a invadir a escola, e do lado ficava um internado, eu não sei se era um internato, e era de menino só. E na parte de cima (era um prédio bem antigo e aí tinham duas escadarias desse lado aqui e desse outro lado). Quando o caminhão chegou a invadir, que ele quebrou o muro, danificou algumas salas, e aí você imagina, uma cidade pequena, não sei quantos anos atrás...e aí pra gente não ficar sem aula durante muito tempo - porque até conseguir fazer, reformar pra gente poder voltar - a gente ocupou algumas salas do Internato Caio Martins. A gente ocupou umas salas lá, uma loucura...A gente ficou na parte de baixo e lá tinha como se fosse um lugar de apresentações, um local mais alto como se fosse um palco, e nessa parte de baixo ficavam as cadeiras com a lousa. A gente geralmente fazia cópia na lousa, não tinha aquela...O respeito também em relação aos professores, a família tinha esse respeito. A professora era como se fosse uma pessoa da família. As pessoas que eu conhecia sempre falavam de: ah, porque a professora usou a palmatória. Mas isso nunca aconteceu comigo não, pelo menos eu nunca nem comigo e também nunca presenciei acontecer nada desse tipo. Só que já com o meu irmão, ele foi agredido na escola pela professora. Eu não esqueço porque ele estudava na mesma escola que eu também fiz o ensino Fund. I e meu irmão era muito arteiro, muito. E aí a professora bateu nele, o menino ficou...eu lembro, marcou assim sabe, ela deu um...era Alina o nome da professora dele...Ela deu um murro, acho que foi um murro, eu não sei se foi um murro, porque era aqui e aí ficou tudo inchado, ficou tudo preto aqui e aí sangrou a

camisa dele...A minha avó por parte de pai morava na mesma rua da escola. Ela tinha uma, como diz *bombonière* hoje aqui, mas era uma vendinha que a gente falava. E aí, quando a minha mãe chegou - porque assim, a minha mãe deixava a gente na- aí fiquei na casa da minha avó e meu avô também foi junto né, partiu com a minha mãe. Aí o pessoal conversou com a minha mãe, tudo. E pediu pra ela não fazer nada contra a professora, aquela coisa toda, mas...Era diferente do que eu vejo hoje na relação professor - aluno. Eu não sei também se parte de casa, do que eles levam, do que o pai pensa em casa, não sei se precisar de que maneira...Mas era uma relação de respeito que existia entre a família e a escola antes. Para mim foi muito marcante a professora, tanto positivamente, em relação à minha, quanto a do meu irmão, aquela coisa toda. E assim em relação à leituras, essas coisas eu acho que também influencia no sentido que, eu percebo nas minhas filhas isso. Hoje também é complicado. Mais oferta, mais...como é que eu vou dizer, hoje em dia também o ensino é obrigatório igual, às vezes vinculado a benefícios do Governo, então tem o Bolsa Família. O pessoal não tinha esse entendimento de que a educação vai mudar o futuro de uma criança. Então antes via-se só como um local para deixar as crianças enquanto a mãe ia trabalhar. Tem pessoas que...sempre vai haver essa visão, mas hoje já tem um entendimento de que a criança vem para a unidade para poder se desenvolver, para enriquecer essa fase de desenvolvimento dela, ela vai se desenvolver mesmo que for sozinha, mas obviamente na unidade escolar com a intervenção do professor e convívio com outras pessoas a criança vai enriquecer esse aprendizado dela.

Eu nem decidi fazer o magistério. Lá era assim, eu fiz...se eu não me engano foi uma das últimas turmas de magistério da minha escola onde eu me formei. Porque eles diziam muito: ah, você faz o primeiro ano básico do ensino médio, depois você já consegue fazer de entrar no segundo ano de qualquer outro curso". Se eu quisesse estudar sem ser o magistério seria escola particular, que era do outro lado do rio. Mas não que eu optei, "tem vários cursos, mas eu escolho fazer esse", não...Só tinha o magistério. O Magistério foi muito bom. Depois eu conversei com as meninas aqui, elas falaram que eles faziam o...ficavam o dia todo na escola pra fazer, mas eu não. O meu era só à noite. E eu era muito jovem, porque tipo assim, eu me formei eu ia fazer dezessete anos. E aí eu não reprovei nenhum ano e lá não tinha a oferta de um ensino médio durante o dia, era só à noite. Durante o dia eu às vezes eu ajudava a minha mãe, porque minha mãe sempre trabalhou fora. E à noite eu estudava. Depois no magistério

eu fazia também uns estágios. Fiz estágio na educação, lá no ensino fundamental. Eu não fiz o estágio em CEI, EMEI, EMEF, gestão igual hoje acontece. Mas eu fiz estágio no ensino fundamental mas em escolas diferentes, eu fiz no São Pedro e no Marieta Amorim Vieira, que foi onde eu estudei. O curso de pedagogia eu fiz aqui, eu quis. Quando eu prestei e fiz a inscrição pro contrato, aquela coisa toda, a gente teve um treinamento. Antes era mais o cuidar do que...a gente fazia assim as atividades e tudo, mas não tinha esse foco, esse olhar diferenciado de que até quando cuido eu estou educando.

Inicialmente eu trabalhava à tarde e fazia o PEC à noite. Era o pólo e aí a gente fazia o que, primeiro até a gente poder ir pra lá a gente foi o que, porque a gente não tinha o tempo hábil para chegar, né, a cidade universitária era longe, então em janeiro e geralmente no final do ano a gente conseguia passar todo o período, era dentro do próprio campus universitário mesmo. Nas aulas, como eram vários pólos, geralmente era o que, quando saiu a nova lei foi feito o PEC para poder dar a formação superior para os professores que já estavam na rede e ainda não tinham. Aí foi feito esse convênio, já aquela mudança toda para a educação. Ela foi a época de transição. Quando eu entrei não tinha professores. Na própria escola lá no Rafael que já eram professores. Às vezes faziam assim: o ADI cuidava até certo período e o professor vinha, ficava as quatro horas, como se fosse assim, o ADI vai só fazer o cuidar enquanto o professor vai vir e ficar as quatro horas e educar a criança. Era mais ou menos isso. Aí foram assumindo, eu prestei o concurso também. Porque eles abriram o concurso pra poder cumprir, preencher as vagas dos professores, das pessoas que eram contratadas. E aí abriu pra todo mundo, eu prestei o concurso e quando eu fui fazer atribuição, lá não tinha a vaga definitiva, só tinham vagas precárias. Como eu não entendia muito dessa parte mais burocrática, uma colega falou pra mim que seria melhor que eu já pegasse, nem que fosse mais longe de onde eu estava, que não fosse lá, mas que fosse uma vaga definitiva. Eu tinha minha filha pequena, aí se eu fosse pra outro da cidade seria mais complicado, né, condução, aquela coisa toda. Aí foi quando eu indiquei aqui. Eu vim conhecer, conheci a escola e até hoje eu só trabalhei em duas escolas, duas CEIs até hoje.

No magistério era aquela coisa, como eu não tive a experiência com o ensino eu fiz um ano na Fundação Humberto Marinho. Era de vídeo aula, era "Um salto para o futuro" o nome do curso, fiz um ano, fazia à noite também, meu filho era pequeno, poucos meses. Eu lembro, às vezes eu levava ele e eu não tive essa experiência de trabalhar com

crianças pequenas igual hoje. Quando eu entrei eu não tive muita dificuldade porque como eu tinha feito o magistério e tinha feito o estágio em algumas outras escolas...como não tinha aquela preocupação da criança pequena, era mais até mesmo a gestão, era no sentido mais de cuidar enquanto os pais estavam ausentes. Mas com o PEC eu acho assim, foi mais fácil no sentido que quando eu fiz o PEC eu já trabalhava na educação infantil, na creche. Então assim, eu podia até mesmo inserir na prática o que era aprendido, ou até mesmo ver que a teoria é muito diferente da prática. A gente questionava muito isso, não só a minha turma, mas várias outras, porque foi em toda São Paulo que teve, tinham vários pólos nos bairros, pegava o pessoal que era daqui e iam para o pólo mais próximo daqui. Tinha o pessoal do Butantã, de vários lugares e as pessoas questionavam porque às vezes a gente tinha as vídeo aulas ou até mesmo o material de estudo, e a gente assistia vídeos com quatro, cinco crianças, no máximo oito crianças e às vezes dois ou três adultos mediando aquele momento ali e aí depois a gente chegava aqui.... porque quando eu vim pra cá, eu trabalhei no berçário maior, tinha 27 crianças na sala. Aí você vê aquela discrepância entre realidade e o que estão falando, entre a teoria e a prática. Era isso, tinha muito questionamento nesse sentido. E muito do que era aprendido lá também era mais fácil para você colocar em prática porque você já estava inserido dentro daquele contexto ali. Então às vezes era mais fácil nesse sentido de trazer e às vezes também de a gente ter dificuldade de aceitar o novo. Então pelo menos eu fui internalizando aquilo. Às vezes tinha mais dificuldades de trazer pra minha rotina certas coisas que eram ditas. Outra coisa, a socialização entre os professores mesmo porque a maioria dos professores era de CEI mas também tinha professor de...que seu eu não me engano o PEC pelo menos, eu conversei com as meninas, O PEC primeiro foi feito pros professores de...não sei se de ensino fundamental ou EMEI, depois chegou até o CEI. Então a gente não era muito reconhecido, valorizado nesse sentido. Geralmente era o professor que tinha um diploma na mão, aquela coisa toda de uma faculdade, né. Aí era visto só como cuidar. Eu acredito que também de acordo com a visão das pessoas, que tem pessoas que sempre viram mais além que isso.

Fiz cursinho da prefeitura. São cursos muito bons só que o que eu acho que é um pouco negativo é a oferta de vagas. Geralmente quando vem cursos de formação as vagas não conseguem absorver todos os interessados. Geralmente, aqui mesmo e em várias outras

unidades é sorteio, vê quem está interessado em fazer e aí de acordo com o...se o número de pessoas interessadas for maior do que a oferta de vaga eles fazem um sorteio. Eu acho muito importante o PEA porque às vezes a gente questiona a leitura mais através da leitura. Eu vou falar pra você por mim mesma. Até na hora de registrar, na hora de ofertar uma atividade para as crianças a leitura ela faz toda a diferença, porque você faz a leitura dessas diretrizes, aquela coisa toda, então você sabe como direcionar aquela atividade. Você começa a ouvir mais as crianças, não só chegar e propor mas também de acordo com o que você recebe delas. O que querem fazer é dar voz à criança? E direcionar a maneira de avaliar, de verificar de que maneira ela..às vezes você fez um...ofereceu um material e as crianças responderam não daquela maneira, mas não necessariamente não aprenderam ou fizeram. Pra gente ter aquele *feeling* lá de conseguir entender o que a criança está querendo dizer através daquilo. Eu acho assim, o PEIA também foi uma conquista porque até então a gente não tinha ele. Eram só as seis horas diretamente com a criança e não tinha essa troca porque depois é do meio dia às três e para quem trabalha no período da manhã aqui. Então assim, todos os professores se reúnem com o coordenador pedagógico. Então ela vai nos cursos de formação, traz pra gente, a gente discute, lê, vê a melhor maneira de colocar. Tanto é que de terça e quarta...hoje que é quinta feira tem um relato de prática e geralmente alguma atividade desenvolvida na sala que o professor quer socializar com o colega, então às vezes a dificuldade disso ou aquilo, qualquer situação...É um avanço muito grande a formação porque de uma certa forma aquela correria do dia a dia, a rotina, acaba não permitindo que você esteja ali em contato direto. Não é? Igual, a gente tem todos esses documentos, então ele orienta o meu trabalho na sala de aula. Às vezes a gente quer fazer alguma outra coisa, mas fazendo pela...eu ontem em conversa com a coordenadora eu estava comentando com ela em relação às avaliações que a gente faz (descritiva da criança), e que antes era aquela avaliação de xizinho né, "satisfatório", "não satisfatório", e aí hoje você já...é uma maneira de você também...porque aí fica muito restrito quando você coloca "satisfatório", "não satisfatório". Aí você pode...escrevendo você tem como...eu acho assim, pra mim fez muita diferença. Fez, faz e vai continuar fazendo a formação PEA, a leitura...Às vezes a gente está cansado, eu não vou falar pra você que não é cansativo trabalhar, é cansativo, físico e mentalmente, só que assim, a leitura pra mim ela me ajudou muito.

As atividades que eu gosto muito e eles gostam também são atividades com música, com massinha, as brincadeiras com corais eles gostam também. E outra coisa, eles

gostam que a gente se envolva com eles, que brinque junto. Os cantos temáticos, os cantos de interesse que a gente coloca, essa diversidade de materiais para as crianças explorarem. Atividade com tinta também eles gostam, hoje já gostam mais. Quando são menores né, mais até porque se a criança estiver familiarizada com aquilo ela...Uma atividade que eu não gosto muito de fazer eu não sei te falar.

Como professora de educação infantil eu tenho esse entendimento que assim...eu posso fazer a diferença na experiência que essa criança vai ter na unidade, na educação infantil. A gente vai amadurecendo essa ideia de separar o eu pessoa do meu profissional, do problema ficar lá fora e tipo assim, às vezes a minha turminha pode gostar de um tipo de atividade, mas se eu não gosto eu geralmente não vou proporcionar a eles esse tipo de atividade.

Em relação à equipe eu acho que a gente precisa continuar dividindo tanto as facilidades quanto às dificuldades porque duas cabeças pensam melhor do que uma, né. Aquela dificuldade que eu enfrento na sala pode ser enfrentada na outra, então assim, quando a gente troca essas experiências a gente enriquece o trabalho um do outro. E outra coisa também, você vê que não é só você que às vezes está com aquela situação ali para resolver, o colega também passa por aquilo. Então essa troca de...eu acho assim, os...em relação à equipe pelo menos aqui eu vou dar a minha opinião, né...eu acho que geralmente a diretora sempre foi muito acessível no sentido de a gente sentar, conversar. Se tiver alguma coisa para ser resolvida a decisão é tomada em grupo. Não tem esse negócio de "ai, eu vou fazer porque eu quero e vai ser assim", não. A não ser que seja algo que não tem como mudar. Mas sempre foi discutido em grupo, sempre foi colocado em grupo e a maioria decide.

Na rede houveram mudança gritantes desde que eu entrei. Essa visão de...o reconhecimento de que eu estou cuidando de um bebê ali, mas eu não estou só cuidando dele, também estou educando ele. Porque aqui é o alicerce, né? Depois vão para o EMEI, pro ensino fundamental. E cada dia a educação infantil tem conquistado um espaço maior. São várias etapas na vida da criança e a gente questionava muito que não era reconhecido às vezes pela família. Porque aí falava "você vai para a creche, só que você não vai estudar lá, né, você vai ficar brincando", mas a criança aprende enquanto brinca, então essa parte é...Uma equipe em todo lugar vai ter, é normal porque não tiver assim pessoas diferentes, opiniões diferentes, não tem graça, né? Vai ser sempre assim, ninguém vai chegar numa situação ali e todo mundo age de um mesmo jeito,

automatizado. Eu acho o grupo de trabalho muito bom, somos pessoas diferentes, mas em prol do mesmo objetivo.

Sobre o perfil de um professor de educação infantil antes eu poderia até pensar de outra maneira. Igual a mim, tenho a voz muito grave, aí às vezes pensa "ah, não é aquela pessoa mais angelical, fala baixinho". Antes as crianças nasciam e demoravam uma semana para abrir o olhinho. Hoje as crianças desde muito pequenas, como lá no berçário maior e no berçário menor, parecem que já estão nascendo no 220, todo mundo ligado. Se você for na minha sala e entregar um celular na mão, com certeza em casa eles manuseiam. Então as crianças hoje estão aí, querem mais e mais então o professor precisa estar em constante formação. É aquele negócio, não me satisfaço nunca, vou aprender a vida inteira e vou morrer sem saber ainda. A gente tem que estar correndo atrás. A gente fala "ah, não entendo muito de internet", mas a gente tem que estar a par de tudo hoje. É muita coisa, mas a gente tem que estar em constante formação porque senão a gente fica para trás mesmo. Às vezes a gente pensa que a pessoa tem que ser aquela pessoa toda angelical. Pelo contrário. E também o trabalho que a gente vai fazendo. A partir do momento que o pai vê em casa esse desenvolvimento da criança, tanto na parte verbal, cantando, sabendo se expressar, quanto sabendo fazer o uso do vaso sanitário, porque às vezes chega aqui bebezinho então já sai com toda a...

Eu aprendi muito com as crianças, com os colegas de trabalho, com as dificuldades, você vai amadurecendo. Às vezes não é fácil não, às vezes nem toda mudança é...mas é necessária.

Hoje a gente vê aí tanta situação, mas eu continuo achando que ainda o futuro são eles. Se a gente for só olhar o que tem de ruim a gente vai desistir. Quando você vê a criança tentando se locomover, já tive crianças na minha sala que tinham problema de saúde, às vezes não conseguiam se locomover, e aí você participa e divide aquela situação com a mãe. É uma mãe assim com receio, então hoje a gente já, eu falo por mim, eu já consigo convencer alguém do meu trabalho não através do falar, mas através do que eu proporciono para a criança. A mãe vê em casa. Esses dias uma mãe no início quando a criança chegou ela ficou muito brava, aquela coisa toda, aconteceu uma situação onde a criança foi mordida por outro coleguinha e a mãe ficou muito brava. Mas depois na reunião de pais a gente apresentou tudo direitinho, conversou e deixou um espaço para os pais fazerem alguma pergunta, alguma dúvida, alguma crítica, que a gente também é aberto à críticas para poder aprender com aquilo. Porque às vezes eu estou ali no dia a dia e não vejo, mas você que está de fora vê. Porque acho que toda crítica construtiva é

bem vinda, às vezes eu estou fazendo uma coisa ali e não estou percebendo, mas você que está de fora pode me...Aí a mãe pediu a palavra, aí eu pensei "senhor, acuda-me". Mas pelo contrário ela elogiou. Ela falou que tinha chegado aqui e a filha dela tinha nascido com 6 meses, prematura, ela era muito pequenininha, não andava, não falava, sabe? E além do vínculo afetivo que você cria com eles não tem como, é um corpo a corpo ali, principalmente com os menores, né, tanto aqui, mas também com os menores. E aquilo pra mim...eu cheguei a comentar com as meninas, a coordenadora abriu espaço para a gente falar como tinha sido a reunião de pais no PEA, e aí eu falei com ela que eu senti meu ego massageado quando a mãe disse diante de todos os outros pais. É do meu trabalho que ela falou. E outra coisa é que todas as opiniões são válidas, tanto algo que eu tenho que refletir mais, ou corrigir alguma postura minha. Mas foi válido porque todo mundo presenciou, às vezes a mãe questiona ou reclama, então quando ela falou elogiando que percebeu e disse diante de todos. Fizemos uma dinâmica com eles no sentido de fazer um desenho ou um texto, ficava à critério deles, para eles poderem escrever o que eles perceberam no aprendizado e desenvolvimento do filho deles durante esse ano e o que eles esperavam da escola. Teve registro e ela tanto escreveu quanto falou que a filha dela tinha nascido prematura, que ainda não andava, e ver ela andando, ver ela falando, ver ela no meio de todo mundo lá, porque às vezes tem os maiores e ela desse tamanhozinho vai numa boa. Às vezes a gente vê obstáculos e eles não. Então pra mim foi muito...Tem aprendizados que a gente leva não só para o trabalho, mas para a vida da gente também.

Larissa

Meu nome é Larissa, eu tenho 39 anos, eu nasci na cidade de Dracena e vim para cá com 1 ano e 11 meses. Eu tenho dois irmãos, meu irmão do meio se chama João. Ele veio pra cá com 9 meses na época. Era difícil, né, nós morávamos em sítio, então ficou difícil. Meu pai cuidava da roça com o meu avô, então ficaram só os dois lá, todos vieram pra cidade. Então viemos buscar uma vida mais fácil aqui em São Paulo, né? Depois meu pai entrou na Volks, na época e começamos a trilhar uma vida melhor aqui, né. Depois veio meu irmão caçula, depois de sete anos que estávamos aqui. Eu sou a mais velha. Eu e meu irmão caçula temos 9 anos de diferença. Bastante tempo. Brincava bastante com ele, foi muito bom, ele é uma pessoa assim fabulosa. Nós somos muito unidos, uma família bastante unida, muito gostoso ter irmão, muito bom. Eu moro aqui já há 37 anos, sou casada, tenho uma filha e lamento não ter tido mais filhos, porque como eu falei é muito bom ter irmãos, não deu certo ter mais filhos.

A minha infância foi muito boa, né. Foi uma infância muito tranquila, meus pais sempre foram muito presentes. Eu entrei na escola com 5 anos, tive bastante amigos. Morava aqui próximo, sempre aqui na redondeza. Fizemos parte de alguns movimentos para benfeitorias do bairro inclusive. Meus parentes foram um dos...das pessoas que ajudaram na igreja, na formação do bairro, né, trabalhando em comércio. Então a gente acompanhou bastante o crescimento do bairro sim. Então estou há muitos anos aqui já vendo o crescimento dos bairros vizinhos. Foi muito bom quando eu pude escolher esse CEI. Estava muito próximo da minha residência e não pretendo sair daqui até me aposentar. Estou aqui há 18 anos, quase 18.

Foi um CEI conveniado da prefeitura. Era no Jd. Rio Claro. É próximo também.

Na minha infância a gente brincava um pouquinho na rua, mas eu sempre gostei muito de brincar em casa, sempre fui muito caseira, não era de brincar muito na rua. Mas brincava na rua com algumas colegas, brincava de bicicleta. Meu pai ele trabalhava à noite, então assim, ele dormia um pouco, aí ele pegava a gente, levava para passear, levava pra brincar. E na época tinha riozinho próximo, a nascente a água era bem cristalina, eu lembro que ele levava eu e meu irmão pra gente ver a nascente do rio, brincar com os peixinhos. Então era tudo próximo também então era bastante gostoso, é como eu falei, meu pai era bastante presente, bem cuidador assim nesse sentido, então a gente se divertiu muito.

Os meus primos eram muito próximos. Os amigos daquela época, da rua, alguns ainda moram, mas muitos se mudaram. Mas nós temos até um grupinho que a gente ainda

toma chá. Comemoramos aniversário. Tem uma pessoa que ela ainda faz parte, a gente brincou juntas aquela época e faz parte ainda desse grupinho. A gente, assim, comemora aniversário, inclusive sábado passado, nós comemoramos o aniversário de uma outra colega, que é amiga da minha cunhada que acabou entrando no grupo também, né, esse grupo das meninas, o grupo da Luluzinha. E outras assim, uma foi pro Paraná, outra mora em Santo André. E sempre se distancia um pouco, mas algumas a gente tem contato ainda. Outra virou professora também. A maioria, assim, até pela formação e personalidade, a maioria ou é professor, ou é diretor, ou coordenador, ou virou psicólogo. Mas não fugiu muito da área da educação, é interessante que a maioria está nessa área. Eu acho que talvez que até por afinidades.

Minha adolescência foi bastante tranquila. Eu participava muito do grupo de jovens na igreja, então, assim, esse grupo foi ficando mais ou menos as mesmas pessoas, então é como eu falei, não saía muito dessa área. E cada um seguiu o seu rumo, mas a gente ainda tem assim um contato às vezes pelo facebook... Tem um professor aqui que eu lembro que eu via ele distante, a gente passava assim, ele foi amigo de um colega meu né, que depois a gente se encontrou aqui depois de um tempo, mas eu lembrava ele da adolescência também. Foi uma adolescência tranquila, fui fazer magistério, conheci outras pessoas em Santo André. Essas pessoas eu já não vejo mais. Mas foi gostoso, foi uma adolescência bastante tranquila.

O meu esposo era amigo de uma amiga minha. Morava no Parque São Rafael. Ela fazia magistério comigo. A família dele era bastante amiga dela. Diz ele que ficava me paquerando no ônibus, assim, tinha quase um ano. E ele era cabeludo, ele era roqueiro e eu não me interessava por roqueiro, imagina, um homem cabeludo, que usava aquelas botas, eu toda certinha. Então eu não tinha esse interesse, né. E foi muita insistência. Então quando a gente se encontrou numa quermesse, aí ele ficou paquerando, e tudo mais. Aí eu peguei e fui investigar primeiro a família dele. Eu falei: Andréia, e aí, como é a família, como são os pais? Vamos ver como que é. Ela: não, é gente boa e tudo mais. Então primeiro eu fui conhecer a família, depois te dou oportunidade. E a gente já está há 21 anos juntos.

Algumas amigas de Santo André foram marcantes, embora a gente não tenha mais contato. Uma fez um curso, professora né, fez um curso comigo 4 anos atrás, a gente se encontrou, foi bastante marcante. O meu primeiro namorado foi o professor de educação moral, na época que eu fiz magistério. Ele foi pra substituir a professora, a gente acabou

namorando. Então foi interessante, foi um período gostoso também, na vida. A minha primeira paixão foi um amigo também, foi coordenador do grupo de jovens, né. Então assim, foram pessoas que marcaram bastante a minha vida. Foi uma fase muito gostosa, uma adolescência tranquila, assim, bastante saudável.

Eu acho que escolhi o magistério justamente por ter professores muito bons. Eu gostava muito das minhas professoras. Acho que principalmente educação infantil. Eu sempre lembrava muito da minha primeira professora. E o contato com pessoas que sempre me impulsionavam a escolher essa profissão. Era como eu falei, os meus amigos de adolescência, do grupo de jovens e tudo mais, todos eles escolheram a área de educação. Então, assim eram caminhos que me impulsionavam a isso. Eu entrei pro grupo de jovens com 13, 14 anos. Então logo em seguida eu comecei o magistério. Foi o convívio com pessoas que me impulsionaram para esta área. Eu sempre falava, ou vai ser pedagogia, ou vai ser psicologia. Então aí logo em seguida entrei no magistério. Então era o convívio com pessoas que me levaram a ver com bons olhos. Então eu gostava muito da professora de educação infantil, na EMEI a primeira, a segunda. Depois eu tive professores assim maravilhosos logo de primeira a quarta série. Eu tinha muita admiração pelos meus professores de história, português, matemática. Então assim, eu acho que tinha outro caminho pra mim ali. Sempre gostei muito de arte, mas assim eu acho que era meu dom, então eu sempre quis.

Na escola que eu entrei a gente podia escolher tanto magistério quanto secretariado e contabilidade. Então eu entrei, o primeiro ano era básico. Entrei até no secretariado, mas com opção de mudar para o magistério. Porque acho que na época tinha alguma coisa, não lembro direito, mas acho que as vagas estavam meio limitadas, tinha muito magistério naquele primeiro ano, muita procura, mas eu sabia que o segundo ano eu ia pra lá. Então eu já fiz a minha transferência, não é isso que eu quero, eu vou fazer o Magistério.

No Ensino Fundamental eles eram meio que pais da gente. Eles tratavam a gente como filhos. Eu acho que é bastante diferente da relação que se tem hoje. Tinha-se muito respeito, a gente respeitava muito, hoje é muito diferente. Eu tinha um professor que falava: eu tenho mais contato com vocês do que eu tenho com meus filhos. E era assim, muito respeito mesmo, e a gente era meio que os queridinhos dos professores mesmo. Porque era aquela sala que eles traziam ali ó, era primeiro A, segundo A, então a gente ia ali até, até o oitavo A, e era sempre os mesmos alunos. E era rédea curta mesmo. Quem não repetia eles estavam sempre mantendo mais ou menos a mesma sala, então

eram sempre os mesmos alunos, aquele grupo de alunos não mesclava muito. Às vezes fica A e B, mas era sempre....porque era por idade aquela época, né. Se bem que hoje acho que não é muito diferente, não sei te dizer. Então ficava o mesmo grupo de criança, o mesmo grupo de professores sempre. Eu lembro uma vez, minha mãe trabalhava nessa época numa lanchonete do meu tio, e meu irmão tinha tirado uma nota baixa e precisava a minha mãe assinar e minha mãe tava trabalhando e não podia. Não tinha como a gente ir até a lanchonete pra ela assinar que ele tinha tirado uma nota baixa. E eu na inocência, meu irmão: Lu, pelo amor de Deus, eu tenho que levar! Eu tinha acho que uns 12 anos, 13 anos e ele 10. Assinei em nome dela, mas nessa época não tinha malícia nenhuma que não podia e aquilo era errado. Eu fiz porque não tinha com a gente ir até a lanchonete. Ah, mas meus professores ficaram sabendo que não era, reconheceram a minha letra...levei uma bronca de todos os professores. Foi assim sem maldade nenhuma e levei a bronca coletiva. Cada professor que chegava me dava uma bronca. Falaram pra minha mãe, minha mãe não tinha nem o que brigar mais né, sabia que não era por maldade. - Pois está vendo, Luis, eu fui te ajudar olha o que aconteceu comigo! Mas era interessante, aquela época eles tratavam a gente como filho mesmo, era rédea curta.

Gostava bastante do magistério. Mas assim, tinha matéria que a gente gostava mais, tinham outras que era menos. Estrutura eu não gostava, estrutura eu achava muito chato, muitas leis né. Tudo o que era relacionado a arte eu gostava muito. Conteúdos de metodologias eu gostava de todas. Acho que só Estrutura que não. Didática eu gostava bastante também. Eu fazia estágio. Tinha que fazer estágio, então não tinha como trabalhar. Não era remunerado, eu passava quase o dia todo na escola por conta do estágio. Fazia estágio lá perto, na escola lá perto da escola onde eu estudava _____. Cheguei a fazer até aqui em São Paulo, mas na época acabou não valendo.

Eu fiz Educação Infantil na EMEI Dr. Vital Brasil. Eu gostava muito. A minha professora do...Eu entrei no segundo, depois no terceiro estágio. A minha professora do segundo estágio, foi o primeiro ano, eu gostava demais, eu tive uma admiração muito grande por ela. E ela tocava violão em alguns momentos. Eu achava, assim, aquilo incrível. Então depois que eu me formei eu sempre tive vontade de tocar violão. Tentei aprender. Aí por conta da vida muito corrida, depois entrei num curso, comecei trabalhar, aí não deu certo. Pedi pro meu marido me ensinar, só que ele é canhoto e eu destra, não deu certo. Mas eu tinha uma admiração muito grande. Acho que isso foi

inspiração dela. Ela sempre levava o violão e tocava pra gente, a gente cantava musiquinha e ela tocava. Foi assim muito legal. E eu acabo cantando bastante com eles, eu gosto bastante de cantar, assim em vários momentos. Acho que como eu tive professores que eu gostava muito isso sempre me inspirou. No ano seguinte, no terceiro estágio, teve tipo um teatrinho que seria passado na rádio. Naquela época era Rádio Cultura, se não me engano, era um programa chamado Curumim. Então a gente ensaiava alguma fala e eu era a professora. Então aquilo assim pra mim era a sensação, era super legal. Então tinha os alunos, a gente ensaiava. Eu lembro que a gente ia pra secretaria e ensaiava as falar e depois a gente ouvia no rádio. Foi muito legal, foi um incentivo muito grande também. Eu sempre gostei muito. Mas assim, sempre tive muita admiração. Quando entrei no ensino fundamental, sempre fui uma ótima aluna, né, me dedicava bastante, os professores sempre citavam meu nome, ah, olha a Larissa fez assim, assim, assado. Então assim eles geravam aquele incentivo, né.

Aprender a ler e a escrever não foi nada difícil. Eu não posso te dizer assim...eu lembro. É muito vago. Então assim, não tive dificuldade apesar da minha mãe não ter muito estudo, ela estudou até o segundo ano, mas ela tinha bastante experiência, dentro do possível, até certo ponto. Mas ela sabia ensinar a gente e ela era muito disciplinada, sempre foi muito disciplinada, muito exigente. Então o que ela podia auxiliar, ela pegava no pé. Tanto eu como meus irmãos a gente tinha horários rígidos, né, rotina. Então chegávamos da escola, trocava uniforme, almoçava. Sempre estudamos de manhã. Tinha horário de lição, ela auxiliava. Na EMEI também estudava de manhã. À tarde ficava com a minha mãe. Sempre tendo aquela rotina também tudo ficava tudo mais fácil, né. Então eu não tive dificuldade nenhuma, sempre fui assim uma das melhores alunas da sala, não tive problema não. Eu não posso te dizer assim, tive dificuldade nisso ou naquilo porque eu não lembro. Eu lembro que tudo foi muito fácil. Na quinta série eu tive dificuldade em matemática. Mas a dificuldade era por conta da minha timidez. O professor era muito bravo e eu tinha medo de perguntar. Então as dúvidas que eu tinha eu tentava sanar comigo mesma. Eu me resolvia, eu resolvia com algum colega, mas eu não tinha coragem de perguntar pro professor. Chegava na reunião ele brigava com a minha mãe, ele falava: a Larissa tem que tirar as dúvidas, a Larissa tem que perguntar. E eu não tinha coragem, né, era aquele homem enorme e a gente se sentia pequeno, né, eu sempre fui muito tímida. Aí as minhas dúvidas eram assim, mas nada que assim, tirava nota baixa, não...Eu sentia assim, até por conta da timidez, eu achava aquilo um pouco mais difícil. Mas eu gostava muito do professor,

gostava da matéria e quando não achava difícil determinada parte lá da matemática então eu ia muito bem. Agora quando tinha dúvida a coragem é que me impedia de esclarecer. Mas isso aí também foi superando ao longo do tempo. Eu peguei ele na quinta, sexta, sétima série. Então ao longo do tempo eu também fui superando.

Agora a professora de português, ela era assim, acho que a gente tinha ela como uma fada, era um coisa assim fabulosa. Todo mundo gostava muito dela. Era uma pessoa extremamente culta, muito boa, muito atenciosa. Parte de redação nós gostávamos muito. Ela sempre trazia algo diferente, algo novo, a gente sempre fazia muitas histórias, muitas redações, então era muito gostoso, bastante agradável, né. Acho que pra mim ficou muito marcante essa parte de redação e as histórias. E acho que isso puxou bastante na minha profissão porque não foi tanto no magistério, mas assim no ensino fundamental. O gosto de ler, o fato de a gente ir uma vez por semana para a biblioteca. Foi no ensino fundamental, isso aí não foi desenvolvido no magistério. Hoje eu dou muita leitura, leitura assim, eu leio muito para as crianças, eu conto muita história e de uma forma até mais espontânea. Mas acho que isso aí foi aguçado com a professora Ana Lúcia, que foi a professora de português. Acho que desenvolveu a bastante criatividade da gente. Marcou bastante.

O professor de história também ele era muito bom. Ele tratava a gente assim, como se fosse filhos dele. Era muito legal isso, ele tinha uma intimidade com a gente. E naquela época era uma intimidade com muito respeito. Ao mesmo tempo que ele brincava, ele tinha os apelidos, chamava a gente de "queridos, queridas, fofos, fofas" então eram umas coisas assim, né...mas ao mesmo tempo quando precisava chamar a atenção, chamava a atenção mesmo, a gente tinha aquele respeito, aquele medo de ser chamado a atenção. Hoje em dia o negócio é bem complicado, os alunos do ensino fundamental não respeitam mesmo.

Mas era muito gostoso. E esses três professores, de matemática, português e história, foram os que mais marcaram, foram pessoas que a gente sente assim muita saudade. Quando a gente se encontra dessa época, a gente fala: Ah, a Ana Lúcia, ah, o Alcebíades. É muito gostoso.

No ensino médio eu entrei no secretariado. Eu queria o magistério. Inclusive tinha uma colega que eu entrei no primeiro e ela já estava no segundo ano então tudo o que eu precisava assim ela me dava um suporte então, foi bastante legal. Eu já desenvolvi essa vontade de fazer magistério quando eu estava no 7ª para a 8ª ano no fundamental.

Porque aí eles começaram a falar muito de profissões, já estavam preparando a gente. Então aquilo foi aguçando, foi onde eu comecei a analisar, acho que até analisando um pouco dos meus professores; então foi ali que começou a despertar. Na época eu não pensei muito em fazer outro curso, depois disso pensei em fisioterapia. Eu já tinha concluído o magistério aí comecei a ter vontade de fisioterapia, mas aí depois quem se forma em magistério a tendência depois é pedagogia, né. Aí eu fiquei bastante balançada. Porque era uma coisa que eu tinha muita admiração, também gostava bastante. Falei, mas eu já estou nesse caminho, eu preciso fazer a pedagogia, depois a gente pra frente pode até pensar se for o caso. Mas aí acabei tirando da cabeça mesmo, vi que não era aquilo, então, continuei na minha área.

O primeiro e o segundo ano do ensino médio era meio que básico. Fiz na escola estadual Amaral Wagner em Santo André. Então o primeiro ano era pra todas as séries, era comum. O segundo ano também, acho que tinha umas 3 ou 4 disciplinas voltadas para o magistério. Aí o terceiro e o quarto que já eram as metodologias. Eu sempre gostei muito de geografia, o professor era fabuloso. Química a professora era tão boa que a gente acabava gostando muito também. Mas artes...sempre gostei muito de artes. Artes era o que mais me chamava a atenção sempre. A gente estudava de manhã e fazia estágio à tarde. A partir do segundo ano na Educação Infantil eu fiz estágio em escola particular. Depois em escola municipal e escola estadual.

Não gostava da matéria Estrutura no magistério. E o nome da professora era Esperança e a gente falava: Ai, meu Deus, esperança é a última que morre! A gente fazia o trocadilho. Ela era legal, mas assim, é uma matéria cansativa. As que eu mais gostava de fazer no magistério era artes e as metodologias, metodologia da língua portuguesa, matemática, estudos sociais, né. Eu gostava bastante, e didática eu gostava bastante também.

Nesse período aconteceram alguns problemas na família, né. Logo que eu me formei eu fiquei noiva. A mãe do meu marido faleceu um ano depois, ela estava muito doente, aí a avó dele tinha 89 anos na época e ficava naquela coisa, ela só ia pra casa da outra filha depois que meu marido casasse. Aí ficava aquele impasse. Então a gente começou a mexer com construção rapidinho pra casar. Então, conciliar as duas coisas ia ficar meio complicado. E a gente ficava aquele medo, a vó sozinha em casa o dia inteiro, muito idosa e tudo mais, então... Precisava dar um rimo na nossa vida, a nossa intenção já era essa então a gente antecipou o foco foi mais na construção da casa, né, pra gente casar, ao invés de esperar um pouquinho mais a gente resolveu fazer isso. E casamos, aí nesse

intervalo eu me formei. Aí saí da escola e fui correr atrás de emprego. Aí eu comecei numa vídeo locadora, foi meu primeiro emprego. Aí consegui numa escolinha particular, aí entrei na área e já fiquei feliz da vida, né. Depois da escolinha particular eu comecei numa creche da prefeitura indireta, conveniada. E nesse intervalo eu sempre falava, eu quero a educação infantil, eu quero a educação infantil. Na minha formação era o que mais me chamava a atenção. Aí na época do Celso Pitta surgiu o concurso pra CEI, né, na época creche. Aí eu prestei o concurso enquanto eu estava na creche conveniada. Era concurso pra ADI. A exigência era magistério ou pedagogia. Agora não lembro se foi em 96 ou 97. Eu entrei aqui em 98. Acho que levou mais ou menos um ano, um ano e pouquinho, até sair o edital, fazer o concurso. Da creche conveniada assim que saiu o concurso eu já vim direto pra cá. Aí entrei aqui, eu trabalhava na creche conveniada aí eu casei, aí eu fiquei lá...eu casei em dezembro e aí chamaram em maio. Então foi assim, saí de um eu já entrei no outro. Dois três dias, uma semana no máximo. Eu nunca fiquei desemprega, a partir do momento que eu entrei no mercado de trabalho. Na escola particular eu estava na educação infantil, até o prézinho.

Depois que estava aqui aí tive aquela história: filho, aí casa, aí aquela coisa toda. E sempre a necessidade de fazer a faculdade. Eu não conseguia engravidar, fiz tratamento, foi aquela loucura toda, aí quando eu consegui engravidar... aí você adia mais um pouquinho, né. Aí meus pais foram embora para o interior, minha filha tinha 1 ano e 9 meses. Eu falei: e agora o que eu vou fazer, eu preciso estudar, o que eu faço. Aí foi quando surgiu, a minha filha já estava com 4 anos, surgiu o PEC. Eu falei: eu tenho que meter a cara e fazer agora, porque senão como que vai ficar, os meus pais não estão comigo, eu tenho que dar um jeito. Aí meu marido falou: não, Larissa, pelo amor de Deus, agora não é a hora. Eu falei: não, eu tenho que fazer, é o meu sonho, sempre precisei fazer, e sempre... Tem que concluir, né? E a gente vai deixando por conta das circunstâncias. Eu acho que a gente foi a segunda turma, eu não tenho certeza. E sei que eu tinha feito a inscrição, e aí eu ia deixar de lado, ia dar a resposta pra diretora. Aí cheguei em casa e falei: não, não dá, é o que eu quero e não dá. Aí ele ficou até meio assim: mas a gente paga ano que vem, vai ser melhor, você faz o de 4 anos, a gente paga, não tem problema. Falei: não é agora!

A escola ficava em Itaquera. O curso era todos os dias à noite e aos sábados o dia inteiro, uma vez por mês o dia inteiro e os outros dias até uma hora. No começo eu achei muito puxado. Eu sempre fui muito dedicada, né, mas padrão USP não é fácil. Eu

lembro que na primeira prova eu achei que fosse desmaiar, sabe quando você vai começando a escurecer tudo? O nervoso era tanto. E era muito difícil a compreensão e tudo foi escurecendo, escurecendo, eu falei: não é possível... Muito difícil, eu tirei 5 na prova. Mas assim, acho que é o nervoso, é pegar mesmo o estilo, porque era uma página de questão. Até você chegar, ler tudo, pra você resolver, então, não foi fácil. Mas assim, me dediquei, não foi fácil. E tudo o que você precisava fazer, você precisava realmente fazer o estágio, pegar aquele vídeo pra você resolver qualquer trabalho que fosse. Exigia muito de você. Eu lembro que eu fiz em dois anos e meio e minhas colegas não tinham a metade do que eu fazia em 4 anos. Então realmente foi puxado, exigia muito da gente. E era muito por vídeo aula. Então assim, tinha hora que você não tinha como esclarecer muitas dúvidas. Tinha uma professora presencial e os outros orientadores era mais vídeo aula, então pra gente foi novo. Hoje vídeo aula é até comum, mas naquela época não era tão comum. No meu pensamento, né. Então foi tudo muito novo. Tive que arregaçar a manga mesmo e correr atrás. Minha filha tinha 5 anos, meu Deus, aquilo foi traumatizante. A gente fazia assim, meu sogro chegava do serviço cinco e meia, era a hora que eu dava janta pra ela, saía de casa, levava ela até a casa do meu sogro. A distância era mais ou menos 2km, eu ia correndo de carro, deixava ela lá, deixava o carro em casa, a van pegava a gente e levava até o curso. Nós alugávamos uma van. Então, assim, era muito puxado. Tinha dia que atrasava, eu ficava desesperada, porque aí meu marido saía depois do serviço, pegava ela na casa do meu sogro. Foi super sacrificado, não foi fácil não. Era sacrifício pra mim, pra ela, pro meu marido. Mas assim, eu acho que foi uma coisa que compensou.

Pra Educação Infantil eu acho que todo mundo tinha que fazer magistério, não só pedagogia. Eu acho que ali é muito forte pra educação infantil. Eu acho que o PEC foi muito legal até pra formação pessoal. Porque eles colocam de uma forma que exige muito da gente, a gente ganha uma força, assim, você passa por cada situação que você fala: eu superei tanta coisa então eu supero qualquer coisa nesse mundo. Mas assim, dois anos é corrido, mas o fato de ter que ir para as escolas e realmente eu precisar colher o material pra eu, nos estágios, a partir dali, ter subsídio pra fazer o meu trabalho... se eu não for eu não consigo, não é tão fácil, você chega lá e, ah, professor, você pode ensinar pra mim...não, eu preciso realmente pesquisar nos livros, entrar em sala, pesquisar mesmo, fazer toda a tabulação depois dos trabalhos então aquilo ali eu acho que foi muito vantajoso. Mas a gente sabe que tudo que a gente aprende em faculdade, é uma coisa, teoria é uma coisa. Quando chega na prática o negócio é outro.

Então é assim, tem que ter teoria e prática. Então eu acho que é assim, hoje em dia acho que as faculdades deveriam pensar assim, mais prática do que teoria. No meu ponto de vista. Porque na USP eles mostravam vídeos que eu via assim, 6 alunos na sala fazendo determinada atividade. Ótimo, isso é lindo, mas quando você chega na sala você tem 30. Então o negócio é muito diferente, a realidade não condiz com a teoria. E você chega lá, você se vira. Toda teoria que vem, por trás quando chega ali você tem horas que tem que se reinventar, você tem que criar, você tem que fazer algo totalmente diferente. Ou estar melhorando assim do nada. Então eu acho que a faculdade hoje não te prepara para um realidade tão dura que são as escolas.

O magistério foi mais base, mais a prática, e a teoria na faculdade, no PEC mesmo.

Os conhecimentos que me ajudaram quando eu comecei foram as atividades voltadas para a Educação Infantil mesmo. O cantar, o aplicar atividades, o conhecer o aluno, conhecer um pouco da psicologia, é muito importante. O Piaget, Vigotsky, Wallon, nossa, isso aí é o que a gente mais acaba estudando e colocando em prática, né.

Quando comecei a trabalhar a minha dificuldade foi a quantidade de crianças. Quando a gente inicia eu acho que é sempre aquele choque de realidade. A quantidade de crianças e às vezes a recepção. Eu cheguei com mais duas colegas num momento que faltava muito funcionário, então te colocam na pior sala que tem e você está chegando. É um desequilíbrio, aí você vai equilibrar a situação. Então te colocam lá na pior situação e você aos poucos vai fazendo...

Então no início isso foi complicado, embora eu já tivesse experiência. Agora professoras que entraram aqui com pouca experiência então, nossa, que tinha menos do que eu, foi mais difícil. Eu sempre gostei muito de história, eu sempre gostei muito de cantar. Então eu procurava sempre a atividade que acalmava mais. Procurava perceber neles, o que pra aquele momento seria o melhor. Então assim, não adianta às vezes você chegar cheia de teoria, aí quando chega na prática não funciona. Então é o replanejar o tempo todo. Você às vezes está com uma atividade planejada, chega no momento aquilo não vai funcionar. De repente a atividade é linda e maravilhosa, chega no grupo não vai funcionar. Então eu estava sempre procurando ter a percepção do que naquele momento ia funcionar. E assim fui levando e assim acho que funcionou bem. Todos os grupos sempre tiveram aquela evolução que foi planejada. É procurar sempre ver o que é a necessário pra criança no momento. Então eu acho que é a percepção mesmo, de olhar pra criança e falar: isso vai ser bom, isso não vai ser então eu vou me planejar.

Uma coisa que eu sinto falta, naquela época tinham reuniões de pólo, e depois foi tirado. Na DRE. Então eu acho que aquelas reuniões eram muito boas. Tinha acho que três ou quatro no ano. Acho que a gente perdeu bastante com essas reuniões de pólo.

Hoje nós fazemos reuniões todos os dias. Segunda e sexta tem o horário individual, e terça, quarta e quinta temos o PEA, o horário de formação coletiva. E nós lemos textos, a gente discute sobre a prática. Tem dias que a gente faz relato de prática. Aí nós estávamos pedindo, para não ficar muito cansativo, né, só leitura de texto, a gente estava pedindo pro coordenador algum vídeo, oficina, né? Coisas assim.

Eu já fiz curso da prefeitura, mas já faz um tempinho. E fiz um curso, aí, eu não lembro o nome agora da entidade que estava dando o curso. Foi mais ou menos uns 4, 5 meses de curso. Acho que é importante, mas o meu tempo agora está exigindo muito de mim e eu não estou conseguindo fazer muito curso. Mas eu acho que é bem interessante sim.

O mais importante como formação para o professor é a formação continuada é muito interessante, é muito importante e principalmente a troca de experiência entre os professores. Esse relato de prática que a gente faz eu acho muito legal, né, aqui dentro. As leituras de texto eu acho bem legal porque a gente está sempre buscando algo voltado... Os textos nós escolhemos o tema e aí buscamos a bibliografia, pesquisamos, aí o coordenador está sempre procurando esses textos, né, baseado na bibliografia que a gente escolhe no início do ano. Esse semestre estamos estudando o movimento corporal. A atividade que eu mais gosto de desenvolver com as crianças é a contação de histórias, a dramatização de histórias. Atividades dirigidas com coordenação motora, essas coisas, eu gosto bastante. Se fosse pra escolher uma seria a contação de história. Eu gosto bastante, e eles também, né. E desenvolve bastante a fala, vira um bando de tagarelas, é muito legal.

Atividade que não gosto é lidar com adulto. O problema é assim, acho que a estrutura... tudo faz parte da nossa rotina, mas acho que muitas vezes a estrutura não é adequada, então é complicado. Muitas vezes implica em alguns problemas por falta mesmo de uma estrutura adequada para as pessoas cada um fazer a sua parte. Então acho que se todo mundo fizesse sua parte daria certinho. Então quando eu preciso do auxílio de alguém ou o meu trabalho depende do trabalho de alguém e a coisa não funciona.... Aí a criança dependendo de mim, é complicado. Eu acho que é isso que atrapalha. E até quando vem exterior ao equipamento, vamos supor, a prefeitura mesmo tem muita coisa que deixa muito a desejar, então isso prejudica muito o nosso trabalho. O fato de uma sala lotada, por exemplo, é um problema. A minha sala tem 12 crianças.

A minha turma com 12 crianças, eu divido uma sala com outra turma tem 12, então são 24 numa sala. Isso é um transtorno, isso é ruim para as crianças, isso é ruim pro meu trabalho. Então se fosse respeitada a quantidade certa num único ambiente o trabalho seria outro. Você observar 12 crianças é muito mais fácil do que você observar 12 num lugar onde tem 24. E no caso da Inês, 35. Então, assim, quando você fala em qualidade não está se respeitando. Então não tem como você ter uma qualidade do jeito que você gostaria quando você trabalha com 12, é diferente de você trabalhar com 35. É a mesma coisa que você trabalhar com 12 junto num espaço onde tem 24 é muito diferente. Há momentos que dá pra dividir. Nós temos muito claro quem são as minhas crianças e quem são as crianças da minha colega, no caso a Rose. Então assim, eu respondo pelas minhas crianças. Toda as atividades...fazemos as atividades juntas, a maior parte delas. Porque à tarde as professoras conseguem dividir mais. Só que a estrutura da escola não é adequada, né, fica bastante a desejar, principalmente no período de frio. De manhã às vezes quando a gente quer dar atividade diferente não tem espaço pra gente colocar as crianças. Então a gente acaba tendo que fazer na mesma sala. Aí nós combinamos.

Então é assim, já no início do ano a gente vê o que vai fazer né, se vai trabalhar juntos ou não, em qual momento, então, temos essa liberdade. As crianças sabem que elas são dois grupos porque nós deixamos claro: olha, turma é da Rose, turma é da Larissa. Então aqui é a turma da Rose, aqui é a turma da Larissa. Pra eles saberem em qualquer situação quem eles vão buscar, ter referência, então eles já têm isso bem claro na mente deles. Quando eu vou fazer uma atividade externa, por exemplo, ela vai ficar na sala, eu falo, agora é a turma da Larissa, aí vem a turma da Larissa. Quando alguma criança da Rose vem, eu falo: olha, agora você vai fazer atividade com a Rose, aqui ó, eu vou fazer tal coisa, eles já estão acostumados, e criança tudo é muito simples, você explicou ali, é um barato né, eles aprendem muito facilmente.

Ser professora de Educação Infantil pra mim é gratificante. Principalmente quando você vê aquela dificuldade na criança, aí de repente você vê a evolução, nossa, aquilo ali é muito bom. Então assim, acho que realmente escolhi algo que eu gosto. Acho que gratificante é a palavra que resume.

No meu trabalho a forma da estrutura eu acho um ponto negativo. Isso é muito negativo porque influencia muito no trabalho da gente. Falo da estrutura física, de tudo um pouco. Porque eu acho que a gente caminha sempre pra uma evolução, mas eu vejo assim, o CEI ele sempre foi muito deixado de lado. Sempre a prioridade foi EMEI,

EMEF, então a gente está engatinhando, isso pra gente é muito ruim. A gente está sempre lutando, está sempre brigando muito por uma coisa que seria mínima, lutando pelo básico. Tanto na fase física, como estrutura, até como brigando para garantir direitos. Então essa falta de estrutura adequada, de ver o CEI como Educação Infantil assim como o EMEI, é muito negativo, é muito ruim.

E eu acho que o cuidado, o carinho, a atenção, essa relação entre aluno e professor, que nessa idade é tudo muito gostoso, eles são muito carinhosos. Isso aí eu acho muito positivo. Acho que é o afeto mesmo que a gente tem por eles e eles pela gente.

Tiveram muitas mudanças positivas. Eu lembro que quando eu entrei aqui, não tinha assim tanto respeito ao professor e a gente teve que se colocar mesmo, fazer ser respeitado. A mesma formação que eu tenho aqui, que eu tenho no ensino fundamental, assim, o mesmo pai que leva seu filho no ensino fundamental ou na EMEI, eu trabalhando lá, aqui já tratava diferente. Então temos bastante colegas que trabalham em EMEI e o tratamento é diferente. A gente teve que se colocar, se impor para ser respeitado. E estrutura também. Nós tivemos assim, até a maneira de...a forma do cuidar mesmo. Antigamente era assim de bem estar social, então só pensava-se no cuidar da criança. Hoje não, é cuidar e educar. Então a gente teve que mudar a mentalidade. Eu sempre fui professora, me formei professora e quando eu cheguei aqui poucas eram professoras. A gente teve que travar meio que uma batalha, conscientizar os outros funcionários. E ali era uma guerra, né, digamos assim. Mudar a cabeça de quem está há tantos anos fazendo daquela forma e você colocar que não é só o cuidar, é o educar, aqui agora é a educação, foi muito difícil. Aí essas pessoas foram, estudaram, aí foi onde fizeram o ADI Magistério. Eu lembro que nesse início houve muito preconceito, houve muita dificuldade nesse sentido. Mas houve muito amadurecimento, essas pessoas também cresceram muito. Acho que foi bacana, foi uma evolução muito grande positivamente.

Para ser um professor de Educação Infantil tem que ter persistência, força de vontade, perseverança. Eu acho que é amar, eu acho que tem que gostar do que faz, porque aqui não é fácil. Então assim, se você gostar do que você faz você enfrenta qualquer coisa. Acho que o escolher a profissão desde sempre, não é: aí, acho que eu vou fazer pedagogia porque é mais fácil. Se a pessoa pensa assim, nem começa. Você tem que gostar realmente porque é uma profissão difícil. Não dá pra você começar: ah, acho que eu vou fazer. Não. Tem que gostar porque a gente enfrenta muitas dificuldades, a gente aqui trabalha com todo tipo de pessoa e primeiro você tem que respeitar. Se você não

respeitar em primeiro lugar a criança, os pais, os pares, então como que fica? Eu estou aqui há quase 18 anos, né, e já venho de 3 anos de fora, eu já venho aí pra 20 anos. Se muitas vezes eu não parasse, pensasse, respirasse fundo, falar: ah, meu Deus, eu preciso continuar...Não foi fácil nesses 20 anos. Não falo com a criança porque a criança a gente sabe que faz birra. Mas é tudo, não foi fácil. Difícil não é trabalhar com criança, difícil é com os pais. É difícil às vezes trabalhar com os colegas, que pensam diferente da gente, né. O ser humano é complicado porque ninguém pensa igual. A gente tem que se pôr no lugar do outro, a partir do momento que você se coloca no lugar do outro tudo fica mais fácil. E muitas vezes em qualquer profissão a gente não vê isso. Você tem que amar o que você faz primeiramente. Quando você gosta, você enfrenta. E eu acho tranquilidade porque olha, não é fácil. Ontem eu fiz exame de labirintite, são tantos anos com tanto barulho... e desencadeou por causa de um grito de uma criança. Eu fiquei ruim, ruim, ruim. Eu fui dar uma atividade e ele gostou tanto da atividade, ele gostava muito de cantar e tudo mais, ele deu um grito eu fiquei tontinha. São muitos anos, muito barulho. Em tudo você tem que ter muita paciência, tem dia que você está bem, tem dia que você não está. No dia que você não está bem você tem que procurar ter mais paciência ainda porque você já não está bem. Quantas vezes eu não cheguei aqui ruim, doente, ruim, ruim. A prefeitura também faz um massacre com a gente, né. Tem que trabalhar morrendo, doente não importa, né, mas você tem que trabalhar. Quantas vezes aqui eu cheguei aqui ruim...eu falava pra eles, quando pegava uma turminha maior: olha, hoje a professora não está bem, me ajuda. E eles assim, criança é um barato, porque criança ao mesmo tempo que você dá, você recebe, você tem esse retorno. Eles te compreendem. Mas é uma troca de respeito, é de carinho, é de afeto, é de tudo.

Mariana

Eu me chamo Mariana, tenho 29 anos, nasci em Jaicós Piauí, moro com meu marido, meu filho de 7 meses, sou mãe recente, estou muito feliz, a minha infância foi maravilhosa, eu brincava na rua, tinha...Conhecia todo mundo, é, da redondeza, minha adolescência foi, foi mais difícil porque eu tinha que trabalhar e estudar, mas foi boa, assim, dentro dos padrões, tinha limites, meus pais sempre me deram limites, que eu vejo que essa geração não tem, minha fase adulta eu acho que envelheci muito cedo, então, tudo que eu levei da infância foi...Então eu acho que nem tive adolescência, já entrei na fase adulta direito, é, eu tenho um filho, né, como eu falei, eu não casei no papel, tenho uma união estável, é, e na educação eu tive alguns professores muito bons, é, tive uma professora de português que eu vou levar pra minha vida inteira, que...me fez ler muito, muita literatura, é, eu acho que aprendi muito português coisa que já não tive na matemática, é, eu escolhi a educação, eu acho que a educação me escolheu, eu não tinha condições de pagar uma faculdade, consegui o PROUNI, tinha lá uma lista, eu escolhi pedagogia e administração, foi sorteada na pedagogia, foi a melhor coisa do mundo. Isso, eu prestei o PROUNI, fui muito bem, coisa que eu achei que não ia conseguir porque eu estudei em escola pública, estudava a noite e trabalhava, então quando você vai fazer uma prova dessa você pensa: “eu não tenho chances, porque eu vou concorrer com pessoas que estudaram na escola privada a vida inteira, então tem mais chance do que eu, não sei se vou conseguir praticamente gabaritar uma redação”, então eu já subi... E eu tive a opção de escolher entre Administração e Pedagogia, eu deixei o destino me levar, e eu fui pra pedagogia, foi a melhor coisa da minha vida, eu agradeço a Deus todo dia, porque não é, não, não estava nos meus planos fazer pedagogia, foi a necessidade mesmo que era o que eu tinha de opção, eu abracei essa opção e eu acho que ela me acolheu tão bem, que eu não sei fazer mais nada da minha vida, eu gosto muito do que eu faço. Não, meu pai veio primeiro porque no nordeste é, eu sou da fase que não tinha água pra beber, não tinha água pra plantar, não tinha água pra nada, então meu pai veio pra cá pra trabalhar, ficou 2 anos aqui e, em São Paulo, veio antes e ele comprou um barraco e trouxe a minha família para cá, minha mãe com os 4 filhos, eu tenho 3 irmãos, sim, todos conseguiram fazer faculdade, todos trabalham em empresas boas, inclusive eu, trabalho na prefeitura, modéstia né?. Não, eu vim pra Santo André, eu morei em Santo André por 20 anos mais ou menos, casei e fui pra Mauá. O meu esposo trabalhava com a minha irmã na Cofapi, aí ele falou que queria conhecer alguém, que não sei o que, sabe aqueles papos né!? de Orkut... Ela me

apresentou, fez a linha ali, ai estamos juntos até hoje. Eu moro em Mauá, é próximo, é daqui é por causa do Rodoanel, da Jacu Pêssego, minha família mora em Santo André. Eu estudei em escola publica a vida inteira, é, não fiz educação infantil né, por isso que eu acho que não sei desenhar, eu acho que é porque não fiz educação infantil, porque eu cheguei em São Paulo já tinha 8, 9 anos, por ai, (“sua primeira escola foi aqui em São Paulo?”) foi em São Paulo, em Mauá, porque eu morava na divisa, entre Santo André e Mauá, e, só que eu aprendi a ler sozinha, eu consegui entrar no fundamental...Eu acho que nem fiz a primeira serie, eu já pulei series, eu já sabia ler, aprendi tudo sozinha né!? Necessidade. Lembro, lembro, eu lembro que eu sofri muito, porque eu tinha sotaque então eu sabia ler e escrever, só que eu falava errado, então quem fala errado escreve errado, eu lembro que eu sofri muito preconceito da primeira professora, porque...Do sotaque porque você fala que nem...”Depois” é uma coisa que eu nunca vou esquecer, “depois” lá no nordeste não fala “depois”, fala “despois”, então você vai falar o que!? “depois” ou “despois”, você fala “despois” você escreve “despois”, então enquanto estava todo mundo escrevendo palavras, eu estava escrevendo texto, só que eu escrevia errado, então eu adiantava tudo e a professora brigava, então foi uma fase difícil, eu acho, eu ainda lembro né, então ainda fico com trauma ai né. Eu lembro, era muito, muita copia, copia da copia né, então estava na lousa, você copiava, mostrava o caderno, a professora dava um visto, eu lembro que tinha muito gente que...Como eu sempre estava adiantada na turma porque eu sabia ler e escrever, eu lembro que ela escrevia muito “incompleto”, eu morria de medo né, porque meus pais não tinham muito estudo, a minha mãe conseguiu terminar o ensino médio, mas meu pai não, mas o meu pai ele, ele não me deixava faltar nenhum dia, todo dia ali, então meu pai não sabia o que estava escrito, mas se tivesse alguma coisa de vermelho lá, porque antigamente usava o vermelho, meu pai sabia que o azul estava OK, se tivesse algo de vermelho, eu apanhava, eu nunca apanhei, mas assim, ele, ele brigava sempre, “não, não quero que vocês passem pelo o que eu passei”, então se tivesse alguma coisa de vermelho...Ele não sabia o que estava escrito, mas ele ia brigar muito, e as vezes o pai não briga, ele só olha, dói mais do que levar um tapa, não é!?. Fiz, só que eu era, eu acho que eu era muito tímida, era bicho do mato, eu era bem tímida nessa época. Não, era língua portuguesa, não era nem literatura, foi assim que eu entrei na escola, no primeiro ano, só que eu não lembro o se foi...Não lembro se eu fiquei muito tempo com ela, porque eles me transferiram de sala, me mudaram de sala. Mudei, me mudei,

tranquilo, trabalhava a noite, oh, trabalhava de dia, eu era auxiliar administrativo, trabalhava numa clinica o dia inteiro, 9 horas né, mais uma hora de almoço, é, e depois ia pra escola, ia direto, então foi bem cansativo, regular. Não, hoje não, não conhecia né. Eu entrei em 2012, eu passei numa prova do concurso e não fiz cursinho porque minhas condições não deixavam, financeiras né, mas assim, passei, vim, foi minha primeira escola, na prefeitura de São Paulo foi essa, trabalhava na prefeitura de Mauá, tinha dois cargos lá, larguei os dois pra vim pra São Paulo. Isso, aí quando eu fui obrigada a fazer o estagio eu larguei o emprego, tentei negociar com a minha chefe, ela não aceitou, eu pedi as contas e fui para o estágio, o estagio de pedagogia é muito, muito difícil, pela questão financeira, porque a gente não recebe quase nada, praticamente você paga pra trabalhar, e, assim, você é auxiliar da auxiliar, não tem... Você não aprende nada, você esta lá pra tocar apoio, então foi difícil, mas logo eu consegui passar no concurso e fui entrar pra área publica que foi onde você não é tão valorizada, mas não é tão desvalorizada como no particular, a particular supera. Era concurso, isso, eu tinha dois cargos e entrei primeiro no fundamental, aí 1 ano depois eu fiz um concurso e entrei no infantil, então eu tinha dois cargos, trabalhava dois períodos. Isso (2012), no CEI, isso, não eu mudei de escola, eu entrei no Campo Limpo, zona Sul, é, quando você entra na prefeitura, você escolhe uma vaga precária, não é sua, e eu consegui...é, eu vim pra essa escola, fiquei 6 meses, aí sai, no final do ano você é obrigada a escolher uma vaga definitiva, que é sua, ninguém tira, só que não tinha na zona leste, eu fui pra zona sul, fiquei 1 ano na zona sul, e voltei pra leste no ano seguinte, não, eu fui pra outra escola porque aqui eu não consegui vaga, eu fui pro CEI Maria Aparecida, fiquei um ano, aí pedi a remoção pra cá, cheguei aqui, não tinha a minha vaga, fiquei excedente, aí fui pro Jardim Nove de Julho, fiquei lá 1 ano, aí saiu a minha vaga e eu retornei pra cá, eu estava de licença à maternidade, faz 1 mês que eu voltei pra cá, nossa eu lutei tanto pra ficar nessa escola, eu acho que vou ter que ficar né!? (risos) mas aqui é maravilhoso, é bom, graças a Deus. Olha foi super tranquilo, à noite, eu fiz a faculdade à noite, é, eu não tive dificuldades, assim, a pedagogia, tem que gostar de ler, se você não gostar de ler, você muda de área, assim, eu sempre gostei muito, mas a pedagogia não te ensina a ser professora, você chega na sala de aula, tudo o que você aprendeu na escola, você praticamente fica pensando: “meu Deus pra que que eu estudei tanto se eu não estou vendo nada disso?” você chega na faculdade é uma utopia, você já teve o que os professores passam pra gente, tem 20 alunos na sala, vai ter material suficiente pra todo mundo, você vai ter brinquedo, no caso a educação infantil, você chega, é outra

realidade, fora, na educação infantil o problema não são as crianças, são as famílias, coisa bem diferente do fundamental né, você já tem uma dificuldade com a criança, mas é, o que eu posso falar do...É, é uma coisa assim, é, é uma luta diária, mas é muito gostoso, a educação é maravilhosa. A dificuldade na escola é justamente... A minha dificuldade foi porque eu cheguei na escola e não tinha sala, porque na prefeitura não tem eventual, é, você fica de módulo, então você quer chegar na escola e ter a sua sala, não é você ser possessiva, mas é bom você ter pra onde ir, você preparar suas atividades, você se sente útil, quando você é módulo numa escola, cada dia você esta numa sala diferente, não tem uma rotina, e assim, você quer trabalhar, e eu acho que o módulo ele fica mais jogado, né, porque estar cada dia numa sala é difícil. Eu acho que é um embasamento, assim, você vai ter ajuda, mas não é tudo, a prática é diferente, mas você necessita dessa teoria né!?, Algumas coisas você coloca em prática, não estou querendo dizer que a teoria ficou só na teoria, não! Mas a gente aprende, aprendeu muito, mas eu acho que a faculdade tinha que preparar melhor, ter mais prática, ter teoria sim, mas praticar mais, você frequentar uma sala de aula, você já vê como a professora trabalha, porque assim, o que eu conheço do magistério, fala que ensinava a preencher diário, eu cheguei na escola e não sabia nem abrir o diário direito, ninguém me ensinou, a faculdade não te ensina isso, não, o professor da faculdade fala: “ Ah mas você teve didática”, didática que eu tive na faculdade foram só teoria, foram só textos, eu não tive a prática ali do como que eu tenho que fazer um semanário, eu não sabia, eu aprendi na prática com os professores que estavam na escola, com o coordenador, foi como eu aprendi. Eu não sei se ajudou mais, mas matemática, eu não gosto, eu sou uma pessoa que tem muita dificuldade com a matemática, mas na pedagogia eu tive matemática, na educação infantil, eu não sei se era a didática da professora, mas eu adorei, inclusive, eu dou muito para meus alunos, acho que é porque eu gostei muito da faculdade, então eu... Não sei se foi a Didática da professora e tudo... Mas foi uma coisa que eu gostei muito, foi a matemática na Educação Infantil. Participo, aqui! Lá eu não faço por causa do horário (Pompéia). Olha, nós temos as reuniões né, são três encontros semanais, cada dia da semana a coordenadora prepara uma atividade né, leitura, relato de prática, depende do dia, ela mostra o que que a prefeitura quer no momento, porque tem esse lado também, tem os documentos da prefeitura e a coordenadora passa pra gente. Eu estava de licença maternidade, mas assim, o professor de CEEI é obrigatório a participar do (PEE?) , já está na nossa carga horária, que nem, a EMEI tem essa opção

né, de escolher se você quer ou não, agora no CEEI sempre vai escolher, sempre. Eu acho, mas assim, eu acho que poderia ser melhor, eu acho que poderia ter mais a prática, porque eu acho que fica muito voltado pra teoria, e cada gestão uma teoria, e assim, eu queria mais prática, isso, tem essa troca, uma vez por semana, mas eu acho que podia ser melhor. São bons, pena que não tem pra todo mundo, inclusive os da prefeitura, é muito difícil conseguir, sábado, eu trabalho até as 19h né, então eu não consigo pegar os da noite, é muito importante, nossa, porque os transformadores são muito bons. O mais importante... Prática. Eu acho que poderia ser mais valorizado um estagiário, que é... Você chega nas instituições, você só vai trocar fralda, se você vai pra educação infantil você vai trocar fralda, você vai ser auxiliar, você vai ficar do portão pra fora tá, você não entra na sala pra ver como que a professora tá dando aula, então você fica ali, você acaba não aprendendo, porque eu acho que o estágio tinha que aprender. Tinha, “você trouxe os papéis assinados?”, estou sendo realista! “Ah tudo ok”, você entregou o carimbo da escola, o carimbo do professor, está ok! Mas eu acho que também eu queria que o professor do estágio, ele também orientasse como que faz um semanário, porque eu posso chegar numa escola, e posso falar assim: “oh professora (ela pode querer nem escutar), olha meu professor me deu essa dica de semanário, se chegar um estagiário aqui hoje pra assistir minha aula, fala que o professor da faculdade deu essa dica de semanário, eu vou pegar e vou tirar uma cópia dela e vou copiar”, assim eu estou acolhendo tudo, eu acho que falta isso, uma troca, assim, eu não sei se o que eu aprendi é o ideal, eu acho que a gente pode trocar. Eu sou bagunceira, eu gosto de movimento, eu gosto de pintura, eu gosto de bagunça, eu tento, olha, como eu tenho as área do conhecimento, eu tento de todas, pelo menos uma vez por semana de cada área, porque senão... É do ser humano fazer o que você mais gosta né!? Mas a gente tem que ter esse equilíbrio né, na nossa profissão, porque senão daqui a pouco as crianças só vão gostar de uma coisa, por isso a importância do semanário. Olha, hoje eu fiz com eles um teatro de fantoche, então trabalha a linguagem, ontem eu fiz tinta, pintura, artes né!? antes de ontem eu fiz matemática, eu dei probabilidade estimativa, akimoka né... Como que eu dei...!? Eu tenho um bebê, eu todo dia falava pra ele, panelinha né (?), todo dia eu falava pra eles: “pessoal eu tenho umas colheres em casa”... Colherzinhas né, de potinho de leite, sabe, de medida de leite, de formula infantil, falava “pessoal, eu vou trazer as colherzinhas, vou deixar escondido no meu armário porque eu não quero que ninguém perca” ah, esta bom, todo dia eles me cobravam, todo dia, “cadê as colher? Cadê as colher?” Ai ontem eu trouxe, eu trouxe num saco plástico, está no meu armário, depois

eu te mostro, ai eu sentei eles, fiz a roda de conversa e disse: “olha o que eu trouxe, as colheres”, não sei o que, ai eu coloquei no saco plástico transparente, eu: “gente, quantas colheres vocês acham que tem aqui?” ai eles foram me surpreendendo, a Manuele falou que tinham 25, dezena! Ela já está trabalhando com dezena!, ai o Rafael: “12”, mas teve crianças que falou “1”, outras “5”, a Camilly que queria contar, ela olhou pro saco transparente e falou: “1, 2,”, “Não Camilly, não é, pega, experimenta, se aproxima, segura, quantas você acha que tem aqui?” “2!”, então é assim, mas tem hora que né...Fiz isso com eles, eles pegaram tudo e eu fiz a contagem com eles, e eu anotei tudo, então é assim, eu trabalhei probabilidade estimativa na educação infantil né, que você acha que, como né!? Mas foi muito. Olha, professor de educação infantil é um professor essencial na vida das crianças, porque ele ensina, mas por meio do brincar, então é uma profissão desvalorizada, porque todo mundo acha que a gente só cuida, nós cuidamos sim, nós brincamos, nós ensinamos e aprendemos, você viu!? Eu dei estimativa! Onde que eles vão aprender estimativa!? Lá no fundamental, talvez no II, nem no I eles vão aprender, e a educação infantil, é, eu acho que a criança pra gostar de matemática, ela aprendeu na educação infantil a dividir, a multiplicar, então, eu acho que é isso, é a base, a palavra certa é a base de tudo, eu acho que a educação infantil, ela infelizmente, ela não abrange toda a rede, todas as crianças né do país inteiro, eu tenho o contato com a educação infantil, mas eu acho que eu resumiria como a base, a base de tudo, né, a educação tem que começar pela infantil. Positivos... Olha, eu sou uma professora comprometida, minha vida é muito, muito corrida, mas eu planejo a aula e eu tenho o semanário em dia, se você quiser ver... Eu tenho caderno com as minhas anotações, não é a coordenadora que pede, eu tenho o meu caderno, eu estou avaliando eles a todo o momento, mas não é aquela avaliação, é uma avaliação minha, é um acompanhamento, eu quero...Ah eu tenho que fazer uma socialização, eles estão brincando, mas eu estou trabalhando, quando eu vejo uma criança que não está se agrupando ao grupo, eu trago atividades para que eles possam né, é, ser acolhida, dando um exemplo, é... eles estavam muito assim, é, possessivos né, “meu!, Meu!, meu!” ou é o egocentrismo né, nessa fase, trabalhei a brincadeira da dança das cadeiras, foi difícil a primeira, porque eu estou com eles a menos de um mês, vim dia primeiro de junho, então eles: “é minha cadeira, é minha cadeira, não quero sair, professora essa é minha cadeira!”, você vai trabalhando, hoje eles já rodam e não tem mais aquela coisa: “meu!”, eles entendem sabe!? As regras, os combinados, não sei se consegui responder

a sua pergunta. Olha, eu não fico sozinha numa sala, eu entrego a sala agora para a professora, que se dá super bem, da tarde, a gente se dá super bem, porque eu faço meu trabalho e ela faz o dela, mas a gente vai se agrupando né, é, eu conheço pouco, então tudo o que eu peço, eles me dão, “ah, eu preciso do papel tal”, a coordenadora vai lá e pega! “ah fica na minha sala pra eu ir no banheiro rapidinho?”, é tudo companheirismo, eu não tenho contato, assim, pessoal, é profissional, a gente se dá bem. Olha, a teoria mudou bastante, hoje nós trabalhamos nessa gestão o currículo integrador, já é uma coisa diferente da outra gestão, então agora eles já querem fazer a integração né, o CEI, ou o CEI com EMEI, as crianças menores com as maiores, nós já fazíamos isso, não tinha documento, agora tem o documento porque você fica meio que obrigado a fazer, então vai mudando a gestão...muda é...Em cima, isso concepção, mas sempre teve na prática, sempre copiando o que a gente já fazia, mas agora tem a obrigatoriedade né. Acho que a família, os pais da EMEI eles são... não seria a palavra agradecido, eles valorizam mais o professor, mais que do CEI, sim, bem mais, o CEI, eu acho que eles estão mais no cuidar, acha que “eu estou pagando o seu salário, você tem que cuidar do meu filho e ponto.” A EMEI não, porque você já dá uma folhinha ali, coisa que no CEI nós também damos, só que a criança só rabisca, no EMEI eles já fazem mais um traço né, é mais valorizado. Eu sou módulo lá, só que hoje eu tenho por sala, hoje eu já tenho crianças com 5 anos, e é assim, hoje eu tenho 35 alunos em sala, diferente daqui né, aqui eu podia ter 25, e as crianças têm praticamente 1 ano de diferença né, lá eles são mais independentes, aqui a gente está ensinando a autonomia né, mas lá eles já são totalmente autônomos. Ai vai do profissional, então cada um, cada profissional faz o seu trabalho, o que eu preparo no EMEI, eu preparo no CEI, eu tenho essa consciência que eu tenho que preparar nesses dois lugares, eu ganho dois salários, então eu tenho que ter dois planejamentos, “ah, tem atividade que você dá aqui que dá fazer no CEI?” “dá!”, eu tenho que adaptar, é uma adaptação, então eu quero dar uma pintura lá, eu posso dar, aqui eu também posso dar, eu ganho mais aqui do que lá, lá ganha um pouquinho menos, o PEA aqui já tá incluso no seu salário, lá não, e eu não consigo tirar o PEA daqui, não posso ficar sem fazer, lá não, lá eu tenho a opção de escolher. Tem que ser uma pessoa alegre, porque você vai trabalhar com crianças, afetivo, eles são muito carinhosos, são bagunceiros!? São, mas são muito carinhosos, você tem que ser brava!? Sim, às vezes, mas nem sempre, tem que ter um jogo de cintura, é meio termo, então você tem que ter aquele meio termo com as crianças, não pode ser oito nem oitenta, tem momentos, tem momentos que você é mais carinhosa, tem hora que eles

vão pedir colo, você tem que ir abraçar, eles são bebês, eles precisam desse momento de afetividade, assim como as vezes você tem que falar: “não é assim”, tem que trabalhar tudo isso, uma pessoa tem que estar preparada pra ser afetiva com as crianças, você não vai deixar de ser professor porque você esta na educação infantil, nós somos muito desvalorizados, mas nós devemos preparar nossa atividade como qualquer outro professor, nós ensinamos, não é porque a gente está na educação infantil que a gente não ensina, que a gente só brinca, brinca... A gente brinca muito! Mas a gente ensina por meio do brincar, que é uma coisa que a sociedade tem que aprender, que o professor de educação infantil, ele é professor, toda atividade dele é significativa pra criança, ela está ensinando alguma coisa pra criança, ele não está só brincando, que nem a gente escuta muito: “ela esta só brincando!” “ah, o meu filho vai pra lá e ele só brinca!”, só que ele esta brincando, ele esta aprendendo matemática, esta aprendendo artes, eu dei fantoche, eles estavam aprendendo ali, então a gente tem que parar com essa história de “eu trabalho na Educação Infantil, eu não faço nada”, que é o que eu escutei muito, “ah você trabalha em creche!? Ah você não faz nada né?”. No ano passado eu trabalhei no berçário, foi maravilhoso, maravilhoso, é totalmente diferente do que trabalhar com os maiores, lógico!, é mais o cuidar!? Sim!, eles tem mais necessidades, são bem diferentes, você troca fralda, você vai ensinar a criança a lavar a mão, coisa que eles já sabem, “ah, você tem que ajudar” sim!, mas lá você ensinar o principio, então é bem diferente, mas lá você também faz atividade, você também ensina eles, a pegar no pincel, “ah, eles vão trabalhar com lápis, você vai ensinar o giz de cera, você vai ensinar que ele não pode comer o giz de cera” então tem todo esse processo, mas é muito bom. Eu não tenho preferência porque onde me levar eu estou indo, eu estou para aprender. Escola particular porque eu não consegui, não consegui vaga na pública, mas eu estou lutando para conseguir a pública, em Mauá, eu moro em outro município então não aceitam, mas se aceitassem meu filho estaria aqui na pública, porque eu acredito no ensino público, eu acredito que todo mundo tinha que ter sim direito sim a educação infantil Pública! que é a melhor, a alimentação, o cuidado, a educação, eles têm que conviver com as crianças... Todas tem que ter direito a Educação Infantil, que é uma coisa que o povo está esquecendo, e a gente que trabalha o dia inteiro está sofrendo, porque a prioridade hoje não é mais a educação infantil para todos, agora eles estão nivelando por baixo, a minoria é quem vive de bolsas que tem direito a educação, pelo menos no município que eu moro não tem ordem nenhuma de inscrição, é, a criança

que está em risco tem direito, “ah você que tem marido, você que tem casa, você que tem salário, você não tem direito” infelizmente! Só falaria pra quem vem para a educação infantil, venha sem preconceito, você vai sentar no chão, você vai se sujar, ontem mesmo eu fui toda suja de tinta pra casa, e assim, eu te garanto que você vai adorar, que é a melhor, eu sou suspeita!

Sônia

Eu nasci na Bahia e meus pais vieram pra cá primeiro e depois foram buscar, era eu e meu irmão. Que meu pai é casado pela segunda vez. Então nós viemos e com 7 anos daí eu vim com meu irmão e tudo. Hoje o meu irmão não mora com a gente, ele mora no Rio de Janeiro. Meu irmão é do primeiro casamento. Meu pai casou novamente, minha mãe morreu com 39 anos, morreu jovem, ela tinha doença de chagas, que é o barbeiro. Eu tinha 15 anos, era bem novinha. Foi na fase que eu mais precisava dela, ela faleceu. Aí meu pai casou novamente e eu tenho 3 irmãos desse segundo casamento. Quando vim minha mãe ficou aqui trabalhando, meu pai tinha vindo na frente, aí arrumou, ajeitou tudo daí foi buscar meu irmão e eu. Aí nós viemos. Eu morava no Canindé, depois de uns 3 meses aí ele comprou a casa aqui nesse bairro, que era uma companhia sabe, eles fizeram aquelas casas e aí ele comprou, aí nós viemos. Foi um período difícil, aí como eu te falei desse que era um grupo de tábua, aí depois meu pai montou a quitandinha ali, minha mãe vendia verdura, entendeu? Aí depois da quitandinha meu pai fez o bar, que é onde a gente mora ele tem esse bar até hoje, há 50 anos, é de onde sai o ganha pão dele ele tem 87 anos, é super ativo, sabe, você não fala que ele tem 87 anos, ele cuida do bar, tudo.

E assim minha infância foi uma infância, assim, há 50 anos atrás, foi uma infância meio sofrida porque a gente tinha que ajudar, ajudar a cuidar. Eu não tive assim, igual hoje, eu não sei o que era um brincadeira, eu não tinha brinquedo porque era uma situação difícil, então eu não tinha brinquedos então, foi uma infância que eu não posso falar que foi uma infância boa. Eu falo, o que eu tive, o que eu passei, eu não quis pros meus filhos, eu tentei dar tudo de bom e do melhor, tanto pra eles quanto pras minha netas, eu tenho duas netas. Uma é da minha filha. A mais velha, que é a Laura, que é do meu filho. E tem a Ana Clara, que as duas ficaram aqui, a Ana Paula ainda continua. Ela não está, ela está na casa da outra avó.

Eu me casei em 79. Eu sou casada pela segunda vez. Eu casei, bonitinho no papel com o meu primeiro marido, eu tenho dois filhos dele. Eu conheci ele na firma que eu trabalhei, na companhia telefônica, CETENCO, que era a companhia telefônica em Santo André. Nós casamos, mas o casamento durou apenas cinco anos. Então Deus me abençoou que nesse período eu entrei na prefeitura, em 83 eu entrei na prefeitura e em 85 ele separou. Foi assim uma época muito difícil, que eu agradeço ao meu pai que ele me deu uma força, porque naquele tempo a gente ainda não ganhava bem, né, na

prefeitura. Então o meu pai que me deu apoio porque minhas crianças tem a diferença de um ano. A menina tinha 3 anos e o menino 2 anos. E ele era da polícia militar, também não ganhava muito bem. Aí no começo a pensão era pouca então foi assim, um período assim, sabe. Aí eu entrei na prefeitura, aí eles ficavam na creche, eu ia trabalhar, foi o que me ajudou bastante. Quando eles estavam com 7, 8 anos que eu conheci o Renato, o atual. Eu trabalhava na creche do Jd. Rodolfo Pirani e ele era motorista. Naquele tempo existia CMTP. Era no tempo do Maluf, da Erundina, esse negócio. Aí ele passava de ônibus e eu ficava com as crianças lá fora. Naquele tempo podia, ele levava as crianças para passear, a gente ia até o final ele dava doce para as minhas crianças. Aí foi e aí engravidei da minha filha da caçula, e estamos juntos até hoje, 30 anos. Ele tem uma boa relação com meus outros filhos, mas a menina acho que ele considera mais do que a filha de sangue dele, mas com o menino ele já é meio assim, mas acho que é ciúmes um do outro, mas é normal, a convivência é normal.

Tem uma pessoa que me marcou muito, que foi uma amiga que trabalhou comigo no Pirani, ela faleceu. A gente era tão amiga que ela batizou a minha filha, a última, a gente era muito amiga mesmo. Trabalhamos juntas depois eu vim pra cá. Foi uma época que me marcou muito, a morte da minha mãe também, mas ela foi assim, ela era uma irmã. Depois ela foi substituída que é a Socorro, que trabalhou aqui, ela aposentou também. Mas foi uma época que eu fiquei ruim, fiquei ruim mesmo, apesar que a gente não estava mais junto, mas tinha contanto. Foi uma morte de repente assim, ela estava trabalhando, saiu do serviço, passou mal não deu nem tempo de socorrer, teve um infarto, então foi chocante, eu fiquei mal, fiquei mal mesmo. Foi triste mesmo.

Eu e a Socorro já trabalhávamos juntas lá. Aí eu pedi remoção que aconteceram uns incidentes lá, aí eu pedi remoção pra cá. Aí depois de um ano ela veio. Ela aposentou. Todo mundo fala...porque a gente é assim, todo mundo fala que a gente é...chamavam a gente de mimi e cocó. Porque até hoje a gente está sempre junta. Ela teve câncer tudo e no hospital eu fui com ela. É assim, ela vai fazer as coisas eu estou junto com ela está junto comigo. Ela tem o meu tamanho é assim, os outros pensam que nós somos irmãs, é irmã de coração mesmo.

O Primário foi assim, também foi difícil. Assim, no desenvolvimento foi bom. Mas era uma situação difícil, naquele tempo eu lembro que a gente levava lanche. Aí eu levava pão com banana e as outras meninas levavam pão com manteiga, aí sabe quando você olhava e falava assim: por que eu não posso? Elas podem e eu não posso. Lápis de cor também, os materiais escolares, a gente comprava né, os pais. Aí elas levavam

aquelas...Os lápis naquele tempo tinha os pequeninhos e tinha os grandes, de 12 cores, e meu pai só comprava o de 6, do pequeno. Tem uma menina também me marcou muito, ela chamava Ana Maria, chama né. Ela desenhava muito bem, nossa, aí ela me ensinou assim, sabe? Mas todo mundo tem um dom, né, já nasce com aquele dom de desenho, de alguma atividade. E ela desenhava muito bem, ela tentava me ensinar, aí eu fazia mais ou menos, até hoje eu não sou muito boa, mas eu admirava ela pelos desenhos porque ela era assim, a professora falava: faz isso e saía assim uma coisa maravilhosa. Ela também marcou muito.

Aprendi a ler e a escrever com a cartilha Caminho Suave. E acho que a maioria dos velhinhos passou pelo caminho...e eu gostava, eu acho que assim, naquele tempo, tem muita gente que não aceita hoje né, não aceita porque mudou totalmente a educação, mas era muito legal: bê-a -bá, tal...era legal. Tive dificuldade em matemática, até hoje não adianta, nossa, terrível. Quando falava em matemática parecia que eu estava vendo um monstro na minha frente, terrível.

Me dava super bem com os colegas, acho que é de mim mesma, eu me dou muito bem, que até hoje ó, eu passei por várias direções, sempre me dei bem, posso falar: ah, tive atrito, não tive. Sempre me dei super bem. Só uma vez que aconteceu um episódio também que eu nunca esqueço. Eu estudava no Jardim Colonial, aí minha mãe fazia pouco tempo que ela havia falecido, e eu não lembro bem o que aconteceu com a colega de sala, eu estava acho que no segundo, que era ginásio, aí eu que aconteceu que ela me xingou. Aí eu fui lá e bati no rosto dela. Aí foi uma coisa que marcou muito, levei advertência, tudo, mas depois eu me arrependi, porque até hoje eu falo para os meus filhos que a pior coisa é você bater no rosto de uma pessoa. Aquilo te marca pro resto da sua vida, porque é horrível, sabe, eu pedi desculpa pra ela, hoje se eu tivesse oportunidade eu pediria perdão porque é triste. Então foi uma coisa que marcou assim, mas sempre me dei...foi o único episódio. Tinha assim aquelas briguinhas por causa de namorado, um paquerava o mesmo rapaz.

No ensino fundamental eu adorava ciências, agora a matemática eu continuo. E eu não gostava de estudar também não, gostava de cabular aula, matar aula. Nossa, eu fiquei três anos no terceiro porque eu repetia por falta, porque a gente ia e "vamos pro cinema, vamos pra isso", naquele tempo eu ia muito pro cinema. Aí quando eu fiquei mais velha que eu vi que o estudo é importante, que se você não estudar você não vai pra frente, né, aí eu comecei a pegar firme. Já não ia, principalmente quando era aula de

matemática e química, aí que eu fugia mesmo, e aí prejudicava mais, porque eu já tinha dificuldade, aí não ia, aí no fim só por misericórdia no fim do ano pra conseguir. Aí fazia aula particular, né, minhas amigas assim que tinham mais facilidade iam na minha casa.

Comecei a trabalhar com 16 anos como auxiliar de contabilidade, aí depois eu trabalhei em supermercado, trabalhei num depósito de construção, e por último foi esse serviço que era auxiliar de escritório.

A inscrição foi bênção, eu agradeço até hoje a minha prima. Eu estava dormindo, foi como o dia hoje, chuvoso, sabe, eu estava dormindo, e aí a minha prima bateu. Porque naquele tempo não era concurso, você ia lá e fazia uma prova. Aí ela bateu na janela: ah, está tendo inscrição pra creche, eu falei, não vou não...Eu falei, foi de Deus porque se não tivesse entrado, meu marido separou de mim, então como que seria, né? Aí eu falei, ah, vou fazer, fui e fiz. Aí eu passei e ela não passou. Ela que foi a...agora ela trabalha, né. Na provinha era mais assim na prática. Quantas mamadeiras, a cor, por exemplo, se a criança pintasse a árvore de marrom se eu ia corrigir, falava que estava feio, se eu ia respeitar e explicar a cor não era aquela, eram essas coisas. E eu fui uma das primeiras a ser chamada.

Eu não tinha o ensino médio. Aí a Marta entrou e deu essa oportunidade pra gente fazer. Eu tinha o ensino fundamental e tinha feito só o primeiro do médio. Então ela deu oportunidade e eu fiz. Foi difícil porque eu estava há muito tempo sem estudar e você vê que a educação renova [...] uma continuidade, cada vez é coisa diferente. Então foi difícil, mas o professor já sabia que a maioria que estava ali era tudo pessoas que estavam há muito tempo sem estudar, aí eles ajudaram bastante.

Quando eu entrei como pajem, era assim, eu fiz um treinamento antes. Mas naquele tempo era assistencialismo, era mais assim o cuidar. Era o cuidar e as atividades eram mimiografadas vinha assim, você dava para as crianças. Você não tinha assim uma direção para você fazer. Aí quando eu entrei, eu nunca me esqueço, eu ia ficar no maternal, entrei lá no Jardim Sapopemba, que eu fiz treinamento, quando eu entrei parecia um tapete de criança, 25 crianças no maternal. Aí nunca me esqueço a menina que eu fui substituir, a Zenaide, quando ela me viu acho que ela falou assim: graças a Deus! Menina, sabe o que é, te jogou ali, você não conhecia as crianças... Sabe o que deu vontade? De eu pegar a minha bolsa e voltar e falar, eu não vou ficar, não vou! Porque era tanta criança, meu Deus do céu! A gente brincava, tirava piolho. Então eram umas crianças assim que eram bem precárias. Você mais cuidava, porque você tinha que

dar banho, eram assim, 25 crianças e a turma da tarde dava em 12, você dava em 13 e vice-versa. Pra você dar uma atividade, não existia, já vinha a professora, que tinha a professora, né. Daí ela vinha com as folhas mimeografadas, pra você dar desenho, pontilhar e pronto. E fora o berçário, que naquele tempo era fralda de pano. Aí era aquele tanque enorme, sabe, você ia tirando, trocando a criança e enchendo o tanque. Era uma falta de higiene totalmente. No fim você ia lá e tirava todas aquelas fezes, sabe, um terror. A gente que trocava, que tirava o excesso do cocô tudo só ia para a lavanderia só a fralda sem nada. Gente e hoje quem entrou agora está no paraíso, e quem passou aquele tempo que...

Eu fiz o ADI magistério em 2003, que em 2007 eu fiz o superior. Foi também pra gente que não tinha ainda formação. Foi difícil, você estava naquele assistencialismo, aí de repente você se vê assim com relatórios, com registros. Igual eu falei pra coordenadora, quando começou: ó, eu sou meio pra registrar eu sou...assim as palavras acadêmicas né, que eles gostam muito disso. Aí eu falei, eu cuido, se tiver eu dou atividade e tudo, mas para pôr no papel eu sou mesmo devagar. Aí a menina que ajudava a gente.

Fui no pólo de São Matheus, ali no Jd. Santa Adélia, eu esqueci o nome, a maioria fez ali. Sábado tinha alguma atividade extra que a gente tinha que apresentar, aí era aos sábados, mas era de segunda a sexta. Eu gostava do ADI. Eu não gostava na hora que tinha que fazer seminário, que eu sou bem tímida para falar. Eu não gostava, mas o resto, tinha atividade artística, orientações artísticas, era muito legal, que a gente apresentava trabalhos, a gente mesmo fazia o papel da criança, aí era legal. Me deu bastante subsídio para me ajudar como profissional, com certeza, foi muito bom.

Resolvi fazer a pedagogia pela carreira. Teve uma menina aqui que ela está como ADI que ela perdeu, até 2011 ela deu o prazo para a gente ter a pedagogia para mudar para professora de educação infantil, e tem a menina aí que ela não fez, aí ela vai ficar como ADI. Mas eu fiz outros dois cursos que me ajudaram, porque um complementa o outro. A pedagogia ela deu continuidade ao ADI. Mas o que abriu caminho foi o ADI, porque eu não tinha noção assim das coisas.

As formações dentro da escola pra gente foi meio assim, é difícil, porque a inovação é muito difícil você aceitar, né, se você está acostumada com o ritmo. Aí para você se adaptar é um pouquinho difícil, você fica meio resistente. Era assim, quem não tinha formação ganhava menos do que quem tinha. Porque tinha gente que entrou aqui e fazia

magistério, e outras não, mas só que você atribuía sala do mesmo jeito, você, assumia, atribuía só que você ganhava menos porque você não era formada.

Dos cursos da prefeitura eu fiz, é brincadeira, eu fiz uns 4 cursos e gostei.

A formação no CEI ajudava, apesar dos registros. Porque era assim, os coordenadores davam um texto, a gente discutia no grupo, e cada dia tinha uma para fazer o registro. Era aí que pegava.

O que auxiliou profissionalmente foi a formação no geral. Não tem assim, um item específico, foi no geral, né.

O que eu mais fazer com as crianças era o teatro, eu adorava contar história com dramatização, nossa é muito legal. Eu sempre gostei quando tinha assim, dia das crianças, eu sempre gostei de participar do teatro, nessa parte eu não tinha vergonha. Agora de falar em público eu tenho, mas para fazer...

Atividades todas assim eu desenvolvi, agora o meu problema era só o registro, registro que era difícil, mas outra atividade não.

Pra mim ser professora infantil é o início de tudo, é o início da base para a criança. Porque aqui a criança já sai com uma estrutura para a continuidade da educação. Aqui é o começo.

Os aspectos negativos do meu trabalho foi o início, quando era bem estar social, que a gente era um depósito. Eles enfiavam as crianças lá, e não queriam saber se faltava, naquele tempo ,tia, se não faltavam, e essas crianças estavam ali. Então você era um depósito, você estava ali para alimentar e limpar, entendeu?

Os positivos eu achei depois que passou para a educação. Apesar que eu acho que tem muito professor que como acha que é professor, que é da educação ,deixa muito a desejar. É assim, acha que a criança é só estar ali no papel, esquece que a criança precisa ter orientação na hora da alimentação, esquece que a criança precisa de orientação na hora de usar o banheiro. É lógico: cuidar e educar tanto é que tem lá, cuidar de si e do outro. Então é assim, o negativo é esse, apesar que é assim, toda área tem os profissionais e OS profissionais, porque a gente trabalha assim, você gente vê né. Mas foi assim, passou para a educação acho que foi muito, muito, muito melhor para as crianças.

Uma mudança boa foi o trabalho pedagógico, que não existia. Hoje existe, as crianças hoje em dia eles têm uma autonomia total. Eles contam histórias, eles têm uma autonomia assim, eles se alimentam sozinhos. A minha neta ela tem 3 anos, ela chega

em casa, ela conta história sabe ela senta assim, olha é uma vivência ótima. Eu fico assim realizada.

Eu adoro o berçário porque ali é igual eu te falei, é o início. Ali você passa as atividades. O berçário eles contavam histórias, eu tenho registrado fotos, tudo, eles assim, você contava a história e depois você dava o livro pra eles manusearem e eles contavam do jeito deles, mas contavam. É gratificante o berçário porque ali é o início de tudo.

Um professor de Educação Infantil tem que primeiramente gostar. Gostar de criança principalmente. Gostar de criança e gostar do que você vai fazer, não pelo salário.

Acho que na minha trajetória eu fui reconhecida financeiramente. Pela prefeitura, pelo salário, eu fui. Aqui também pelos meus diretores, reconhecida pelos pais, os pais mesmo elogiavam muito a gente, o desenvolvimento da criança. Na reunião mesmo você via que seu trabalho estava tendo êxito. Os pais vinham falar, ai, porque meu filho não fazia isso e agora ele está fazendo. Então é gratificante para você, que o seu trabalho estava tendo sucesso.

Marta

Meu nome é Marta, tenho 47 anos, nasci aqui na cidade de São Paulo, no ultimo bairro que é Perus, moro com meu marido, minhas duas filhas e com meu irmão, minha primeira filha ela mora na Austrália, sou casada né, minha infância... Minha infância eu lembro com muito carinho, éramos só em quatro irmãos, tenho duas irmãs e um irmão, e eu lembro com muito carinho, brincava bastante na casa das minhas avós, nas casa das duas avós tinham quintais, na chácara né, brincava muito de correr pular corda, tinha balança em casa, brincava de fazer comidinha, foi uma infância gostosa, sim, com bastante carinho, pobre, mas com muito carinho. O que me lembra a infância é... É que eu tinha meus pais e o que eu sou, eu agradeço muito à eles que eram humildes, mas prezavam pela educação dos filhos, meu pai não teve, não teve escolaridade né, era analfabeto, mas ele falava: “meus filhos vão estudar”, isso que me fortaleceu a estudar, perdi ele muito cedo, perdi ele com doze anos, é, então isso pra mim foi muito marcante sim, com 12 anos eu já tive que amadurecer bastante né, pra cuidar dos irmãos. Minha mãe é falecida também, 20 anos, 21 anos esse mês faz, 21 anos, faleceu quando meu irmão completou 18 anos minha mãe faleceu, é, meu pai morreu com 34, minha mãe morreu com 50 anos, muito triste tá. Já tinha, tínhamos os avós, mais velhos, sim deu tempo de, de aproveitar os meus avós, cuidei deles, na região, cuidei deles, foi muito bom, consegui transferir esse carinho pra eles. É não fiz a educação infantil, já entrei na primeira série direto, entrei na primeira série direto, só que... Eu não me recordo bem da minha professora de primeira série, porque eu apaguei ela da minha mente, é, eu quis apagar ela da minha mente, não marcou porque ela puxou meu cabelo, eu lembro que ela puxou meu cabelo, isso é, foi o que me marcou, e... Foi no Gavião Peixoto, aí quando foi, reprovou né, me reprovou, quer dizer olha só, eu não tenho recordação dessa primeira série, aí quando eu fui pra outra primeira série eu fui excelente com a professora que até hoje eu converso, (risos) interessante né. Então as amigas, eu tenho amiga até hoje, da primeira, outra primeira série, não da primeira, primeira, da segunda, tenho amizade até hoje, amizade de quase quarenta anos, é, fui até no aniversário de uma agora domingo, estudou comigo desde nessa primeira série, que era repetente, até o quinto ano estudamos juntas, ah são varias amigas dessa época. Eu lembro, eu lembro que eu tive caminho suave, tive a Sodré, eu lembro que tive a sodré, desses dois, né, lembro dos professores, estudei num galpão de madeira, que, era um galpão de madeira e o nome da escola era Manoel Bandeira, então era galpão de madeira, até construírem a de alvenaria, sabe?! aí quando eu fui fazer a quinta série já era o prédio do Manoel

Bandeira, e... Foi, foi muito bom, tinha uma paineira enorme que era onde nós brincávamos, onde faziam os recreios, era uma paineira enorme no meio, hoje não existe mais essa paineira porque tiraram ela e construíram um mercado, mas foi muito, foi muito bom foi a época... Lembro da merenda que eu não gostava muito, olha só! Era comida, macarronada, arroz doce, tinha soja, soja, tinha super feijão, isso eu lembro, olha só, e até as combuquinhas as vezes eu lembro, que era de alumínio, marcou né, marcou é... Comecei a namorar cedo meu marido né, comecei, conheci meu marido muito cedo, foi no ano que meu pai morreu, conheci meu marido, eu tinha doze anos e ele tinha 19 namoramos e com 17 eu casei e com 18 tive minha filha, mais velha né, 18 anos tive minha filha, está Austrália, ela está lá já vai quatro anos e, quatro anos e meio, vai casar lá, ela arrumou um francês, está muito bem graças a Deus, trabalhando, está muito bem está feliz, vamos lá. Fiz magistério, fiz magistério, eu na verdade, é, eu fiz até o terceiro, é até o segundo ano do inciso né, na época se chamava inciso, e... Em 86, fiz o inciso e eu casei, eu casei nesse ano de 86, aí a professora, minha professora de matemática da época eu fui no casamento dela, ela foi no meu, e ela falou pra mim: "Marlene porque que você não faz magistério?" até então eu nunca tinha pensado no magistério, nunca, nunca tinha pensando no magistério, eu tinha o sonho na época de fazer odonto, mas não tinha condições, não tinha, não tinha condições de fazer odonto, mas meu sonho na época era odonto e fiz o magistério e eu me encontrei no magistério, eu gostei demais eu me identifiquei na psicologia, em ensinar e eu adoro, amo o que eu faço. Eram livros, eu estudava o magistério de manhã, de manhã, e eram livros, eram livros, fazia muitas pesquisas, muitas pastas, nossa era muito trabalho, trabalhosa, foram muito trabalhosos, bem trabalhosos, provas, tínhamos que ler muitos livros, e fazer resumos, foi bem trabalhoso, foi bem... e estágios, vários, muitos estágios, tínhamos, eu cheguei a fazer no Manoel bandeira, no Gavião e na educação infantil, eu fiz o estagio na educação infantil, tinha os professores que orientavam. Na época não, na época me formei e comecei a dar aula em 90, me formei em 89 e comecei a dar aula em 1990 em Jordenésia, no fundamental, já peguei uma primeira série de inicio, de inicio uma primeira série, fiquei dois anos nessa escola, é, só não fiquei mais porque naquele momento foi, foi uma transformação da educação, foi uma transformação, só iria ficar na escola quem fosse efetivo, porque passou pra, é, não municipalizou não, mas aí as pessoas iam pra diretoria, fazer as escolhas na diretoria, entendeu?! Aí eu fiquei três anos sem trabalhar, porque eu tinha as filhas pequenas né, eu tive cedo minhas filhas, eu

fiquei três anos sem trabalhar, é, em 95 eu voltei, então eu trabalhei, 90 e 91, aí em 93 e 94 eu não trabalhei, dois anos na verdade, dois anos sem trabalhar, Suzana de Campos, é fundamental, aí eu trabalhei 95 e 96 com Suzana de Campos. A Pedagogia é porque eles falavam que tinha que ter a faculdade até 2007, aí no ano 2000 eu ingressei na pedagogia, lecionando, como te falei, eu parei, fiquei dois anos sem trabalhar, mas eu continuei e de 1995 em diante eu não parei mais, de 1995 pra cá eu não parei mais, presencial, presencial, fiz vestibular e tudo, a noite todos os dias, saia do trabalho e ia pra faculdade. Foi bem corrido, foi uma loucura, eu trabalhava na Suzana de Campos, e ia pra faculdade a noite e fazia um horário intermediário que era das 06:00h às 9:30h, era assim, corrido, muito corrido, mas é, lembro que estudava muito, muitas provas, é, como diz, eu estudei mesmo, eu fiz mesmo, não foi, como diz, tem gente que passa né, eu não, eu não, eu me dediquei muito, tinha as notas muito boas. Psicologia, gosto muito de psicologia. Sim, fiz, fiz também, fiz todos os estágios, todos que foram exigidos, fiz a graduação, depois a pós-graduação também, muito estágio. Terminei a graduação já fui pra pós, já fui, já me formei em 2004, a pós. Prestei concurso, 2005, 2005, 2005 prestei dois concursos, e me efetivei nos dois, me efetivei no estado e na prefeitura, um deles que foi na prefeitura eu estudei em casa, comprei livro e estudei em casa, estudei em casa mesmo, tinha aquela horário, eu escolhi a educação infantil, gostei muito, eu gosto muito da educação infantil, sim, sim, efetivei nos dois e, na verdade eu prestei concurso em 2005 né, 2006 é, é, eu entrei na prefeitura em julho de 2005, eu efetivei, em julho de 2005 eu efetivei na prefeitura. Sim precário, aí, e depois, a próxima eu já peguei como efetivo aqui mesmo, é, peguei o precário e depois já me efetivei aqui, sim por ser próximo da outra escola, por ser próxima do estado, tinha outras opções e eu escolhi aqui, é por ser próximo da outra escola eu escolhi aqui, e eu gosto de lá, até hoje eu gosto de lá. Eu moro em Perus, eu moro em Perus. Eu sou apaixonada por história, leitura né, eu adoro ler em voz alta, pra eles, então é uma parte que eu trabalho, e eu gosto muito, é prazeroso né, conversar com eles, conversar e aprender, né, o tempo todo, eles são pequenos mas já tem bagagem, já, parece que não mas tem, sabe?!, então é gostoso, a gente se surpreende até com as respostas das crianças, é lógico que, que criança você fala, assim: “quem foi no shopping?” “eu!”, “ quem foi no mercado?” “eu!”, odo mundo, mas tem outros que presenciam realmente e te falam: “fiz isso, fiz aquilo”, quer dizer, estão realmente participando né!? mas o fator que eu gosto mesmo é a parte de história, histórias infantis, as musicas, trabalhar com eles com as músicas, é, é muito gostoso, sabe. A questão é, desenvolvimento mesmo, a parte de desenvolvimento,

a parte do desenvolvimento que ajudou bastante, assim, vamos ver onde se encaixa, é psicológico mesmo, a parte psicológica, e assim desenvolvimento, é o que, as fazes né, sobre as fazes das crianças, são coisas que marcaram bastante. Nenhuma, não, não tive dificuldade, não, não porque assim né, além de ser professora eu sou mãe, então eu acho que, mesmo não tendo trabalhado na educação infantil antes, antes disso eu sou mãe, então acho que foi isso que ajudou também. Que é diferente? A única diferença que eu vejo entre a educação infantil e a fundamental é que a educação infantil ela não tem assim que... Não é questão de, você ensina sim, muita coisa, você conversa ensinando, você brinca ensinando, faz as brincadeiras né, ensinando, mas o fundamental é, como diz, a alfabetização, ela é como diz, ela é muito séria, é muita cobrança, você cobra, você cobra muito da criança, então você tem que dar o tempo todo né, é, a alfabetização é, como diz, é o que, é a dificuldade de hoje né pras crianças, e que nós, nossa responsabilidade é enorme, temos que ter essa responsabilidade mesmo, temos o tempo todo. A questão do Fundamental é a parte escrita né!? Então eles têm que mostrar no papel, e a Educação Infantil, é, logico que vamos dar atividades, mas não com essa cobrança, esse olhar de... “Não, tem que fazer, se não for isso, não estará feito”, né, é, quer dizer, não reprovamos né, não tem as disciplinas, são importantes, são importantíssimas, tanto a educação infantil, quanto a fundamental, tanto é que eu, eu, eu gosto dos dois, gosto não, eu adoro! Sabe, eu adoro dar aula pro fundamental e poder ensinar, né, ensinar, e é o que eu te falei, a cobrança é grande, é muito grande, nossa, nós estamos vivendo num momento de cobrança, só que, a dificuldade nossa é que não há acompanhamento dos pais, então, á alunos que faltam muito, então não temos aquele, aquele resultado esperado, porque, porque infelizmente num, num há colaboração dos pais, sabe!? Da família, família, né, e a educação infantil eles vem, é diferente, eles são menores, não sei se é porque ficam o dia inteiro, não sei, mas a maioria vem, sabe, e também não tem aquela responsabilidade, aquela cobrança, são sei se é por isso, não sei se eles gostam, mas acabam gostando mais né!?. Sim, sempre estou fazendo curso direto, participo, como que é? ah, o nosso coordenador é bem competente, ele é bem organizado, conversamos antes, discutimos antes o que que nós gostaríamos de ver, então tudo é em conjunto, sim, já esta assim há um bom tempo, todo ano muda, é logico, todo ano muda, muda o tema, aah...É novo né, é novo, então mas eu, eu desde o primeiro ano eu participo, desde o primeiro ano, é importante, é importante, quando não participa? Eu gosto de participar, sempre você aprende, sempre coisas novas né!?

Sempre aprende. Muitos, muitos, sempre estou fazendo, importantíssimos, são importantíssimos, aprendemos muito, é bem concorrido, muito concorrido, é tem alguns que é aos sábados, tem alguns que é à noite, hoje mesmo eu vou pra um, só que eu, eu assinalei lá, não to lembrada do nome, do nome do curso, se perguntar agora eu não vou saber responder, vaio ser lá na, no CEU da Vila Atlântida, então tudo que parece, eu estou sabe!? Me inscrevo fácil, vou tenho vários certificados, sabe!? Muitos certificados, eu procuro estar sempre a par né, da educação do que é novo. Nossa (risos), olha primeira coisa, ai, primeira coisa acho que tem que amar o que faz né, primeira coisa você tem que, se você não gostar do que faz, nada sai bem feito, então não adianta você estudar, porque como diz, eu continuo estudando, estou estudando, sabe!? Eu não me vejo parando de estudar, mas assim, se dedicar as... A leitura né, as historias pra eles, as historias são importantíssimas as musicas, assim a diversidade, não é só musiquinha infantil, tem gente que pensa que é só musiquinha, não, não é, nosso país ele é riquíssimo, ele é riquíssimo, ele tem...Oferece muitas coisas, basta você querer trabalhar mesmo direitinho e fazer e eles aprenderem, as crianças aprendem. É, são as duas, a parte de musica é, a parte de historia que eu mais gosto né, musica e historia é, é o momento que eu mais gosto, as cantigas de roda, fazer gestos com eles, ensinar as musicas através de gestos, todos os dias, todos os dias, então ensinar musica com gestos é, nossa, eles aprendem muito, você se surpreende sabe!? Então é, vamos supor, é, no fundamental a transversalidade né, uma matéria pra outra, é na educação infantil também, está chovendo, vamos aproveitar esse tema sabe!? Você pergunta do tempo, você explica o porquê da chuva, sabe!? Então é, da pra você enriquecer muito a sua aula sabe, da pra enriquecer muito, ensinar cores, ensina a sentir cheiro, ver os animaizinhos, quer dizer, é uma infinidade de coisas a ensinar sem estar cobrando no papel, porque pra eles tudo é descoberta, né, vamos supor, aparece uma formiga, meu Deus de céu, todos querem ver, uma borboleta, uma lagarta, tudo é festa, vira festa, vira festa. É importante folhear o livro sim antes, ler antes, conhecer né, do que está falando esta historia, pra você sentir o domínio na hora de contar pra eles, eu não posso pegar um livro se...Se você começar a contar sem ler antes né, principalmente pros pitititicos né, na verdade pra todos pequenos, mas é importante, importante, e eles adoram, as figuras também né!? As figuras dos livros chamam atenção, chamam bastante atenção, que por enquanto pra eles, eles veem imagens né, e, contando a historia e mostrando imagens chama a atenção. Como profissional, não, não, não tem, não tem. Prazeroso, para mim é prazeroso, é uma...É um momento assim, que, é, eu dou aula de manhã, é, é

muito estressante, sim, por mais que você se dedique, você goste do que você faz, mas o barulho, a, o não fazer, quando a criança não faz a atividade, não, não tem dificuldade em aprender, mas também não há querer, aí junta né, ele não faz, e você cobra, parece que você é chato por , mas você precisa cobrar, você precisa, sua responsabilidade fala mais alta né, então essa parte que é chata e pra educação infantil, por não ter isso né, se torna prazeroso mesmo né, de estar ensinando, brincando, tá sentindo, tá...tá, você está participando junto né, dessa aprendizagem deles, e pra eles tudo é, como diz, é novidade, né, novidade. Ah, eu sou uma pessoa assim, pontual, isso pra mim é primordial, sou assídua, não gosto de falar, bem assídua, tenho uma convivência com toso muito boa, eu estou falando mas eu tenho mesmo, convivência muito boa, sou amável com todos, pra mim, eu sei que tem a hierarquia, mas, eu respeito a todos como igual, então eu converso com todos, desde a direção, coordenação, a pessoa que faz a limpeza, a cozinheira, pra mim, são pessoas, eu acho que é isso, é que, tem que, pra mim é o que vale, sendo do papel né, e o respeito a todos, como um todo. Se teve mudanças? Ah, mudanças tiveram, teve muitas mudanças sim, trabalhamos com projetos, né, trabalhamos com projetos, então, essa é a grande mudança, acho que, você ensina muitas coisas através do projeto né, dá pra você pesquisar, aprender muito com os projetos. Como deve ser o perfil? A palavra amor pra mim sempre vai estar em primeiro lugar, amar o que faz, sabe, amar o que faz, se dedicar, sabe, dedicação, sabe, tratar com respeito, é isso, acho que o professor ele precisa ter tudo isso né, amar respeitar, se ver no lugar, né, se ver no lugar do outro. Desde...Eu entrei aqui, em 2005, 2006 já tivemos que apresentar portfólio. É, sim, sim desde que eu entrei aqui, é, só que essa parte dos portfólios apareceram a partir desse momento, foram novos a partir de 2006 né, eu entrei em 2005 e em 2006 já tive a minha sala, né, e já foi novo, portfólio pro CEI, depois vídeos né, programar vídeos, assim, fazer portfólio em vídeo. Sim, a partir de musicas, sim, a parte historia, mas depois se enfatizou mais né, foi fortalecendo mais, a questão de, da musica, mas não só a musica em si, mas assim, as cantigas de roda, fazendo com que eles se movimentem, né então, cada ano a gente aprende mais, mais.

Letícia

Bom, eu sou nascida no meio de quatro homens, são cinco irmãos. A minha atividade sempre foi baseada na brincadeira deles né, brinquei muito com eles, então, brincadeira de pega-pega, rua, carrinho alemã, bolinha de gude, de pião, estilingue, pegava a mamona e brincava de estilingue. Eu fui muito Maria moleque, subia em árvore, andava pelos muros da casa. Essa escola, essa CEI, ela se encontrava no barranco, eu lembro que eu passei uma parte da minha infância brincando aqui, a gente pegava aquelas placas de cozinhas, de cerâmica né?! A gente pegava papelão... E tinha um caminho que a gente acabou traçando de tanto brincar, fazia de descida esse morrinho, a gente fazia descida com papelão, só escorregando, foi uma parte da minha infância. Sim, são vinte e três anos que eu moro aqui, Jardim Ester. E assim, a minha infância foi muito produtiva, criativa, a gente brincava muito com terra, não tinha esse negócio de “não podia”, nós brincávamos em terra, água, brincávamos embaixo de chuva, ficávamos na rua brincando até tarde, tínhamos que ser buscados pela orelha para dormir, porque não queríamos parar de brincar, mas assim, foi muito legal! Curti bastante, fiz amizades de muitos anos. Com meus irmãos eu brinquei muito também, graças a Deus a gente sempre foi unido. Estudo! Eu acho que fui da casa, a que prosseguiu os estudos, meus irmãos fizeram até o ensino médio e eu prossegui, deu continuidade, foi difícil, o magistério foi difícil, passei por uma época de doença, minha mãe me ajudou bastante nesse momento né, e depois, logo em que eu terminei o magistério, eu comecei a trabalhar em uma creche conveniada que era dentro de um orfanato, Casa do Cristo Redentor, eu trabalhei uns sete meses e eles me solicitaram para ir para a administração, fiquei, falaram que era temporário né, e ali eu fiquei uns quatro anos e dois meses. Na verdade não foi uma decisão antecipada, uma vez eu estava na escola e na parede da secretaria tinha um muralzinho e ali eu vi um anuncio que tinha inscrição para magistério, formação de professor no ceifam, tomei informação e me informaram que era para formar professor, e eu me interessei na hora, falei: – Não... Já vou fazer né. Tinha um Vestibulinho, na época você fazia uma prova, depois tinha que passar por entrevista, então eu fui, fiz um Vestibulinho que foram muitas inscrições e eram 120 vagas, então quem se encaixasse dentro desse número de vagas estava praticamente dentro né, e eu consegui me classificar como 114º depois eu fui para as entrevistas, consegui passar em tudo e comecei a estudar, só que foi assim, você não pode ter nenhuma DP, não pode ter reprovação, senão você perde a bolsa, automaticamente já está eliminado, então mesmo com as dificuldades eu consegui, fui persistente e

consegui estudar. Era das 07h00min às 17h00min, tinha que levar marmita, era uma aventura, todo dia [risos], mas foi bom, aprendi bastante, carrego amizades de lá até hoje, gostei, tanto que eu prossegui! De lá eu sai para trabalhar numa conveniada, trabalhei seis anos e sete meses, em sala trabalhei dois anos e pouco, porque eu fiquei mais em administração, voltei para a sala por persistência minha, porque eles queriam que eu ficasse na administração. Assim que eu voltei, não passou muito tempo, alguém, eu falo até que foi um anjo, alguém me ligou e me falou que estava tendo inscrição na prefeitura para contrato e aí eu comecei a me cadastrar em todas as escolas que eu tive a oportunidade, me cadastrei, foi aí que eu consegui meu primeiro contrato, 2003, e eu fiquei 2003/2004, aliás, comecei com o contrato, fiquei entre as duas né, na creche conveniada e no contrato até o desligamento da creche, fiquei um ano, nisso eu já tinha me casado, me casei em 2000... Então, meu esposo eu conheci na igreja, 1996 [pensando]... 1997, já trabalhava. Ah, já conhecia. Congregação Cristã do Brasil. A gente visitava outras localidades, ministrávamos outras localidades, então acabamos nos conhecendo, fazendo amizade a partir dali não nos desgradamos mais, íamos para os cultos, não passou muito tempo a gente começou a namorar, noivamos e casamos, foram quase um ano e meio, com ele eu já fiquei oito anos e meio casada né, divorciei, fiquei mais ou menos um ano, que foi quando eu conheci meu esposo, meu atual esposo, não, ele não era da igreja, na internet [risos], foi assim, conheci ele pelo Badoo, foi um amigo que me mandou convite para eu conhecer o Badoo, é uma pagina de relacionamentos também, acho que foram uma das primeiras páginas que surgiram, hoje temos Facebook e tal, mas o badoo era mais para relacionamento, eu me inscrevi, conheci algumas pessoas, vi que não faziam meu perfil, e aí eu não gostei dessa página, que eu vi muitas pessoas querendo se aventurar né, não era... E quando eu estava pra desligar, pra desfazer do perfil, eu conheci meu esposo, ele apareceu na minha página e começamos a conversar, e aí na conversa entramos na afinidade, mãe, irmã, tia, são da congregação e o perfil dele também ajudou bastante, é uma pessoa idônea, não é de vícios, não é de bagunça, começamos a conversar, trocamos telefone, uma semana que a gente estava conversando, marcamos de nos encontrar no shopping Aricanduva, e ali conversamos pessoalmente, nos conhecemos pessoalmente [risos], no mesmo dia que nós começamos a conversar ele já me pediu em namoro e aí já foi mais taxativo, eu fui mais durona nessa parte com ele e eu falei: - Não, eu sou da Congregação, e você sabe, a sua família também é! A gente não tem esse negócio de ficar namorando pelos cantos

né, então se quer algum relacionamento sério comigo é para casamento! E ai ele falou assim: - Ah, é assim mesmo, eu vou querer!. Ele é uma pessoa decidida e ai a partir daquele dia começamos a namorar, na semana seguinte eu fui conhecer a família dele, ele foi conhecer a minha. Começamos a namorar dia 10/10/2009, quando foi dia 21/08/2010 nos casamos, 6 anos, ele graças a Deus é tranquilo, estuda, ele está fazendo a terceira faculdade, a segunda ele palrou porque não tínhamos condições, ele ficou desempregado, eu estava auxiliando ele né, agora ele está fazendo engenharia da computação, ele tem tecnologia elétrica, foi a primeira faculdade, a segunda que ele fez foi a complementação da primeira, que seria engenharia da eletricidade, engenharia elétrica e agora da computação, no caso ele só ficou com DP na segunda, ai ele concluindo, ele volta para eliminar as DP's. O que mais me marcou foi o meu primeiro casamento, eu fiquei casada, bem casada graças a Deus, três anos, nos três primeiros anos né, e ai depois foi quando eu comprei o meu primeiro computador e ai ele começou a fazer o uso da internet, começou a se aventurar, usou de outra forma, foi quando começou o tormento na minha casa, ele começou a fazer contato com outras mulheres, passava o telefone de casa, o celular, ligavam direto... Foi intenso por um ano e meio tudo isso, por mais que conversasse, por mais que eu quisesse mostrar o que estava acontecendo, por ele ter vivido uma vida difícil, porque ele teve uma juventude de bebidas né, uma pessoa alcoólatra, ai ele veio ser liberto de tudo isso que ele passou na igreja, converteu, então ai surgiu um lado que ele tinha facilidade né, um lado de ter mulheres. Eu acabei cedendo, por mim não tinha mais condições, eu já estava entrando em depressão, já não saia mais de casa, não saia do meu quarto, não fazia mais nada, infelizmente por conta da depressão eu acabei por duas vezes tentando me suicidar, mas graças a Deus não foi... Foi por conta própria mesmo, uma decisão minha mesmo, procurava não demonstrar para as pessoas, então ficava comigo tudo isso, e ai um dia, o ministério da igreja, os irmãos né, porque muitas pessoas com quem eu me relacionava eram da igreja também, e ai elas procuraram o ministério e falaram para eles né, o que estava acontecendo e eles foram atrás, vieram atrás de mim para poder resolver essa situação, eles me deram aval para eu poder decidir o que eu queria né, então ai a gente acabou se divorciando, demorei para me recuperar, estava depressiva, fui morar com meus pais né, meio que contra a minha vontade, eu não queria morar com meus pais porque eu queria viver a minha vida sozinha, mas na persistência do meu pai eu fui morar com eles, levei um tempo até aparecer a oportunidade de fazer... Ah, nesse período, nesse meio tempo, no intervalo acho que de 2004 fizeram o contrato né, eu só

fiquei pouco tempo desempregada, não conhecia a outra face dele né, do meu ex-marido, que aí ele me encurralou e achou se eu não tivesse deixado o emprego eu não seria mais esposa para ele, porque para ele era mais importante estar trabalhando do que estar desempregada, e aí foi quando eu fiquei desempregada e fui trabalhar com meu irmão na sapataria, trabalhando mesmo depressiva, mesmo assim para manter o sustento, porque ele não ajudava em nada né, então para não passar fome eu fui trabalhar com meu irmão, era o salário mínimo, e aí quando eu estava trabalhando com ele, foi em 2008, eu estava ouvindo rádio e escutei uma propaganda da Estácio, que estava como Uniradial, ela veio como radial, e aí eu fui me inscrever para fazer Vestibulinho, fiz a prova, passei na prova, uma redação só, comecei a estudar, era um salário bem dentro do meu orçamento, dava para bancar sozinha né, então eu comecei a estudar, dava possibilidade de ajudar meu pai em casa com alguma coisa, eu para não pagar condução, eu ia a pé, o dinheiro eu economizava para comprar um lanche na faculdade, e pagar xerox de apostilas, então eu economizava nessa parte para poder ir para a faculdade, até quando eu não tinha mais condição de pagar, aí me ligaram falando do contrato prefeitura, em 2009, foi meu segundo contrato, fui nas escolas, me inscrevi em muitas escolas, umas 36 escolas, consegui uma vaga, numa EMEI Maria Ângela, aqui no Promurá, aí comecei lá, meio período, o intermediário era das 11h00min às 15h00min que era um horário que ninguém queria né, comecei das 11h00min às 15h00min fiquei pouco tempo, depois eu fui caminhar entre as escolas, a Grande São Mateus, até encerrar meu contrato, porque aí, no final de 2010 já tinha prestado o concurso e passei, saiu em maio essa classificação, passei em 1.240º na classificação, aí encerrou o contrato e eu já tinha me casado né, casei em agosto, nessa época ele estava desempregado né, fui chamada no ano seguinte em maio de 2011, e então foi quando eu comecei a trabalhar aqui na prefeitura, porque primeiro eu fui para o CEI popular, depois eu fui para a zona Sul, depois eu vim para cá, perto de casa, então nesse meio período eu não fiz outra faculdade, mas eu tinha vontade de fazer, direito. Sim, tenho muitas lembranças boas, professor João, professora Silvia, alguns professores, Marilza. Cansativo, era puxado né, ficar ali o dia inteiro, tinha que levar marmita, a alimentação não era muito boa porque a marmita ou esquentava demais ou era fria de menos, para comer era muito ruim, era puxado, mas era gostoso, eu gostei de fazer, me identifiquei com o curso né, na época, eu sou muito artística né, gostava muito de desenhar, gostava muito de ajudar as pessoas, então me identifiquei. Período

noturno, saia do serviço, de lá ia direto, fazia na Vila Formosa na época, ai depois passaram no e-mail que como eles não conseguiram quantidade suficiente para passar nessa faculdade, ai migraram a gente para a Estácio da Saúde. Então passou a ser um número grande né, várias turmas, tinham professores bons, eu gostei dos professores de lá, até tenho contato com eles né, alguns alunos já eram pertencentes da área, professores também, é, outros não, outros estavam querendo concluir mesmo, estavam indecisos. Em relação ao curso direcionado a educação, como eu já trabalhava, eu acho que levei mais para dentro da sala de aula, do que absorvi o que tinha, porque muita coisa era... As dúvidas que surgiam né, do pessoal, então como eu já tinha uma passagem por escolas ... Acho que no meu primeiro contrato, única dificuldade foi com transformação, 2013, da creche que passou para a CEI, quando eu entrei nessa unidade, justo nesse período, a resistência dos professores da rede da prefeitura, o contratado entrar, e os professores eram ADI's ainda e ai houve uma resistência por conta do salário, eles viram que o nosso salário era maior, nós éramos contratados, eu tive uma professora aqui do CEI Rodolfo Pirani, e ai quando eu entrei, como eu não sabia que era o sistema de contrato né, eu ficava na minha então ela quis digamos assim “subir nas minhas costas”, achava que por eu ganhar mais, eu tinha que trabalhar mais, então eu fiquei na minha, não criei caos, fazia o que estava no meu alcance, ela deixava a sala para mim e ai a diretora viu e interferiu, não fui até a direção reclamar não, mas a direção fica sabendo por intermédio de outras pessoas, para mim era normal, se ela quisesse largar a sala na minha mão, para mim não tinha problema, não tinha medo de assumir sala, mas pela atitude dela a diretora foi taxativa né, ela foi conversar comigo, pediu desculpa, ela ficou com medo de eu levar isso para a DRE, mas assim, ela me explicou que o contrato só podia assumir sala caso fosse solicitado né. Não isso é independente, isso é respeito, não é só isso, a gente tem que ter respeito um pelo outro, e eu não tenho culpa de estar ganhando mais do que ela, entrei com o contrato no período que teve a transformação, a culpa não é minha, não é a mim que ela tem que culpar!. Depois a diretora foi conversar com ela, ela veio me pedir desculpa, então foi difícil o pessoal entender. Oferecido pela DRE? Sim. Ah eu gostei, tanto que em um desses cursos eu estava... 2014, tinha uma criança que não era diagnosticada, mas ele tinha aspecto de autismo, ele não se relacionava com a sala, ele pegava um brinquedo e corria para debaixo da mesa, ele brincava sozinha embaixo da mesa, não olhava a gente no olho, era do mundo dele, totalmente dele, então assim, o curso ajudou, porque a Sueli também trabalhava, só que ela era do período da tarde e eu de manhã, então a gente

trocava as informações, a gente fez o mesmo curso, e aí junto, nós duas começamos a trabalhar com ele, isso ajudou bastante porque o curso trouxe algumas ideias para a gente, a gente levou a situação para o curso também, então foi um trabalho em conjunto né. O PEA sempre existiu, olha, eu gosto do PEA, eu acho bom porque a gente troca as experiências, a gente conversa muito, a gente troca as informações, nos damos informações para a escola, eu mesma estou sempre vendo coisas, buscando informações, essas trocas eu acho muito boa, tanto a informação quanto o que está sendo conversado, o que está ocorrendo dentro da sala de aula, as vezes o grupo mesmo oferece ajuda, se sensibiliza com a situação, oferece ajuda, acho muito válido a formação. Olha, a questão da música, teatro, o professor fica mais desinibido, porque a criança é muito imaginária, e esse professor que não tiver esse posicionamento de brincar com a criança, trabalhar a imaginação deles, interagir mesmo, corpo a corpo, não oferecer só o brinquedo, mas ter trabalho com a música, roda de conversa, roda de conversa, roda de música, cantar junto com eles, sentar no chão com eles, criar situações imaginárias de brincadeiras com eles, ajuda, tanto na questão de comportamento, porque a criança, se deixar ela solta, ela também... brigam, se batem, e o professor ali interagindo consegue levar mais tranquilamente. Ah, de tudo! Cantar, ler historinhas, fazer contação de histórias com eles, eles têm medo do lobo mal [risos] tem uns lá que choram, então assim, eu sempre estou intercalando, eu conto uma história, eu levo, tenho um livro de contos infantis, eu levo histórias, passo uma historinha no DVD, mostro para eles a diferença de livro para DVD, hoje mesmo eu já fiz uma contação com eles, e ali eles ficam mais assim, de ver o livro, de ler, eu deixo eles verem o livro e apalparem, mas a contação mexe mais, tem todo um movimento corporal, a fala, e eles adoram muito, esses momentos em que eu brinco com eles, danço, faço roda de música, conto histórias com movimento corporal, então até esse curso de pós em educação musical tem ajudado bastante, é gostoso, eu gosto da educação infantil justamente por isso, essa troca né, eu adoro brincar! [risos]. Olha, meu perfil não é de EMEF, então eu não gosto de trabalhar com EMEF, com educação infantil sempre foi... De EMEI, trabalhar com crianças maiores eu até gosto, mas dentro da profissão eu não gosto de trabalhar com adolescentes [risos]. Se eu tiver que sair daqui, eu vou sentir muita falta, porque aqui eu tenho muita liberdade de trabalhar, trabalhei em outras escolas que a gente era muito... Você tinha que traçar o que a direção passava, você não podia fugir daquilo, não tinha liberdade, aqui eu tenho muita liberdade de trabalhar com eles, a

direção é participativa, ela vai, se tem alguma coisa “vamos fazer assim” vai buscando, ajudam a gente, o pessoal é participativo, todo mundo se ajuda aqui, já passei por situações que o pessoal da outra sala saia para me ajudar, então assim, é muito... Não, que eu saiba assim, não, fora as políticas que estão ocorrendo aí, acho que a rede está bem, que nem, tem a DRE lá de Butantã, oferecem cursos para toda a rede, acho que assim, lá os cursos, enfim, são muito bons, voltados mesmo para as nossas necessidades, dentro da rede assim, não tem nada de ruim. É mágico, eu por não ter tido filhos, no meu primeiro casamento eu tentei [emocionada] nos três primeiros anos eu tentei ter filhos, mas eu não consegui engravidar, até eu comecei a procurar a medicina, mas foi quando meu casamento começou a desandar, e aí eu parei, com os exames e tudo, estava passando por... Então eu ouvi assim: -irmã estamos desconfiando de uma endometriose até uma infertilidade, porque eu tenho caso de infertilidade na minha família, e aí quando eu ia começar a fazer os exames o meu casamento começou a dar uma reviravolta e eu fiquei receosa de continuar, e aí depois também passei a não ter contato mais com o meu marido, porque ele começou a me evitar, foram cinco anos me evitando, então não tive filho no meu primeiro casamento, e aí como eu já sabia dessa hipótese de eu não conseguir engravidar meu segundo casamento, quando eu conheci o meu esposo eu falei para ele, falei: - Olha, eu tenho uma chance de 99% de não poder engravidar, meu primeiro casamento eu cheguei até procurar a medicina e o médico desconfiava de uma endometriose ou de uma infertilidade, se for o caso de um dia a gente quiser, se você quiser a gente pode até adotar. Não, não foi um empecilho, ele foi muito compreensivo nessa parte, nunca me cobrou, foi diferente do primeiro casamento né, meu ex-marido mesmo fez uma, assim, psicologicamente foi difícil, bom, então eu casei e não consegui engravidar também, até hoje não consegui engravidar, também não forcei, não fui atrás da medicina para tentar engravidar, só tratamentos normais, então eu como professora, me realizo muito na sala de aula, eu brinco, sempre tive meus sobrinhos em minha volta, em casa, passavam dias, finais de semana em casa com a gente, sempre muito envolvida com criança, então eu adoro trabalhar com criança e isso para mim foi um complemento é, como pessoa, como a mãe que eu não pude ser, tenho essa feição por eles também, então eu gosto muito de trabalhar com a Educação Infantil. O professor que gosta muito de trabalhar com as crianças, eu gosto de contar histórias, eu gosto de fazer atividades com eles, que nem, os maiores, eu montava brinquedos com eles, porque antigamente a gente não tinha condições de ficar comprando brinquedo pronto, então a gente construía, eu acho assim, uma professora calma, professora

centrada naquilo que faz, tem que ser nerd na hora certa, a gente tem que aprender o que está certo, o que está errado, o porque está errado, o porque está fazendo aquilo, eu sempre consegui estar bem controlada com as crianças, sempre ter atenção deles para as coisas que estão fazendo, ver o envolvimento deles, carinho, a demonstração de carinho nessas ausências que eu tive esse ano por conta de problema de saúde né, fiquei afastada, fiquei no início do ano de maio e abril, fiquei de licença, depois foi de junho até outubro, uns quatro meses afastada, fiquei bastante tempo, e assim, a turminha do berçário, b2 né, umas quatro crianças vieram do berçarinho em que eu trabalhava, já me conhecem, elas já, comigo é tranquilo, as que têm dificuldade de se adaptar são as novas que não vieram de lá, vieram de fora, eu acho assim, acho uma pessoa que eu gosto de realizar atividade com eles, o carinho deles, eu gosto desse momento de carinho e espaço, eu gosto que eles sentem no chão, abraçam a gente, querem sentar no colo, querem abraçar, cantar, chamar a gente para contar historinhas, “eu quero Pepa” “ah, põe não sei o que”, brincar, brincar de boneca, enrola cobertinha nelas, “vou ser o médico agora” fazem pronto atendimento dos filhos, é legal, brincava se supermercadinho na outra sala, pegava materiais, fazia shoppings né, brincava de shopping, cada um era uma banca, era uma loja, aí eu passava nas lojas comprando, é gostoso. Eu quero mais, quero aprender mais, estou buscando curso, buscando me aperfeiçoar, quero voltar a estudar, sempre tive vontade de fazer curso de direito, mas dentro da educação eu quero me aperfeiçoar mais, quero fazer curso de violão, porque eu já toco teclado né, quero trazer o violão para dentro da sala de aula, fora o teclado, é, dessa pós, a professora proprietária do polo, cada centro cultural casa da vó, eles têm um grupo, chama-se Beija Flor, de músicas tradicionais, então eles têm um local que eles fazem um ensaio, e ela me convidou nas quintas-feiras no próximo ano a estar indo acompanhar eles nos ensaios, aí eu aprendo um pouco mais também, os cursos que eles forem oferecendo lá também, pedi para que me avisasse para fazer curso com ela, é importante trazer essa cultura de outras regiões, eu quero aprender muito mais e trazer muito mais para eles, e é isso.

Isadora

Eu nasci aqui em São Paulo, nasci no bairro do Brás e fui criada em Guaianases, que é extremo Leste de São Paulo, eu casei com 20. Morei com meus pais a vida inteira, sou a caçula de 4 irmãos, são dois homens e duas mulheres. Meus pais são migrantes, eles vieram do Nordeste, de Pernambuco, são nordestinos. Eles vieram...deixa eu ver aqui, em mil novecentos...que a minha mãe nasceu em 42, eles chegaram aqui acho que na década de 60. Eles não eram casados, eles se conheceram aqui. Eu sou filha de um segundo casamento da minha mãe. Se encontraram e se casaram aqui na década de sessenta. Eu nasci em 77. Eu e meus irmãos a gente viveu a vida inteira com a minha mãe e com meu pai. O meu irmão mais velho que criou a gente, porque aí meu pai e minha mãe saíam para trabalhar e ele que criava eu e mais três irmãos.

Minha infância foi maravilhosa porque eu brincava na rua, essas brincadeiras que hoje a gente estuda no livro, eu vivenciei todas, eu joguei amarelinha, brinquei de corda, esconde-esconde, mãe da mula, andei de carrinho de rolimã, tudo, aquele cavalinho de pau...Tudo isso aí eu fiz e mais um pouco. Minha infância foi muito boa porque a gente sempre morou próximo da minha família materna, então tenho muitos primos e todos moravam na região. Na verdade é um quarteirão, então em toda rua lá tem dois irmãos morando próximos. Os irmãos da minha mãe e a família do meu pai de três tias elas moravam num bairro vizinho, então a gente também se encontrava com esses primos. E assim, eu sempre brinquei muito na rua, para mim, assim, sempre gostei de estudar, a escola para mim sempre foi uma diversão, sempre foi um parque de diversão. Então quem eram os meus amigos eram meus primos e, por conta da nossa proximidade, os nossos amigos até são muitos em comum. Os amigos meus eram dos meus primos e os amigos dos meus primos eram meus amigos também. Aí veio a adolescência. Na verdade quando eu parei de brincar na rua mesmo eu já estava com 18 anos, já estava até namorando. A infância foi muito boa, da minha infância não tem o que reclamar. A gente não teve, assim, grandes presentes, mas a gente foi muito feliz, eu fui muito feliz. Minha adolescência também. Aí na adolescência eu entrei no Magistério. Eu até demorei, por causa disso, eu demorei um pouco para amadurecer porque eu era muito brincalhona. Sempre fui uma boa aluna, mas naquele tempo dos conceitos de "A" à "E" eu tinha nas notas mais "C" no comportamento porque eu sempre falei demais, baguncei demais. Não era assim...nunca agredi ninguém nem desrespeitei professor, mas eu não dava sossego. Então eu era terrível, era uma aluna mediana. E na fase adulta, casei com 21 anos, eu casei jovem, né, até casei jovem. O Ailton me conhece desde criança porque

nossas famílias são amigas. Quando meus pais vieram, quando a minha mãe veio do Pernambuco, foram os pais dele que ajudaram os meus avós e tudo, então a gente já se conhece de longa data. E por volta desses meus 17 anos a gente se aproximou para um namoro, tudo e viemos a casar. Na época eu terminei o magistério e entrei na prefeitura e ele estava fazendo a faculdade dele. Ele já fazia faculdade de Direito, aí a gente casou em 97, 98. A gente casou em 98. O Olavo nasceu em 99, porque eu estava grávida e ele nasceu em 99. E meio atrelado a isso aí que foi meu crescimento dentro da prefeitura que eu já estava. Eu tive três gestações, mas eu tenho dois filhos porque a primeira gestação eu perdi, depois eu engravidei do Olavo e depois de 4 anos eu engravidei do Lucas. Dentro desse período toda uma coisa que ficou forte foi quando a minha avó materna faleceu e uma tia paterna de quem a gente era muito próxima. Acho que foi quando eu entendi mesmo o que era a morte e tudo foi quando a minha avó morreu porque a gente era muito próxima. Meu pai faleceu agora dia 18 de novembro e minha mãe é viva. Mas a gente viveu a vida inteira junto. E tinha a casa da avó, então nossa, era na casa da avó que a gente se realizava. O meu pai faleceu agora, eu tinha 38 anos quando ele faleceu. Mas a gente viveu a vida inteira junto, foi uma vida muito bem vivida. Ele não sabia ler, depois ele até entrou, ele entrava na escola, mas ele saía. Começou a escrever o nome...Mas assim, ele sempre incentivou a gente a estudar, sempre incentivou e valorizou. Ele e minha mãe, nossa, sempre valorizavam a escola, participavam. Sempre participou. Eu lembro que na época, porque a escola pública não sei se você estudou, mas no Estado, o aluno do Estado quando você precisava de um material, não era como hoje, que distribui pra todo mundo e cada um faz o uso que quer. Na verdade, quem precisava era um caderno diferenciado, da caixa, era um caderno verde, todo diferenciado, vinha com o timbre. Esse kit que a prefeitura dá hoje, o Estado dá hoje, eu era da rede estadual, então o Estado dava, mas era todo um timbre, era diferente então aquilo marcava que você realmente precisava, era só quem precisava mesmo que recebia. Hoje a gente vê que isso aí para hoje não tem nada a ver, pura discriminação. Eu nunca tive porque meu pai e minha mãe...ele era saqueiro, meu pai trabalhou na Antártica e na União, que é essa distribuidora de açúcar, trabalhava lá, mas a gente, graças a Deus, nunca precisou não. Mas isso era um caderno de brochura, eu lembro até hoje, era um caderno de brochura verde. Até no ensino Fund. II se o aluno precisasse era brochura verde escrito "Governo do Estado" que era da doação da PM na

época. E aí as doidas faziam questão de "ah, isso aqui é uma doação para você que não pode comprar". Mas era isso.

E assim, tenho a minha tia, que é cunhada da minha mãe, ela casou com o irmão da minha mãe, ela é até minha madrinha, madrinha Idália. Na verdade eu tenho ela como minha segunda mãe porque a minha mãe ia trabalhar e ela era vizinha e ela que cuidava da gente. De mim, dos meus irmãos, ia em reunião, levava, buscava na escola. E até uma coisa assim que me marca muito é porque ela tem três filhos né, e meu primo Marcos é especial, eu tenho 39 e ele tem 42 anos. E tudo o que eu vejo hoje assim como pedagoga ela já fazia. A gente morava em Guaianases e o metrô mais próximo era o Tatuapé na época. E eu lembro que ele estudava e a escola especial mais próxima que tinha era o Visconde de Cairu e o Marcos estudava lá. E ela sempre lutou por ele. Era classe especial, era separada, porque nessa época na década de oitenta era bem separado. Mas ele sabe ler, ele sabe escrever porque na minha concepção essa escola era diferenciada, mesmo tendo as salas separadas, eu penso que lá eles faziam uma seleção de acordo com a especificidade, da necessidade especial do aluno. Porque logo depois quando eu estava na quarta série ele logo foi para a escola regular. Ele se alfabetizou, tudo. Na verdade, hoje eu acho que o ele tem é um atraso, porque na época falavam que ele tinha disritmia mental, que eu vejo assim que é um atraso que ele tem cognitivo. Mas eu me emociono porque eles são simples, minha família. Os mais velhos, não tem nenhum tio meu que tem um nível universitário, mas eles sempre cuidavam de nós todos e ele sempre conviveu porque mesmo da idade dele tem muita criança especial que vivia trancada dentro de casa, escondida. E ele não. Ela enfrentou muitas dificuldades, e mesmo ela tendo um filho especial, ela ainda cuidou de mim e dos meus três irmãos porque ela ajudava. Na verdade ela era os olhos da minha mãe e do meu pai quando eles estavam trabalhando. Porque a minha mãe e o meu pai trabalhavam o dia inteiro fora, vinham para casa só dormir. Essa minha tia trabalhava só em casa. Então assim é uma pessoa que ajudou muito. Ela é viva. Minha mãe e meu pai enquanto casal, eles tinham alguns atritos, eram bem briguentos, e esse meu tio e a minha madrinha eram uma fofura, sempre aquele casal que você vê assim e está tranquilo, né, sempre combinando. Depois quando eu fui crescendo eu falava assim "ah, quando eu casar eu quero ser igual ao meu tio." E eu acho até que eu sou porque meu esposo é bem tranquilo. E é um casal que eu admiro muito porque eles com toda a simplicidade, você entendeu, eles ajudaram muito minha mãe e meu pai. E minha mãe com o meu pai eles passaram por bastante dificuldade, porque meu pai é negro e minha família era muito

preconceituosa, a família da minha mãe. Então a minha mãe por ser já divorciada, foi casar de novo, já ser divorciada não era bom. Ela tem três filhos, que tem meu pai como pai. Do segundo casamento só tem eu e meu pai assumiu todo mundo. O primeiro marido dela faleceu, eu tinha nove anos quando o pai dos meus irmãos faleceu. Meu irmão mais velho já era adulto, tinha vinte e poucos anos. Meu pai foi no velório do meu pai com a minha irmã, eu acho que a minha irmã tinha 19, já estava casada porque a minha irmã casou cedo. Mas não teve contato, mas eu acho que meu pai e minha mãe eles sempre tiveram a mente aberta, estavam à frente da época deles porque sempre conversavam "olha, seu pai e tudo". Quando ele faleceu "vai lá". Quando meus irmãos começaram a trabalhar falaram "vai lá visitar a sua família do lado do seu pai". Mas eles têm que o pai deles é o meu pai. Mas sempre conversou, nunca teve problema. A família da minha mãe era muito preconceituosa na época, então já era divorciada e casou novamente, casou com um negro...mas sempre lidaram muito bem com essa situação. Lógico que teve assim uma mágoa, ressentimento, mas no geral todo mundo se dá bem e meu pai e minha mãe nunca se deixaram levar. Sempre conversavam com a gente, que não era para a gente ser arrogante, se impor com ninguém, mas também não deixar as pessoas desfazerem da gente. Então minha mãe e meu pai passaram uns maus bocados por conta desse preconceito, mas superaram.

Aí os fatos marcantes que tem na minha vida é o casamento da minha irmã, que eu era muito próxima dela. Do meu irmãos mais velho também, quando eles casaram, porque aí eles saíram de casa, foram morar fora e aí para mim foi um pouco difícil. Mas aí eles moravam perto. E eu senti mais ainda quando o meu irmãos mais velho chorou e eu não consegui sair nas fotos porque eu chorava desconsoladamente, eu chorava muito. A diferença de idade...eu tenho 38 e 38 para 50 são doze né, meu irmão são catorze anos, e minha outra irmã são seis anos, que ela é da idade do meu marido. E o outro, Mauro, cinco anos. Então eu chorei bastante assim quando eles casaram. Quando eu fiz 18 anos esse meu irmão mandou um buquê, eu estava na missa e ele mandou um buquê de rosa vermelha para mim, então é uma coisa também que marcou. Eles faziam festa, assim, e quando a gente ficava em casa, porque dia de chuva não dava para ir para a rua e a gente acabava com a casa. Uma vez até a gente quebrou a televisão porque fizemos umas cabanas lá e eu subi no seletor da TV, porque a TV era antiga. Mas é assim, o que me marca mesmo é essa relação com meus irmãos, que graças a Deus a gente é bem próximo, com a minha mãe, com o meu pai...ele veio a falecer, mas eu até que ficava

com ele no hospital na semana, depois meus irmãos iam. Sempre foram muito presentes, minha família sempre foi muito presente na minha vida, sempre me ajudou. Eu lembro desse meu irmão aí porque quando eu entrei no CEFU? eu precisava de uma declaração de onde eu tinha feito o ensino fundamental e eu fui na escola e eles não queriam me dar. Eu fui para casa chorando e aí quando eu cheguei e contei para ele, ele foi lá e voltou com o papel. Então é assim, essa ligação com a minha família, eu sou bem ligada à minha família.

E depois o nascimento dos meus filhos, do Olavo, do Lucas. Isso aí é uma coisa que marca também. Depois que você tem filho você vira outra pessoa. Então eles são, assim, tudo para mim. Quando o Ailton terminou a faculdade também foi bom porque era difícil, a gente pagava...na época ainda eu trabalhava na creche eu não tinha auxílio, um salário como eu tenho hoje. Então também foi uma vitória ele se formar porque ele é negro, a gente sabe o papel do negro na sociedade e foi muito legal ele se formar, conseguir terminar a faculdade, foi bem legal. O Lucas está terminando o Ensino Fundamental e o Olavo vai terminar o ensino médio no ano que vem. Eles estudavam na rede particular, mas por conta de concepção minha eles voltaram para a rede pública. Eles estudam na rede estadual, os dois, no bairro Tatuapé, no João Borges eles estudam. Um estuda de manhã e o outro estuda à tarde, o ensino médio é de manhã e o fundamental II é à tarde. Eles estudam lá e fazem curso de línguas, o Lucas faz italiano e o Olavo faz espanhol num centro de línguas também do Estado, que é no bairro da Vila Prudente. Aí eles fazem isso.

A vida adulta, eu acho que tudo o que eu tenho assim relativo a bens, bem de consumo, eu devo à prefeitura porque é uma empresa onde eu me consolidei. Eu entrei como ADI, hoje eu sou diretora de escola, eu sou coordenadora. Teve o concurso aí recente e eu passei nos dois, sou bem...a minha classificação é melhor para supervisão de ensino do que para direção, mas eu sou grata à prefeitura. Existem dificuldades, mas a formação ela oferece uma formação boa, tem formações de qualidade, já participei de várias. E a minha vida profissional, eu estou satisfeita porque eu cresci bastante dentro desses vinte anos na rede pública de ensino que eu trabalho que é a prefeitura. Eu trabalhei só dois anos em escola infantil particular, mas eu já estava na prefeitura. Passei no Estado para professora, mas não assumi porque para mim não compensava, não tinha nem comparação.

Ah, e o nascimento dos meus sobrinhos, porque eu também sou bem ligada à eles. Meu primeiro sobrinho, que é o Júlio, e a caçulinha, que é a minha sobrinha neta Isadora.

Tem uma penca de sobrinhos que são os filhos do coração, sobrinho é filho do coração. Ai, quando eu virei tia eu achava o máximo. Foi antes de eu ser mãe, com 12 anos, e eu achava o máximo que eu era tia. E ele é bem branquinho, loirinho. Nossa, eu achava o máximo, ficava indo com a minha irmã com ele, em todo lugar que ia eu ia junto, que era o meu sobrinho. Aí depois vieram os filhos dos meus irmãos. Minha cunhada me conhece desde os 7 anos de idade e ela é uma pessoa bem especial, é uma fofa também, a gente sempre teve muita ligação. Ela é professora também eu acho que até eu me inspirei nela para ser professora. Nela e em uma professora que eu tinha da quarta série que chamava Conceição. Elas marcaram bastante a minha vida. É isso eu acho, da minha vida toda.

Eu fiz EMEI, na época era pré-escola, mas eu cursei a EMEI, era um bairro distante. Só eu fui pra EMEI, meus irmãos entraram direto no primeiro ano. Fui para a EMEI porque já tinha, até pelo nascimento da EMEI eu acho que foi perto dos anos 80 que vieram as escolas públicas. Como a gente morava lá em Guaianases não tinha, porque lá é o último bairro da Zona Leste. Depois já é Ferraz, já é divisa com Ferraz de Vasconcelos. Então lá não tinha parque de educação infantil. O mais perto era o Eldy, onde eu já trabalhei, eu era CP lá, ingressei de CP lá. Guaianases não tinha e eu fui porque tinha EMEI, o Gianfrederico Porta no Jd. Soares. Eu estudei lá. Eu fiz em 82, eu nasci em setenta e sete. Setenta e oito, setenta e nove, oitenta, oitenta e um, oitenta e dois, isso mesmo...Eu fui para lá porque abriu vaga e minha mãe foi para colocar, pra eu começar a ir para a escola. Eu amei ter ido. A escola era a estrutura de EMEI que é hoje mesmo. Eu tenho boas lembranças da escola. Eu ficava seis horas na época, estudava na parte da tarde. Eu almoçava na escola, na época que eu ia eram meus irmãos que levavam, então eu almoçava na escola; a gente já entrava e almoçava. Eu gostava muito das tias do portão, as que recebiam. Que hoje eu sei quem são, os agentes de apoio. Elas eram muito amorosas. Eu lembro que a gente chegava, ficava em fila, cruzava a perna, cantava, depois ia para a sala, pegava o guardanapo para poder ir lá para o almoço. Só que às vezes tinha aqueles funcionários que eram doidos, se a criança não queria comer, gritavam, forçavam a comer, mas eu tenho boas lembranças. A comida era um delícia, eu sou uma pessoa suspeita, eu gosto de merenda de escola até hoje, nunca tive aversão à merenda de escola. A comida era muito gostosa, muito cheirosa, lá no portão a gente já sentia o cheiro da comida e era muito bom assim. Eu lembro que a mesa era redonda, quatro cadeiras a gente sentava de quatro a seis crianças, mas era quatro

normalmente. Era uma sala cheia né, porque era uma média de quarenta crianças, a sala era bem cheia, só uma professora. E eu já era esperta porque meus irmãos...eu já era esperta, eu sabia ir ao banheiro, eu sabia me limpar e tudo. Mas eu lembro que a professora ficava muito brava quando ela tinha que limpar a criança. Tinha professor que ele era preconceituoso sim, porque você via que separava as crianças. As mais bonitas eram mais próximas das professoras, né, primeiro as loiras, depois as morenas, e os afro descendentes eram mais pra trás. Era bem isso mesmo, eu lembro muito bem. Eu me dava bem com a maioria da sala, sempre tive um bom relacionamento com todo mundo, mas a pessoa não deixava eu sentar muito com as loirinhas, às vezes elas ficavam pedindo para a professora para eu ir para a mesa delas. E eu já era danada, aí às vezes ela não colocava, mas eu sentava com os meninos. Eu não dava paz pra professora, na verdade, porque onde ela me colocava eu meu ajeitava, até se colocasse sozinha ia ser pior ainda. Eu acho que eu dava trabalho para as professoras, um pouco. A gente brincava de pino mágico, monta tudo, esse lego, tudo já tinha na minha época...massa de modelar, que eu amava aquele cheiro e giz de cera que era uma vontade de comer enorme. Era muito desenho livre, muita atividade de repetição que a gente fazia. Os pauzinhos, tem um nome certo, agora eu esqueci, muita atividade de psicomotricidade, bolinha, ondinha, a letra C casada, a letra A, a letra E, todas as letras. A gente fazia na mesa, na folha mimeografada, todo dia tinha. Eu fazia a lição, mas às vezes ela não queria dar o brinquedo, porque eu conversava muito, daí eu acho que depois ela ficava com dó e me dava. No primeiro ano foi a professora Cida. Eu lembro que ela era bem gordinha assim e ela era engraçada. Às vezes ela ficava brava, mas ela era uma pessoa boa. O critério de seleção era muito forte assim, sabe, na época. Eu lembro que ela às vezes ficava meio assim brava, porque eu tinha uma amiga, a Silene, ela era branquinha, loira, ela parecia uma boneca, ela era linda, ela grudava, às vezes incomodava um pouco a professora, sabe. Porque tinha uma outra menina que agora eu não vou lembrar o nome. Mas ela era negra e era bem carente, eram os irmãos também que levavam ela pra escola e às vezes ela ia sem pentear o cabelo, nossa, a professora mal chegava perto dela assim. Já deixava ela mais afastada. E eu gostava muito que a gente ia brincar lá na EMEI, tinha gangorra, um escorregador, tinha o quiosque, o giragira, o tanque de areia. Era uma escola boa, grande, com muito espaço, aí, era uma delícia.

Aí depois no segundo e no terceiro estágio, já melhorou, já peguei outras professoras, vieram umas professoras mais jovens. Eu lembro que eu tive uma professora que

chamava Luciane e depois a irmã dela me deu aula no primeiro ano. Essa aí era doidona, ela era "da hora" porque ela já tinha essa visão, dava atenção para todo mundo, mas as crianças que ela via que precisavam mais, ela dava mais. E eu lembro da ficha de avaliação, eu tinha tanto, um dia eu joguei fora, eu fiquei tão assim...porque era de quadrado, elas pintavam e a minha cor no comportamento era sempre laranja, a última cor era vermelha. Era uma gradação de cor, e a minha era laranja. Só no terceiro estágio que melhorou. A cor boa era azul. Essa professora me deu tudo azul e eu fui a oradora da turma. Eu lembro que ela fez o teste com as top da sala, ninguém conseguiu decorar e eu decorei só de ouvir elas falarem. Aí quando eu falei ela disse "ah então vai ser você".

De alfabetização tinha o nome, além dos exercícios de psicomotricidade, eram as letras. Mas as letras separadas, de modo tradicional, então faziam a repetição até o chapéu cair. Não das junções, só das letras sozinhas, silabação não, mas escrita de letra tinha muito. Número como tinha, nossa, no caderno de caligrafia fazia frente e verso 1, frente e verso 2. Eu lembro que na EMEI eu fiz muito do 1 ao 10, naquela época fiz. Era muito, era "um, tracinho, número um, tracinho"...tinha isso sim, nos três anos teve isso. E professor bom era aquele que dava muita atividade, era um saco, todo dia tinha que fazer aquele saldo de atividade, o saquinho só estava bom se estivesse explodindo.

De eventos a festa junina era muito forte, dia das mães, as datas comemorativas. As infelizes datas comemorativas, que a mãe não pode ir, mas...você comemora a mãe do outro, o que perdeu a mãe, que eu lembro que teve uma menina que isso me impressionou muito, que a mãe da menina morreu perto do dia das mães, mas tinha que ir pra escola para cantar para as mães. Então tinha as datas comemorativas, formatura, né, no terceiro estágio, teve formatura. Todo mundo com a roupa do pré. O Conga vermelho do bico branco, meia branca, short vermelho, camiseta vermelha e o chapeuzinho do pré. Ganhou diploma, as professoras todas bonitas com aqueles cabelos com escova enroladona, tudo maquiada, a diretora parecia uma palhaça. Aí teve a formatura e fui pro primeiro ano.

Da EMEI fui para uma escola estadual. A EMEI era distante da minha casa, era da prefeitura, a escola estadual era pertinho da minha casa. A EMEI indicava para o Madre Joana, que era do lado dela, e era longe da minha casa, mas aí "eu vou para o meu bairro", minha mãe foi fazer a matrícula lá no meu bairro no Rosa Nova, que eu estudei do primeiro ano até o primeiro colegial. Quando eu terminei a oitava série, para entrar

no CEFAM tinha que fazer uma seleção, vestibulinho. Eu fiz no CEFAM de Itaquera e não entrei. Que lá era o CEFAM de 120 alunos no primeiro ano e eu fui 132, não entrei naquele ano. Aí eu só entrei no ano seguinte. Aí eu estudei, fiz o primeiro colegial, aí no final do ano prestei de novo no CEFAM um, aí no CEFAM um eu entrei, fui a quarta colocada. Que eu lembro que os dez primeiros foram lá e a diretora deu parabéns. E eu lembro que eu fui a quarta, o primeiro foi o Christian, um menino lá. Então aí foi onde eu passei e aí estudei a vida inteira no...

De todos os professores que eu tive eu gostei de todos. A professora Cida da primeira série era doida, ela colocava fita crepe na minha boca para eu parar de falar porque eu fazia toda a lição e eu não parava de falar, aí um dia ela pôs a fita crepe. Mas aí eu acho que ela viu que era demais, ela chamou a minha mãe e contou para ela. Minha mãe falou que ia conversar comigo. Eu acho que eu não sou boa da cabeça porque eu não chorei, ela deixou lá, mas ela não deixou muito tempo. Acho que eu fiquei uns 20 minutos, eu não fiquei muito, mas também não foi tão pouco. Porque ela prometia que ia passar fita crepe, aí ela colocou. Não é que eu gritava na sala, mas sabe o tempo todo você olha e o fulano está conversando? Eu era assim, mas a minha lição estava feita, estava certa. E aí ela colocou, mas eu lembro que depois ela chamou a minha mãe. Aí minha mãe conversou, falou que ia conversar comigo pra eu me acalmar mais. Eu já era a quarta filha naquela escola, minha mãe teve quatro filhos, então os quatro, ela já conhecia a diretora, mas assim, ela falou que não queria isso ficasse acontecendo, não era para acontecer mais. Mas não brigou, não fez barraco, mas falou que ia conversar e perguntou se eu tinha xingado palavrão, batido, "então eu não quero que isso aconteça mais". Isso aí eu soube depois em casa, porque não conversou na minha frente, mas que não era para fazer e parece que a professora pediu desculpa para ela, enfim...Porque a professora também tinha uma pizzaria lá no bairro e se trombava no bairro, entendeu, se encontravam. Mas a minha mãe falou que não queria que isso acontecesse mais, que ela ia conversar comigo, mas que não era para isso acontecer, não era pra isso que ela colocou o filho na escola. Era para ser educado, não deseducado.

Minha alfabetização era o método fônico, que é "fa, fe, fi, fo, fu". Cartilha Caminho Suave, estudei por ela. Perdi ela na verdade, a minha mãe teve que comprar outra. Mas não estava perdida, estava embaixo da minha gaveta na cômoda, só que só achou quando comprou a outra. As atividades eram copiar o texto "a Bia cuida do bebê, o bebê baba"...tinha que transcrever para o caderno, fazer treino ortográfico das palavras com ba, be, bi, bo, bu, coisa de ligar, associação, era isso. Bem tradicional, entendeu? E

primeiro ano todo foi assim, aí depois disso ela colocou eu para ajudar os alunos que tinham dificuldade, aí eu ajudava. Depois eles ficavam igual a mim, eles aprendiam. Ela foi deixando, mas quando chegou na festa junina, eu ensaiei tudo e no dia ela não deixou eu dançar. Aí minha mãe falou "não, você..." esse dia eu lembro até hoje, minha mãe falou na minha frente "você não está castigando ela, você está me castigando, se você quisesse castigar ela, então você não tivesse deixado ela dançar e eu não teria que ter assinado a autorização". Ela não queria que eu dançasse porque eu dava trabalho, porque eu falava demais, eu acho que ficou tipo, como teve que se retratar com a minha mãe, né...aí eu acho que é assim, era onde ela podia se vingar. Aí eu dancei, minha mãe foi lá, chamou o meu primo, e eu dancei com o meu primo. Daí ele fez lá e a professora não falou nada, dancei, tirei foto e tudo bem. Era para me ferrar mesmo, a professora queria me ferrar, ficava me discriminando lá. Mas eu sempre fui assim uma boa aluna. De rendimento sempre fui boa aluna. Na verdade eu sempre fui uma boa aluna, é que para a época, aluno bom terminava a lição e ficava com a cabeça abaixada em cima do caderno, quem aguenta essa vida? E não tinha jeito, no segundo ano eu estudei com a professora Ada, que era uma professora que morava em frente à escola, as filhas eram adolescentes, ela ficava toda hora, as meninas tinham que ir na escola, a Andréia e Gláucia, a Andréia era branca do olho verde, a Gláucia era uma morena linda dos cabelos enrolados e elas eram danadas. A professora Ada tinha a mãe dela que morava junto. E a professora Ada era uma mãe, eu amava ela porque ela era muito boazinha e ela deixava a gente conversar. E a sala era outra sala porque a gente terminasse a lição podia conversar, então todo mundo fazia a lição, ela corrigia o caderno, dava carimbo no caderno, e a professora Cida corrigia o caderno, mas nunca dava carimbo no meu, era tudo certo, mas não tinha carimbo. Só com a professora Ada que teve tudo. Só alegria. Foi meu reinado. Podia arrumar o armário da professora, ela era outra...a professora Ada era demais. E os meninos da quinta série iam lá dar beijo nela, porque amava ela e era aquela festa a professora. Eu lembro também que as carteiras tinham uns plásticos e ela dava plástico para quem não tinha, e ela dava o caderno bonito para quem não tinha, ela não dava o caderno verde. A professora Ada era uma pessoa muito boa. Eu acho que ela comprava, ou tipo, pegava o que sobrava, porque você tinha a lista de material e tinha que levar os cadernos encapados, cinco cadernos encapados, e eu acho que o que sobrava ela dava tudo para as crianças. Ela já tinha uma caixa de empréstimo. O que faltasse de lápis e borracha era para pegar lá, lápis de cor,

canetinha...E ela incentivava você a colaborar com o outro. Aluno que não queria emprestar as coisas ela falava que era para emprestar sim. Porque tem mãe que fala "não é para você emprestar, porque se você emprestar eu vou te bater". Aí quem chorava ela falava "não, eu vou conversar com a sua mãe". Ela era muito humana nesse sentido.

Já tinha prova desde a primeira série. Eu tinha bastante dificuldade em matemática. Mas fui melhorando ao longo do tempo. Tinha prova sim, tinha que fazer prova na folha de almaço, tinha que escrever toda a prova e depois vir respondendo. Às vezes que elas mimeografavam, tinha prova que você tinha que copiar da lousa, folha de almaço, dois dedos, parágrafo, aquela papagaiada toda. E eu lembro que essa professora Ada era muito boa e ela frequentava a igreja Brasil para Cristo que era perto da minha casa e ela convidava os alunos para ir. Aí o aluno que quisesse ir o pai tinha que levar lá na casa dela para ela levar para a igreja e depois tinha que buscar da casa dela. Ou na casa dela ou na igreja, ela era muito acessível, você entendeu? Ela era uma professora muito acessível. E ela era uma professora antiga na escola, então todo mundo tinha muito carinho por ela. Era Ada, sem o L. Então ela era muito boa. Aí foi indo, na terceira série eu estudei com a professora Fátima, que depois eu vim fazer estágio em uma escola que ela era diretora. Também era uma professora muito tranquila. No quarto ano a Assunção, também muito tranquila. Essas professoras eram professoras que acumulavam Estado e prefeitura. Essa Conceição era a rica da escola, porque ela era negra, e ela sofreu um acidente, ela tinha uma queimadura no rosto, então ela tinha uma cicatriz assim, mas ela era muito linda, eu achava ela linda, porque ela ia super arrumada e ela era muito boazinha com todos os alunos, ela era uma pessoa muito ética. Até para dar bronca ela dava com o maior polimento, todo mundo amava essa professora também, ajudava muito os alunos. Quando ela ficava brava parecia uma bruxa, mas no decorrer do ano letivo ela era uma professora muito boa. E a Ada, a Conceição e a Fátima, quando tinham as festinhas na escola, que aí aquela festa de dia da criança, tudo, elas davam um saco de doce top, o delas era o melhor da escola e elas levavam bolo. Falavam com as mães, avisavam as mães que iam buscar os filhos, que era para...porque eu acho que ela conhece, a gente conhece o aluno que é mais carente, então elas faziam questão que no dia da festa eram para todos os alunos delas irem na festa da sala. Se faltasse depois elas queriam falar com a mãe porque que faltou. Isso aí eu lembro muito bem. Porque minha tia até que ia, e elas falavam "eu sei que a mãe dela trabalha, tudo", mas minha mãe fazia as coisas, eu pedia para a minha tia fazer. Porque podia ir com a mão abanando, mas elas queriam eu na festa, entendeu? Então foi muito

bom assim. Eu sempre gostei da escola, a escola para mim foi muito boa. Tem a dona Zélia que é inspetora, eu sou amiga dela até hoje, mas eu dei muito trabalho para ela. Já fiquei muito de castigo do lado dela, porque eu corria muito nos intervalos. Intervalo eu descabelava, né, e às vezes eu derrubava as crianças, mas nunca machucou assim, e eu fugia dela mesmo. E eu adorava, eu só ficava quieta se ela deixasse eu bater o sinal. E aí foi engraçado porque fazia anos que eu não a via e eu estava andando no shopping com a minha prima, eu conversando e ela veio e pegou no meu braço. Ela falou "eu não acredito que é você, peste!", porque ela me chamava de peste; eu falei "ave Maria! Dona Zélia?!" e eu abracei ela, beijei, eu fiz a maior farra lá no shopping. Aí eu falei "você não sabe, dona Zélia, que praga você me jogou, heim?", aí eu falei pra ela que eu trabalhava, tudo, e ela falou "nossa, eu não acredito, que orgulho...". Então é gostoso, né, outro dia até eu encontrei a diretora da época, que era a dona Iolanda, uma japonesa brava, mas não era nem tão brava assim, é porque a gente que era danado. A inspetora também era muito boazinha, a dona Zélia, a dona Ione não. Porque tinha a Ione lá, as inspetoras da escola eram a dona Zélia, a dona Ione e a dona Márcia. A dona Márcia e a dona Zélia eram uma graça, a dona Márcia era aquela pessoa que tinha autoridade, mas também era doce. A dona Zélia também, mas ela já acabava com a gente assim, mas eu gostava dela porque o que você precisasse ela ajudava, agora a dona Ione era uma mulher muito chata, ela era bem arrogante mesmo, tipo, "o aluno lá e eu aqui", entendeu? Um nojo de pessoa, nem parecia que era parente da dona Márcia, porque a dona Márcia é tão boazinha.

Depois eu fui para o fundamental e aí eu me rebelei mesmo, virei bagunceira mesmo, eu só caía na série C. Meu rendimento era para estar no A. Era de A à E na escola, porque era escola de periferia, você sabe, é quase as letras do alfabeto inteiro. E eu era sempre C, Quinta C, Sexta C, Sétima C e Oitava C. Mas aí, o que foi engraçado foi que na quinta série me elegeram coordenadora da sala e a professora Marisa era de Ciências. E ela...eu acho que na época, eu penso que era Mestrado, alguma coisa, tinham uns dias da semana que ela não ia dar aula na sala, aí fez um acordo lá e ela deixava a matéria comigo. A dona Zélia ficava na sala, eu passava a lição na lousa e todo mundo fazia. Passava toda a matéria porque depois quando ela voltava ela já explicava, era isso. Mas a gente detonava, não nas aulas dela, eram umas salas bem bagunceiras, a gente era bem bagunceiro mesmo, era a pior sala da escola e a gente gostava desse título. Mas sempre eu gostei de estudar.

Esses foram os professores de referência, no fundamental tinha a professora Ada, essa professora Conceição. No fund. II eu acho que o professor Lucas, que meu filho chama Lucas até por causa dele, porque ele era um moço lindo, um homem lindo. O irmão dele é bombeiro, o irmão dele mora perto da casa da minha mãe. E ele é um moreno assim alto, moreno mesmo, com cabelo preto, um homem lindo e ele era o professor de Português. Mas ele era bonzinho, a gente detonava. Ele ia muito cheiroso para a escola e ele tem aquele problema das glândulas sudoríparas, ele suava demais. Então ele entrava na primeira aula, dali a meia hora já estava encontrando aqui. Mas ele não tinha odor, nada, era cheiroso, mas acho que quanto mais tenso ele ficava, mais ele suava. Ele brigava com a gente, eu discutia muito com ele, mas era para atentar mesmo. Era um professor muito amoroso, muito amoroso. Sempre nossa sala ele era o único que defendia a nossa sala e ele sofria na nossa mão. Mas ele defendia a nossa sala, ele foi coordenador da classe. Eu lembro que eu estudei lá até o oitavo ano, um amor de pessoa aquele moço, assim sabe, ele era muito bonzinho, muito acessível. Professor, Lucas, o professor Lucas, que já era um senhor, era professor de história. Teve a professora Marisa, que era a de Ciências. Eles foram bons professores. E esse Artur ele era um homem muito inteligente, muito, muito, muito. E a Marisa também, ela era japonesa. E esse aqui era o pai da escola, ele era o pai de todo mundo, tinha uma postura de pai, dava conselho para a gente dentro da sala de aula... Quando eu estava na quinta série teve o seu Álvaro, que foi estudar e eles o colocaram na nossa sala. E eu acho que foi uma experiência bem legal, uma pessoa da idade do nosso pai estudando com a gente. Foi bem legal, ele ficou o ano inteiro, estudou com a gente dois anos e a diretora acho que não queria que ele saísse da sala. Porque a gente parava as vezes porque ele pedia, ele falava, "vocês falam muito, fazem muito barulho", aí a gente ficava quieto para ele. A gente ficava preocupado quando ele faltava. Ele se enturmou, coitado, ele se enturmou. Foi bem gostoso, eu não tenho más lembranças do meu período de escola.

A princípio eu pensava, se eu for fazer faculdade, vou fazer Direito, mas por conta dos exemplos que eu tive...E ali no bairro onde eu morava, tinham algumas mulheres que eu tinha muito contato na igreja e elas professoras. Eu ia na casa delas e elas pediam para eu ajudar a mimeografar atividade, entendeu? Porque aí eu já estava na oitava série e você consegue corrigir provinha de primeira série. Tem uma vizinha da minha mãe, vizinha minha, a Cida e a Eliane são irmãs. A Eliane era a minha professora da Catequese. A Cida era mais velha, fazia o magistério e eu fazia os trabalhos para ela. E eu lembro que teve pasta de data comemorativa, eu que fiz, ela me pediu para ajudar

porque ela tinha a Sheila, que era bebezinha. Então esse universo para mim estava muito próximo. Aí quando veio o CEFAM, ele era bom porque era uma escola boa, você estudava o dia inteiro, mas você ganhava dinheiro. Porque aí eu não iria atrapalhar minha mãe e meu pai, né? Já que eu não ia trabalhar, mas eu também não ia ter dar "gasto" a mais para eles. Ganhava um salário, já tinha um salário.

No CEFAM tinham as matérias da grade normal do ensino médio, mais as da metodologia. Eu acho que eu tive bons professores lá. O CEFAM é do Estado, é Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério. Eu tive a professora Tânia Cristina que se formou na PUC. Ela dava aula de História da Educação. Tudo o que eu sei de LDB, ela pegou LDB lá quando ela era 7692, da ditadura...Era uma pessoa muito esclarecida, então ela dava aula assim. Tem coisa no concurso que às vezes eu estou fazendo em prova e eu lembro dela falando dentro da sala de aula. Das matérias pedagógicas foi muito boa. Teve a professora Tânia, a Suzi deu aula da Metodologia de Ciências, quem mais...Teve a professora Isabel, que estudou na USP, na época eu acho que ela ainda era estudante. Então ela estava dando aula lá, ela devia estar fazendo o mestrado...era mestrado que ela fazia lá na USP. Mas ela professora de Psicologia da Educação, a Tânia era de Filosofia e História da Educação, a Cláudia dava de História...A formação da Cláudia, porque agora eu tenho ela no face e tudo e aí você vai até curiar a pessoa, né...no CEFAM tinha muito professor da USP e da PUC. Então tinha bons professores lá, nas metodologias eu penso até que na hora da distribuição lá eles pegavam essas metodologias.

As disciplinas eram juntas, ensino fundamental e infantil, dentro dessas metodologias, aí você estudava, fazia o estágio, teve o estágio. Fiz o estágio em escolas próximas ao CEFAM e a maioria foi lá no meu bairro. Como podia sair ao meio dia, então eu ia para o meu bairro porque depois do estágio eu já estava perto de casa. Eu gostava de fazer estágio, como eu fui fazer o estágio na educação infantil, por um acaso eu fui fazer na escola onde eu reencontrei minha professora do terceiro ano, então ela me colocou com boas professoras lá para eu fazer o estágio. Porque tem professora que o estagiário chega na sala e ela põe no fundo da sala para corrigir caderno ou rodar atividade, então ela me colocava com boas professoras. Aí no fundamental você já não dá essa sorte. Você chega na escola...uma vez eu fiz em uma primeira série que ,nossa, quando eu ia a mulher me dava trinta cadernos para corrigir, mas aí eu falei "beleza". Depois você pega o macete e você muda, aí ficava cada dia numa sala, você muda, né. Eu fiz esses

estágios e as matérias eram juntas porque aí ia se tratando de faixa etária, então não tinha assim um foco, educação infantil ou fundamental, você via tudo.

No quarto magistério quando chegou no meio do ano, a prefeitura fez concurso para ADI. Aí eu prestei esse concurso, passei. Quando eu terminei o magistério, em dezembro...eu terminei o ADI quando eu entrei na prefeitura. Eu entrei na prefeitura em 98, em 97 teve um concurso para ADI no meio do ano, primeira vez que aceitava segundo grau. Em 97 a prefeitura fez um concurso para Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, exigindo o segundo grau. Eu prestei o concurso, as meninas "vai ter um concurso, olha o salário". Na época para nós, "estou rica, vou fazer". Fiz e passei. Aí terminei em 97. Dezembro de 97 eu concluí o ensino médio. Em maio de 98 chamou. Então em maio de 98 eu entrei na prefeitura como ADI pela Secretaria da Família e do Bem Estar. A primeira creche que eu entrei foi a CEI Jocelyne Guimarães F de Mello. Lá em Guaianases, era perto da minha casa, tinha vaga, dava para escolher. Trabalhei aqui, trabalhei à tarde, você trabalhava das seis e meia ao meio dia e meia e do meio dia e meia às seis e meia. Fiquei um mês trabalhando o dia inteiro porque não tinha funcionário. Nessa época o foco era o cuidado, não era o educar. Mas eu já entrei com o magistério. Eu cheguei e "ah, seja bem vinda", conheci, escolhi o horário. Aí ela falou "olha, aqui é assim, toda vez que chega um novo, você chegou um dia antes da reunião, amanhã é a reunião e a cerveja é por sua conta.", aí eu falei "mas eu não bebo". Aí tinha essa reunião pedagógica lá que era chamada na época de reunião de fechamento. Aí vinha um técnico lá da SURBES, o que hoje é chamado de SAS. na época era SURBES. Aí vinha uma psicóloga ou uma assistente social falar, vamos supor, vinha falar de uma questão pedagógica. Aí fazia tudo isso e depois o povo se juntava lá, almoçava, e ainda lá naquela época a diretora permitia, aí bebia, mas ninguém saia "fora da casinha", ficava uma coisa mais assim...E no dia-a-dia vamos cuidar da meninada. Eu trabalhei lá de 98 até 2000. Na rotina foi me explicado tudo como funcionava, me colocaram à princípio na sala do mini grupo 2. Só que depois a professora voltou de licença e eu fui para a sala do mini grupo 1 trabalhar com a C., que não era uma pessoa bem quista dentro da escola, mas eu não tive problema com ela porque o que ela falava...ela assim, me ensinou muita coisa boa, foi uma boa parceira, uma boa referência. Porque era comum assim as pessoas misturarem o pessoal com o profissional e essa foi a dificuldade que a C. desenvolveu lá dentro. Na verdade não tinha que fazer atividade, tinha que cuidar, mas a C. já dava e aí para mim foi bom porque como eu já estava no magistério, então aí já tinha esse olhar. A gente dava...o que que tinha lá muito...a gente

dava sulfite, massinha e giz de cera. Então a gente dava muito desenho livre e dava brincadeira com jogos, joguinhos, brinquedos de encaixe, mas uma coisa nada intencional, nada planejado. Não tinha coordenador, só vinha pessoa eventualmente. Essa que entrou como parceria ela entrou como ADI. Mas lá tiveram várias pajens. Lá teve professora que entrou porque foi na subprefeitura. Aí eu mudei de creche. Trabalhei na creche até 2003. Que foi quando a creche entrou para a Secretaria da Educação. Eu exonerei e fui ser...já tinha prestado um concurso, fui ser professora eventual na prefeitura. Então eu era professora eventual de educação infantil. Eu saí porque era outro concurso e eu não quis transformar o cargo porque eu já podia. Eu não quis porque primeiro que não tinha essa visão da transformação, da escala, era tudo muito novo, e as pessoas, os diretores de creche a maioria era assistente social. Se não era assistente social era psicólogo, pouquíssimos eram pedagogos. Eu até conhecia uma, mas ela faleceu, essa professora aí ela era...a Carminha que foi diretora lá, ela era psicóloga, mas já tinha pedagogia. E aí o que aconteceu, eles não sabiam falar, porque na verdade não tinha assim uma coordenação, uma direção. E eles não tinham muita ética, era bagunçado, eu não ia trabalhar direito, enfim...eu já estava cansada daquele ambiente porque tinha uma cultura que era assim: como elas tinham pouco estudo, não tinha um direcionamento correto, eu já era vista com olhos que eu já era diferente. Porque eu já tinha além de segundo grau, eu já tinha magistério e lá tinha gente com quarta série, você entendeu? Então eu já estava cansada daquilo, daquela cultura ali. Aí depois que eu aprendi a trabalhar, eu gostava de trocar a criança, a criança para ir embora eu trocava, estava suja eu dava um banho. Pra mim isso nunca foi um peso e para elas era. E aí você não era bem vista, quem trabalhava não era bem visto.

Dois mil e três me chamou, o que eu fiz? Saí, exonerei a creche mesmo sabendo que eu podia continuar. A única coisa que não me disseram era que se eu ficasse lá meu salário ia dobrar. Se hoje eu ganho mil, naquela época já era para estar ganhando doze. Eu saí porque eu não via a hora de sair. Já saí e entrei automaticamente como professora. Na prefeitura era tudo tão novo, esse povo não sabe, porque era uma coisa nova. E se sabia, na boa, aquela questão do egoísmo, deixa se lascar. Eu fui lá, exonerei e entrei como professora adjunta, entrei lá na EMEI Yolandia e me removi para o José Vicente. Até hoje ainda pode ingressar como magistério. Entre 2003 e 2004, teve um concurso de PEI, que foi quando teve o primeiro concurso para professor de desenvolvimento

infantil. Em 2003 teve a transformação, aí no ano seguinte fez o concurso, eu fiz esse concurso e fui chamada. Voltei em 2005 para o CEI de novo como professora de desenvolvimento infantil. Aí eu ingressei lá no CEI Jd. Santa Maria na DRE de Itaquera. Aí já era outra realidade porque embora teve a transformação em 2003, a questão foi porque já tinha muita professora que já tinha o magistério ou pedagogia, já tinham sido transformadas, chegaram as PDIs novas e as Pajens ou as que estavam fazendo ADI Magistério. Mas daí eu já entrei nessa escola, peguei um mini grupo 2 e a professora da manhã já era professora também. Ela acumulava com a EMEI e eu também. Lá eu já dava aula, lá já tinha o cuidado e a aprendizagem. Até porque a diretora lá já tinha essa visão e lá já tinha coordenadora, nesse CEI já tinha coordenadora em 2005.

Eu fui entrar na Pedagogia em 2006. Eu estava fazendo na ONG, era pago porque só o titular podia fazer Pedagogia, tinha bolsa. A Marta só deu bolsa à princípio para quem tinha regência de classe, eu não tinha eu era substituta. Aí eu entrei aqui, aí quando chegou em 2006 abriu para todo mundo. Fui lá e falei "quero sair", "ah, a gente dá desconto", "vou ter uma bolsa de 100% e 100% de desconto não tem". Aí foi quando eu tranquei e fui fazer a Pedagogia pela prefeitura. Aí fiz a Pedagogia, tudo...E nesse CEI eu trabalhava como professora. E esse CEI já tinha atrelado, a postura das pessoas já era uma postura mais de educador mesmo, tinha esse cuidado. Não tinha dificuldade em lidar com as crianças. Tive uma boa formação, porque eu vejo pedagogos que não fizeram o magistério e fizeram o CEFAM e tem uma diferença. Ano passado trabalhou aqui a professora Cíntia. E ela fez CEFAM, e as nossas ideias casavam muito. Eu penso que o CEFAM foi diferenciado e ele foi mesmo. Quem fez ensino médio, quem fez magistério em uma escola regular do Estado estudou quatro horas, eu estudava oito horas e meia, eu estudava das sete da manhã às cinco da tarde. Então é outra coisa, é outra realidade. Tem muito professor que ele não sabe escrever, não sabe, escreve muito errado. Porque não é aquela dúvida que às vezes vem na sua cabeça, "ligeiro é com J ou com G?", é coisa gritante. Então com o magistério eu sempre me virei bem. Porque os professores do CEFAM a gente tinha já apostilas na época. A gente tinha muita reflexão, porque a professora do estágio...você ia para o estágio, você tinha que sempre estar relatando uma situação para depois discutir na sala...vamos falar que era um laboratório? Foi obrigado a fazer atividade. Lá no CEFAM tinha uma sala especial de criança com deficiência grave; a gente era obrigado a fazer estágio lá e esse estágio tinha que ser lá. Porque o CEFAM era vinculado a uma escola de primeiro grau e a

gente teve que fazer lá. Alguns estágios eram lá, então não tinha como você forjar um de outro, era lá. Então a minha formação do ensino médio foi muito boa, foi muito rica, profissionalmente me ajudou muito. A dificuldade que eu tinha era porque, igual uma vez lá na creche, era uma coisa que não tinha gestão, o diretor não era atuante, presente. E uma vez uma coisa que me marcou foi porque não lavaram o lençol enfim...e falaram "ah, você vai ter que deitar as crianças no colchão sem lençol", eu falei "mas sem lençol?", "é, sem lençol". Só que a sorte era que era um dia de Sol. Mas eu acreditei na pessoa, aí até chegou depois. Mas quando a outra professora chegou ela falou "não, infelizmente, as pessoas não são honestas, quando for assim você fala que as crianças não vão dormir enquanto não aparecerem os lençóis". Só que não tinha diretor na escola, ela não estava lá. E quem estava lá não queria nem saber, era tipo, você que tem que se virar, a decisão está toda na sua mão.

Depois quando eu já mudei para a outra creche aí já outro trabalho. Mas com relação ao pedagógico eu nunca tive trabalho para lidar com criança, nunca tive, porque eu já queria, né, recém formada, então você quer botar em prático o que você aprendeu. E quando eu trabalhei com essa ADI, foi muito feliz a parceria porque ela gostava, porque a criança quando ela está trabalhando ela não dá trabalho. Então a gente ia para o parque fazer atividade, então incomodava. E teve uma creche que eu trabalhei aqui no Itaquera, no Gabriel Nogueira de Quadros, que por conta da minha postura eu tive problema, mas de relacionamento porque as professoras não queriam que desse atividade. E eu dava, não estava nem aí. Mas aí em 2005 foi assim um must. Porque era uma sala difícil, eu cheguei, mas a sala difícil porque não tinha aquele olhar de "vamos cuidar dessa criança, vamos ver o que interessa", então foi muito bom. Até tinha um aluno lá, que era o Marcos, que a mãe era usuária de drogas e a mãe já chegava a pegar ele assim na creche, a ter relação na frente dele, mas depois ele não me dava um pingão de trabalho, lá na creche ele amava. E eu ficava lá com ele e com as outras salas. Veio a entrar outra AP, que era a Íris. Ela veio de uma rede particular que quem dava a formação era a Escola da Vila. Então pensa como que era o ser humano, era top, né, então agregou. Aí a gente até começou um trabalho de alfabetização com eles, baseado em história, a letra do nome, a escrita do nome e tudo mais. Foi bem legal naquela creche, no CEI Santa Maria, foi muito bom como PDI. E depois você vem fazendo a faculdade então vem acrescentando.

Na Pedagogia as matérias foram boas, só que era muito trabalho, eu penso que era pior do que a paga porque como era dado arrancou o couro a gente. A gente tinha muita observação para fazer, tinha que levar muita coisa, porque você já é o professor então você tinha que levar muita coisa do seu aluno para lá, atividade de aluno...Foi rico porque eu era da educação infantil, só que as salas eram misturadas, era uma sala de quarenta alunos, então tinha muito professor de fundamental, muita gente já acumulava. Eu levava vivência de creche e de EMEI, mas a outra levava da EMEF, foi muito bom. Quando eu fui ser P de escola de ensino fundamental, fui ser P de uma EMEF (tinha 22 salas por turma) eu não me apertei porque eu aprendi muita coisa que no particular eu não teria aprendido. Era muito em cima ali da sua prática, não é aquela coisa que é distante, porque lá não tem aquele discurso vazio, lá todo mundo conhece o que é uma escola, né, então sabe o que é uma boa prática, o que é uma prática ruim. Na gestão também, mas relacionada à prática o curso foi muito bom. Era todo em cima da prática, a ponto de estar falando lá de uma situação que aconteceu e aí o professor intervir e falar "olha, isso aí lembra a fala de quem...do Paulo Freire"; "ah, isso aí é o que o Decroly fala"; "isso aí é o que a Madalena fala"; "isso aí é o que a Telma Weisz fala". Teve muita fundamentação. Todo mundo atuava, porque como era bolsa todo mundo era da rede. Agora de creche tinha poucas, porque a maioria acumulava EMEI e EMEF, creche eram poucas. Mas para a prática foi muito boa, a educação infantil amplia muito, ampliou muito a Pedagogia, ajudou muito.

O que mais contribuiu com a minha formação para ser professora infantil foi o CEFAM porque eu acho que ficou muito esmiuçado as fases do desenvolvimento, lá a gente viu muito, que toda matéria falava da educação infantil. O ensino fundamental é a alfabetização, eu acho que o foco é a alfabetização. Porque depois que a criança se alfabetiza ela começa a ter o quê, conhecimentos culturais, o uso social da escrita e tudo mais. Eu acho que a época da descoberta mesmo do ser e tudo mais, caráter, conhecimento, isso tudo está na educação infantil. Se não tiver um trabalho sério você acaba com a vida da pessoa. Embora agora ainda esteja mudando, mas é pouco. A estrela do bolo é a educação fundamental, mas não é, é a educação infantil.

No início a formação era isso, reunia uma vez por mês, ia um técnico da secretaria. Em 2005 quem fazia a formação pedagógica era o coordenador pedagógico, era ele quem estava nas reuniões pedagógicas que eram bimestrais. Porque também não tinha isso que tem hoje de uma hora de estudo. Então eram seis horas direto com o aluno. Só que bimestralmente tinham as reuniões pedagógicas que tinham formações e estavam

presentes o diretor, o coordenador...porque aí fica à critério da coordenação pedagógica, às vezes ela consegue levar alguém, um par diferenciado. Vamos supor, você está fazendo doutorado, então às vezes conversa, "olha, você não quer ir lá falar com os professores sobre a importância, de qual o lugar que o afeto ocupa na educação infantil?". Porque aí não é aquilo de pôr no colo, beijar e abraçar. O afeto no sentido do cuidado, né, que aí você vai. E aí o que acontece, aí já tinha uma formação mesmo, era a coordenação pedagógica, aí você vê já que tem uma preocupação. E aí já está dentro da rede, então existe uma diretriz de trabalho, aqui já tem uma diretriz. Embora às vezes pudesse até não ficar tão claro, mas como eu também já estava na EMEI então você já também sabe qual é a linha de trabalho da prefeitura. Desde esse tempo já era uma linha de trabalho socio-construtivista.

Aí eu fico aqui de 2005 e entro na coordenação em 2010. Em 2008 abre um concurso de acesso para a coordenação e direção. Tinha que ter três anos como professor e eu já tinha, né. Aí eu presto para coordenadora, porque para diretora eu acho que eu não tinha o perfil e diretor o número de vagas é só um e aí eu vou prestar para coordenador porque as vagas são mais e pode ter dois coordenadores por escola. Eu acesso, passo e sou chamada depois de um ano. Eu ingressei na DRE Penha, na EMEI Eldy Poli Bifoni. Ingressei lá como coordenadora no meio no ano. Era uma vaga precária. Uma EMEI enorme porque eram nove salas por turno. Aqui eu tive dificuldade porque professores velhos, de carreira, então você junta com uma professora nova chegando para ser a superiora deles, né, na cabeça desse pessoal atrasado. Jovem, mas não é branca, infelizmente algumas pessoas você percebe a rejeição por conta da cor, né, porque quem se parece com você aqui está na limpeza, ou se muito, até de secretaria. Aí você vem, né, com o seu perfil para ser a coordenadora efetiva aqui? Não dá, né? Só que foi muito engraçado porque eu fui a sucessora da minha coordenadora Vera, que era uma pessoa sumidade no conhecimento, que se a gente perguntasse para ela hoje aqui onde o Trump nasceu ela ia dar toda a ficha do cara, o que ele estudou, ela sabia tudo de tudo. Lá a escola era migrante de boliviano, mas um dia a gente conversando lá no Imperador ela falou da Bolívia, como que é a Bolívia, por que essa cultura deles, né, falou tudo. A clientela ali é, por causa do Brás, é predominantemente. Essa escola tinha um problema enorme, porque essa escola é uma escola que noventa por cento são bolivianos. E as professoras moram na região do Tatuapé. É aquela perto do Catumbi. Hoje eu não sei se já está bilingue. Fica em frente à EMEF Anália Franco. Mas noventa por cento da

população é boliviana, alguns professores lá discriminavam muito, porque elas moram na região do Tatuapé, elas se acham elite, elas não queriam estar lá. E elas mais elitizadas, tinham os cargos delas, a posição social delas já era bem mais favorecida, mas no entanto elas são professoras de escola da rede pública e estavam dando aula lá. Mas não aceitavam muito isso. Então aí teve um choque sim. Aqui tive problemas, de ter que sentar com professor que achava que...tinha uma professora lá ela é uma professora e o esposo é cirurgião dentista. E ela se achava rica e ela é extremamente preconceituosa. E as crianças bolivianas às vezes até pela questão de que eles vivem...às vezes eles vêm...o coitado vai lá e traz, né, então se vale mil reais, se é mil reais para vir da Bolívia para cá, eles trazem por cinco. Aí você trabalha naquela oficina para você pagar, então são eles que te pagam tudo. Então às vezes nem banho conseguem tomar. Então "ah, já que eles são sujos, fedorentos...". A professora da manhã fez faculdade com ela e ela já percebeu, mas ela não concordava com isso. Só que uma vez eu entrei na sala e tinha um penico lá com xixi e eu quis saber de quem que era. Aí a professora da tarde já não gostava de mim, mas foi onde eu consegui ferrar ela, né, tipo "agora você me paga". Porque aí eu chamei a diretora, porque tinha a diretora e a Alaíde. A diretora era um amor de pessoa, mas já estava lá há muito tempo, tinha uma relação muito próxima com todos os funcionários e incomodou também, porque a diretora me acolheu de braços abertos. A Alaíde é uma pessoa muito competente e boa, mas rolou um ciúmes. Só que eu já estava lá para ficar só seis meses então não via necessidade disso. Só que eu falei que eu não ia deixar barato, então a gente chamou ela, conversou e foi aí onde ela passou a me respeitar. Porque na reunião era um inferno, eu tinha que ficar me impondo porque ela não respeitava. Tipo me testando até eu não aguentar mais. Aí foi a hora onde eu peguei ela. Eu não fiz igual ela fazia comigo, porque ela era sem educação, eu estava falando e ela falava por cima, tipo, me perguntava as coisas para ver se eu ia saber ou não. Só que aí aquele dia foi o tempo todo falar qual era o papel do professor na Educação Infantil. E você podia estar no Mackenzie, porque lá tinha uma professora e eu falei "você pode estar no Mackenzie, mas aqui você é contratada, por a SME para fazer tal coisa e aprender, aprendizagem, inclusive a questão dos hábitos de higiene pessoal; e a nossa higiene pessoal, o modo que nós nos higienizamos também é um hábito cultural e a gente tem aqui outra cultura". E aí, nossa, aquele dia ali foi onde baixou a guarda, porque aí quem ainda estava pensando em fazer uma graça comigo parou, porque tipo falou "com ela o negócio é mais embaixo". Aí eu percebi assim até mais respeito. E tinha uma professora lá que ela era a professora assistente no

Mackenzie e ela achava que ela era a melhor no mundo. Aí uma vez ela deu um grito comigo porque eu uma mostra eu mudei o painel dela de lugar. Eu até entendo que eu deveria ter falado com ela, mas foi uma coisa para a organização, então não dava tempo de esperar ela chegar para perguntar para ela. Então ela gritou, ela deu todo um show lá, se descompensou, mas quando ela terminou eu estava com muita raiva, mas eu falei "então, o painel vai continuar onde eu coloquei, entendeu, professora? você é a professora e eu sou a coordenadora pedagógica, eu sou a sua chefe imediata no pedagógico, não tire o cartaz de onde eu coloquei. porque seu trabalho não é melhor do que a da outra, todos os trabalhos aqui são bons e o seu estava mal colocado". Aí foi falar com a diretora, mas aí a diretora conversou com ela. Tinham algumas professoras lá que eram muito preconceituosas, elas não gostavam ,você entendeu? E tinha uma professora lá, a Magali, ela era uma professora negra e elas não gostavam da Magali. E elas só conversavam (eu fiquei sabendo depois) com a Magali quando ela ficava na coordenação substituindo, porque aí não tinha como, mas fora disso nem se dirigia a ela, não se envolvia. Mas foi bom porque eu fui amadurecendo bastante.

Em 2012 eu vim para cá substituir a Fabíola e já tinha o PEA. Aqui elas são J30. Em 2007 que começa o PEA aqui. Como professora é muito bom, porque eu estava na EMEI e na EMEI tem a JEIF, certo? Eu fazia parte da JEIF que é o momento de estudo, você tem onze horas fora a aula, 4 horas de aula e onze horas de estudo ao longo da semana. E aí você vem pro CEI e aí o que é legal? Eu acho que o CEI ele é melhor que a EMEI. Porque no CEI a criança só brinca, mas é brincando que ela aprende. Mas as pessoas estão aprendendo isso agora, é muito recente. O campo de observação aqui é muito rico para você ver como que a criança se desenvolve, para você ver direitinho as teorias do conhecimento. Às vezes eu dou umas viajadas porque eu fico assim admirando, eu falo "gente, como a pessoa tem tanta sabedoria?", como o Vygotsky, a visão desse povo. Porque não era o que é agora e como eles tiveram esse reconhecimento. E eu acho engraçado como que as pessoas às vezes estudam tanto e também não conseguem romper com esse paradigma. Hoje às pessoas ainda não conseguem ver isso. Na verdade, lá na EMEI eu aprendia muito mais sobre o CEI porque o professor de educação infantil da EMEI ele valoriza muito a quantidade, ainda está muito preso na atividade, na escolarização, mas no papel, no registro do papel. Mas não é a produção espontânea da criança. É uma coisa 10% produção, 90% reprodução direcionada. E no CEI não, eu acho engraçado porque foi boa a escolarização das ADIs

tudo porque o cuidado elas têm muito bem. Elas só começaram a classificar e pontuar esse cuidado e aí entrou a aprendizagem que elas olham e "isso aqui que eu fazia, não valia nada, olha o valor que isso tem, o peso que isso tem na aprendizagem". Foi olhar esse cuidado com uma intencionalidade. Fiz vários cursos da prefeitura, vou pedir para ela imprimir a minha folha do EO aqui que eu falo o nome e é melhor.

Então aí eu fazia os cursos, gostava de alguns e outros não porque às vezes ia gente lá que embora tivesse qualificação, ele não sabia o que ele estava falando. Porque para falar a verdade a formação que a SME oferece, ela tem melhorado muito de 2010 para cá, de 2010 para lá não era tanto assim, no meu ponto de vista. Como professora era muito válida essa questão do estudo lá na creche porque é o momento que você vai contextualizar a prática, onde você vê o que precisa, onde você avançou, onde você acha que a criança teve um progresso maior, e onde o professor começa a desconstruir aquela imagem de que a produção é só o papel e ainda o que é pior, se ele tiver uma reprodução e não uma construção. Porque construir não é você repetir. Até se você passear aqui na escola aí no corredor você vai ver que tem atividade que a criança foi sujeito, na outra não, na outra ela foi reprodutora. Então isso é muito bom porque vai avançando e muda o olhar. Que é a questão do que é bonito né, que às vezes eu converso sobre o que é essa beleza e aí isso foi bom, nesses momentos de formação no CEI, principalmente. E na EMEI também, porque o que é a beleza? O padrão de beleza é relativo e a gente ainda vê muita reprodução. E quando você vai padronizar, que é o caso da atividade, você não fez assim nada porque você já deu uma coisa pronta e todo mundo repetiu.

E aí esses cursos que você falou, além da prefeitura eu fiz curso sobre currículo, sobre educação infantil, literatura, leitura, orientação pedagógica, saúde pública, história. Esses cursos aqui saem publicados no diário oficial. Aí vem o público-alvo. A maioria dos cursos na rede é assim: oferecem para o coordenador e os professores. Quanto mais cursos você faz, mais pontos você ganha e seu salário sobe. A maioria só vai fazer o curso para a ascensão profissional, muitos. E aí tanto gestão, que é diretor, coordenador, supervisor, quanto professor. Porque você nota a mudança de quem vai lá. Eu faço pelos dois. Porque eu quero dinheiro e eu quero o conhecimento. Porque você tem que estar lá e se envolver, né, porque se você chegar lá, assinar a lista e ficar o tempo inteiro no celular você vai ser pontuado. Agora, eu vou lá fico só no celular e vou ser pontuada, você vai lá, assina a lista, mas você participa...Aqui eu tenho os dois, eu tenho quem faz o curso só para pontuar e eu tenho quem faz para pontuar a aprender.

Aqui é controlado assim: com dispensa de ponto é quem quer. Porque saiu lá, o secretário que mandou e eu não mando nada. Secretário publicou lá e quem participar desse curso tem dispensa de ponto. Então aí os professores se organizam. Porque normalmente é assim, dois por turno, então aí o que faz, elas se organizam: se vai ser sorteio, ou se vai ser votação, ou se vai ser interesse. Se é um curso que tem dez interessados, aí sorteia. Se todo mundo quiser fazer esse, mas as pessoas que estão lá (é uma consciência daqui) e acabaram de participar de um e foi com o mesmo esquema, aí ele não concorre nesse. Para chegar num ponto em que todo mundo faz. Se é um curso que está sendo linear, todo ano tem, todo semestre tem, aí cada semestre vai indo, se não é, faz isso aí. Com dispensa de ponto e quem vai para os cursos, depois tem que dar o retorno aqui na hora da formação do PEA.

Organizar as formações é bom porque eu gosto, adoro porque o outro se põe no meu papel de formador, você é formador. Aí você foi lá, adquiriu um conhecimento que agora tem que dividir com as pessoas. E aí é assim, é todo um processo de postura, de como você vai falar, do que você vai falar, o que você vai ouvir, o que vai devolver.

Teve uma professora que achava que ela não sabia nada. Não estou me gabando, mas eu ajudei muito ela. Isso eu já ouvi até da boca dela, que eu já sabia, mas um dia foi o prêmio porque eu ouvi da boca dela. Porque ela achava que era inferior, que ela não sabia nada, que só é bom quem fica fazendo atividade do aluno. Aqui tinha isso, as professoras top eram aquelas que faziam os painéis, mas elas que faziam. E eu não gosto, na verdade eu odeio isso, tenho vontade de rasgar. Mas eu não posso, né. Mas aí eu vou conversando. E avançou muito. E ela não expunha porque como ela faz da criança "ah, então o meu é lixo". Eu começava a conversar com ela, falava "você já é uma diferença porque olha aqui, olha para essa sala, quanta criança negra que está tendo uma referência negra; você é negra e você é professora, então ela também pode ser; ela pode ser médica, pode ser o que quiser, vai ser fácil? não vai, mas se ela quiser eu penso que a vida conspira a favor do que a gente quer". E foi indo e assim ela começou, porque ela ficava naquela...E ela vinha conversar comigo e eu ficava horas conversando com ela aqui.

Em relação aos temas abordados, a prefeitura tem a linha de trabalho. Primeiro lá em 2013 era o acesso e a permanência, porque foi quando expandiu a rede. Depois a questão de qualificar a educação. E a educação infantil primeiro era o brincar e o cuidar. Hoje está naquela questão da criança enquanto sujeito, das especificidades, dos campos

de experiência, da criança como um todo. Então tem a linha lá. Dentro dessa concepção sempre adotam um tema que vai de acordo com a proposta que é sócio-construtivista. Então vai ter o PEIA, que já tratou de questão étnico-racial, quando ainda não era o foco na rede. A gente já fez PEIA sobre leitura e brincadeira, sobre conhecimento matemático, que foi quando juntou o conhecimento matemático com a questão étnica, afro...da África mesmo, porque daí a gente começou a conversar da África como conhecimento, mas é ensinado uma coisa desconectada toda, foi aonde veio. O PEIA desse ano, ele vem conversando sobre avaliação, que é o que a rede tem falado muito. O que é a avaliação, os indicadores, a avaliação da criança, processual, o que é essa avaliação que eles vêm falando tanto nos documentos. Que não é aquela avaliação de "xizinho" e não é descritiva no sentido de falar o que a criança faz e o que ela não faz, mas sim o processo de construção do conhecimento dela. De um bebê que chega aqui e não reconhece o adulto que está cuidando dele, mas depois de quinze dias ele já reconhece. E aí a gente já tem um avanço, já houve uma socialização, já houve uma aprendizagem, né. Então são essas coisas. E ao longo dos anos com essas formações também, quando você segue as linha...particularmente eu já me familiarizo com a linha de trabalho da prefeitura que é a sócio-construtivista. No CEFAM eu estudei muito sobre Vigotsky e pessoas que seguem ali a linha dele. Quando a gente segue os documentos da rede de uns anos para cá e são documentos bons, (porque a rede se aproximou bastante da universidade, teve muito Márcia Gobbi e tal, muita gente boa da USP e da PUC, que fez parceria com a SME) fica mais fácil para você conduzir a linha de trabalho. Aí é só você convencer, o trabalho é convencer o professor de que não é a reprodução, que o bom é você trabalhar com a produção porque aí seu trabalho fica até melhor. Não vem com a coisa pronta para aplicar na criança, observa a criança e transpõe para o seu papel. A criança já produz, aí você com o seu conhecimento intelectual e científico descreve aquilo, você coloca. Ela pega a brincadeira de roda do que você observou e põe lá dentro dos parâmetros pedagógicos o que você quer. Então esse é o convencimento.

A Sueli, quem é quem está me substituindo na coordenação, é professora e eu gosto também do trabalho dela porque ela entende a proposta, ela trabalha com a produção e não com a reprodução. E ela não é aquela professora preocupada com o saco de atividade, porque isso aqui era muito forte, mas foi desconstruído um pouco. Ainda tem uma professora que vai se aposentar o ano que vem, mas não tem jeito, se ela trabalhar cem anos, o bonito para ela é ter o babado, é ter a volta com o crepom, não é pôr lá do

jeito que a criança fez, é ela melhorar aquilo. Ela sempre tem que melhorar o trabalho da criança então aí é complicado porque não vai, não adianta, porque também já entra aquilo de "eu sei, você quer me ensinar? quando você nasceu eu já fazia isso", você entendeu, uma resistência muito forte. Mas no geral o grupo avançou muito.

Com relação ao curso, quando é dispensa de ponto é dessa forma e quando eu tenho que indicar, quando fica a meu critério enquanto coordenadora e direção, é indicado. Porque normalmente isso fica na mão da direção, mas eu e a Sueli trabalhamos bem juntas, eu tomo uma decisão e ela fala "é essa que eu ia tomar" e aí ela toma a decisão e eu falo "é assim que eu ia fazer". Então para a gente é muito bom isso. Quando tem que indicar, aí eu indico os piores, indico aquele pior e não indico aquele que quer ir só por ponto. Eu ponho aquele que eu estou cansada de falar e não avança, porque aí ele vai lá e deu muito certo isso.

No fim do ano tem a autoavaliação dos profissionais. Vai fazer a avaliação do projeto, do que estudou, deu resultado? não deu? Avaliação quando eu cheguei aqui era de "X", era uma avaliação...agora eu esqueci o nome, não era descritiva, ela era...tem outro nome, era de xizinho. Aí eu falei "mas não pode". Aí primeiro eu vim com a legislação, para não ter muito "ah, eu não vou fazer porque você não quer". Aí a gente leu a portaria, era orientação normativa. Eu falei "vocês estão vendo aqui, vocês estão agindo contra a lei", a gente leu a orientação normativa e eu falei "então, isso aqui é um processo; esse perfil aqui não pode". Falei "vocês fazem tantas coisas...", aí fui comendo pelas beiras, a gente fez os exercícios, aí falei "se eu fosse fazer uma descrição..." - e eu como coordenadora eu ando muito na escola, eu entro na sala, eu não deixo para ir de vez em quando, que é para não achar "hoje ela veio só para olhar"; eu olho toda hora, então como eu estou toda hora elas esquecem que eu estou lá vendo; e eu conheço os alunos porque a escola é pequena - eu falei "eu vou avaliar tal fulano, se eu fosse fazer avaliação descritiva dele...", eu falei "eu Isadora coordenadora só de ver aí a hora que está comendo, brincando no parque e entrando...". Aí eu faço lá no papel pardo, lá na formação grandona e aí foi dando uma luz porque também essa questão do modelo não é só com aluno, né, era tipo se elas fossem minhas alunas. E aí eu falei que nós íamos fazer um exercício, e que cada um faria o seu e a gente iria conversando. Aí foi onde foi nascendo a avaliação aqui sem tanto sofrimento. Deu para fazer um parto natural. E aí a gente vai conversando, eu falei que não era para pôr se a criança comia ou não, mas como ela comia, o que ela comia, o que ela não fazia e de repente ela

começou a fazer. Foi indo e hoje já tem essa avaliação. É lógico que tem aquelas que são top de linha e tem as medianas. Porque era uma avaliação de alternativa, "sim, não, às vezes". Passou a ser descritiva e tem umas que são verdadeiros textos literários. Avançou muito. E essa questão da formação eu combinei com a Sueli e aí é assim essa questão de mandar...igual uma professora do berçário que cuida, mas era muito embrutecida e muito resistente a fazer curso na DRE. E a gente a colocou, como era de berçário, e de oito professoras de berçário uma já vai se aposentar mesmo; duas se aposentaram, uma vai aposentar, mas a que vai aposentar não é das piores, ela tem bastante formação e tal, e duas sempre estão em curso, eu falei "só resta ela, aí você fala que a DRE indicou ela". Aí quando você fala que é a DRE, não fica questionando, porque se falar que sou eu aí ela não gosta muito de mim, ela é muito altiva, é sem educação, ela grita, já teve alguns problemas de ela gritar. E eu também, o meu perfil não é assim muito dessa EP, que ela estava acostumada, porque a outra que estava aqui chorava, e se gritar comigo...eu já cheguei a gritar, de no outro dia pedir desculpa para todo mundo, só que eu não admito, eu falo "vai, ter que fazer; aqui não é a sua escola, aqui você trabalha para a prefeitura, para a SME..." Depois também você vai amadurecendo, você fala "então você não tem que ficar gritando, larga de ser louca", você vai falar "então escreve aqui que você não vai fazer". Na hora que você fala isso ninguém quer escrever. Com raiva eu fico, então aí foi onde foi melhorando.

De formação continuada as mais significativas...eu gosto de três anos para cá das formações voltadas para a educação infantil, que é a formação de gestores mesmo. Porque aí, junto a isso, por causa dos contatos, nessas formações veio Maria Malta, a Márcia Gobbi, veio a Mônica Pinazza, veio aquela que é amiga da Mônica, é a professora Letícia Nascimento, a Maria Carmem Silveira, a Emília Cipriano, mas quem ficou muito aí foi a Gobbi, né. A Márcia Gobbi dá para chamar até de amiga porque veio muito. Ela influenciou bastante, repercutiu bastante.

Eu sou uma pessoa que fez aquele curso da USP, o FAFE-USP. Ele foi dado nas DREs, e eu fui na DRE de Guaianases, fiz lá aos sábados à tarde. Foi na rua da DRE mesmo, não foi na DRE, foi no prédio do CEFAI e quando eu estava fazendo lá, uma professora daqui quis fazer. Eu falei "vai como ouvinte", e ela fez aqui, falei "vai como ouvinte, elas vão falar que não podem inscrever, mas aí você inscreve o seu nome". Esse curso aqui eu gostei demais, eu fiz esse curso e depois a DRE São Mateus começou com essa formação, gestor básico. Pode-se dizer que é baseado nesse curso. É que eu não lembro

o nome direito, deram uma sacola com a apostila e ainda deram um livro de leitura, o meu é de um autor super conhecido, dos bebês.

Eu fiz esse FAFE-USP. Fui para um seminário lá. Às vezes eu entro lá no portal da USP e aí quando tem esses eventos que abrem para fora eu vou. Eu estava indo nas audiências do Fórum Paulista de Educação Infantil. Foi por causa do Fórum Paulista que eu encontrei esse FAFE-USP, aí eu fiz e depois fui lá naquele seminário de práticas que teve na USP. Depois a Maria Carmem Silveira foi lá na Assembléia Legislativa, teve um dia que...porque teve os oitenta anos lá, tudo, do Mário de Andrade, então aí foi ela, a Márcia Gobbi, só foi fera também. Foi até filmado lá, eu não sei se foi TV Senado. Foi bem legal. Eu fui aí no final...estava até o formador daqui da DRE, estava lá e falou "você veio" eu falei, "ah, eu abonei hoje e vim". O povo da DRE ia e assim, o povo é tão alienado que aí você não vê isso aí. É uma aula de pós-graduação que deram lá.

Eu conheci o Ronaldo, ele foi coordenador aqui. Ele está lá na Penha, na creche. Se um dia tivesse um busto de um coordenador aqui, ia ser o dele, porque elas amam ele. E eu acho que depois dele quem está em segundo lugar sou eu. Eu dou risada e falo que depois do Ronaldo a mais gostada aqui sou eu, fazer o quê? Eu conheci o Ronaldo ele vindo aqui, uma vez ele veio buscar documento e eu estava aqui, recebi ele, conheci ele assim, no acaso. Ele vinha aqui, na verdade, quando ele vai para a praia se ele vir pelo Rodoanel ele passa aqui. Eu conhecia ele, ficava conversando com ele, mas eu tenho amizade. Ele saiu, veio a Fabiana e depois da Fabiana veio eu. A gente dava risada porque ele vinha aqui e ele perguntava "e o pessoal?", aí eu ia falando, a gente dava muita risada, ele é uma graça. Eu conhecia ele aqui, ele passando aqui para pegar documento, foi aqui que eu conheci o Ronaldo, não conhecia ele fora, não tive amizade com ele antes, a amizade nasceu aqui, ele vindo visitar.

Eu fiz um curso agora, ultimamente eu tava fazendo curso de Tematização com a Telma Vaz lá no Vera Cruz, eu estava indo só que aí eu parei. Era pago com o meu dinheiro, novecentos reais. Para coisa de três, quatro horas e aí o que aconteceu foi que o dia que eu fui lá eu fiz essa minha amiga ir, ela é coordenadora e ela era da DRE Butantã e a DRE Butantã é assim com a USP. E aí ela fica sabendo das coisas, ela me chama e eu vou com ela, falto, organizo tudo, falto e vou. Eu falei que queria fazer esse curso com a Telma Vaz, e aí "vamos"...Só que chegou lá e o povo quase caiu da cadeira porque é um grupo, uma sala e a Telma Vaz com a secretária e fica aqui. Então você tem que levar

um relato de prática e em cima daquilo que vem a teoria, certo? Só que é a secretária de educação do interior afora aí é que vem. De São Paulo não tem ninguém. Eu fiquei abismada, de São Paulo não tem ninguém. É secretária de educação de Cerquillo, não sei de onde, são elas que vêm, aqui do interior de São Paulo e de outro estado. A prefeitura manda, vem o ônibus, viaja, tinha uma lá que saiu sexta cedo. Aí vem, elas gravam lá porque depois vai dar a formação lá, tipo assim, vai a formadora da DRE para depois dar aquilo no CEU para todo mundo. Dentro disso tinha duas meninas lá que estão fazendo, uma é mestrado e a outra é doutorado, sobre a alfabetização aqui na Argentina, que eu percebi que tem a parceria e aí quando eu me apresentei primeiro, falei que era coordenadora da rede pública de São Paulo e aí tipo "vixe". Aí a Vanessa também, mas aí a Vera já falou, "eu vim por causa dela, porque ela que quer", "ah tá, e vocês são de onde?", eu, "de creche". Aí eu me senti uma estrela lá porque a menina do lado ficou doida, "eu não estou acreditando, nossa, vocês estão à frente do tempo de vocês, não é possível, mas por que vocês estão aqui?", eu disse "ah, eu sempre quis vir, mas só agora que deu...". A Vera é que ela fica muito bilotada lá na educação infantil, mas ela está doida. Eu falei pra ela "mas isso ajuda por causa da importância da leitura". E eu falei porque eu queria ir lá. Para você contextualizar vai ter um belo de um embasamento. E aí elas ficaram assim tipo "não estou acreditando, você está pagando do seu dinheiro e está aqui?", porque elas dão assessoria ??? É um investimento e tanto, tanto é que agora vai ter uma formação de documentação pedagógica, eu estou querendo fazer. Eu vou falar com a Vera porque na verdade o dia que eu vi eu estava lá no hospital com o meu pai, então eu não sei se é de sexta ou sábado, se é longe, porque da casa da Vera é perto. Para mim não é porque eu moro na Formosa de carro daqui até lá são cinquenta minutos. Problema é que se for sábado está bom, mas se for na semana eu não vou porque à noite eu tenho medo para sair de lá à noite, sair dez horas da noite para vir eu tenho medo porque na hora de pegar, não na marginal, mas na hora em que você sai lá do Vera Cruz para pegar o acesso é ruim. E se pega uma rua errada? Mas eu estava indo lá, fui com a Vanessa e a gente fez essa tematização. Teve um dia que veio aquele pessoal da RedSOLARE lá, que é top na documentação pedagógica, a gente foi para lá também. Ainda eu ri e disse "o dinheiro dos sapatos está indo todo aqui". Mas é bem gostoso...

Quando eu era professora eu gostava só de ficar lá fora, a gente dava mais atividade livre mesmo, é brincadeira mesmo, brincadeira livre, brincadeira no parque... Eu trabalhei em uma EMEI que era muito bom, top, que é a EMEI Jardim Imperador. Ela

tem um parque enorme, chama EMEI Jardim Imperador, agora eu acho que vai mudar de nome. É assim um prédio novo, foi construído em 2003, a escola se aproxima mais lá do Vera, a gente viu as salas lá, eu e a Vanessa a gente ia xeretar. Então assim, o parque é enorme, tem brinquedo, tem uma área livre, tem árvore, terra e campo. E aí tem a sala de aula, tem a sala de informática, dentro da sala de aula tem uma bancada de mármore, tem a pia com torneira, tem a brinquedoteca, a sala de leitura, sala de vídeo, uma poltrona para cada criança, que na época a diretora comprou, é um data show, e tem o solário que é com grama sintética e todos os brinquedos que tem normalmente em Buffet, que poucas escolas aqui em São Matheus têm. Eu nunca gostei...mesmo em outras EMEIs, eu dei aula numa EMEI lá na Tiradentes (EMEI Klaus Reinach), que a demanda é muito grande, aí teve que dar a sala que seria dos meus alunos e eu tive que dar aula no pátio, porque a sala era ocupada pelos alunos da primeira série. Aí eu fiquei só a primeira semana. E o pátio lá é aquele de zinco, um calor enorme, aí nós ficamos o ano inteiro, eu dava aula lá fora. Eu gosto mais de atividade ao ar livre.

Atividade como professora que eu não gosto muito...no começo eu trabalhei numa escola que era muito chato assim...os horários, era muito fechada a rotina. Se você não fizesse naquele horário em outro horário você não podia fazer. Tipo se eu não fosse no parque naquele horário, você não podia fazer. Lá a rotina era muito fechada e era uma escola em que eles valorizavam muito a produção, mas o papel. Então eu não gostava. Como professora o que é ruim e que eu não gostava era que às vezes você tem uma postura e você trabalha numa escola que a gestão é com outro professor. É ruim porque você vai fazer uma atividade, mas se a gestão não aprova aí quando o pai vem falar é um prato cheio para ele. Assim, não punir propriamente, mas para ele te sacrificar. É ruim porque tem coisa que você sabe que aquilo vai acrescentar o que na criança, nada, né. O que eu não gostava era de trabalhar em lugar que a questão da data comemorativa era muito forte porque eu não sou fã disso. Acho que pode até ter, desde que haja um diálogo, como que a gente vai fazer e como que é fechado isso. Tem escola que isso é muito forte, o planejamento da escola ele é em cima, isso aí eu odiava, porque você não faz nada, tudo o que você começava, você tinha que parar para fazer aquilo.

Como coordenadora eu gosto de ver o avanço dos profissionais, eu gosto de ver o resultado do trabalho. O que eu mais gosto é de organizar o período de acolhimento e dos professores entenderem que o acolhimento é o ano inteiro, não é só naquele momento. Foi um ganho aqui porque no começo elas não queriam as famílias junto e

depois que a gente conversou, eu consegui, a minha fala ajudou elas a perceberem que com a família dentro da escola o nosso trabalho vai ser mais fácil. O acolhimento aqui os professores no começo queriam a redução de turma, mas do professor com a criança. Aí eu conversei com elas para a gente trazer minimamente, eu propus uma semana, teve resistência, aí três dias para vir a família. No início a família vem, mas tem que ser alguém com quem a criança tem contato, não adianta vir alguém que a criança vê uma vez por mês. Pode ser um irmão de 10 anos, mas está aqui, desde o bebê até o mini 2. E aí foi muito legal porque foi surgindo muita coisa e mudou muito a visão. Acho que isso foi muito legal, foi um ganho, acho que um êxito meu enquanto coordenadora. E assim, na época a direção concordou, mas aí também eu estando na direção, o que eu gosto...muita coisa assim, enquanto poder de decisão para uma coisa boa continuar eu tenho. E se é uma coisa que não está tão boa eu também tenho essa possibilidade de falar que isso não vai acontecer porque legalmente isso não tem como e tal, então já corta também. Lógico que às vezes para mim isso gera um desconforto, mas eu já aprendi a lidar com isso porque eu não estou aqui para fazer amizade, estou aqui para trabalhar. Tenho uma concepção e lógico que eu vou trabalhar com a minha concepção, a empresa que eu estou trabalhando, eu tenho uma visão da empresa eu me familiarizo, então se a gente fizer vai dar tudo mais certo, agora se não quiser a remoção está aí, enfim...

Como diretora eu gosto mesmo da gestão, dessa questão dos recursos, de administrar os recursos. Quando eu converso com a coordenadora a respeito de aquisição de material pedagógico, ela adora as ideias, ela traz ideias também. Eu gosto bastante de quando o que a gente propõe para o grupo vai ao encontro do que eles gostariam, então eu acho muito legal. E de algumas coisas que você como professor não tem acesso, mas como diretor você tem. Como diretora eu tenho acesso a muita gente lá na DRE, então você consegue algumas coisas mais facilmente; às vezes chora mais, mas eles te dão. E direção as pessoas reclamam, lógico que eu sei que às vezes as pessoas reclamam por trás, isso é normal, mas tem coisas que você fala que tem que fazer, querendo ou não, mesmo sem querer, mesmo professor. Às vezes tem professor que enquanto coordenação, falava, ficava mais resistente, eu percebo que como diretora eu falo e ele já faz aquele sacrifício para mudar logo. E nessa questão de encaminhar para curso foi uma mão na roda, foi meio caminho andado. Tinha professor que falava não e eu conversava com a direção e a direção "ah, as não é legal obrigar". Então agora eu falo com a coordenação, a gente faz a maracutaia e aí a pessoa vai e dá super certo. Deu

super certo, melhorou muito porque era uma dificuldade, sabe, é duro você ouvir de professor, você ir na sala, porque tinha aquela visão também, de que na creche a criança está doente e quer que vai embora. Mas ir embora não resolve porque no outro dia ela volta. O importante é levar no médico para receber o remédio para ficar bom. E mesmo que venha com o remédio. Teve um ex-professor mesmo que foi para o curso, ele falou para mim quando eu fui perguntar do aluno que ele não queria nem saber, que não estava nem aí se estava com febre ou não. Aí dá vontade de você chamar assim e falar "mas agora você vai exonerar". Aí você chama para conversar...

O que eu não gosto como diretora é que as pessoas confundem, porque acham que você é direção então acham que você não é ser humano. Você às vezes não é vista como...a visão da direção, não todos, mas algumas pessoas têm uma visão de direção ser muito punitiva, que é uma visão antiga, não vê como apoio, uma colaboração, vê sempre como uma punição, isso é uma parcela pequena. E como coordenação, dependendo da direção e da escola que você está como direção, tem diretor que ele acha que não tem que se apropriar da parte pedagógica, ele quer cuidar só da parte administrativa, não quer se envolver no pedagógico. Eu já trabalhei em escola em que o diretor não quer se apropriar do pedagógico, ele quer ficar só na questão burocrática, não quer se envolver no processo de aprendizagem, aí isso é ruim como coordenação, porque acaba ficando só para você. Isso ainda tem muito na rede. Está tendo uma mudança, mas ainda é muito forte.

O trabalho no CEI na coordenação hoje eu até visualizo muito mais porque você acaba tendo que estudar mais, mas eu sempre gostei. No CEI eu gosto da espontaneidade porque com a criança é mais respeitada a espontaneidade, você entendeu, a criança tem mais autonomia. A criança é rotulada na EMEI, a criança que é autônoma, fala o que sente, que fala o que ela quer, fala dos desejos dela, ela recebe o rótulo de ser sem limite, pode ver que é de creche. Essa visão que as pessoas têm da criança, são educadores também, mas como elas trabalham em uma visão de contenção, a verdade é essa, e eu gosto no CEI porque as coisas são mais livres. Livre no sentido de não ter regra nem ter direcionamento, mas da espontaneidade, da liberdade, da autonomia, nesse sentido.

Na rede houve uma mudança do olhar. A rede tem olhado mais para a educação infantil, esse olhar está sendo direcionado agora com mais propriedade para a educação infantil, o calcanhar de Aquiles na rede. Mas ela precisa qualificar, não falo nem enquanto

profissional, mas enquanto cidadã a rede precisa qualificar essa questão do atendimento infantil de zero a três porque com esse boom no atendimento de criança em CEI você tem que dar qualidade também, a gente pode ir no CEI aqui do lado e você vai ver que aquele prédio é totalmente inadequado. Ela está pensando e cuidando da demanda, mas não está dando qualidade no atendimento. Muito CEI conveniado não tem o espaço que uma CEI direta tem. Então precisa qualificar esse atendimento na educação infantil. E enquanto instituição governamental também tem que olhar com mais propriedade, eu acho que a divisão da verba está pautada ainda no repasse de acordo com o número de alunos. E a educação infantil necessita de mais recursos porque o ser humano que está aqui hoje, amanhã vai estar no ensino fundamental. E se você não investir o ensino fundamental vai ser deficitário. A própria rede fala da importância da primeira infância, mas ela desconsidera isso na hora de aplicação de recursos financeiros, em algumas vezes.

As mudanças positivas são a chegada do CEI, a ida da creche para a educação foi ótimo, isso aí é um marco histórico. O cara que pensou nisso e lutou por isso...o ingresso do CEI, a saída da creche para a assistência social foi um ganho. Era uma coisa que era vista como um favor e hoje em dia sabe que é um direito, na assistência social tinha isso, era uma questão de favor. É comum você ouvir ainda hoje as pessoas chegarem aqui e falar para a diretora "ah, dá uma vaga para mim" porque era uma coisa baixa, né, um horror. Hoje não, hoje é um direito. Enquanto direito teve muitos ganhos.

Em relação ao trabalho é outra coisa. Não tinha nada, era sucateado. Hoje bem ou mal, se a verba não é ótima já existe uma verba direcionada, recebe livro, em noventa e oito não tinha livro dentro da creche. Se tinha era porque a SAS que comprou ou o diretor comprou ou as pessoas levavam. Hoje em dia é outra realidade, hoje em dia tem. Os livros, os materiais, o próprio cuidado, a manutenção predial foi um avanço. Não está ainda como deveria estar, não está de acordo com o que a secretaria fala nos registros, até pela linha que a secretaria adora de formação ainda não está, mas já avançou bastante.

Ser professor de educação infantil para mim é ótimo. É você participar da construção do mundo do outro, você fazer parte do universo do outro. Porque muitos professores de educação infantil não têm consciência da importância do papel deles na vida do outro. Na educação infantil a gente vive tanta descoberta com a criança que nem a família tem condição de viver. Então para mim é uma coisa muito prazerosa. Mesmo estando na coordenação e na direção, eu tenho o hábito de ficar na porta na hora da entrada e dar

bom dia para as crianças, para as famílias, vou na sala de aula, tudo. E você ver um bebê que chega no colo da mãe e depois de seis meses ele já está te dando tchau, ele aprender seu nome, saber quem é você...eu acho que isso aí é muito gratificante. E eles falarem, né, eles vêm visitar e falam, é muito legal. Eles lembram de você, esses dias eu estava em uma loja de roupa e tinha a Sara, ela estudou aqui, levei até um susto porque eu estava lá vendo a roupa e de repente ela pulou em cima de mim e quando eu olhei e era ela "ai, tia, você está aqui, você compra roupa também!", eu falei "eu compro" e tal. Então você vê como você é importante na vida do outro. É um trabalho, a gente não está aqui por vocação, por doação nada, mas é uma relação muito intensa. Não tem aquela coisa da cadeira e da carteira separando, o contato é direto na educação infantil. Para trabalhar na educação infantil você tem que gostar do contato, minimamente disfarçar, se você não suporta não dá, porque o contato é muito intenso. A troca, entendeu, é intensa. É uma pena que isso depois vai se perdendo, até por conta do jeito que está a sociedade hoje. Eu já ouvi relato até de professor porque assim, na educação infantil aí fala o nome, aquela coisa toda. E às vezes o coitado vai chegar lá na EMEI, a professora já entrega uma placa de nome para ele e aquilo vai ter que ficar lá, isso é muito triste. Então tem que ter uma sensibilidade, mas na creche, no CEI, coloque o nome que quiser, tem que trabalha quem gosta de contato. Se não gosta não aguenta porque uma criança que faz cocô, o professor vai trocar e ele fala assim "eu não ganho para limpar cocô", coitado, ele não sabe o que ele está fazendo, que é diferente daquele outro que vai lá no trocador e conversa com a criança, vai falando tudo o que está acontecendo ali, que ele vai abrir a fralda, que vai limpar, higienizar, dar um banho, né, tem professor que é fantástico. Ele vai lá e fala com a criança "você não está com cocô, mas você quer um banho, né?". Aí é outra coisa, né, outra realidade.

Um excelente profissional de educação infantil é aquele que respeita a criança, que sabe observar, ele é observador, acolhedor, sabe acolher a criança, escuta...E se for falar de planejamento ele não vem com planejamento pronto, mas ele através da observação vai tendo a sensibilidade de ver o que ele pode organizar e dispor para a criança para estar brincando, que é onde ela vai aprendendo. E tem que ser uma pessoa aberta, porque se não é aberto não consegue. Eu penso que é isso. E que estude, tem que querer estudar. Se a pessoa faz a faculdade e não lê mais, não que tenha que...se quiser encarar uma pós e tal, beleza, mas se ela minimamente não quer nem ler uma revista, parte da vida fica difícil. Porque para no tempo e conhecimento a gente vê que é tudo tão novo. Os bebês

hoje chegam reconhecendo o celular da gente, aí fica muito difícil para quem não está aberto ao conhecimento. Tem que estar aberto.

Queria comentar sobre essa desvalorização hoje, não no nível do governo, mas no nível da população, essas próprias faculdades, uma em casa esquina. O curso de Pedagogia se popularizou muito, mas ele não tem qualidade. E muitas pessoas que estão lá formando o professor, não sabe o que é uma escola, não tiveram essa vivência nem têm conhecimento apropriado para falar, desconhecem a vivências, então fica um curso muito pobre. Aí vem um profissional muito pobre porque é uma pena a pessoa falar que vai fazer Pedagogia porque não tem que estudar muito. Quem tem consciência do que é ser um professor, o que é ser um educador já sabe que vai ter que estudar pelo resto da vida. E aí como ele tem uma formação precária, pobre, ele não consegue oferecer nada, é o caos. A gente não consegue transformar essa sociedade porque é pra se contentar com o que você tem. Fica muito difícil porque tem professor que acha que porque nós estamos aqui, quase vinte mil, uns cinco mil da Sapopemba, no Jardim Ester, perto do Conquista, perto do Rodoanel, perto de Mauá, a criança não precisa ir lá no museu, não precisa mostrar uma obra da Tarsila do Amaral, que ela não pode ver. Pra que mostrar a foto das estátuas do Rodin. Que no computador só tem que por joguinho de relacionar figura, não pode mostrar já que não dá para a gente ir pra outros lugares, "ah, pra que mostrar se não pode ir lá?". Pra ver para ampliar, né? "Ah, para que eu vou tocar a nona de Beethoven? Se ele só ouve o funk?" Mas é aí, porque de repente ele vai querer ver outro estilo musical, a gente pode gostar de tudo. E se você não oferece outras coisas. E às vezes não dá. É por isso que ele tem que brincar aqui no parque da escola. Às vezes não dá para ele brincar na rua dele porque passa só menino com carro e moto roubados e se ele ficar lá ele vai ser atropelado. Aqui ele pode brincar, aprender, ser incentivado à leitura porque aí ele vai ver livre em casa. É isso.